

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
DOUTORADO EM LETRAS — ESTUDOS LITERÁRIOS

LEONARDO CASTRO DA SILVA

**O PRAZER ESTÉTICO DIANTE DAS ATROCIDADES NARRADAS POR ERICH  
REMARQUE E GUIMARÃES ROSA**

BELÉM  
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
DOUTORADO EM LETRAS — ESTUDOS LITERÁRIOS

LEONARDO CASTRO DA SILVA

**O PRAZER ESTÉTICO DIANTE DAS ATROCIDADES NARRADAS POR ERICH  
REMARQUE E GUIMARÃES ROSA**

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Orientador:  
Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

BELÉM  
2018

## FOLHA DE APROVAÇÃO

LEONARDO CASTRO DA SILVA

*O PRAZER ESTÉTICO DIANTE DAS ATROCIDADES NARRADAS POR ERICH REMARQUE E GUIMARÃES ROSA*

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Orientador:  
Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

Aprovado em: / /

Conceito:

Menção:

Banca Examinadora

Professor (a):  
Instituição:

Professor (a):  
Instituição:

Professor: Sílvio Augusto de Oliveira Holanda (Orientador)  
Instituição: Universidade Federal do Pará

“Já só um deus nos pode ainda salvar. Como única possibilidade, resta-nos preparar pelo pensamento e pela poesia uma disposição para o aparecer do deus ou para a ausência do deus em declínio; preparar a possibilidade de que [...] pereçamos perante o deus ausente.”

(Martin Heidegger)

## AGRADECIMENTOS

A minha querida noiva Ana Carolina, por toda paciência e amor que sempre dedicou em nossa relação, nesse momento, a linguagem é insuficiente para descrever minha gratidão e amor;

Ao meu amigo Rui Bahia, por ser o 357 hollow point sempre ponto a disparar a meu favor;

A minha amiga Márcia Denise, sempre pronta a me ajudar nas horas de desespero;

Não somente em agradecimento, mas em admiração por todo o rigor e erudição nos estudos literários ao professor Sílvio Holanda, que, com a humildade de um sábio, me ensinou a fazer crítica literária;

A minha família que sempre financiou meus estudos e apoiou-me sem restrições;

A todos os membros do grupo EELLIP, principalmente ao Everton Teixeira, que me ensinou a ler Antonio Candido;

Ao professor Nelson José Júnior, por ter me co-orientado no mestrado e contribuído para minha formação nos estudos de fenomenologia com ênfase em Heidegger;

À professora Socorro Simões pelas suas sábias contribuições para a escrita deste trabalho;

Ao professor Márcio Melo, por suas sábias contribuições;

Ao professor Marco Camelo, por sua avaliação criteriosa

À banca a avaliadora da tese;

A todo o PPGL a que pertenço como discente;

À CAPES, por ter financiado parte deste trabalho.

Dedico ao meu amigo Marcio Araújo dos Santos (*In memoriam*) por sua bravura, valorização da família e singularidade profissional na cinofilia.

## RESUMO

A presente tese elege como *corpora* o romance *Nada de novo no front* (1929) de Erich Maria Remarque (1898-1970) e as crônicas “O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos” presentes em *Ave, palavra* (1970) de Guimarães Rosa (1908-1967). Pensando-se no romance alemão, cuja temática gira em torno da Primeira Guerra Mundial e nos textos rosianos moldados pelo contexto da Segunda Guerra Mundial, propõe-se aplicar os teóricos Márcio Seligmann-Silva (1964) em *O local da diferença* (2005), Zygmunt Bauman (1925) em *Modernidade e Holocausto* (1998) e Hannah Arendt em (1906-1975) *Eichmann em Jerusalém* (1963) e *Origens do Totalitarismo* (1951) para se discutir o *corpora* em diferentes perspectivas sobre a guerra, visando a compreender como os textos literários podem contribuir ou até causar tensões para a teoria. A perspectiva central do trabalho será o manejo do *corpora* sob a teoria da Estética da Recepção de Hans Robert Jauss (1921-1997) e da Hermenêutica definida por Benedito Nunes (1929-2011) em *Hermenêutica e poesia* (1999) bem como o diálogo do teórico alemão com seu mestre Hans Georg Gadamer (1900-2002) e Martin Heidegger (1889-1976), pensando na historicidade transcendental e na temporalidade do ser. Na ótica das teorias acerca da guerra o texto do teórico brasileiro assumirá dois momentos dentro do trabalho, sendo o primeiro de aplicação dos fundamentos psicanalíticos do trauma, choque, neurose de guerra, entre outros, enquanto que o segundo será de questionamento de *O local da diferença* sobre sua proposta da sobreposição do ético sobre o estético. Em relação ao sociólogo polonês além do manejo das obras literárias sob sua concepção, abordar-se-á como, por meio da estética de *Nada de novo no front*, já é possível se apontar elementos capazes de fazer com que o homem já se possa perguntar pela lição razão *versus* emoção que, para Bauman, é somente perceptível no Holocausto, porém, ao se aproximar Remarque e Guimarães, observar-se-á que, por meio de elementos estéticos, obviamente diferentes da sociologia, se pode inverter tal noção, ou seja, fica mais notória a relação razão *versus* emoção no romance alemão do que nas crônicas rosianas. Tratando da pensadora alemã examinar-se-á como a obra *Nada de novo no front* oferece imagens analisáveis pela teoria de Arendt, assim como também mostra personagens complexos que se deixam banalizar pelo mal, depois pensar e julgar por si mesmos, questionando o poder do Estado e, por último, se tornarem novamente indiferentes com o outro. Examinando-se o *corpora* segundo a concepção jaussiana e a Hermenêutica, levando-se em consideração as premissas teóricas acerca da guerra mostrar-se-á como o leitor atual pode ter uma experiência estética de prazer diante do terror infligido ao homem no século XX e como o contexto do Holocausto pode ser interpretado como uma violência mais branda do que se mostra na mídia e nas teorias acerca da guerra, já que o receptor terá um primeiro contato com a Primeira Guerra Mundial mediante o romance remarqueano.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Nada de novo no front*; “O mau humor de Wotan”; “A velha”; “A senhora dos segredos”; prazer estético

## ABSTRACT

This dissertation selects as *corpora* the novel *All Quiet on the Western Front* (1929) by Erich Maria Remarque (1898-1970) and the chronicles “O mau humor de Wotan”, “A velha”, and “A senhora dos segredos” in *Ave, palavra* (1970) by Guimarães Rosa (1908-1967). For the reading of the German novel whose subject revolves around the First World War, and the rosianos texts molded by the context of the Second World War, it is proposed to apply the theorists Márcio Seligmann-Silva (1964) in *O local da diferença* (2005), Zygmunt Bauman (1925) in *Modernity and the Holocaust* (1998), and Hannah Arendt on *Eichmann in Jerusalem* (1906-1975) (1963), and *The Origins of Totalitarianism* (1951). It aims to discuss the *corpora* from different perspectives on the war in order to understand how literary narratives can contribute or even cause tensions for theory. The central approach of this thesis is the examination of the *corpora* under the reception-aesthetic method formulated by Hans Robert Jauss (1921-1997), and the Hermeneutic defined by Benedito Nunes (1929-2011) in *Hermenêutica e poesia* (1999), as well as the German theorist dialogues with his master Hans Georg Gadamer (1900-2002) and Martin Heidegger (1889-1976). Thereby, it focuses attention on the transcendental historicity and the state of being. According to the theories about the war from the Brazilian theorist, it will elapse two moments in this research, the first will be the application of the psychoanalytic principles of trauma, shock, war neurosis, among others, while the second will be the questioning of the location of the difference on its proposal of overlap of the ethical over the aesthetic. In relation to the Polish sociologist, beyond the treatment of these literary works under his understanding, we will consider through the aesthetics of *All Quiet on the Western Front* the possibility of point out elements that can lead to ask for the lesson of reason against emotion, which according to Bauman is only noticeable in the Holocaust. However, bringing closer Remarque and Guimarães, it will be observed by means of aesthetic elements, obviously different from sociology, that this notion can be reversed to show that the most notorious relation between reason against emotion is in the German novel than in rosianas chronicles. In the case of the German thinker, it will examine how the novel *All Quiet on the Western Front* offers analyzable images by the theory of Arendt, as well as shows complex characters that consent to trivialize evil, after think and judge questioning the power of the State and, at last, becoming indifferent to each other again. By examining the *corpus* according to the conception of Jauss and Hermeneutic studies, taking into consideration the theoretical premises about the war, this thesis will show how the current reader can have an aesthetic experience of pleasure in face of the terror inflicted by the man in the 20th century. Therefore the context of the Holocaust it can be interpreted as a violence more moderate than shown in the mainstream media and in the theories about the war, since the receiver will have a first contact with the First World War by the remarqueano novel.

**KEY WORDS:** *Nada de novo no front*; “O mau humor de Wotan”; “A velha”; “A senhora dos segredos”; prazer estético

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>010</b>
<b>2. PERSPECTIVAS TEÓRICAS ACERCA DA GUERRA.....</b>	<b>014</b>
1.1. A concepção teórica de Seligmann-Silva acerca da guerra.....	014
1.2. A Sociologia de Bauman sobre o Holocausto.....	026
1.3 A noção filosófica de guerra de Hannah Arendt.....	037
<b>3. HERMENÊUTICA FILOSÓFICA LITERÁRIA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: CONFRONTOS E APROPRIAÇÕES.....</b>	<b>055</b>
3.1. Da Hermenêutica à teoria literária.....	055
3.2. Da teoria literária à Hermenêutica.....	066
<b>4. CRÍTICA SOBRE AS TEORIAS ACERCA DA GUERRA: GUIMARÃES ROSA E ERICH REMARQUE, NARRADORES DA VIOLÊNCIA DO SÉCULO XX.....</b>	<b>092</b>
4.1. <i>Nada de novo no front</i> sob o olhar de Seligmann-Silva.....	092
4.1.1. As crônicas rosianas sob o olhar de Seligmann-Silva.....	096
4.1.2. Problemática colocada por Remarque e Guimarães Rosa acerca da teoria de <i>O local da diferença</i> .....	109
4.2. O romance de Remarque sob a ótica de Bauman.....	112
4.2.1. As crônicas rosianas sob a ótica de Bauman.....	115
4.2.2. Breve conclusão do subcapítulo: tensões provocadas pelas crônicas rosianas e pelo romance de Remarque na teoria de Bauman.....	122
4.3. <i>Nada de novo no front</i> sob a crítica de Hannah Arendt.....	123
4.3.1. As crônicas rosianas sob a crítica de Hannah Arendt.....	131
4.3.2. Conclusão sucinta do subcapítulo e do capítulo.....	138
<b>5. CRÍTICA HERMENÊUTICA ESTÉTICO-RECEPCIONAL DO ROMANCE DO ROMANCE DE REMARQUE E DAS CRÔNICAS DE GUIMARÃES ROSA.....</b>	<b>140</b>
5.1. O prazer estético diante do terror em <i>Nada de novo no front</i> .....	140
5.2. O prazer estético diante do terror nas crônicas rosianas.....	156
5.3. Embate entre <i>Nada de novo no front</i> e as crônicas rosianas sob a perspectiva do prazer estético diante do terror.....	182
<b>6. RECEPÇÃO DO ROMANCE DE REMARQUE E DAS CRÔNICAS ROSIANAS DE GUERRA.....</b>	<b>193</b>
6.1. Recepção crítica de <i>Nada do novo no front</i> .....	194
6.2. Recepção crítica das crônicas de guerra de Guimarães Rosa.....	204
<b>7. CONCLUSÃO.....</b>	<b>219</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>225</b>

## 1. INTRODUÇÃO

No segundo capítulo será tratada a concepção de autores (Seligmann-Silva, Bauman e Arendt) que situam suas teorias em torno do contexto da guerra. Dessa forma, mostra-se como a via psicanalítica que fundamenta a proposta do teórico brasileiro, sustenta uma ideia de que as noções de trauma, choque, histeria, entre outros, são altamente aplicáveis aos textos literários do século XX que voltam sua atenção para os sobreviventes de eventos de terror sejam como testemunhas diretas ou indiretas. Assim se colocará em ênfase a fragilidade do argumento do autor de *O local da diferença* em afirmar que o ético se sobrepõe ao estético nas chamadas narrativas de testemunho. Ao se lidar com a noção baumaniana de Holocausto se mostrará como esse evento de violência ao contrário do que se é exposto pela mídia, assume sua singularidade pela sistemática racional (em que o homem era matéria-prima e mão-de-obra) que o configura, ou seja, os atos de execução da “Solução Final” não foram cometidos pela vontade de um líder autoritário, alimentado pelo ódio e por militares patologicamente afetados, mas, por funcionários públicos do Estado nazista que cumpriam tarefas de caráter estatal altamente enquadradas dentro do sistema capitalista moderno, que carrega consigo a configuração civilizatória de dois lados: uma agradável e outro desagradável. E, por fim, a concepção arendtiana a respeito da “banalidade do mal”, conceito fundamental para se discutir as ações do homem do século XX cujo seu desinteresse pela felicidade pública é a principal causa do apoio aos regimes totalitários, pois, ao contrário do que o judaísmo admitiu no julgamento de Eichmann, os membros dos regimes autoritários foram peças dentro de uma engrenagem totalitária.

No terceiro capítulo será desenvolvida a noção de Hermenêutica e a teoria da Estética da Recepção de Jauss, bem como o diálogo que o teórico alemão estabelece com autores da Fenomenologia como Martin Heidegger e Hans Georg Gadamer. Assim, após expor a noção de Hermenêutica concebida por Benedito Nunes (1929-2011) em *Hermenêutica e poesia* (1999) se explorará os conceitos estético-recepcionais como compreensão, interpretação e aplicação, assim como, a noção de *poiesis, katharsis e aisthesis* do teórico alemão. Dessa forma, o entendimento desses argumentos será necessário para se discutir as diferenças entre a noção de horizonte de expectativas de Jauss e de seu mestre, Gadamer, com a intenção de se comprovar como para o autor de *Experiência estética e hermenêutica literária* (1997) que a teoria estética é configurada por um horizonte mais abrangente do que o concebido pelo autor de *Verdade e Método* (1960) que calca toda interpretação ao horizonte histórico como se não

se pudesse sair dele. E, por fim, a relação entre Jauss e Heidegger concebida pela via do ser temporal que sofre mudanças de significado dentro da historicidade do ser. Assim aproximando-se do autor de *Ser e Tempo*, o teórico alemão reconhece na obra de arte múltiplos significados que se modificam constantemente possibilitando ao longo da historicidade própria da obra, experiências estéticas que assumem diferentes configurações dentro da relação fenomenológica entre autor e obra.

Dando sequência ao trabalho entra-se na parte crítica, mais especificamente no quarto capítulo da tese. Primeiramente, analisar-se-á o *corpus* sob a visão de Seligmann-Silva, desenvolvendo-se a tese aplicando *O local da diferença* às obras literárias para se mostrar em seguida como apesar de sustentáveis as noções de trauma, testemunho, choque entre outros. O romance e as crônicas em análise, podem provar como o elemento ético não pode impor-se ao estético, pois, assim afirma o teórico brasileiro. Será mostrado que, apesar da “aspereza” da linguagem de Remarque, no romance do autor, embora se configure dentro da proposta testemunhal, o aspecto ético não pode sobrepor o estético, pois o próprio enquadramento da obra na teoria do testemunho é feito pela sua estética e não por dados biográficos que podem ser desconsiderados e gerar outras interpretações. Assim se mostrará como dados biográficos relacionados a eventos de terror não são condições para produção de Literatura no século XX. Por meio da Sociologia de Bauman, entender-se-á como os textos literários em exame podem ser exemplos para teoria do sociólogo polonês, porém, *Nada de novo no front* demonstra imagens de elementos da Modernidade que, embora não sejam constituídos pela mesma intensidade do Holocausto, poderiam servir de exemplo para se pensar a relação razão *versus* emoção.

Portanto, dando seguimento ao quarto capítulo, aplicar-se-á a perspectiva de Hannah Arendt. Inicialmente, aplicar-se-ão as noções filosóficas da pensadora nos textos do *corpus*, para confirmar, como nas crônicas rosianas, se existem personagens complexos, como o narrador de “O mau humor de Wotan” que sutilmente se deixa banalizar pelo mal, o narrador de “A velha” que assume um comportamento “ativo” para o mal e “passivo” para felicidade pública oferecendo, dessa forma, um personagem desafiador para teoria e o narrador de “A senhora dos segredos” que se identifica com o outro mostrando-se passivo diante do Totalitarismo e assim capaz de julgar e pensar por si mesmo sem os critérios prévios do discurso cotidiano. Quanto a *Nada de novo no front* se mostrará como o romance se constitui por militares alemães que, mesmo sendo capazes de representação e autoescolha, acabam não resistindo ao mal atuando como personagens que ora agem como resistentes passivos

questionando até o poder do Estado, ora como indivíduos que necessitam de critérios prévios do Estado alemão para fazer suas ações catastróficas sendo desinteressados com a felicidade pública.

No quinto capítulo da tese a crítica de *Nada de novo no front* e das crônicas de guerra de Guimarães Rosa será examinada, com base nas teorias da Estética da Recepção e da Hermenêutica. Levando-se em consideração os argumentos do contexto de guerra mencionados pelo *corpus* acerca dos eventos de terror, mostrar-se-á como é possível conceber a Primeira Guerra Mundial por meio do romance alemão, como um evento qualificadamente mais violento do que o contexto da Segunda Guerra Mundial, exposto pelo escritor mineiro em suas crônicas. Na experiência estética de aproximação entre Remarque e o autor de *Ave, palavra* que se pode entender, nessa dinâmica, como a comparação entre obras de arte pode provocar uma recepção mais diferenciada do que as teorias acerca da guerra podem oferecer. Dessa forma, se mostrará como a Estética da Recepção e a Hermenêutica podem sustentar uma relação entre leitor e obra em que o receptor tenha prazer diante da violência infligida ao homem. Por essa via, as teorias da interpretação proporcionam, por meio do horizonte de expectativa do leitor e do texto literário uma “transposição” em relação a Seligmann-Silva (que argumenta a imposição do ético sobre o estético), Bauman (que admite que o grande problema da “Solução Final” era superar a piedade humana que afeta o homem perante o sofrimento humano) e Hannah Arendt (que concebe a resistência passiva do indivíduo como uma “atitude” ética de não banalização pelo mal)

O sexto capítulo será destinado à recepção do romance de Remarque e das crônicas de guerra de *Ave, palavra*. O recorte em relação a *Nada de novo no front* é em torno da recepção alemã focada na obra *Krieg beginnt in der Köpfen* (2011) organizada por Carl-Heinrich Bösling, Lioba Meyer, Angelika Schlößer e Thomas F. Schneider, constituída de vários trabalhos de autores que se dedicaram ao romance de Remarque. Assim será mostrado como os autores alemães estão voltados para as consequências da guerra que sempre são marcadas pelo desprazer como uma forma de afastar de si aquela realidade que só pode proporcionar repulsa e sofrimento. A crítica voltada para o nexos entre Remarque e Merleau-Ponty no texto “*Nada de novo no front: uma investigação fenomenológica da guerra*” [*All Quiet n the Western Front: a phenomenological investigation of war*] (2004) de Joseph A. Tighe com intensão de se analisar a guerra do ponto de vista transcendental. E o artigo “A contribuição de *Nada de novo no front* para nossa compreensão do trauma psicológico” [*The contribution of All Quiet on the Western Front to our understanding of psychological trauma*] (2004) de

Nigel Hunt em que se evidenciará a contribuição do romance alemão para psicologia e outras áreas afins.

Sobre os textos rosianos de guerra serão mostradas as críticas de Santiago Sobrinho em “O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em ‘O mau humor de Wotan’, de João Guimarães Rosa”, de Jaime Ginzburg em “Guimarães Rosa e o terror total”, Paulo Soethe em “A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato autoirônico” e de Florinda Goldberg “La palabra que (no) salva: João Guimarães Rosa y el holocausto” (2007). Todos esses textos sobre as crônicas rosianas carregam consigo uma característica comum, que é a questão de a guerra ser vista sempre pela crítica como algo que causa inevitavelmente o sofrimento humano, como se sempre a estética das crônicas proporcionasse “comoção” no expectador que experimenta a guerra por meio da ficção, ou seja, uma interpretação necessariamente calcada na repulsão a violência.

## 2. PERSPECTIVAS TEÓRICAS ACERCA DA GUERRA

Este capítulo propõe como assunto a temática da guerra. Para tal discussão, será chamado para o diálogo o teórico da Literatura, Márcio Seligmann-Silva (1964) em *O local da diferença* (2005), o sociólogo Zygmunt Bauman (1925) com sua obra *Modernidade e Holocausto* (1998) e a filósofa Hannah Arendt (1906-1975) e suas obras *Eichmann em Jerusalém* (1963) e *Origens do Totalitarismo* (1951). As diferentes concepções abarcadas pelos autores de áreas distintas sobre o mesmo tema servem para pensar a guerra por meio de um olhar mais abrangente em que oposições não acontecem simplesmente por se tratar de determinados campos do conhecimento, mas, talvez influencie o lado pessoal na visão do autor como, por exemplo, a do teórico da Literatura que aponta a importância do ético sobre o estético nas narrativas de testemunho. No caso da filósofa, constatar-se-á a imparcialidade de sua gênese semita<sup>1</sup> na medida em que ela tenta compreender o “mal”, ou seja, como um indivíduo qualquer pode se tornar um assassino em massa dentro de um sistema racional. Já para o sociólogo o tema gira em torno de inevitáveis consequências provocadas pela sociedade moderna, em que todos carregam uma parcela de culpa. E, por fim, a concepção do tratadista em que o texto demonstrará aspectos essenciais presentes em todas as formas de guerra.

### 2.1. A concepção teórica de Seligmann-Silva acerca da guerra

O século XX é marcado por eventos de terror como a Primeira e a Segunda Guerra mundiais, a guerra do Vietnã, guerras civis na África, regimes ditatoriais na América Latina etc. o século XXI não retrata algo que se possa caracterizar como “pós”, seja pós-guerras mundiais, pós-ditaduras, pós-guerras civis e assim por diante, pois o reflexo destes eventos de violência recaem sobre a humanidade como catástrofes, portanto, pode-se até mudar as característica dos eventos de violência, porém, a catástrofe é sempre presente. A catástrofe colocada aqui não é obviamente como a noção que, se encontra na *Poética* (1453 b) de Aristóteles, pois não se trata de uma Teoria ou Filosofia do que se pode ser encenado, mas sim do impacto que a violência pode causar na vida humana.

Já se sabe que não se está tratando do pensamento aristotélico e que a catástrofe aqui é referente aos eventos de violência do século passado e deste século. Diante da era da

---

<sup>1</sup> Usa-se o termo semita não em sua origem que diz respeito aos filhos de Noé, mas, como sinônimo de judeu.

informação em que as mídias nos podem oferecer em tempo real informações de qualquer parte do mundo, pode-se ter acesso a acontecimentos de diferentes, locais, culturas, sociedades etc. e é por meio desta mídia que se propaga a violência através dos choques. Todos os dias, têm-se notícias em tempo real de um passado bem próximo de eventos violentos, a reprodução desses acontecimentos de terror causa os choques no espectador, porém, o trabalho da mídia consiste em exibir cada vez mais o teor destes choques, pois quem assiste se adapta a uma determinada intensidade chocante e o impacto sensacionalista da mídia necessita aumentar a dose para surtir efeito no espectador. Se em um dia se impacta a alguém com um terrorista que, se explode na guerra do Iraque, após uma semana de saturação da mídia sobre este mesmo tema, depois há a necessidade de se mostrar os fragmentos dos corpos que se espedaçaram com a bomba deste fundamentalista.

Portanto, é sob esse viés que Márcio Seligmann-Silva em *O local da diferença* (2005), o teórico trata desta relação da Literatura com o trauma que é um conceito psicanalítico que será discutido adiante; não se pode maneja-lo sem se levar em consideração os eventos de violência da vida vigente que levam ao conceito discutido. Se os acontecimentos da História se refletem no nosso presente, se a mídia propaga os choques da vida cotidiana, como se pode conceber este nexos entre Literatura e trauma? É por meio da concepção do teórico brasileiro que se dará esta resposta. Conduzido por varias noções sobre o trauma e voltado para a discussão destas, segundo a concepção do Psicanalista Werner Böhleber, que escreveu um dossiê na temática do trauma para a revista alemã *Psyche*, Seligmann-Silva propõe uma noção geral do trauma ao invés de buscar uma definição única para este conceito. O autor, mesmo fundamentado pela Psicanalise, seu foco não é esta ciência e sim as articulações dos diferentes autores que, Böhleber discute sobre o trauma, tais autores não vêm a se opor ideologicamente discutindo a validade colocada pelos outros, pois é neste contexto que eles dialogam sobre o assunto. Ver-se-á em *O local da diferença*, como Seligmann-Silva apresenta estes psicanalistas que desenvolvem teorias a respeito do trauma.

Segundo o teórico brasileiro, Freud tratou várias vezes do trauma, sem necessitar criar uma conceituação deste no sentido mais restrito de uma definição. *O local da diferença* mostra como o psicanalista alemão tratou de pacientes que, durante a infância, presenciaram cenas sexuais e as recordações destas cenas provocariam a histeria, esta manifesta seus sintomas por meio de recordações que agem no inconsciente, Seligmann-Silva afirma que: “[a] histeria seria uma doença desencadeada por uma reação de defesa diante de uma nova situação que recalcaria a representação inaceitável” (2005, p. 65). O teórico brasileiro

considera que, para Freud, as cenas sexuais infantis indesejadas pela pessoa são recalçadas, pois são recordações traumáticas no inconsciente. O autor de *O local da diferença* conceitua:

A cena primária — a cena da sedução — seria a base da situação traumática, que se dá *a posteriori*, em um segundo momento que chamaria à tona aquela “protocena” recalçada. Aqui já estão os elementos centrais da teoria do inconsciente, da associação, do recalque e da temporalidade complexa da economia psíquica: todos articulados em torno de uma teoria do trauma. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 65)

Portanto, se faz necessária esta exposição do trauma interno provocado por cenas presentes no inconsciente para o entendimento do trauma externo. Sobre a Primeira Guerra Mundial, Freud dedicou-se a tratar das neuroses de guerra que, eram uma patologia traumática dos soldados sobreviventes adquirida durante o combate, esta doença se caracteriza da seguinte forma: o acidente traumático é fixado e este é repetido com regularidade durante o sonho; aí ocorre a histeria como sintoma desta patologia, o ataque histérico diz respeito à transposição da cena do acidente traumático, estes sintomas mostram que o paciente não se desvinculou do trauma, como se a situação traumática fosse vigente no momento da histeria e o paciente não consegue controlá-la, ou seja, ele se vê diante de uma tarefa na qual não consegue dominar.

Seligmann-Silva explica que, para Freud, há uma relação entre os sintomas do paciente histérico e aquele que sofre a neurose de guerra, pois, em ambos os casos, tem-se o sofrimento de reminiscências. Para o autor de *O local da diferença*, a obra *Para além do princípio do prazer* [*Jenseits des Lustprinzips*] (1920) de Freud, destaca que:

O importante para nós no ensaio de Freud de 1920 é a relação que ele destaca entre o trauma e o pavor (ou susto, *Schreck*) que representaria uma quebra na nossa *Angstbereitschaft* — uma angústia que tem o valor positivo de nos preparar para o desconhecido — e do nosso para-excitações (*Reizschutz*) (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 66)

Portanto, a neurose de guerra é caracterizada por uma ruptura do para-excitações que leva o paciente a reações primitivas. Nos sonhos dos neuróticos de guerra se repetem imagens do trauma antes presenciado factualmente, é como se tentasse fazer uma reparação da situação de fracasso que possibilitou o trauma e o sentimento de desamparo se abate sobre o “indivíduo na situação do choque” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 67). É notório que o autor de *O local da diferença*, fundamentado em Freud, reconheça que: “[a] fonte da situação

traumática pode ser tanto uma excitação pulsional interna como vir de uma vivência externa” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 67).

Seligmann-Silva destaca do trabalho de Böhleber outros teóricos<sup>2</sup> que desenvolveram a teoria do trauma como Otto Fenichel em *O conceito de trauma na atual “teoria” psicanalítica das neuroses* [*Der Begriff ‘Trauma’ in der heutigen psychoanalytischen Neurosenlehre*], Fenichel trata do trauma concebendo que, durante a infância, a angústia primária se situa como normal, pois a criança está exposta às agressões do meio em que vive, porém, a angústia secundária mostra uma função em que se bloqueia as vivências de trauma, pois é como se esta segunda angústia impedisse a reminiscência da situação traumática. Seligmann-Silva firma que em Fenichel: “os traumas fazem parte do desenvolvimento humano” (2005, p. 67). Neste contexto teórico, quanto mais intensa for a quantidade de energia psíquica liberada pelo indivíduo para tentar controlar os recalques do passado, inversamente proporcional será a possibilidade de o ego fazer uma conexão de quantidades de excitação e assim o indivíduo estará mais exposto aos traumatismos.

Outro fato impactante da História, que serviu para o desenvolvimento da teoria do trauma, foram os sobreviventes de campos de concentração do Nazismo durante a Segunda Guerra Mundial, entre os quais o autor destaca:

W. G. Niederland cunhou então o conceito de síndrome ‘de sobreviventes’. Para ele, o sobrevivente é caracterizado por uma situação crônica de angústia e depressão, marcada por distúrbios de sono, pesadelos recorrentes, apatia, problemas somáticos, anestesia afetiva, ‘automatização do ego’, incapacidade de verbalizar a experiência traumática, culpa por ter sobrevivido e um trabalho de trauma que não é concluído. Já H. Krystal descreve um estado catatônico que leva a um ‘robot-state’. Ele diagnosticou também uma cisão interna entre um eu que observa e outro que é abandonado, a saber, o corpo. De resto, podemos ver esta mesma cisão nos testemunhos em vídeos de sobreviventes de campos de concentração, que costumam referir-se a si mesmos na terceira pessoa. Não existe identificação entre o ‘eu fora do KZ’ (*Konzentrationslager*, o campo de concentração) com aquele eu que passou por tal vivência. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 68)

Portanto, cabe sintetizar que os pontos principais são a duração e intensidade que submeteram indivíduos ao terror, a melancolia provocada pela incapacidade de os pacientes lutarem contra o trauma, de expressão e a ação por meio de metáforas, pois esses

---

<sup>2</sup> Far-se-á uma exposição nos próximos parágrafos destes teóricos do trauma que estão presentes no texto de Böhleber, discutido por Seligmann-Silva, pois, mesmo não havendo um desenvolvimento da concepção de tais teóricos no em *O local da diferença*, a teoria deles é fundamental para a amplitude do tema, o trauma.

sobreviventes sentem surgir psiquicamente o terror vivido nos campos de concentração e eles não conseguem fazer a distinção entre realidade e fantasia, porque o trauma destruiu tal capacidade anímica. A neurose traumática provocada pelas reminiscências da cena de terror, o aspecto social em que os pais se negam a falar do trauma e as crianças que recebem os fatos como se fosse uma ilusão, uma fantasia repassada de pai para filho. Veem-se as consequências patológicas provocadas pelo trauma pós-Holocausto e até onde tais consequências podem afetar o indivíduo que passou por situações de terror.

Outro ponto de reflexão que se vincula ao trauma é o testemunho dos sobreviventes de campos de concentração. Sobre esse tópico Seligmann-Silva destaca a posição de Dori Laub, “um dos responsáveis pelo arquivo Fortunoff de vídeos de sobreviventes da Universidade de Yale” (2005, p. 70). Mesmo tendo como obstáculo a dificuldade e às vezes a impossibilidade de se ter a narrativa da cena traumática causada durante os campos de concentração, há para Laub, segundo Seligmann-Silva, a necessidade desta “tradução testemunhal”. Os sobreviventes têm a necessidade de contar e conhecer sua História, porém, o trauma das cenas do passado impede o testemunho do que foi vivido. O autor de *O local da diferença* expõe que: “Laub também destaca a impossibilidade de tradução total da experiência tanto em termos do pensamento como da memória e da linguagem” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 70). Seligmann-Silva expõe uma concepção laubniana que demonstra que o Holocausto não proporcionou testemunhas, não somente por estas terem sido alvo de eliminação nazista, tendo em vista que presenciaram os crimes do partido, mas a complexidade do Holocausto e até as dimensões de diâmetros “ilusórios” se se concebe que algo de proporção inacreditável foi vigente produziu um trauma de alta intensidade a ponto de impedir as vítimas de narrar suas vivências.

As condições desumanas, a vida banalizada, a exploração do trabalho, entre outros eram fatos que mesmo a História não foi capaz de produzir testemunhas, pois a perseguição nazista aos judeus e as atrocidades impostas a eles, causavam, na percepção e na memória dos que ali estavam presentes a impossibilidade de se acreditar que há testemunhas. Tais condições eram impensáveis aos expectadores do Holocausto. Alguns sobreviventes que se dispõem a testemunhar o terror diante das câmeras de vídeo, fazem uma condução entre o “eu” e o “tu” solitário que está dentro dele, pois este é aquele que sofreu o trauma na experiência de campos de concentração e ele não quer se vincular diretamente às atrocidades antes presenciadas.

Cabe agora frisar a tipologia de testemunhos como os de discurso individual gravado

na memória; os testemunhos de memória coletiva referentes a cenas públicas; os testemunhos jurídicos de tribunais e cortes sejam nacionais ou internacionais e o histórico. Sobre essa articulação, Seligmann-Silva fala sobre o trauma social causado por eventos de guerra que possibilitam o terror. O autor de *O local da diferença* expõe que o trauma social chega a ponto de atingir um país, ou seja, é um trauma coletivo de caráter cultural se considerar que as dimensões e os impactos patológicos do trauma impregnam toda uma nação e:

No caso da Alemanha, Alexander e Margarete Mitscherlich diagnosticaram nos anos 1960 um nível tal de recalçamento do passado e de negação da culpa que gerou um bloqueio no processo de luto. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 71)

Consequentemente, Seligmann-Silva vê que, em Böhleber, a História configura-se “desrealizada” sendo negada e não narrada pelo seu próprio povo, com o intuito de se isentar do luto que viria pela realidade aceita do passado, deste modo:

A luta pela justiça nos tribunais, bem como no registro histórico, caminha paralela ao trabalho de luto/trauma das vítimas e da sociedade. O reconhecimento social da culpa ajuda a restabelecer o princípio de realidade e a capacidade de diferencia-la da fantasia. Por outro lado, é evidente que não devemos, indo no sentido contrário, projetar de modo indevido conceitos desenvolvidos na psicanálise sobre a abordagem jurídica e histórica, sem realizar as devidas mediações. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 71)

O autor de *O local da diferença* mostra que para Cohen a desorganização de traços mnemônicos da mente do indivíduo quando são enfraquecidos, caracterizam sintomas do trauma. Ocorre o registro na memória, porém o indivíduo é incapaz de representar as cenas do evento de terror. As cenas do trauma, sejam elas representadas, fragmentadas pela memória ou pela narrativa fragmentada trazem um teor de concretude e exatidão das imagens traumáticas. Seligmann-Silva posiciona-se favorável à teoria de Cohen, mesmo estando ciente de que alguns teóricos (o autor não demonstra quais são estes teóricos nem cita nenhum trabalho que venha colocar este posicionamento contrário a Cohen) contestam a “exatidão” das imagens da cena do trauma. Este realismo correspondente da cena traumática, porém para o autor de *O local da diferença*, ocorre a crença no caráter literal das imagens do trauma.

Agora que já se tem uma noção geral da definição de trauma e choque, é cabível entender segundo a visão benjaminiana de Seligmann-Silva, como se configura na Literatura a realidade ficcionalizada, pois a realidade moderna corresponde a uma experiência traumática

por que passa o homem. Tal experiência do trauma é, como já se diagnosticou, provocada pelos eventos de terror que o homem do século XX presenciou como duas guerras mundiais, campos de concentração nazista, regimes ditatoriais e assim por diante. Esses eventos de terror têm como consequência “sequelas patológicas” no homem do século XX. O contexto histórico que aponta para uma realidade social marcada pelo terror traça as “fatias” de realidade que serão ficcionalizadas pela Literatura e nesta se refletirá o trauma, o choque e o testemunho. Para se compreender esse teor de realidade refletido na Literatura, é necessário que previamente se considere o que Seligmann-Silva define sucintamente por arte da palavra reinventada.

O teórico do testemunho inicia sua discussão perguntando: “qual o papel da literatura nesse contexto”? (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 74). É sabido que não há uma maneira de definição cabal para a Literatura, não se pode conceituá-la por definitivo, mas é possível fazer uma delimitação do que esta trata ou vem a ser. A arte da palavra reinventada para Seligmann-Silva, caracteriza-se pela negação de limites. Os limites, para o autor, são os aspectos que “separam” a realidade da ficção, pois a Literatura é uma recriação da realidade, portanto, ela a encena. O poder de encenar a realidade possibilita que qualquer contexto histórico, social, cultural etc. seja encenado na ficção literária. Todavia, é exatamente esse poder que permite que a arte literária do século XX (cita-se este exemplo devido foco ser o século XX) contenha elementos reais como trauma, choque e testemunho ficcionalizados. É neste contexto teórico que:

A literatura está na vanguarda da linguagem: ela nos ensina a jogar com o simbólico, com as suas fraquezas e artimanhas. Ela é *marcada* pelo “real” — e busca caminhos que levem a ele, procura estabelecer vasos comunicantes com ele. Ela nos fala da vida e da morte que está no seu centro — vide Blanchot... —, de um visível que não percebemos no nosso estado de vigília e de constante *Angst* (angústia), diante do pavor do contato com as catástrofes externas e internas (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 74)

Concordando em parte, com Benjamin, Seligmann-Silva aceita que, o século XX sofreu os abalos da História, pois a reprodutibilidade técnica [*technischen Reproduzierbarkeit*], assim denominada pelo filósofo alemão fez uma ruptura com a tradição de forma que a oralidade e a gestualidade deixassem de ser transmitidas. Esse caráter material da tradição corresponde à materialidade por meio do que a obra que é o testemunho [*Zeugenschaft*]. Porém, o teórico brasileiro admite que a Literatura não somente carrega sua capacidade de testemunhar por meio de sua materialidade, como coloca Benjamin, mas, pelo

uso da linguagem, ela pode manejar a realidade, os conceitos, o simbólico, a imaginação e assim por diante. Seligmann-Silva considera que há um teor de testemunho na obra da Literatura mesmo na era da reprodutibilidade técnica, ou ainda mais, há uma nova era “pós-reprodutibilidade técnica” que o teórico afirma, denominando de “era da síntese de imagens” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 76), pois esta diz respeito às mídias da tecnologia que assim, como a Literatura, embora, de forma obviamente diferenciada também podem “dar” o testemunho.

Porém, se após a era da reprodutibilidade técnica denominada pelo teórico do testemunho de “era da síntese de imagens”, a Literatura já não é mais capaz de testemunhar o passado distante da tradição, ou seja, oralidade e gestualidade. No entanto, a contemporaneidade não lhe tirou a capacidade de testemunhar pelo menos o presente. Este presente é do século XX marcado pelo trauma. Para Seligmann-Silva, “cabe a nós aprendermos a ler esse teor testemunhal: assim como aprendemos que os sobreviventes necessitam de um interlocutor para seus testemunhos.” (2005, p. 77) a relação que a arte literária mantém com a História do século XX, permite que a Literatura leia e reescreva a História através do testemunho. Este contexto histórico permitiu o desenvolvimento de um gênero, a Literatura de testemunho. Na América hispânica este gênero, desde os anos de 1950, é praticado e teorizado existindo até o *Premio da Casa de las Culturas de las Americas* referente à Literatura de testemunho. Também é possível encontrar testemunhos publicados de sobreviventes do Holocausto e de descendentes de uma segunda geração deste evento, pois estes, sobreviventes e a segunda geração, se tornaram escritores e testemunharam em suas obras o evento de terror causador de reflexões na Literatura, Sociologia, Filosofia etc.

Tendo em vista a necessidade de classificar os tipos de testemunho, vem-se a denominar de “testemunho direto” o que Seligmann-Silva expõe a respeito das narrativas literárias dos sobreviventes de campos de concentração. O autor de *O local da diferença* dá como exemplo a obra de Primo Levi, *É isto um homem?* (1947), pois, este livro trata do testemunho de seu autor que é um sobrevivente de campos de concentração nazista. Para o teórico da Literatura, a obra de Levi representa a necessidade de narrar a experiência traumática de um evento de terror e o testemunho só foi possível devido à experiência que o autor italiano passou, ou seja, a obra tem em sua raiz mais profunda o choque traumático de atentado contra a vida em dimensões inacreditáveis. O teórico afirma que o escritor italiano reconhece a incapacidade da língua de narrar a experiência no campo de concentração, é como se a língua não tivesse recursos ou força suficiente para narrar toda a catástrofe

experimentada contra o humano, em outras palavras, não sendo possível descrever totalmente o vivido nos campos de concentração e a saída para a libertação das imagens traumáticas é a necessidade do testemunho. Este tipo de testemunho tem por objetivo expressar o que está cercado na memória, o que foi vivido pelo sobrevivente.

Continuando a classificar o testemunho, denomina-se por “testemunho indireto”, este que é relatado por quem não experimentou o terror nos campos de concentração como Paul Celan, Ida Fink, Jean Améry entre outros, porém, vê-se que mesmo de forma diferente, pois o testemunho não é feito por sobreviventes do evento traumático, a Literatura não os impediu de testemunhar. O autor de *O local da diferença* acredita que o testemunho adquire uma nova configuração no século passado admitindo que:

É evidente, como já afirmamos acima, que toda literatura tem seu teor testemunhal: esse teor ganhou uma nova dimensão de século XX, e a consciência teórica desse fato deu-se — como é comum na história da Teoria Literária — tardiamente. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 78)

Já classificados os dois tipos de narrativa do testemunho, vem-se a tocar em um traço comum dos sobreviventes de campos de concentração. Estas vítimas do trabalho forçado, do autoritarismo, do risco de morte e assim por diante que não vieram a falecer nas câmaras de gás pela sorte ou outra eventualidade qualquer sem explicação lógica, são testemunhas que têm a consciência da limitação narrativa de sua experiência com o absurdo. Estes sobreviventes viveram a iminência da morte, experimentaram um excesso de realidade em “dimensões” quase que irreais. Seligmann-Silva observa na Literatura um exemplo, através do Ulisses da *Odisseia* para fazer referência aos sobreviventes. Esses presenciaram e sentiram na pele assim como Ulisses, o “inferno”, todavia, para os que não faleceram nos campos de concentração são pessoas reais que, padeceram o inferno real, o campo de concentração, por isso, “[a] impossibilidade de narração advém do ‘excesso’ de realidade com o qual os sobreviventes haviam se defrontado.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 79). Essas características da narrativa em questão deixam claro que:

O testemunho não deve ser confundido nem com o gênero autobiográfico nem com a historiografia — ele apresenta uma outra voz, um ‘canto (ou lamento) paralelo’, que se junta à disciplina histórica no seu trabalho de colher os traços do passado. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 79)

Portanto, a teoria de Seligmann-Silva define em traços gerais que:

A literatura do testemunho apresenta um modo totalmente diverso de se relacionar com o passado. A sua tese central afirma a necessidade de se partir de um determinado *presente* para a elaboração do testemunho. A concepção linear do tempo é substituída por uma concepção topográfica: a memória é concebida como um local de construção de uma cartografia, sendo que nesse modelo diversos pontos no mapa mnemônico entrecruzam-se, como em um campo arqueológico ou em um hipertexto. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 79)

O foco agora gira em torno do testemunho [*Zeugnis*] na Alemanha, pois, neste país, surgiram os eventos, *Shoah*<sup>3</sup> e Segunda Guerra Mundial. Estes eventos refletem em seus sobreviventes a memória do choque que resulta no trauma. Sobre esse viés, o testemunho na Alemanha é abordado pela Psicanálise, História da memória e Teoria da Literatura. Sobre a noção de catástrofe, como já foi esclarecido antes, é uma noção comum usada no dia-a-dia e livre de conceituação filosófica. Do mesmo modo se dá a possível relação com o gênero tragédia, que não será desenvolvido por não haver uma necessária relação com a tragédia clássica discutida por Aristóteles em *A Poética* e nem com o gênero trágico do século XVIII. Cabe frisar que a discussão do testemunho na Alemanha se dará, em sua maior parte e mais especificamente em torno da *Shoah* do que da Segunda Guerra Mundial.

Pode-se traçar, nesse momento do texto, os pressupostos centrais sobre o discurso do testemunho na Alemanha. Começando pelo Holocausto, Seligmann-Silva data que desde 1980, a teoria do testemunho classifica este evento como principal causa do testemunho, pois a singularidade do evento caracterizado por sua catástrofe de proporções incomparáveis com qualquer outro evento já experimentado caracterizando a *Shoah* como singular. É notório que a discussão não pode ser levada por números, se se considera as vidas sucumbidas, mas, deve-se levar em conta a qualidade catastrófica imposta ao homem não somente tendo como consequência lesões físicas e morte como se sabe, mas, também sequelas psíquicas a ponto de reduzir o discurso de experiência com o Holocausto. Por isso: “[a] intensidade do evento deixa marcas profundas nos sobreviventes e seus contemporâneos, que impedem um relacionamento com eles de modo ‘frio’, ‘sem interesse’”. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 83)

O segundo ponto é a “*pessoa que testemunha*”. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 84) A psicanálise de Freud considera o indivíduo, o elemento chave na concepção do trauma. Esta concepção fica clara quando o que está em jogo é a incapacidade de tornar simbólica a

---

<sup>3</sup> Utiliza-se o termo não de forma dogmática judaica, mas como uma forma de sinônimo de Holocausto.

realidade traumática vivida pelo sobrevivente dos campos de concentração. O autor de *O local da diferença* define por “testemunha primária”, os sobreviventes do Holocausto, no entanto, Seligmann-Silva aponta que alguns autores (não explicitados) utilizam noções vindas de estudos das obras de “testemunhas primárias” para aplicar as de testemunhas secundárias. Sobreviver a uma catástrofe como foi a *Shoah* configura um indivíduo que não sucumbiu à morte, porém não consegue lidar com a experiência vivida por conta da patologia adquirida, o trauma; consiste o elemento subjetivo e a ‘dimensão’ que a catástrofe configurou o elemento objetivo.

O terceiro tópico é o da literalização e da fragmentação, ambos são marcados por um impasse causado pela oralidade e escrita, no entanto, o autor de *O local da diferença* não desenvolve os aspectos pertinentes a esta tensão. O primeiro conceito consiste na incapacidade dos sobreviventes expressarem o terror vivido, seja por imagens ou metáforas. É correto também pensar a literalização do testemunho aos moldes da psicanálise, pois o sobrevivente é marcado por imagens do momento do choque que provocou o trauma. Essas imagens reaparecem de modo involuntário e variável caracterizando um aparecimento de imagens de forma involuntária. Quanto à fragmentação, Seligmann-Silva constata que esta é compatível com o primeiro conceito colocado neste parágrafo, pois as imagens do trauma não se organizam em sequências como uma cadeia na memória. E se as imagens se configuram de forma desorganizada, marcam uma incapacidade de “tradução” do trauma como na literalização. Seligmann-Silva afirma que a psicanálise, do ponto de vista terapêutico de Abraham e Torok, reconhece que nestes laços de memória estão encapsulados: “[o] testemunho também é um momento de tentativa de reunir os fragmentos dando um nexo e um contexto aos mesmos.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 85).

O quarto tópico é a cena, esta é comparada pelo autor de *O local da diferença* com um tribunal em que o testemunho se configura como uma espécie de justiça histórica. Sobre esta linha, a História utiliza o testemunho como documento sendo uma maneira de estudar desta ciência; logo, pela histórica existe a análise da “macroestrutura” do testemunho, ou seja, uma perspectiva mais geral englobando indivíduos, locais, situações entre outros. No sobrevivente, a segunda cena é mais caracterizada como individual, pois o testemunho do sobrevivente é segundo Seligmann-Silva, em uma concepção freudiana, uma perlaboração [*durcharbeiten*], uma transmutação em direção ao passado ao ponto em que o choque causou o trauma e:

Entre o subjetivo e o registro universal do histórico, encontramos ainda a função da *Shoah* como um evento catastrófico que é lido dentro da tradição

judaica da história como catástrofe e como momento de ‘recolhimento de Deus’. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 85)

Portanto, este evento tem para os Judeus uma importância em que eles constroem sua identidade e memória coletiva levando em consideração a *Shoah*, é como se esta tivesse o poder de “aglutinação” dos Judeus. Este povo faz sua identificação, tendo como referência o terror, a morte, o trabalho forçado e assim por diante, como se nunca tivessem se livrado de uma perseguição iniciada no Holocausto e não findada.

Por último, tem-se a Literatura de testemunho, levando-se para o contexto da língua alemã, pois este é um dos objetivos mais específicos aqui, já se teve conceituação para a teoria como Literatura do Holocausto (*Holocaust-Literatur*) anteriormente ao conceito Literatura de Testemunho (*Zeugnisliteratur*). Percebe-se a vinculação que esta teoria tem com o Holocausto, pois como já foi observado houve mudanças após a *Shoah* nas esferas artística, filosófica, social, estética, histórica, antropológica, literária etc.. Para o teórico brasileiro, autores como Aleida Assmann, Sigrid Weigel, Harald Weinrich entre outros, não se limitaram em definir estritamente o conceito de Literatura de Testemunho. O que está em questão é o teor de testemunho, a presença do desse ou o conceito que, é vigente nas obras dos sobreviventes ou de outros autores, pois, estes se direcionaram à produção de obras que contêm o elemento histórico das catástrofes do século XX, como a Segunda Guerra Mundial e a *Shoah*.

Traçaram-se até aqui as linhas mestras do texto *O local da diferença*. Viu-se como são definidos os choque e trauma respaldados em uma concepção da psicanálise utilizada por Seligmann-Silva. Assim como o contexto histórico do século XX marcado por eventos catastróficos a ponto de causarem novos direcionamentos para diferentes áreas da Ciência, Arte, Filosofia etc. foram discutidos também o testemunho do ponto de vista histórico, psicanalítico, literário e assim por diante, porém, o que mais impressiona na teoria do autor brasileiro é a comprovação: de que mesmo a pior das catástrofes que venha a cair sobre o homem, a arte, ou mais especificamente a produção artística, mesmo sofrendo mudanças ela não pode ser exterminada. Contudo eventos de dimensões inacreditáveis como o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial em que o grau de realidade do caos é tão intenso, não impossibilitou uma produção artística sobre tal brutalidade contra o homem.

## 2.2. A Sociologia de Bauman sobre o Holocausto

Agora já que se discutiram as noções teóricas propostas por Seligmann-Silva, passa-se o foco para Zygmunt Bauman, pois, quando se trata do fenômeno do Holocausto além de se pensar em algo que assume uma postura de aberração mediante as extremidades do homem infligidas em seu semelhante, tem-se também o esforço da sociedade em tentar esquecê-lo. Fica claro que as consequências catastróficas presentes nesse evento de terror que assombrou a Europa e o restante do mundo, representam para Bauman, uma face da sociedade moderna em que ela carrega consigo uma parcela de culpa na medida em que tenta rejeitar de sua memória o ocorrido como se nada tivesse haver com a configuração social do século XX. Se, por um lado, o homem se satisfaz com as ferramentas do capitalismo marcado pela modernidade pesada das grandes máquinas produtoras de bens de consumo e com a dinâmica da modernidade leve sistematizada pelo capital financeiro e pelos *softwares*, por outro lado rejeita as consequências provocadas pela modernidade. De forma bem direta, o que se tenta explicitar é que o Holocausto nada mais foi do que um reflexo talvez incontornável de uma experiência social resultante de interesses políticos de uma sociedade tipicamente moldada por seu tempo.

Antes de se compreender o evento em discussão como uma matança desordenada aos judeus ou até mesmo uma agressiva ação imposta pelo homem contra o próprio homem, faz-se necessário esclarecer que dentro do sistema nazista alemão se conduzia as atividades antissemitas sob a configuração racional presente na modernidade. Tal sistematização se articulava por meio do racionalismo evidente no capitalismo. A dinâmica presente em *Auschwitz* seguia o modelo padrão do capitalismo moderno, no entanto, os nazistas utilizavam como matéria-prima e mão de obra o próprio homem, dessa forma, o produto final era a morte e o administrador mantinha em suas planilhas um controle total dos custos, mão de obra, manutenção, entre outros. Constata-se, então, o sistema fabril tipicamente organizado dentro dos moldes do capitalismo do século XX tendo como símbolos as chaminés que despejavam fumaça humana nos crematórios e as câmaras de gás, um verdadeiro ícone da indústria química alemã.

É evidente como a organização nazista é perfeitamente configurada dentro das necessidades do capitalismo. Então, dessa forma, cabe questionar como poderia a sociedade do século passado escapar dessas consequências provocadas pelo partido de Hitler? Analisando pela via da concepção de Bauman, compreende-se que a sociedade do século XX

experimentou a face detestável do sistema social que tanto lhe agrada pela outro lado da moeda, ou seja, o entretenimento acessível, a facilidade oferecida do *fastfood*, as vestimentas da moda etc.. Foi exatamente esse lado prazeroso do sistema lucrativo que possibilitou o outro repugnante, a busca por uma sociedade feliz, purificada etnicamente, soberana no mundo, entre outros; isso foi o que caracterizou o Nazismo comparavelmente ao sistema moderno vigente no século passado tendo como única diferença o ser humano como mão de obra e matéria-prima. Assim o homem presenciou uma experiência nova, porém, inevitável talvez e concreta já que ocorreu de fato.

Concebe-se que o fenômeno do Holocausto carrega um grande teor de “normalidade” dentro das possibilidades da civilização moderna mostrando até que ponto ou até certo ponto que o homem pode chegar em busca de uma sociedade feliz. É obvio que o Holocausto se distinguiu do massacre provocado pela antiga União Soviética em relação às atrocidades cometidas e não pelos números já que os soviéticos mataram em maior escala. Nesse sentido, pode-se entender como o fenômeno antissemita revelou o limite máximo já conhecido em que o homem pode chegar para ter como resultado uma sociedade “perfeita”. Tal perfeccionismo ditado por um líder de um grupo dominante do povo alemão, todavia, não se tinha conhecimento até então das extremidades que o ser humano poderia atingir para obter a felicidade. Assim, o Holocausto se caracteriza como a face desconhecida de uma sociedade que só tinha experimentado o lado “agradável” do mundo.

Entende-se até o momento que civilização é um conceito que abrange duas faces, no entanto, uma não anula a possibilidade da outra. Antes de se compreender o Holocausto como um fenômeno absurdo, é necessário saber que ele corresponde a uma das faces da civilização, ou seja, se por um lado se há matanças em grande escala, autoritarismo<sup>4</sup>, pobreza, e assim por diante, por outro se há belas artes, medicina em avanço, cultura erudita etc. Logo, brutalidade e riqueza cultural pertencem ao conceito de civilização sem que se possa anular uma ou outra. Nessa sistemática de perdas e ganhos se constituiu a trajetória civilizacional, no entanto, os resultados obtidos nesse modo de organização social implicam em fatores cujos supostos bens proporcionados ao sujeito como arte, ciência, cultura, entretenimento e mais, sejam provocadores de efeitos danosos como genocídio, Totalitarismo<sup>5</sup>, miséria e assim por diante. Apesar de tais efeitos se torna complexa a afirmação de que a civilização é um mau e talvez seja mais complicado ainda pensar que se poderia escapar dela ou dos resultados que ela provoca.

---

<sup>4</sup> Utiliza-se do termo autoritarismo como sinônimo do conceito de Totalitarismo utilizado por Hannah Arendt.

<sup>5</sup> O conceito é grafado com inicial maiúscula como concebe a autora Hannah Arendt.

Não se podendo escapar da condição de dominador ou subalterno na sociedade capitalista, os semitas foram vítimas de uma espécie de radicalização da “essência” racional<sup>6</sup> do Capitalismo. Assim, o Holocausto demonstra de maneira extrema a sistemática de produção em que a própria matéria prima era também mão-de-obra, ou seja, essa afirmação mencionada anteriormente serve para comprovar como o Nazismo regia suas normas mediante o comando da razão sobre a emoção. Essa perspectiva é suficiente para que não se compreenda o Holocausto como uma incontrolável ação humana contra os “diferentes”, uma espécie de racismo delinquente sem motivos ou como uma vontade subjetiva de destruição de vidas em grandes quantidades, mas, como consequência do sistema sócio político cultural que controla a “Modernidade”<sup>7</sup>. Assim se concebe que a posição de senhor ou subalterno na sociedade capitalista pode variar devido às condições favoráveis ou desfavoráveis de grupos sociais.

Governados pela necessidade de dominar, os grupos sociais lutam para estar no comando. Isso se torna tão evidente que o alvo nazista poderia não ser necessariamente os Judeus. Eles se tornaram perseguidos devido aos interesses do Nacional Socialismo que era em primeiro lugar retirar recurso financeiro de quem tinha para financiar o Estado, logo os semitas que estavam economicamente fortes durante a Alemanha nazista, foram alvo do Estado alemão. Após a constante perseguição judaica se criou a necessidade de higienizar socialmente a nação alemã cuja raça superior julgada por Hitler, era a ariana<sup>8</sup>. Então surgiu a pergunta no Nacional Socialismo alemão, o que fazer com judeus após possuir seu poder aquisitivo? A resposta não poderia ser outra se não a dinâmica de racionalização presente no sistema capitalista e *Auschwitz* é o símbolo máximo dessa proposta industrial.

*Auschwitz* não foi uma possibilidade exclusivamente da sociedade alemã (nem muito menos uma ação cujo alvo não poderia ser outro se não o povo Judeu), mas, da civilização moderna em que as possibilidades em termos de consequências podem se tornar reais em outras sociedades. A ânsia de se tornar soberano que infectou a Alemanha nazista contamina os países que desejam dominar, sobretudo os Estados Unidos. A ONU tem se mostrado favorável aos ataques massacrantes dos americanos às nações que os contrariam e como prova dessas ações se tem o apoio da ONU aos norte-americanos. A possibilidade de novos

---

<sup>6</sup> O conceito é tomado a partir da concepção de Bauman em *Modernidade e Holocausto*, assim consiste na dinâmica de orçamento, investimentos, mão-de-obra, lucro, entre outros.

<sup>7</sup> Cabe entender que a tese não tem por objetivo a defesa ou discriminação de grupos sociais, mas, a análise objetiva das questões que envolvem o Nazismo na Alemanha do século passado.

<sup>8</sup> Neste parágrafo os argumentos apenas reproduzem fatos de que todos têm conhecimento, no entanto, isso se faz necessário para explicar o argumento que vem a seguir.

*Auschwitz* não foi eliminada pela “modernidade” e nada se fez para que ela seja descartada. O fato de se poder presenciar na mesma escala ou até mesmo de forma mais extrema não provocou consciência nas sociedades. Pensando-se na possibilidade de qualquer um poder ser alvo de campos de extermínio em padrões industriais é a prova de que não necessariamente os judeus estavam fadados às atrocidades nazistas, pois a probabilidade mais inclinada para os inimigos dos Estados Unidos e esses têm como seus aliados o povo semita.

Uma experiência fática como o Holocausto que afeta até hoje a mente dos indivíduos serve como prova das extremas ações que a sociedade moderna provocou. Antes de acontecer o genocídio antissemita era impossível imaginar que algo, em proporções complexas até de se calcular, pudesse se tornar realidade, porém, o homem pode conceber o Holocausto de forma física e analisá-lo como um fato inegável, por isso:

Proponho que a experiência do Holocausto, agora já inteiramente pesquisada pelos historiadores, deveria ser encarada, por assim dizer, como um “laboratório” sociológico. O Holocausto expôs e examinou em condições não “laboratoriais” atributos não revelados de nossa sociedade e, portanto, não acessíveis empiricamente. Em outras palavras, *proponho tratar o Holocausto como um teste raro, mas importante e confiável das possibilidades ocultas das sociedades modernas*. (BAUMAN, 1998, p. 30-31) [aspas e itálico do autor]

Na teoria sociológica de Bauman, fica mais perceptível sua imparcialidade analítica quando se entende seu julgamento em relação ao Holocausto como uma consequência da sociedade moderna. Já na perspectiva de Seligmann-Silva, nota-se certo tom pessoal na medida em que o teórico, após conceber as patologias desencadeadas pela *Shoah*, acaba concordando com a opinião judaica de que o Holocausto foi um tempo de recolhimento de Deus, no entanto, ambos teóricos concordam ao compreenderem o genocídio semita como um evento que assume particularidades diferentes de qualquer outro, não somente pelos números de mortes que por sinal podem ser superados por outros eventos, mas, pela qualidade das atrocidades cometidas contra os semitas. Outro dado determinante que faz haver divergência entre o sociólogo e o teórico da Literatura, é que para o primeiro o alvo de possíveis *Auschwitz* poderiam ser qualquer um envolvido no contexto da modernidade enquanto para o segundo seria necessariamente os judeus por estarem lançados à sorte devido ao recolhimento de Deus.

A proposta de Bauman assume um caráter mais científico que o de Seligmann-Silva, quando o sociólogo traça o Holocausto como uma consequência da sociedade moderna. Isso

leva a concluir que a concepção do autor de *Modernidade e Holocausto* se molda de uma forma em que os papéis de agressor e vítima seriam cabíveis dentro de qualquer contexto social moderno. Já pensando no teórico da Literatura se constata um teor religioso em sua teoria ao admitir a retirada de Deus como forma de deixar os judeus desprotegidos. Por esta via, a postura de Deus se assemelha à de Pontius Pilatus que deixou a sorte de Cristo a critério do povo, porém, no caso do “senhor” dos judeus, os semitas não estão na condição de dominadores, mas, sim de vítimas da sociedade nazista. Na sociedade moderna cristã, essa situação poderia ser interpretada como um castigo de Deus lançado ao povo que condenou Jesus, todavia, a teoria baumaniana apresenta o Holocausto como um lado da dupla face da modernidade em que a própria sociedade proporciona tal característica.

Pensando-se de acordo com a proposta de Bauman, nota-se que o sociólogo lança uma visão calcada em Weber, ao caracterizar o Holocausto dentro de padrões administrativos em que cargos eram distribuídos para organizar o extermínio judaico. O setor administrativo e Econômico nazista carrega em certa parte um forte teor de mentira se se concebe que o fim gerado pelo setor político seria a morte e não organização social como se conhece comumente e nem finanças. A dinâmica que exploração da mão de obra semita, morte, utilização dos corpos como matéria prima, ou eliminação de cadáveres, revela um processo burocrático típico da modernidade. Divisões de trabalho, setores específicos destinados organização social, manutenção do fluxo judaico nos campos de concentração, entre outros, mostram como, para os nazistas, a Alemanha governada por Hitler tinha um problema a ser resolvido pelo Estado. O procedimento adotado pelo líder nacional-socialista tinha por objetivo tornar a Alemanha livre dos judeus. As alternativas tomadas pelo *Führer* seguiam uma sistemática econômica, pois, visava além dos supostos<sup>9</sup> fins de purificação étnica social, à questão dos custos para o Estado.

A primeira solução encontrada pelo governo nazista foi a emigração judaica, no entanto, isso acarretou problemas de superpopulação semita em território alemão. É obvio que essa saída provocou dificuldades ao Nazismo na medida em que esses territórios também tinham como objetivo ser livres de judeus. No primeiro momento, o extermínio em massa não era prioridade de Hitler, porém o setor econômico alemão, falido pelos juros altíssimos que o Estado se via impossibilitado de controlar, levou o líder nazista não a somente se apropriar dos bens judeus, como também a encontrar uma saída economicamente mais viável para se livrar dos semitas. A solução encontrada pelo *Führer* pelas vias do Holocausto todos já

---

<sup>9</sup> Na medida em que se pregava tal argumento como uma verdade e necessidade da sociedade nazista.

conhecem, mesmo que de forma grosseira, todavia, cabe compreender como foi dada a primeira proposta de se livrar do povo escolhido por Deus, pois:

A emigração dos judeus alemães foi primeiro escolhida como a solução prática para o objetivo de Hitler; ela resultaria numa Alemanha *judenfrei* se outros países fossem mais hospitaleiros com os judeus. Quando a Áustria foi anexada, Eichmann recebeu sua primeira condecoração por executar prontamente a emigração em massa dos judeus austríacos. Mas então o território sob governo nazista começou a inchar. Primeiro a burocracia viu a conquista e a apropriação de territórios quase coloniais como a sonhada oportunidade de cumprir plenamente o comando do Führer: o *governo central* fornecia o procurado aterro sanitário para despejo da judiaria ainda residente em terras da Alemanha propriamente dita, votadas à pureza racial. Uma reserva separada para o “principado judeu” foi designada próximo a Nisko, no que antes da conquista fora a Polônia central. A isso, porém, objetou a burocracia alemã encarregada da administração do território da antiga Polônia; ela já tinha problemas suficientes policiando sua judiaria local. E assim Eichmann passou um ano inteiro trabalhando no projeto Madagascar: com a França derrotada, sua longínqua colônia podia ser transformada no principado judeu que não se materializara na Europa. O projeto Madagascar, no entanto, provou igualmente malfadado, dada a enorme distância, o volume de espaço necessário em navios e a presença naval britânica em alto mar. (BAUMAN, 1998, 35)

A solução de extermínio físico surgiu após o afastamento da possibilidade de conquista da Rússia que seria uma espécie de território destinado à emigração judaica. Heinrich Himmler optou pela matança semita dentro de padrões estatais de burocracia, planejamento, orçamento, projeção de tecnologias e recursos necessários etc. Fazer cálculos de vida útil de trabalho humano e pensar em recursos cujo resultado final seria a morte seguia um pensamento tão lógico e racional quanto à concepção cristã de dar e receber em dobro de Deus. Tão racional quanto esse aspecto do pensamento cristão, o Holocausto sob a perspectiva vista dentro dos parâmetros sociológicos jamais entrou em dissonância com a racionalidade, ou melhor, com os princípios dela. Nessa ótica a proposta de Bauman segue novamente uma relação oposta a de Seligmann-Silva, pois, para o sociólogo, o evento de terror em discussão é um reflexo da sociedade do século XX, marcada pela burocracia, tecnologia, racionalismo, ciência<sup>10</sup>, entre outros, enquanto que para o teórico da Literatura, a *Shoah* seria uma agressão violentíssima destinada ao povo escolhido por Deus cujas consequências patológicas psíquicas assim como a violência infligida aos semitas, são

---

<sup>10</sup> Sobre esse aspecto se deve destacar a evolução das ciências biológicas cujas experiências não tinham limites estabelecidos por normas de condutas regidas por conselhos da área. Isso levaria também a se pensar no crescente e proporcional avanço científico seguido de consequências sociais, políticas, econômicas, entre outros, que acompanham a sociedade moderna tão ferrada em sua identidade por essa característica.

qualificadas como extremas.

A concepção de Bauman não só difere da de Seligmann-Silva, como mostra que os nazistas encontram a efetiva solução para o problema da presença semita. O empreendimento executado pelo Nacional Socialismo foi eficaz pela via do genocídio. *Modernidade e Holocausto* destrói também a visão sensacionalista estampada pela mídia de que assassinos desenfreados, psicopatas, sociopatas, ou qualquer espécie de indivíduo afetado das faculdades mentais constituíam o baixo e alto escalão do Nacional Socialismo. As atrocidades aplicadas aos judeus em nenhum momento foram provocadas por capricho de uma vontade pessoal. Então o que levou aos membros do partido de Hitler a deixarem qualquer forma de piedade<sup>11</sup> e a sumirem uma conduta altamente racional diante da execução semita? A resposta mostra que cumprir o ato de extermínio era tarefa de lealdade à organização e não a um ídolo como se pensa normalmente. Assim, as ações impessoais dos nazistas comprovam a conduta profissional de cumprir tarefas como o professor capaz de reprovar seu filho na condição de aluno, o político incapaz de praticar nepotismo, o empresário que não se envolve sentimentalmente com seus funcionários etc.

A capacidade de cumprir o papel social que lhe é imposta de forma direta ou indireta mesmo que relacionados a tarefas de extermínio não são exclusivamente uma lastima em que apenas nazistas poderiam executar. Tomando como exemplo, Adolf Otto Eichmann, seus atos só foram criticados e destacados pela mídia por se tratar dos derrotados na guerra, o nazista alemão era somente um indivíduo dentro de um sistema racional e que estava abaixo de um superior ou se pode dizer até mesmo sob o Estado. Se se volta a questão para os membros da Tríplice *Entente*, fica perceptível que a antiga União Soviética exterminou mais vidas que o próprio Nacional Socialismo e a detonação das duas bombas atômicas no Japão praticamente já derrotado, são dados de que todos têm conhecimento, no entanto, a mídia aborda o tema sempre com o ar de bravura, pois se trata dos vencedores. A atenção da sociedade não se volta para as atrocidades cometidas pelos ganhadores da guerra, somente para os vencidos. É fato que os meios de divulgação são controlados pelos dominadores, pois, se a Tríplice Aliança tivesse saído vitoriosa da Segunda Guerra Mundial, Eichmann, com certeza, teria recebido as devidas medalhas de honra ao mérito por seus atos, e a mídia estaria ao seu lado para enaltecê-lo.

Sustenta-se, então, que o partido de Hitler era composto por profissionais comuns com a simples qualificação necessária para o Holocausto. Afirma-se agora que se torna impossível

---

<sup>11</sup> Sentimento de valor presente nas sociedades cristãs.

conceber que os integrantes do Nazismo afluíam em si um instinto assassino devido a seus afazeres voltados para a morte e que a persuasão para tal conclusão só vem à tona a com a ação dos meios sensacionalistas de divulgação. Os atos de lealdade presenciados no Nacional Socialismo não eram como religiões, movimentos sociais, fanatismo político e assim por diante, eles eram, acima de tudo, cumpridos pela tarefa de lealdade a organização e não a um ídolo como se vê explorado comumente. Respalhando em Bauman, citando Max Weber, entende-se que dentro de um sistema racional os subordinados cumprem suas tarefas como se isso fosse sua própria convicção (Cf. 1998, p. 41). Assim o funcionário público se sente honrado em cumprir de forma consciente o dever que seus superiores lhe repassam e serão recompensados pela tarefa cumprida. Então o que Eichmann fez durante sua estada no Nacional Socialismo? A resposta é simples e clara, nada que alguém dentro de uma sociedade, cultura, política, entre outros, não teria feito para executar a ordem de seus superiores, ou seja, seguir as regras que o Estado impõe ou ser punido pela desobediência. Sempre existe algo maior que atua sobre as ações dos indivíduos (política, cultura, sociedade, entre outros) e que não se pode escapar sendo neutro, pois mesmo a passividade é uma posição diante da sociedade.

Outra figura que pode esclarecer como funcionava a dinâmica nazista era Otto Ohlendorf, comandante da *Einsatzgruppe* [força-tarefa]. Durante o julgamento do militar nacional socialista em Nuremberg, Ohlendorf expôs que não era de acordo com as ações que executava em sua unidade, no entanto, não reivindicou do cargo que lhe foi confiado, cumpriu o ordenado justamente por acreditar que seus subordinados iriam ser expostos e erroneamente acusados. Segundo Bauman, o comandante alemão pensava que o mesmo compromisso paternalista de responsabilidade seria praticado por seus superiores. O próprio Ohlendorf se considerava uma peça dentro de uma engrenagem, um soldado que cumpria ordens de seus superiores e se responsabilizava por seus subordinados. Considerar membros nazistas como Eichmann e Ohlendorf inocentes<sup>12</sup> seria discutível, pois praticaram crimes brutais contra os semitas, no entanto, esses militares teriam outra escolha? As ordens executadas por eles não vinham de um superior? A mesma pergunta sobre os culpados dos crimes antissemitas surge em exemplos como o do massacre dos Sem Terra<sup>13</sup>, pois, quem é culpado? O governador da

---

<sup>12</sup> Pode se considerar os militares nazistas inocentes em uma perspectiva de subordinação de seu líder (Hitler) na medida em que cumpriam ordens. Sob outra ótica eles seriam culpados por não terem abdicado de suas obrigações com o Estado. Não cabe ao trabalho aplicar princípios das ciências jurídicas para discutir a inocência ou culpa, pois o assunto abordado serve basicamente para esclarecer o funcionamento das engrenagens do Nacional Socialismo.

<sup>13</sup> O exemplo mencionado acima tem a intenção de aproximar a questão para uma realidade mais próxima do leitor e assim poder situar a discussão dentro de parâmetros imparciais.

época que permitiu a matança ou os soldados que puxaram o gatilho? Um julgamento imparcial poderia resultar na sentença aos verdadeiros culpados, todavia quem forma o júri nessas ocasiões nunca são indivíduos neutros diante da oposição nazismo *versus* judaísmo como no caso de Eichmann julgado em Jerusalém por uma corte judaica.

A perspectiva em que o militar alemão foi julgado na terra judaica assume uma posição semelhante de condenação do povo semita dentro dos domínios nazistas. Assim surge a mesma proposta nacional socialista só que com papéis invertidos, pois o povo judeu, em sua pátria, tinha a tarefa de julgar e obviamente condenar o inimigo. Por outro lado, as atitudes semitas se configuravam como discutíveis ou até comparáveis com as nazistas, pois, nesse caso o que estava em xeque era a vingança, ressentimento<sup>14</sup>, a vaidade, entre outros, de mostrar ao mundo uma justiça hipócrita além de não haver nada de racional ou impositivo que levasse a tal condição. É notável um agravante por se tratar da religião de um povo que prega o direito a vida, a fraternidade, o amor etc.. Sem contar com a espetacularização midiática do julgamento<sup>15</sup> transmitido para todo o mundo, levando ao globo o conhecimento do suposto poder semita ou até mesmo da máxima do ditado popular: “aqui se faz, aqui se paga”.

Como já se mencionou anteriormente, a maioria dos mandantes do Holocausto não sujaram suas mãos com a pólvora de armas de fogo ou gás letal. A maior parte dos que comandaram o genocídio eram burocratas que, por meio de um telefonema, documento, conferência, entre outros, provocaram o assassinato de milhões de pessoas sem ter que olhar no rosto de uma mulher, uma criança ou um homem. Abaixo desses burocratas estavam figuras como Eichmann, Ohlendorf, Heinrich Himmler e outros, assim como sob esses estavam aqueles que puxavam o gatilho ou despejavam gás. Já se descartou a possibilidade de sadismo ou de qualquer patologia psíquica que pudesse estar relacionada ao mero prazer de ver indivíduos judeus sofrerem, pois o que os nazistas fizeram de forma racional e radical foi tentar solucionar o que para eles era um grande problema, os semitas. A solução encontrada pelo Nacional Socialismo despertava diferentes comportamentos entre as vítimas que tinham consciência da real situação e dos que não tinham, pois:

As câmaras de gás, sedutoramente chamadas de “banheiros”, eram uma visão bem-vinda depois de dias e dias em imundos vagões para gado. Aqueles que já sabiam da verdade e não alimentavam ilusões ainda tinham uma opção entre uma morte “rápida e sem dor” e outra precedida por sofrimentos extras reservados para os insubordinados. Daí não apenas as

---

<sup>14</sup> Usa-se o termo no sentido não filosófico conceitual, mas no semântico usual.

<sup>15</sup> O objetivo do trabalho em nenhum momento é defender qualquer perspectiva ideológica seja ela nazista ou judaica. A tese propõe apenas uma análise imparcial do tema abordado.

articulações externas do cenário do gueto, sobre o qual as vítimas não tinham controle, eram manipuladas de modo a transformar o gueto como um todo numa extensão da máquina de extermínio; também as faculdades racionais dos “funcionários” dessa extensão eram empregadas para omitir o comportamento motivado pela lealdade e cooperação com os fins burocraticamente definidos. (BAUMAN, 1998, p. 43) [aspas do autor]

Mantendo uma relação à distância com o morticínio, os burocratas exerciam a parte “teórica” do trabalho enquanto que a parte prática de cumprir ordens de envio de contingente, seleção de mão-de-obra, exterminar homens entre outros, cabia aos subalternos. Sob essa ótica, atos de puxar o gatilho, acionar o dispositivo de gás ou ligar a corrente elétrica, se configuram como inocentes na medida em que estão cumprindo ordens do Estado Maior. A integridade “moral” dos burocratas fica muito menos vulnerável na sociedade do que a dos subalternos na medida em que são expostos diretamente ao público por executarem o trabalho prático. Por outro lado, o mérito é dado de forma equivalente, aos membros quando tudo ocorre com sucesso, isso é possível devido à invisibilidade das vítimas não só no Holocausto, mas de forma geral, como em Hiroshima e Nagasaki, muçulmanos na Guerra do Iraque, povos africanos locais na Corrida Imperialista e assim por diante. Situando-se a discussão na *Shoah*, percebe-se que tecnologias foram desenvolvidas “graças” à invisibilidade das vítimas e comprovadamente essas tecnologias não foram, em sua unanimidade, voltadas para a morte e sem nenhum ganho para a sociedade, pois outrora se mencionou como a ciência evoluiu durante o Nazismo devido a experiências que hoje seriam proibidas pelos direitos humanos<sup>16</sup>.

Para manter uma dinâmica racional de extermínio, os nazistas se viram diante da necessidade de mudar a técnica de execução de atirar e matar semitas nas margens de fossos. A saída encontrada tinha que ser menos complexa em termos de diferenciação do que a relação atirar e matar, assassino e assassinado, justamente devido à necessidade de não comprometer a “moral” do executor. Assim surgiram as câmaras de gás fixas e, posteriormente, móveis; nesse tipo de tecnologia, a distância entre vítima e carrasco torna mais racional o extermínio. O menor contato entre matador e massacrado possibilita uma visão profissional de compromisso com o trabalho, além do mais o assassino nesse caso não tinha de olhar diretamente no rosto dos alvos nem ver o sangue deles escorrer pelo corpo por meio de um orifício ocasionado por um tiro. Na perspectiva de morticínio, por meio das câmaras de gás, o servidor público se caracterizava mais como um agente de serviços gerais, por ter de somente despejar desinfetante sanitário nas câmaras do que propriamente como

---

<sup>16</sup> Deixa-se claro que esses fatos ocorridos não dão direito ao homem de exterminar o maior bem, que é a vida.

executor, pois já não utiliza mais de arma de fogo. Surge também nesse caso outra relação que separa visualmente os exterminadores das vítimas, logo, torna-se mais fácil ser profissional diante do dever do que anteriormente quando se tinha que “sujar as mãos com sangue”.

Uma característica da civilização moderna é a de eliminar alternativas que vão por vias pacíficas como a diplomacia e optar pelo uso da violência. Essa está subordinada, na Modernidade, a cálculos racionais e sempre é empregada como saída quando se trata da imposição de uma cultura, sociedade, política etc., que tenta se sobrepor às outras. A violência calculada é um traço da civilização que aparece de maneira potencializada na *Shoah*, mas é necessário entender que o antissemitismo não foi a causa do Holocausto nem muito menos os nazistas tinham impregnado em si um ressentimento contra os judeus. A sistemática de planejamento, administração, organização, entre outros, do genocídio elimina não somente a hipótese de ressentimento contra os judeus, como confirma uma racionalidade capitalista moderna. É possível afirmar que a suposta conduta racista nacional socialista é um pretexto fundamentado na diáspora histórica dos semitas em que Hitler sustentava uma posição de hostilidade entre culturas, nações, raças e outros, rivais. A desculpa servia como argumento romântico de supervalorização da cultura germânica e para se apropriar do poder financeiro dos judeus. A ausência de Estado territorial dos judeus e a falta de lar configuravam o povo escolhido por Deus como uma sociedade que o *Führer* queria destruir e escravizar.

A postura aniquiladora do líder nazista se sustentava em argumentos como: o não-reconhecimento do Estado alemão por parte dos semitas, uma raça diferente em território germânico e outra cultura dotada de interesses divergentes. Dessa forma, os judeus se caracterizavam como inimigos em potencial que ocupavam território nacional socialista e assim não tinham motivos para lutar, conquistar, destruir seus rivais etc., ou seja, não tomariam a causa nazista por não pertencerem à mesma raça, cultura, sociedade e assim por diante. Isso para o líder nacional socialista era mais do que suficiente para destruir a ameaça do rival que dividia o mesmo espaço com a nação do Estado alemão. Sabe-se que a incompatibilidade judaica com outros povos é uma questão histórica e não iniciada pelo nazismo, no entanto, o partido de Hitler tomou as atitudes mais extremas em relação aos semitas. A mídia nunca deu ênfase ao preconceito em relação às outras culturas contra o semitismo, nem mesmo dos judeus em relação a outros povos. Isso facilmente se explica quando se põe em evidência o Nacional Socialismo, pois a violência desmedida contra o povo escolhido por Deus rende enorme sensacionalismo para a mídia.

### 2.3 A noção filosófica de guerra de Hannah Arendt

Entra-se em questão, nesta parte do trabalho, a concepção de Hannah Arendt<sup>17</sup> em sua obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*<sup>18</sup> (1963). A pensadora inicia sua argumentação mostrando como o tribunal de Jerusalém adota uma conduta de teatralidade assumida pelo primeiro-ministro de Israel, David Ben-Gurion que fala por meio de seu porta-voz Gideon Hausner. A encenação forçada não termina aí, pois o réu, como o próprio título do texto já demonstra é Adolf Eichmann raptado na Argentina, para ser julgado pela “Solução Final” [*Endlösung*]. É possível destacar a hostilidade dos Judeus em estabelecer uma corte semita para Eichmann, como se um tribunal internacional não fosse mais adequado para julgar o acusado. Além disso, evidenciou-se mais o padecimento dos judeus durante o Holocausto do que propriamente as ações cometidas pelo ex-membro do Nazismo, uma vez que um tribunal estabelecido dessa forma (corte semita e em Israel) mostra mais o ressentimento judaico motivado pela vingança do que atos de justiça.

A corte semita mostrou-se contraditória na medida em que se propôs a acusar Eichmann até pelos crimes cometidos a indivíduos não judeus. Tal postura bate de frente com a lei rabínica que proíbe judeus de se casar com não semitas em Israel. E além da hipocrisia vigente no semitismo de não fazer distinções étnicas se confirma uma postura de valorização da própria raça regendo as normas para o casamento que nada mais é do que o princípio da base social, a família. A conduta da lei rabínica mostra em sua essência uma forte semelhança com as leis de Nuremberg estabelecidas durante o governo de Hitler, pois, se tolerava até cinquenta por cento de sangue semita em que para purifica-lo precisaria se casar com ariano puro até a total extinção do DNA judeu. A lei de Israel para seu povo é mais radical do que a nazista, pois, não tolera nem se quer percentuais de outra raça que não seja judaica. Então diante dessas condições como pode um povo impregnado pela valorização da raça julgar um homem que era uma releve peça dentro de uma engrenagem antissemita? Como um povo que prega o amor entre os homens pode usar a violência contra o próximo?

Outro fato é que Síria, Líbano, Egito e Jordânia se mostravam simpatizantes de Eichmann e lamentavam por ele não ter exterminado os judeus com a “Solução Final”. Essas

---

<sup>17</sup> É importante esclarecer que a formação da pensadora alemã tem em sua gênese na fenomenologia de seu mestre Heidegger, no entanto, Arendt afasta-se da ontologia e dos pressupostos metafísicos. Outro ponto de separação entre Arendt e Heidegger, é o desenvolvimento que a filósofa dá a ética, área da Filosofia que o autor de *Ser e Tempo*, trata de forma muito breve em seu pensamento.

<sup>18</sup> A eleição da concepção da filósofa alemã serve como expoente de imparcialidade da questão sobre o nazismo, pois, como todos sabem, Arendt era judia.

nações do Oriente Médio ofereceram refúgio a ex-nazistas, no entanto, compreenderam o Nacional Socialismo como o resto do mundo vinculando ao partido de Hitler como um matador “justiceiro” de semitas. É bem verdade que o *Führer* não era nenhum inocente, porém, já se demonstrou que o Holocausto foi configurado como um sistema capitalista de produção e não como fruto de um sentimento religioso ressentido. Ao mesmo tempo em que os países muçulmanos se dispuseram a ser hospitaleiros com ex-integrantes do Nazismo, no Cairo se estabeleceu um sentimento antigermânico que lamentava por nenhum avião do exército alemão não ter sobrevoado um acampamento semita e despejado uma bomba. Talvez se nazistas da Segunda Guerra Mundial estivessem procurado abrigo no Oriente Médio, a violência norte americana teria mais uma desculpa para atacar ao islamismo e o sionismo mais um motivo para criação do Estado de Israel como além da imagem de Hitler lunático matador de Judeus.

No julgamento, Hausner, seguindo a concepção de Ben-Gurion, afirmou que o que estava em questão não era um indivíduo no banco dos réus, nem somente o Nazismo, mas a História do antissemitismo. Porém, um homem estava sendo julgado pela História do antissemitismo assim caindo sobre ele toda a carga de culpa de padecimento do povo escolhido por Deus. Por que caberia a Eichmann toda culpa? A implacável perseguição ao militar alemão por parte da corte judaica era no fundo uma forma não de vingança contra os nazistas, mas, um argumento para reforçar o sionismo e convencer de que se houve “justiça”. Entre muçulmanos e semitas são claras as diferenças políticas e religiosas. A criação de um Estado soberano para Israel incomodava muito ao islamismo, todavia, era a vez do judaísmo, apoiado pela mídia mundial e pelos Estados Unidos, de infligir às regras. Agora era adotada pelos judeus uma postura muito semelhante em termos de injustiça e violência a dos seus inimigos só que com uma enorme diferença já que o partido do *Führer* não era motivado por sentimentos irracionais religiosos e políticos. No clima de revanche tentando-se sustentar a culpa de Eichmann, Hausner inicia seu discurso citando o decreto de Aman:

Foram enviadas pelos Correios do Rei a todas as Províncias, para que matassem e acabassem com todos os Judeus, desde o menino até o velho, meninos, e mulheres, em hum mesmo dia, isto he, a treze do mez duocécimo, que se chama Adar, e saqueassem seus bens. (BÍBLIA, 1885 p. 313)<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Na obra de Arendt, a autora descreve uma citação indireta de apenas uma parte do versículo bíblico, no entanto, optou-se pela integridade do trecho exposto para uma melhor compreensão do assunto.

O trecho mencionado pelo porta voz do ministro de Israel, expõe um fato histórico para os semitas e que revela um sofrimento já passado anteriormente. Obviamente que Hausner escolheu por Esther por se tratar de uma inferência a “Solução final” na medida em que o decreto impõe o extermínio dos Judeus e as ações nazistas de se apropriar dos bens semitas. A argumentação do porta-voz de Israel se perde em meio ao sentimento religioso e pode até persuadir o expectador desatento ou sem um determinado conhecimento teórico sobre o assunto. Para entender o verdadeiro interesse cabe lembrar que, no caso bíblico citado, há uma questão de vaidade, pois, Aman se enfurece com Mardoqueu, que recusa se curvar diante dele, mesmo após o reconhecimento por parte do rei Assuero, da autoridade de Aman. Movido por sentimentos pessoais, o primeiro “ministro de Assuero” não aceitava a rebeldia do servo que não dobrava seus joelhos diante de Aman. Daí a atitude de aniquilar os judeus e se apropriar de suas posses. Como foi fundamentado (sustentado na teoria de Bauman sobre o Holocausto), antes se constatou que, no caso do Nazismo, não foi primeiramente nem unicamente o ódio, vaidade, sentimento de repulsa etc., em relação aos semitas nem muito menos distúrbios mentais por parte dos membros do partido nacional socialista. O que havia de fato era o interesse pelos bens judeus e a necessidade de se livrar deles e isso foi o que levou à “Solução final”. Sem condições de deportá-los, a possibilidade de explorar a mão de obra até a morte com custos mínimos e a apropriação de seus bens materiais proporcionaram logística de produção e lucro. Outra passagem bíblica mencionada indiretamente foi:

E passando pelo pé de ti, te vi pisada no teu sangue: e te disse, estando tu coberta do teu sangue: Vive: eu, digo, te repeli: Ainda que coberta do teu sangue, vive. (BÍBLIA, 1885, p. 491)

A passagem acima que faz alusão à criação de Israel, mostra como em sua gênese está contida a violência, o sofrimento, a condenação ao padecer, entre outros. O versículo presente em Ezequiel foi uma má escolha por parte da acusação já que contém em seu discurso a vontade de Deus de ver a pátria dos semitas no padecimento. Outro argumento prejudicial ao porta-voz da corte seria a própria contradição em expor o sofrimento de Israel para tentar persuadir já que esse era a vontade de Deus e ele é soberano sobre todas as coisas como prega o próprio judaísmo.

Mas aquilo era má história e péssima retórica; pior, contrariava diretamente o depoimento de Eichmann em julgamento, sugerindo que talvez ele fosse apenas um inocente executor de algum misterioso destino predeterminado,

ou, quem sabe, do próprio anti-semitismo, talvez necessário para marcar a trilha da “estrada manchada de sangue que este povo trilhou” para cumprir seu destino. Algumas sessões depois, quando o professor Salo W. Baron, da Universidade de Columbia, deu seu testemunho sobre a história mais recente do judaísmo da Europa Oriental, o dr. Servatius não resistiu à tentação e fez as perguntas óbvias: “por que tamanho infortúnio se abateu sobre o povo judeu?” e “não acha que na base do destino desse povo encontram-se motivações irracionais? Além do entendimento do ser humano?”. Será que não existiria algo assim como “o espírito da história, que faz a história ocorrer [...] livre da influência dos homens?” será que o sr. Hausner não estaria basicamente de acordo com “a escola histórica do direito” — alusão a Hegel —, tendo demonstrado que aquilo que “os líderes fazem nem sempre leva ao objetivo e ao destino que pretendiam? [...] A intenção aqui era destruir o povo judeu e o objetivo não foi alcançado, e assim o novo Estado florescente passou a existir”. (ARENDR, 1999, p. 30-31)<sup>20</sup>

Portanto, eis a grande questão que leva a pensar que o povo semita não aceita seu destino predeterminado por seu Deus. Se se segue o discurso judaico se percebe que se não fosse Hitler, teria sido outro líder a determinar o extermínio dos judeus, pois, a história desse povo ainda tinha que ser marcada por mais sangue. Nesse caso o *Führer* seria inocente ou ainda um infortunado de cumprir o papel de mandante de uma desgraça inevitável. Assim o judaísmo deveria ter concebido o Nazismo como seu carrasco que não tinha escolha e ter associado os traços culturais do Nacional Socialismo: como a saudação romana de Hitler, a invasão com tanques, o hastear da bandeira nazista no monte Himeto, a organização do exército como o greco-romano, entre outros, como elementos do dominador já que os judeus em sua História já foram dominados por Roma. Então por que não se reconheceu essas características do dominador? E por que tentar achar culpados ao invés de infortunados? A resposta para as perguntas está no irracionalismo que faz parte da base do semitismo, como se o sofrimento dos que padeceram o Nacional Socialismo pudesse ser aliviado com a condenação do acusado.

Se Hitler, quando estava no comando do Estado, analisando-se pela ótica bíblica não seria culpado pela aniquilação judaica e isso se se segue à proposta do discurso semita o que se dirá de Eichmann? Ele foi um funcionário do Estado Nacional Socialista preocupado em cumprir seu dever enquanto subalterno. Mesmo na condição inferior do réu, ele nunca matou nenhum ser humano seja semita ou não e nunca deu uma ordem para assassinar, o burocrata nazista cumpria o papel de ser responsável pelo transporte dos judeus até os campos de concentração. Isso sem contar que antes da “Solução final” Eichmann tinha ajudado alguns

---

<sup>20</sup> A autora utiliza de aspas e colchetes para citar as falas recolhidos por ela durante o julgamento de Eichmann, portanto, não são *apud*.

semitas a saírem da Alemanha e da Áustria.

Bauman, ao comentar a concepção de Hannah Arendt, mostra como para a filósofa e para ele também os nazistas selecionaram seus funcionários para “Solução final”. Certificando-se que exterminadores eram sãos das faculdades mentais, os membros de maior escalão do Nacional Socialismo, afastaram qualquer indivíduo que executasse o extermínio por mero prazer (Cf. BAUMAN, 1998, p. 39). A semente dessa discussão sobre a sanidade dos membros se constata quando:

Arendt não só rejeita categoricamente toda imagem popular de nazistas como monstros “insanos” como ela faz uma rejeição muito mais forte e provocativa afirmando que o “mal radical” não pode ser explicado por “maus motivos” (BERNSTEIN, 1996, p. 142)<sup>21</sup>

Mas esse não era o grande obstáculo que a “Solução Final” tinha que transpor por isso Bauman, ao citar que “o problema era como superar não tanto a sua consciência, mas sim a piedade animal que afeta todo homem normal na presença do sofrimento físico.” (ARENDRT, 1999, p. 122). Por espontânea vontade ou não quando um indivíduo se via diante de sua ocupação enquanto funcionário do Estado nazista, executava suas obrigações com uma visão geral da coisa como Himmler propunha: “não exatamente eu fiz algo terrível, mas eu vi o horror no cumprir o dever”. Nos dias de hoje o homem executar trabalhos violentos seria uma tarefa mais facilmente convencível, pois, é só pensar como Seligmann-Silva expôs que os expectadores do pós-Segunda Guerra Mundial estão “anestesiados” com a violência necessitando a cada dia de um grau maior exibido pela mídia para sua satisfação.

“Amortecidos” com a violência exposta pela imprensa e cada vez mais almejando a estabilidade financeira os cidadãos do final do século XX e XXI disputam ferrenhamente uma vaga como funcionário do Estado. Isso acontece principalmente em países subdesenvolvidos onde a economia pode facilmente oscilar e preocupar a população. Perante a presença constante da violência midiática e motivados pelas vantagens de servidor público não se exerceria o trabalho com a premissa de que “sou profissional”? Agora se reflete sobre um cidadão na Alemanha nazista economicamente frágil e dominada pelo Totalitarismo.

---

<sup>21</sup> Em inglês: “Arendt not only rejects categorically the all too popular image of the Nazis as “insane” monsters, she makes a much stronger and more provocative claim-that “radical evil” cannot be accounted for by “evil motives.” (BERNSTEIN, 1996, p. 142)

Embora haja outros comentadores especialistas em Hannah Arendt, a tese se limitará a Bernstein e Duarte, pois, não se propõe uma longa discussão sobre problemas e tensões na Filosofia arendtiana o que seria mais adequado para uma tese na área da Filosofia. O objetivo aqui é mostrar como se pode ir aos campos da Sociologia e da Filosofia para contribuir com a teoria literária.

Eichmann aderiu ao Nacional socialismo por ser um típico jovem alemão do início do século XX que almejava ascensão social (Cf. ARENDT, 1999, p. 45). Sem contar que o réu não tinha como função o assassinato, apenas lidava com a parte burocrática de envio dos judeus aos campos de concentração e extermínio assim evidenciando também o fato de que o regime totalitário alemão foi fortemente apoiado pela massa.

Para Hannah Arendt, as sociedades modernas de massa do século XX assumem uma caracterização emparelhada entre trabalho e consumo. O que se faz e o que se consome atingiram no século passado proporções radicais de intensificação do par trabalho e consumo. Pensando-se na dinâmica do capitalismo no século XX, é impressionante como o sistema econômico se voltou extremamente para vender, ou seja, o indivíduo que procura por algo terá isso ofertado pelo capitalismo, por exemplo: o brinquedo eletrônico para presentear o filho, o celular multifuncional para esposa, o barbeador de mais lâminas para seu conforto, entre outros. De um utensílio mais básico para o dia-a-dia a acessórios comunistas como boinas do Che Guevara, bandeiras da antiga União Soviética, o charuto de Fidel Castro, estão disponíveis para compra. A filósofa alemã postula que a economia contemporânea não se caracteriza como uma economia do desperdício, pois isso acarretaria em uma mentalidade social em que tudo deve ser consumido e descartado quase que instantaneamente, havendo uma constante necessidade de renovação. Isso poderia levar o sistema econômico a um fim súbito e “trágico”

— Afinal, “somos” aquilo que fazemos e o que consumimos —, o próprio homem se tornou um item a mais a ser fabricado e consumido. Talvez isso possa explicar por que o século pôde ser caracterizado, simultaneamente, como século da multiplicação das “fábricas da morte” — Auschwitz, *gulag* e tantas outras formas de *apartheid* social e econômico. (DUARTE<sup>22</sup>, 2010, p. 112) [aspas e itálicos do autor]

Nesse contexto de autoritarismo é que Arendt se questiona sobre as ações de julgar e pensar humanas diante do mal. Como poderia então um indivíduo discernir eticamente entre o certo e o errado em uma sociedade em que os valores tradicionais se encontravam de lado? Como resistir ao mal diante das vantagens políticas e da persuasão midiática que induz os homens? Pedir socorro a que instância? Como se manter íntegro físico e psicologicamente? Como deter o terror desenfreado? Como decidir de forma autônoma pelas próprias ações? Perante esses questionamentos, a pensadora alemã discutiu o julgamento de Adolf Eichmann,

---

<sup>22</sup> Escolheu-se a obra de André Duarte, devido não somente ao respaldo do pesquisador que pertence ao G.T. Heidegger do Brasil, mas, pela qualidade de um texto que explora diálogos entre Heidegger, Arendt e Foucault (esse não é interesse da tese), ou seja, trata-se de um texto em que o autor conhece as diferenças entre os filósofos e estabelece um juízo imparcial acerca dos pensadores.

o funcionário do Estado nazista responsável pelo transporte de judeus para os campos de extermínio. O burocrata alemão, nessa perspectiva, serve como exemplo generalizador daqueles membros da massa social que foram incapazes de resistir à propagação do mal, no entanto, isso é determinante para definir como um indivíduo qualquer pode se tornar uma peça dentro de uma engrenagem de destruição em massa.

Nesse viés, pode-se conceber que pensar e julgar podem se constituir como uma forma de obstrução para o mal ou, de maneira oposta, o mal se caracteriza como obstáculo para pensar e julgar. No entanto, há exemplos de homens que se opuseram ao regime totalitário alemão. Se não se pode pensar e julgar diante das ações extremas do autoritarismo, Arendt faz entender que os dois atos se configuram de forma retrospectiva. Os cidadãos da Alemanha nacional socialista, conduzidos pela mídia, violência, política etc., como Eichmann e tantos outros se encontram isentos de pensamento e julgamento perante o Nazismo e tornaram-se obedientes ao regime. No caso do burocrata favorável à extradição, por meio do projeto Madagascar, sua obediência a Hitler foi tão extrema que, mesmo contrariando sua vontade, executou, com precisão, as ordens do partido alemão. Houve indivíduos que, diante do mal foram capazes de julgar e pensar, mesmo sem o auxílio de critérios prévios.

Arendt explica que os poucos indivíduos que se recusaram a praticar o mal resistiram em silêncio e, secretamente, não cumpriram as imposições do Totalitarismo. Negar as ordens do autoritarismo não qualifica nenhum desses homens como santos ou heróis e também não eram: “cidadãos particularmente versados em teorias éticas ou fiéis seguidores de quaisquer mandamentos religiosos.” (DUARTE, 2010, p. 442) A subversão das ações dos cidadãos que não se curvaram ao Nacional Socialismo, distanciando-se dos que se renderam ao regime Nacional Socialista, mostra como ao contrario dos que aderiram pelo automatismo e complacência com as novas regras sociais, políticas, econômicas, entre outras, esses indivíduos passivos foram capazes de julgar e pensar por si mesmos. A avaliação autônoma mostra como um cidadão adota como critério próprio sua consciência livre de culpa como se sua atitude de não aderir e não fazer nada diante do terror o livrasse do peso da culpa. É obvio que isso não mudaria o mundo, mas isentaria de culpa a consciência do indivíduo, ou seja, do profissionalismo de infligir à violência se justificando por meio de frases como, “cumprimento do dever, essa é minha obrigação, é melhor matar do que morrer” etc.

Destaca-se também que os resistentes passivos não podem ser considerados exemplos universais, como se suas condutas servissem de regras para as ações alheias. Então o que importa nesse caso? Importa que a conduta subversiva que o indivíduo pode assumir perante

casos específicos e particulares, no caso em questão o autoritarismo que se impôs à “democracia” quando a ação e o discurso do povo se encontram freados e as pessoas se deixam levar pelo que crêem, os que são capazes de pensar e julgar por si próprios se mostram com evidência, pois são incapazes de aderir ao terror. Essa exposição de Hannah Arendt se caracteriza pela singularização do homem que de forma ética e política decide pelo não comprometimento com mal, portanto, o pensar é “a própria busca de sentido, compreensão e reconciliação com o mundo.” (DUARTE, 2010, p. 445). Assim, entre o eu e mim mesmo que constitui o homem deve sempre haver um conciliação para que, dessa forma, o discurso público não conduza o indivíduo<sup>23</sup>. É na experiência de dialogar consigo mesmo que o eu encontra o amigo que reside no homem que se configura como dois em um e se estabelece um acordo entre ambos.

Cabe ao indivíduo interromper suas ações e assim se encontrar a sós, tal solidão não se concretiza efetivamente, pois, como já se viu o eu se harmoniza com o outro eu. No diálogo com o amigo que habita o homem se realiza o pensar e julgar as ações. Isso é possível se o indivíduo garantir a reconciliação entre o eu e o amigo, pois, se essa relação se fizer desarmônica será impossível e não haverá decisão singular. Decidido de não agir o cidadão opta por uma ética da negatividade, porque o que está em questão não é a ação “virtuosa” ou não, mas a passividade, ou seja, a inação diante das regras que são impostas. Isso é que fez alguns cidadãos ficarem “inativos” quando o terror se instaurou. A convicção de conviver consigo mesmo, diante de situações extremas e excepcionais é o que homem deve ter consigo para pensar e julgar, pois a certeza de que, enquanto ele estiver com vida, conviverá de forma silenciosa com o amigo que habita (Cf. DUARTE, 2010, p. 446) garantindo sua ética negativa perante o autoritarismo e outras situações extremas. O amigo é a voz da consciência que deve ser escutada pelo eu que não se deixará conduzir pelo discurso público e/ou por normas homogêneas e ensurdecadoras de comportamento que impedem a voz do outro eu.

A ética negativa de que Arendt fala explica a condição em que o eu forja para si o amigo que não pode se tornar estranho. É com base no outro que faz parte do duplo que constitui o indivíduo que os demais e as situações são avaliados. É necessário expor que o pensar e julgar não se confundem com o egoísmo motivado por peculiaridades subjetivas patológicas, mas, “pela capacidade do indivíduo de deleitar-se com algo ou alguém”. (DUARTE, 2010, p. 447). Isso nada mais é do que o sentimento desinteressado pelo bem-

---

<sup>23</sup> Cabe ressaltar que embora se tenha falado em decisão e singularidade do capítulo anterior diferentemente de seu mestre Heidegger, que fundamenta sua teoria dentro de parâmetros transcendentais, Hannah Arendt recorre a um método não-metafísico situando sua concepção nos campos ético e político.

estar público, ou seja, estar de acordo com decisões políticas que não lhe trarão benefícios de imediato e nem fazem parte de um interesse particular. Obviamente que o pensar e julgar do homem ultrapassa suas particularidades de querer o melhor para si e a pensadora alemã não oferece conceitos acabados para explorar suas ideias, mas propõe que o homem possa pensar por si mesmo e decidir como lhe convém. É na solidão consigo mesmo que não se deve fazer algo que possa ser estranho ao amigo que pertence ao duplo que somos e decidir por si mesmo no diálogo silencioso que se realiza no pensamento assim

Conforma-se plenamente com sentimento desinteressado da felicidade pública, isto é, com a capacidade de contentar-se com decisões políticas que concernem a todos, sem levar em consideração o interesse imediato particular. Tal escolha de si, que é sempre simultaneamente uma escolha dos outros com os quais queremos conviver. (DUARTE, 2010, p. 447)

O comentador André Duarte mostra que Arendt expõe como exemplos dessas pessoas que se quer conviver: indivíduos já falecidos ou não, cidadãos reais ou ficcionais e episódios do passado ou do presente. (Cf. DUARTE, 2010, p. 447) A filósofa alemã reconhece como na modernidade os indivíduos passam pela dificuldade de pensar e julgar por si mesmo, ou seja, de representação e autoescolha. Para a pensadora, o homem moderno passa pela complexidade de representar a todos e incluir-se a eles assim como passa pela crise de ser capaz de se interessar pela “felicidade pública”.

Tais capacidades e sentimentos encontram-se arriscados a desaparecer da face de um mundo quase inteiramente governado por interesses privados, manifestos pela primazia do econômico sobre o político e pelo primado dos interesses vitais do *animal laborans*, dentre os quais se destacam o consumo desenfreado e a fruição pública do corpo e de suas satisfações estritamente privadas, entendidos como ápice da felicidade humana. Tal crise se comprova a demais, pelo simples fato de que em geral as massas jamais se preocuparam em escolher a si mesmas e aos demais pautando-se por exemplos públicos; pelo contrário, muito mais frequente é a total indiferença em relação a si e aos outros. (DUARTE, 2010, p. 447-448)

Aí mora a banalidade do mal: na incapacidade de escolher por si mesmo, de preocupar-se com o outro, de representar a todos e incluir-se, de optar pelos próprios exemplos, a recusa e incapacidade de se relacionar com os outros etc. Assim no pensamento arendtiano, aparecem os *skandala*, os crimes apontados por Jesus Cristo que leva a se pensar sobre questões extremas e reagir afirmando que tal coisa não deveria ter acontecido. Nessa empreitada a concepção de Baumann dialoga com a da filósofa alemã, pois, o sociólogo

demonstra como o Nazismo era constituído por um processo burocrático racional típico da modernidade capitalista assim como para a pensadora a deficiência de autoescolha e representação pode ser compreensível pela “condução” alheia; nesse caso a proposta de economia, política, mídia nazistas, entre outros, são “suportes” para banalidade do mal. A consequência, portanto, não poderia ser outra se não crimes brutais cometidos por cidadãos incapacitados de pensamento e juízo próprio que levariam a passividade.

Agora que já se explicou a leitura de Arendt feita por Duarte, é necessário mostrar um ponto do pensamento heideggeriano da década de 1930 que a filósofa não conheceu por causa da publicação tardia dos textos iniciada somente em 2002. Será tratado, em *Ser e Verdade*, o tópico da política idealizado por Heidegger, que o comentador brasileiro não explora e, conseqüentemente, não faz dialogar com pensamento arendtiano. Veja-se como o filósofo alemão concebe a questão.

Heidegger mostra que a História da Filosofia<sup>24</sup> criou grandes textos, porém estes são provas da decadência do desvirtuamento da questão fundamental. Saber como aconteceu este desvirtuamento é o esclarecimento e orientação que o ser-aí histórico [*geschichtlichen Daseins*] necessita para ir até a essência da questão fundamental, uma ida até o passado onde ela foi esboçada e em um movimento transcendental, colocar-se e permanecer na questão. Mas a conquista da questão fundamental: “deve acontecer mediante de uma confrontação histórica com Hegel” (HEIDEGGER, 2001, p. 13, § 4)<sup>25</sup>, pois este filósofo representa, segundo Heidegger, a concentração de toda a história da Filosofia, ou seja, Hegel representa tudo o que a Filosofia não é. Veja-se como se dará este embate com Hegel (1770-1831) na História transcendental.

Hegel é a posição central [*Hauptstellung*] da História da Filosofia, pois representa a concentração de todo o encobrimento da Filosofia que se deu dos gregos até ele, ou seja, a condensação de toda tradição filosófica. Ao mesmo tempo, ele assume uma posição de divisor de águas, pois Kierkegaard e Nietzsche fizeram uma Filosofia oposta à de Hegel. É em uma confrontação [*Auseinandersetzung*] com o filósofo de Stuttgart, no terreno da Metafísica que, a História da Filosofia falará ao povo alemão por ser questionada e é neste questionamento que se retoma a questão fundamental e se espiritualiza a ação futura do povo. Cabe a cada membro do ser-aí popular alemão enquanto ser-com [*Mitsein*] decidir pela questão fundamental, em sua liberdade e função da qual cada um tem um compromisso consigo

---

<sup>24</sup> Em nota no primeiro capítulo já se disse que o tópico não é interesse de desenvolvimento.

<sup>25</sup> Em alemão: “Dies soll geschehen durch eine *geschichtliche Auseinandersetzung* mit Hegel.” (HEIDEGGER, 2001, p. 13, § 4) [itálico do autor]

mesmo e com o povo. Heidegger fala aos calouros da Universidade de Freiburg<sup>26</sup> que a questão não será imposta e ninguém os interrogará se querem ou não decidir pela por ela, porém cabe somente ao povo decidir ou não pela conquista de seu destino. O ser-aí popular alemão é constituído em sua liberdade pelo comprometimento e convivência do homem histórico de um com o outro (ser-com)

Em *Ser e Verdade*, Heidegger propõe uma exposição do pensamento hegeliano, pois é necessário compreender esta concepção porque, desta forma, o fenomenólogo faz uma preparação para um confronto com Hegel, um embate contra este filósofo, que para o autor de *Ser e Verdade*, concentra toda a decadência da História da Filosofia. Heidegger sustenta uma tese do princípio da contradição no pensamento teológico hegeliano, pois, para o fenomenólogo, a *Ciência da lógica* começa sua argumentação com o Ser que é indeterminado, nesta indeterminação é o Nada [*Nichts*], em seu estado de pureza, e ao mesmo tempo, não é o Nada. Todavia, é um devir [*Werden*], uma transição do Ser para o Nada, um tornar-se. Ambas as categorias Ser e Nada desaparecem diante da oposição que cada uma faz a outra, ou seja, a princípio se igualam depois se contradizem. Mesmo estabelecendo a contradição, Hegel tenta lidar com conceitos metafísicos, porém, ele comete outra contradição, pois em *Ciência da lógica* o objeto é o pensamento [*das Denken*], mais especificamente o pensamento apreensivo [*begreifende Denken*]. Eis um impasse, a ciência da lógica proposta por Hegel se inicia com argumentos metafísicos e não lógicos, ou seja, a metafísica hegeliana começa com o princípio do Ser, embora, de forma desvirtuada e depois se contradiz colocando como objeto da lógica o pensamento apreensivo.

Outro princípio da contradição que aparece em Hegel está em sua dialética, esta consiste, em um primeiro momento, em uma articulação em que a ideia [*Idee*] se constitui em sua totalidade no pensamento e determina-se a partir de si mesma, o absoluto [*absolut*]. Este absoluto opõe-se a si mesmo estabelecendo um princípio de contradição, uma natureza [*Natur*]. Chega-se ao espírito [*Geist*], quando o absoluto se torna um novo conceito, um produto da razão [*Vernunft*] onde se suspendem e cessam<sup>27</sup> todas as oposições [*Gegensätze*]. Heidegger não desconsidera as oposições, pois as reconhece como um fator da vida [*Faktor des Lebens*], porém a concepção hegeliana é para o fenomenólogo uma limitação e uma incompreensão ontológica da diferença entre ser e ente. Se o absoluto se opõe a si mesmo, gerando uma contradição, eles são não iguais em não, em não ser, ou seja, são onticamente

---

<sup>26</sup> É importante frisar que o filósofo está falando no ambiente universitário onde ele julga que, se iniciará a orientação que o ser-aí popular necessita para retomar sua missão político espiritual.

<sup>27</sup> Resolveu-se traduzir o termo alemão *aufheben* por suspender e cessar, pois, na dialética hegeliana, quando se chega ao espírito, há uma suspensão que é temporária e uma cessação que é definitiva.

opostos e iguais no sentido ontológico do Ser.

Agora já se compreende como a Metafísica foi lógica, científica, teológica e método matemático. A Metafísica foi incapaz de questionar pelo ser dos entes, ela precisa ser conquistada, mas como ela pode ser conquistada? A partir de um confronto com a Filosofia de Hegel que concentra toda a Metafísica vigente na História e, assim, conquistar a Metafísica de fato iniciada pelos gregos antigos. Este confronto com a Filosofia hegeliana é um embate em que se falará toda a História do espírito ocidental [*abendländische Geistesgeschichte*], toda decadência que foi a Filosofia. A práxis alemã é, segundo Heidegger, hegeliana, ou seja, constituída de uma perplexidade [*Verlegenheit*] que está condensada como se fosse um bloco todo o encobrimento da História da Filosofia, incapaz de questionar pela diferença ontológica entre Ser e ente. O embate com Hegel permitirá ao ser-aí popular assegurar-se de seu destino entre os povos, o destino pela conquista de sua Metafísica, pois o povo alemão é o único entre os povos que tem sua Metafísica, porém necessita conquistá-la.

O confronto com Hegel, a conquista pela Metafísica e pelo destino, é a conquista pelo ser, pelo Estado que é o Ser que determinará as possibilidades do povo. O Estado é inicialmente formativo e o ser-aí se encontra no Estado. No entanto, o Estado alemão vigente é hegeliano e concentra, como já se viu toda uma perplexidade, por isso, o confronto com Hegel e opondo-se a ele que o povo criará o Estado, se colocará na questão fundamental e conquistará seu destino único entre os povos. Heidegger vê a necessidade do ser-aí popular combater o estado alemão vigente, pois aí reside a oposição ao encobrimento, já que Hegel concentra todo o encobrimento da História da Filosofia.

Heidegger propõe o novo modelo estatal alemão, por isso, o filósofo alemão começa sua articulação sobre a colocação na questão fundamental da Filosofia na Universidade. O autor de *Ser e Tempo* expõe a necessidade de retirar da Universidade alemã a ideologia de Hegel. Mas por que este interesse pelo lugar que Hegel assume na cultura alemã? Justamente, porque o fenomenólogo quer tornar-se ideólogo do Nacional Socialismo. Ele propõe que a Filosofia, não a vigente, mas, a autêntica que interroga pela questão fundamental, que será construída com a conquista do destino alemão de ir até os gregos antiquíssimos é a base do pensamento heideggeriano que alimentará o Estado alemão, este, por sua vez, determinará as possibilidades do povo, pois o Estado regerá o ser-aí popular, no entanto, este pode criar o Estado.

A práxis do povo alemão, o Estado, a Universidade, a Política e a Filosofia vigentes são uma perplexidade que concentra toda a decadência do espírito ocidental, a Filosofia de

Hegel. Segundo Heidegger, o povo alemão precisa criar um Estado autêntico garantindo seu destino entre as nações. A criação deste Estado nutrido com o pensamento heideggeriano será construída tendo como antímodo a Filosofia de Hegel. Estes argumentos explicitam como o fenomenólogo lança seu questionamento na década de 1930, mostrando um vínculo político-filosófico.

A articulação de Heidegger de conceber para o destino do povo alemão a conquista da questão fundamental da Filosofia e o ser-com como ser-aí popular alemão, mostra um possível aspecto da autoescolha arendtiana de ser capaz de se relacionar com os outros. Porém, é necessário esclarecer que para a filósofa a proposta de seu mestre não seria admitida não unicamente pelo fato de Arendt se afastar da Fenomenologia, mas, porque além de negar consequências sociais ocasionadas pelo destino a ação do povo para o pensador seria uma exclusividade dos alemães e o relacionamento com o outro estaria restrito aos de origem germânica. É evidente que Heidegger não expôs em sua concepção nenhum tipo de autoritarismo ou violência contra o homem e que seu pensamento continua tão fenomenológico quanto na década de 1920, todavia, para Arendt que sustentava um pensamento não metafísico, estaria diante de uma situação complexa em que talvez não pudesse acusar a ideologia de seu mestre como uma morada da banalidade do mal, pois, para ele, o olhar sobre o homem se dá por uma via ontológica enquanto para filósofa por um caminho não metafísico. Esses impasses não abordados por André Duarte, servem para que se possa pensar se o mal pode ser possível apenas no plano não metafísico, metafísico ou nos dois. Segue-se, então, a necessidade de explorar o conceito de Totalitarismo desenvolvido pela pensadora alemã.

É essencial para o Totalitarismo o apoio das massas [*masses*], pois este se caracteriza pelo constante movimento e adaptabilidade. Como exemplo na antiga União Soviética, Stalin ficou com o lugar de Lênin exatamente, porque para haver continuidade se necessitava de um novo líder que, por sua vez, utilizava da máquina da propaganda para renovar sua imagem para o povo, no entanto, tal utensílio não foi usado pelo primeiro líder comunista. No caso da Alemanha de Hitler se apostava radicalmente na mídia comandada pelo chanceler Goebbels para que sua figura estivesse sempre com um novo fôlego. O movimento necessário para manutenção do Totalitarismo revela uma constante carência de renovação e isso leva a concluir que os líderes mesmo imortalizados pela História são esquecidos ou deixados de lado. A concepção de que o culto aos “senhores” dos regimes autoritários mesmo que surjam vez por outra é uma falsa impressão de que eles não precisam renovar suas imagens. Isso

clarifica que, mesmo para aqueles que ainda se encontram vivos, após terem vivenciado e apoiado tais regimes, os líderes não têm mais a mesma força que transmitiam no passado quando estavam no poder.

Tanto Hitler quanto Stalin comandaram e chegaram ao poder com o apoio das massas e assim enfrentaram crises. No caso do primeiro a ascensão ao comando político alemão aconteceu dentro da legalidade, no segundo a lenda de que ele chegou ao poder por meio de uma conspiração depois da morte de Lênin são argumentos insustentáveis que naufragam quando se compreende a popularidade que Stalin obtinha em meio ao povo e que era proporcional à do líder nazista. Não se pode entender o povo como inocente e sem consciência de seus atos como se fossem completamente persuadidos pela mídia, pois o desinteresse pela “felicidade pública”, como se expôs antes, afeta fortemente o homem moderno assim a conduta do indivíduo é caracterizada sem pensamento e sem juízo próprios, sendo conduzido pelo econômico que se impõe ao político no autoritarismo, portanto, tais ações não podem ser consideradas inocentes uma vez que abdicam de ser inativos diante do terror deixando que o mal seja banalizado e também é fundamental entender que

A relação entre a sociedade de classes dominada pela burguesia e as massas que emergiam do seu colapso não é a mesma entre a burguesia e a ralé, que era um subproduto da produção capitalista. As massas têm em comum com a ralé apenas uma característica, ou seja, ambas estão fora de qualquer ramificação social e representação política normal. As massas não herdam, como faz a ralé, os padrões e atitudes da classe dominante, mas refletem, e de certo modo pervertem, os padrões e atitudes de todas as classes em relação aos negócios públicos. Os padrões do homem da massa são determinados não apenas pela classe específica a qual pertenceu, mas acima de tudo por influências e convicções gerais que são tácita e silenciosamente compartilhadas por todas as classes da sociedade. (ARENDRT, 1989, p. 364)

Fica claro que, embora se possa qualificar a ralé [*mob*] como parte da massa, a pensadora alemã estabelece diferenças entre ambas. É relevante também o fato de que os líderes totalitários assumiam posturas populistas e condutas criminosas não eram efetuadas por parte deles de forma que os incriminassem com total culpa, como se as massas estivessem à parte de tal situação. Pois, elas conheciam o que havia de verdadeiro nas propagandas assim como desconheciam também o que havia de falso. É nesse jogo de franqueza e falsidade que os excluídos socialmente tinham convicção de atos bárbaros realizados por líderes autoritários, pois,

Não se pode atribuir essa popularidade ao sucesso de uma propaganda

magistral e mentirosa que conseguiu arrolar a ignorância e a estupidez. Pois, a propaganda dos movimentos totalitários, que procede a instauração dos regimes totalitários e os acompanha, é invariavelmente tão franca quanto mentirosa, e os governantes totalitários em potencial geralmente iniciam suas carreiras vangloriando-se de crimes passados e planejando cuidadosamente os seus crimes futuros. (ARENDDT, 1989, p. 356-357)

Embora a ralé reconheça a violência como perversão essa classe social legítima como astúcia, a agressão. Os apoiadores do Totalitarismo obtinham a crença altruísta que levou o regime ao sucesso nas sociedades em que foram aplicadas e isso se deu devido à radicalização de não se perder o *status* de membro do autoritarismo. Quando se pensa no desinteresse dos adeptos do Totalitarismo pelos inimigos dos regimes que vem a ser violentados isso em certa medida é compreensível ao se perceber que se tratam de opositores. Já quando se tem o autoritarismo se voltando para seus próprios apoiadores aplicando agressões: do tipo trabalho forçado, tortura, pena de morte, entre outros, mesmo assim, a ralé apoia o opressor, ou seja, até quando eles passam a ser o alvo continuam adeptos do regime, desde que sejam reconhecidos como legítimos membros. Nessa perspectiva, eles mesmos são capazes de elaborar, colaborar e tramar as suas próprias acusações, julgamentos e sentenças. Fica perceptível que o desinteresse pela “felicidade pública” inclui o próprio indivíduo em tal situação se deixando conduzir “por poderes externos”. Assim se constata que cidadãos partidários de regimes autoritários seja parte do governo ou apenas civil não lutam por nenhum idealismo, mas, pela convicção e decisão que nasce dentro de si e que se pratica na experiência social.

O que se dizer dos fanáticos? O fanatismo é uma forma de idealismo diferente das outras, pois, ele permanece até quando o Totalitarismo não coloca em perigo tais indivíduos. O colapso dentro do movimento autoritário provocando abalo em de sua estrutura organizacional elimina qualquer convicção fanática que se sustentava durante o êxito do Totalitarismo. Porém, enquanto essa estrutura não for chocada os fanáticos se mantem inabaláveis pela experiência, conformismo, argumentação e identificação com o movimento. Essas quatro categorias provocam no cidadão fanático uma aparente imagem de “anestesiá-los” diante de situações extremas como temor pela morte, tortura, trabalho forçado etc.. Esclarece-se que a forma de idealismo tolo ou “heroico” da ralé mencionado acima não só se diferencia do fanatismo como mostra uma radicalização de convicção pró-autoritarismo capaz de resistir as mais extremas condições. Nessa ótica a concepção de Arendt expõe o que Seligmann-Silva não explorou, ou seja, a possibilidade de indivíduos que experimentaram condições extremas de violência diante do Totalitarismo e da guerra sem sofrerem, acidente

traumático, choque, reminiscências, entre outros,<sup>28</sup> portanto, não são testemunhas. O que seria então o relato de terror desses cidadãos? Talvez fosse necessária uma longa pesquisa para responder com minúcias tal questão, no entanto, é possível concluir que não seria como afirma o teórico brasileiro: “um canto ou lamento dos que sobreviveram ou se foram”.

A pensadora alemã mostra como o Totalitarismo “organiza” apenas as massas e não as classes sociais. Levando seu interesse para esses grupos sociais, o autoritarismo precisa de condições favoráveis de contingente mesmo que outras como ondas antidemocráticas de caráter totalitário estejam em vigor. Na Itália de Mussolini, o número de criminosos era relativamente pequeno, as sentenças de condenação eram suaves como reclusão de menos de dez anos ou exílio, sem contar os mais de doze mil presos julgados inocentes. Por isso, Hitler demonstrava certo desprezo pelos seus aliados. Hannah Arendt explica que o regime fascista italiano era de caráter não-totalitário dessa forma a filósofa utiliza das palavras de Goebbels para afirmar que o regime de Mussolini flutuava na superfície enquanto que o nazismo atingia a profundidade das raízes e em seguida a pensadora alemã expõe como Himmler compartilhava da mesma opinião, destacando que, entre o Fascismo e o Nazismo, não havia comparações em dimensões de espírito e ideologia (Cf. ARENDT, 1989, p. 359).

Destaca-se como o Totalitarismo atinge as mais diferentes formas de ideologia quando se pensa nelas na *práxis* social. Como exemplo dessa afirmação é só se pensar na proporção extrema que os comunistas soviéticos governaram, pois, embora tenham sido espiritual e ideologicamente opostos ao Nacional Socialismo, eles também adotaram uma postura autoritária enquadrada dentro da noção arendtiana. Hitler, mesmo reconhecendo essas diferenças de ideologia entre o Comunismo e o Nazismo admirava, na mesma proporção, o Totalitarismo soviético sendo semelhante em autoritarismo o *Führer* pensava na hipótese de aliança com a União Soviética. A recíproca era verdadeira da parte de Stalin que afirmou que o único homem em quem confiava era o líder nazista.

Pensando no caso do Nacional Socialismo e de países de população pequena na Europa tomando como base a Alemanha, segundo Arendt, se implantou inicialmente um regime de caráter ditatorial. Isso aconteceu devido ao pequeno contingente dessas nações e, porque seus líderes não queriam perder o pouco apoio dos adeptos que tinham. Nesse

---

<sup>28</sup> Pode-se pensar na hipótese de que valesse a pena discutir como apesar do pensamento arendtiano tratar de exemplos de indivíduos que passaram por situações extremas em nada sua ideologia carece de psicanálise. Pois, dessa forma se cairia na inocência de uma briga ideológica em que os heideggerianos, por exemplo, poderiam acusar a pensadora alemã de faltar em sua Filosofia fenomenologia já que Arendt expõe a decisão como própria do indivíduo. Já se ressaltou em nota anterior que a concepção arendtiana é não metafísica e como qualquer Filosofia se sustenta dentro do método que o pensador explora. Não se irá adiante nessa discussão, porque não é o objetivo da tese.

princípio os ditadores sem a quantidade de material humano necessário para o Totalitarismo e com quase nenhuma possibilidade de conquista de território eram obrigados a moderar suas atitudes. Isso acontecia por causa da necessidade de não se ter perdas populacionais. Assim se explica como o Nazismo ficou bem abaixo da antiga União soviética em termos de crueldade. Como a nova proposta política alemã da época carecia de números humanos para seu total desenvolvimento a guerra foi um evento de fundamental importância, pois, assim, as “raças inferiores” começaram a ser sacrificadas após a conquista do Leste europeu. A máquina de destruição Nacional Socialista se encontra nesse período em fase de desenvolvimento do autoritarismo, pois, só se conheceria o regime em total conclusão se Hitler tivesse vencido a guerra isso, porque voltaria o extermínio para o próprio povo alemão em que seriam executadas famílias que se tivessem casos de doenças cardíacas e pulmonares. Pode-se pensar que nessa condição nem só as massas teriam sido afetadas com a suposta vitória alemã na Segunda Guerra Mundial e que o esgotamento de material humano leva o Totalitarismo ao colapso.

Os líderes totalitários são grandes exemplos de indivíduos incapacitados de representação e autoescolha e desinteresse pela “felicidade pública”. Isso se compreende quando se conhece a gênese dos líderes, porque

Nem o nacionalismo tribal nem o niilismo rebelde são característicos das massas, ou lhes são ideologicamente apropriados, como o eram para a ralé. Mas os mais talentosos líderes de massa de nossa época ainda vieram da ralé, e não das massas. (ARENDR, 1989, p. 367)

Portanto,

O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar a uma organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto. (ARENDR, 1989, p. 361)

*Grosso modo*, a massa é neutra e a ralé radical. Desse extremismo que emergem os líderes totalitários dispostos a governar e infligir a violência às massas, ralé, classes “superiores” e demais. Os guias do Totalitarismo são homens que caso não tivessem no poder seriam dotados de atitudes radicais em prol do autoritarismo. Isso levar a concluir que suas condutas não se sustentam apenas por eles estarem no comando, mas, se explicam pela sua origem na ralé.

Pode-se concluir que a teoria do trauma e do testemunho, elaborada por Seligmann-Silva apresenta uma tensão ao sobrepor o aspecto ético ao estético caracterizando dessa forma um determinado abandono da obra literária enquanto obra, ou seja, enquanto objeto estético. A ida até a concepção de Bauman pôde mostrar como as consequências de violência do século passado são resultados inevitáveis de uma sociedade moderna composta por duas faces uma que proporciona o espetáculo da mídia, o conforto do entretenimento, a rapidez dos *fast foods* etc. e outra que se caracteriza pela agressão física voltada para o indivíduo social. Por meio do pensamento de Arendt foi possível compreender como o indivíduo está sujeito à banalidade do mal, a ser incapaz de se reconhecer e autoescolher, entre outros, mostrando assim um descomprometimento com a felicidade pública. Utilizando-se as concepções do sociólogo polonês e da pensadora alemã, se pôde ampliar a visão sobre o Nazismo nas características éticas indo além do que o teórico brasileiro constatou, pois, para esse último, o destaque na análise sobre o Nacional Socialismo é dado, exclusivamente, às vítimas, enquanto que Arendt e Bauman expandem sua ótica aos agressores também. Cabe agora explorar o ponto de vista fenomenológico concebido por Heidegger, evidenciando-se o aspecto não valorativo de uma decisão ética ou não e as relações que a Estética da Recepção estabelece com a Hermenêutica, servindo de apoio para discussão do prazer estético.

### 3. HERMENÊUTICA FILOSÓFICA LITERÁRIA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: CONFRONTOS E APROPRIAÇÕES

Quando se pensa em definir a Hermenêutica e se usa a concepção de Benedito Nunes (1929-2007), em *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético* (1999), é possível constatar, *grosso modo*, que se trata de uma teoria geral da compreensão. Sendo a área em questão objeto de estudo tanto da teoria literária quanto da Filosofia, assim se concebe como o autor paraense se coloca diante da fronteira entre as duas. É exatamente neste limite que o artigo se propõe trabalhar, pois a eleição principal do teórico paraense pelo pensador Martin Heidegger não é inocente; o filósofo alemão sempre manteve seu pensamento envolvido com a Hermenêutica, bem como utilizou textos literários que servem de imagens para conceitos que explorou. Será também abordada a Estética da Recepção de Hans Robert Jauss (1921-1997), que estabelece diálogo com a Hermenêutica, uma vez que a teoria jaussiana consiste na relação dialógica [*dialogisch*] entre leitor<sup>29</sup> e obra, em que o primeiro assume uma postura de compreensão do texto literário na experiência estética. O teórico da recepção também buscou, na filosofia de seu mestre Hans Georg Gadamer (1900-2002), bases para sua concepção; dialogando com a teoria geral da compreensão construída pelo autor de *Verdade e Método* (1960). Em geral, busca-se entender a relação entre Estética da Recepção e Hermenêutica, não fazendo uma interpretação filosófica, mas pensando em nexos que podem levar uma a uma relação de contribuição para ambas teorias.

#### 3.1. Da Hermenêutica à teoria literária

Benedito Nunes usa como autor central para a discussão sobre Hermenêutica, Heidegger. Pode-se conceber como o autor paraense lida com a proposta do filósofo alemão, que parte da própria prática para descrever os entes, assumindo, dessa forma, o paradigma da Fenomenologia que rompe com a tradição filosófica Metafísica, Estética, Ética etc. que procurava interpretar os entes [*Seiende*]. Notoriamente, surge a pergunta: em que consiste a relação entre Hermenêutica e Fenomenologia? Foi afirmado anteriormente que uma definição grosseira de Hermenêutica seria uma teoria geral da compreensão, no entanto, a Fenomenologia se ocupa em descrever esse ato de compreensão e não interpretá-lo à maneira tradicional. O método hermenêutico-fenomenológico de Heidegger consiste em superar o par

---

<sup>29</sup> O termo será concebido aqui como transcendental e em Jauss o leitor está articulado com o ser-aí de Heidegger e com sujeito transcendental de Gadamer como será abordado adiante.

tradicional, sujeito e objeto, formulado pela teoria do conhecimento. Sobre esse aspecto, o termo heideggeriano ser-aí [*Dasein*] contém em si, em sua transcendência, as possibilidades [*Möglichkeiten*] de constantes e variáveis relações de sentido consigo mesmo e com os outros entes. Logo, este ente pode se relacionar com seu Ser [*Sein*] e com o Ser dos outros entes; está em uma dimensão de um *a priori* ontológico que antecede a cognição e a *práxis*. Portanto, antes mesmo de um ato psíquico ou uma ação do mundo prático, o ser-aí existe enquanto possibilidade, ou seja, Ser-no-mundo [*In-der-Welt-sein*].

Como Ser-no-mundo, o ente humano pode se relacionar com a utensilidade [*Zuhandenheit*] dos outros entes, estando envolvidos pela usualidade deles ou até mesmo pela malha de referências ônticas oferecidas pelo cotidiano [*alltäglich*]. Isso quer dizer que, se está diante de um computador verificando na Internet produtos para comprar, ao redor, estão as paredes de um quarto, à frente uma mesa com canetas, abaixo uma poltrona etc. (Cf. CASANOVA, 2006, p.105-106), esta situação fática [*Faktisch*] constitui uma ocupação [*Besorgen*] em que o ser-aí realiza suas possibilidades a partir do Ser dos outros entes que se ocupa sem a compreensão deles. A imersão no cotidiano, na intramundandade [*innerweltlich*] do ente, que é utensílio, não quer dizer que o ser-aí não saiba o que é uma caneta, que deixe de saber para que serve um copo, ou até mesmo que não saiba atravessar uma rua, entre outras coisas; mas manifesta [*Offenbarkeit* (manifestação)] o Ser encoberto, tendo como referência aquilo que o mundo lhe oferece. Como tendência ao encobrimento [*Verborgenheit*], o ser-aí não questiona a simples possibilidade de usar talheres durante a alimentação, utilizar uma condução para ir ao trabalho, deitar na cama no final do dia e dormir, e assim por diante; simplesmente realiza essas ações.

Fechado [*Verschlossen*] para as suas próprias possibilidades, o ser-aí mantém a sua existência [*existenzziel*] conduzida pelo Ser dos outros, preocupando-se com os outros seres-aí. Nessa relação de projeção de um ente humano para o outro acontece uma relação diferente de quando se trata de lidar com entes intramundanos, pois os entes que são utensílios não existem, pois não mantêm relações de sentido consigo mesmo e com os outros entes. Apenas o ser-aí pode se realizar com seu Ser e com o dos outros entes; logo, os intramundanos, unicamente, são, e não existem em termos de existência. Assim a projeção entre duas existências é o que Heidegger denomina de preocupação [*Fürsorge*]. O nexos entre ocupação e preocupação resultante de continuidade de relações cotidianas é o encobrimento do Ser do ente humano na decaída [*Verfallen*], pois, nesta dinâmica, o ser-aí simultaneamente se mantém fechado, mostrando somente a não-verdade [*Un-wahrheit*] e estando em seu Ser impróprio

[*Seinsunmöglichkeit*]. Situa-se, até o momento, a discussão em torno da tendência existencial [*existenzial*] do ente humano que segue, na maioria das vezes, sua inautenticidade [*Uneigentlichkeit*] ligada ao mundo fático em que a manifestação [*Offenbarkeit*] de seu Ser tem como referência os entes intramundanos e outros seres-aí.

A existência humana, fechada para o Ser autêntico [*Eigentlich*], está na fuga [*Flucht*] de sua apropriação e sente-se ameaçada [*Bedrohung*] pelos outros entes e seres-aí. Assim, o temor [*Furcht*] cai sobre ele e se comporta [*Verhalten*] de uma forma que ramifica em uma sucessão de ações condicionadas, pela projeção constante ao outro, o Ser da decaída [*Verfallensein*]. Portanto, o ente humano age mediado pelo pré-ontológico [*vorontologisch*] em que o ente útil se faz útil, uma pragmaticidade [*Zeughaftigkeit*], pois o seu Ser e o Ser da outra existência é o que torna possível a ação do ser-aí. O temor da morte, a ameaça de um carro em alta velocidade, a solidariedade com o próximo, *v.g.*, são exemplos de modo de Ser [*Seinsart*] em que o ente humano não pode ver suas possibilidades a partir de si mesmo. A existência humana está unicamente se ocultando [*Verbergung*] em sua impossibilidade de Ser [*Seinsunmöglichkeit*] se ocupando e preocupando ela se mostra na abertura ôntica [*Erschließung*] que remete exatamente para o fechamento do ser. Dessa maneira, o ser-aí se conforta devido à proteção [*Sicherung*] que o mundo fático lhe oferece. Comprova-se que, até agora, lidou-se com as categorias existenciais que dizem respeito à tendência do ente humano de imergir no mundo fático. A preliminar compreensão assume sua importância para se entender como algo antecede a compreensão que será tratada a seguir.

Além da condução que guia o ser-aí para se realizar, na maioria das vezes, a partir do discurso sedimentado também há a possibilidade da tonalidade afetiva [*Befindlichkeit*] das quais se destaca a angústia [*Angst*], que se pode abater sobre ele. Assim como o temor, a angústia vem do nada [*Nichts*], no entanto, ela se diferencia por proporcionar a abertura [*Erschlossenheit*] para a realização do modo de Ser autêntico. Para se angustiar, a existência humana precisa se colocar na decisão [*Entschlossenheit*] pelo seu Ser, na escolha pelas suas possibilidades autênticas. A abertura do ente humano é a revelação do núcleo da existência em que está a verdade [*Wahrheit*]. Nesse poder Ser [*Seinkönnen*], o ser-aí se vê impossibilitado de agir, pois já não pode mais se ocupar com a intramundanidade dos entes, tampouco se preocupar com as outras existências humanas. Aberto, o ser-aí compreende os entes, a si mesmo e o mundo. Na hermenêutica da facticidade, o pré-ontológico se torna ontológico, pois, neste plano, o ente humano interpreta os entes, a si mesmo e o mundo. A atitude interpretativa possibilita uma relação em que a usualidade dos entes perde seu

referencial para o ser-aí, assim como a preocupação com a existência alheia; portanto, nessa perspectiva se situa a compreensão [*Verstehen*] dos entes em geral e que:

Pode-se dizer então que a compreensão do ser, que também se antecipa não só nas formas do conhecimento científico e filosófico, como em toda conduta humana, e que implícita está no uso da linguagem, apenas particulariza, para o hermeneuta, a situação interpretativa comum que todos vivemos. Dessa forma, a compreensão do ser, manifesta em tudo quanto pensamos, enunciamos, expressamos, ou fazemos, é o que distingue o homem como *Dasein*, isto é, como aquele ente que existe compreendendo o ser e que por isso pode interpretar de uma certa maneira a si mesmo e ao mundo, assumido nessa compreensão. Não há compreensão de si mesmo sem compreensão do mundo e vice-versa. (NUNES, 1999, p. 58)

A decisão pelo modo de Ser próprio permite ao ser-aí se interpretar em relação a si mesmo a aos outros entes. A circunvisão [*Umsicht*] que diz respeito à lida com os utensílios é rompida com a angústia, assim a existência humana passa a interpretar os entes intramundanos. Ao compreender sua possibilidade de não mais se ocupar e preocupar, o ser-aí também se compreende, e nessa condição se apropria do Ser autêntico da finitude [*Ende*], o ser-para-morte [*Sein-zum-Tode*]. Existindo enquanto ente finito, antecipa-se [*Vorlaufen*] para seu fim, e, obviamente, a condução pelo discurso sedimentado não faz com que o ente humano deixe de ser finito, mas, nesse modo de Ser, ele é incapaz de reconhecer seu fim. A conquista pelo fim é o existencial que sintoniza o ser-aí com seu modo de Ser, a morte é reconhecida como possibilidade sua a partir de si mesmo e não a partir dos outros entes como na inapropriação,

Mas diante dessa existência finita, da morte, o homem como ser cadente não cessa de fugir. Quem morre é a gente, não eu. Esquivo-me da morte no anonimato da gente. Fujo dela enquanto possibilidade própria. Mas se não fujo, exercito-me diante da mais extrema e radical possibilidade de mim mesmo. E assim exercitando-me, antecipo-a, assumindo-a; e, portanto, decidindo. (NUNES, 2004, p. 22)

Estar entre o próprio e o impróprio, tendendo ao encobrimento do Ser, nada mais é do que a liberdade [*Freiheit*] humana podendo ora se ocupar, ora interpretar os entes que vêm ao seu encontro. Livre para deixar de ser conduzido pelo Ser dos outros, ou para estar em seu Ser autêntico, o ser-aí, enquanto liberdade deixa Ser e movimenta sua existência do pré-ontológico ao ontológico. Porém, o foco é a compreensão, pois, o ente humano em sua liberdade ao escolher a si mesmo não manifesta seu Ser próprio na segurança que o cotidiano

lhe oferecia. O apoio utensiliário dos entes que permitia ação se desfaz, e, na abertura garantida pela angústia, deixa de estar familiarizado com o mundo. Apropriado pelo seu Ser, a existência humana ao se interpretar e compreender a sua finitude como possibilidade de sua estrutura de sentido [*Seinstruktur*] e não mais a partir da preocupação com os outros seres-aí que antes eram a referência para o fim eles perdem seu referencial devido ao ser-para-morte.

Pensando-se em três tipos de *Ekstases* presente, passado e futuro, nota-se que, para Heidegger, o ente humano, como foi dito anteriormente, mantém-se constantemente ocupado na decaída que corresponde ao seu presente. A tonalidade afetiva que abre o *Dasein* para apropriação corresponde ao seu passado, uma vez que, após a abertura, o ente se projeta para o futuro, que diz respeito à compreensão. Percebe-se que as *Ekstases* equivalem à temporalidade do ser-aí, ressaltando obviamente que o tempo é a totalidade desses três momentos. Assim, o homem enquanto ente mortal se caracteriza como finito; logo, a historicidade [*Geschichtlichkeit*] é o acontecer da existência. Nesse acontecer se estabelece um nexos com o cuidado [*Sorge*], em que o ser-aí sempre está cuidando de seu Ser, pois em sua historicidade sempre se realiza em algum dos momentos da *Ekstases*. O ente humano não pode abdicar de manter uma relação de sentido, seja ela qual for, e isso permite que ele se movimente constantemente entre a apropriação e a inapropriação.

Para que haja interpretação, o ser-aí precisa antes compreender; desta forma, ele passa a descobrir os entes intramundanos. O parágrafo 44 de *Ser e Tempo*, ao discutir a questão da verdade, mostra como Heidegger concebe que para a tradição filosófica o conceito de verdade está na proposição, que, para ser verdadeira, necessita que o conhecimento se tome como verdadeiro. Para o filósofo alemão, a noção de verdade está conectada à sua origem [*Ursprung*] *alétheia*, não-encobrimento [*Unverborgenheit*]. A expressão, origem mantém um nexos com a abertura do ente humano, uma vez que quando Heidegger expõe que a verdade está no ser-aí ou que ele está nela, não há ambiguidade ou contradições; isso quer dizer que quando a existência humana se abre para a compreensão, o ente humano mostra a verdade contida em seu núcleo, e, desta forma, também está na verdade, porque se realiza com esse modo de Ser autêntico. Em outras palavras, Heidegger opta por um conceito de verdade vigente na prática ontológica, que serve para sustentar uma de suas articulações que dizem respeito à destruição [*Destruktion*] da História da ontologia fundamental. (Cf. HEIDEGGER, 2001, p. 213-214)

Afirma-se que a abertura depende de uma tonalidade afetiva que vem do nada, isso confirma certa “passividade” do ser-aí, porque para se abrir depende de uma iniciativa sua,

mas, anteriormente depende da angústia que cai sobre ele. Mesmo a decisão pelo Ser autêntico só se realiza após a angústia e, entregue a si mesmo, o ente humano se encontra existindo singularizado. Dessa maneira, a compreensão projeta a existência humana para o poder Ser que ela é, logo, suas escolhas condicionam-se dentro dos limites de seu modo de Ser próprio. Constatamos que a transição do pré-ontológico para o ontológico não resulta em uma total insignificância da ocupação com os entes intramundanos e a preocupação com a existência alheia, mas que o ser-aí, ao invés de se ocupar e preocupar, após a tonalidade afetiva, passa a descobrir os entes, a compreender e interpretar. Só há abertura porque há fechamento e vice-versa.

Esse diálogo envolve, por sua vez, uma imersão inicial no horizonte da cotidianidade e a assunção de uma dinâmica de existência a partir de estruturas sedimentadas com as quais podemos contar e nas quais podemos, ao mesmo tempo, confiar. A compreensão projeta, assim, o campo existencial do ser-aí, mas não empreende um tal projeto senão a partir de uma familiaridade com seu mundo fático. (CASANOVA, 2006, p. 43)

Sob esse aspecto, tem-se no pensamento de Heidegger a máxima existente em toda a Fenomenologia, que consiste em só se poder conhecer aquilo que se mostra por si mesmo. O ser-aí se mostra por si mesmo e o método hermenêutico-fenomenológico do filósofo alemão não visa à existência, pois Heidegger não é um filósofo do existencialismo. Então, o que procura o pensador alemão? Em sua obra *Ser e Tempo* o objetivo específico é a busca pelo sentido; para Heidegger o ente se dá [dação, *Gebung*] ao Ser e esse gera uma diferença, *Seer* [*Seyn*] que o confirma enquanto ente (Cf. NELSON JUNIOR, 2006, p. 202-203). Esta articulação que se refere à etapa correspondente ao seu pensamento na década de 1920 mostra que: “a questão fundamental ontológica do Ser será formulada em ‘*Ser e Tempo*’ como questão do ‘Sentido do Ser dos entes em geral.’”<sup>30</sup> (HERRMANN, 2002, p. 12). No entanto, para o pensador alemão mostra que, pois os significados mudam e o Sentido do ser permanece, sendo concebível que o significado assuma uma característica temporal, pois o ente revela o Ser e esse, constantemente muda. Por exemplo, um instrumento agrário da Idade Média, nos dias de hoje não possui o mesmo significado do passado, porque agora ele pode ser um mero artefato de decoração; ao passo que no período medieval era sinônimo de poder aquisitivo. Porém, como pode se constatar, o significado mudou, mas o Sentido do ser permaneceu o mesmo, exatamente porque o instrumento continua sendo utensílio.

---

<sup>30</sup> Em alemão: “Die fundamentalontologische Seinsfrage wird in ‘*Sein und Zeit*’ als Frage nach dem ‘Sinn von Sein überhaupt’ formuliert.“ (HERRMANN, 2002, p. 12) [tradução nossa]

Para Heidegger, a tradição filosófica questionou apenas o ente enquanto ente, deixando de lado o Ser. O método heideggeriano foca o “Ser dos entes em geral” cabendo à sua Fenomenologia os paradigmas descritivos do Ser dos entes. Retomando o tópico em que se mencionou que a mirada do pensador alemão não era a existência, concebe-se que o autor lida com ela apenas para tratar do sentido do Ser. A Filosofia da existência quando se pensa em Sartre em *O ser e o nada*, por exemplo, tem um forte direcionamento para a Ética; já em Heidegger, a ética consiste apenas na abertura do ente humano para sua verdade. Entretanto, permanecer inapropriado não é um mal que mostra o ser-aí se realizando no cotidiano, tampouco que sua existência não valeu a pena ou que a apropriação do Ser é um ganho para a existência humana. Dito de outra forma, não é valorativo manifestar o Ser no encobrimento ou no não-encobrimento. A compreensão do fechamento e da abertura é a compreensão da descrição dos entes em geral, pois o método de investigação de Heidegger mostra que “o sentido metodológico da descrição fenomenológica é *interpretação*, [...] a Fenomenologia do ser-aí é hermenêutica, no significado original da palavra em que denota o ofício da interpretação.”<sup>31</sup> (HEIDEGGER, 2001, § 7, p. 37)

É necessário destacar que a obra *Hermenêutica e poesia* de Benedito Nunes, é fruto de um curso ministrado em 1994 na Universidade Federal de Minas Gerais. Nesse período, apesar do autor paraense mencionar as obras completas [*Gesamtausgabe*] de Heidegger, não estavam publicados os textos heideggerianos em sua totalidade. No ano de 2002, veio a público o restante dos livros escritos pelo filósofo alemão e isso ocasionou novas perspectivas em relação à interpretação do pensamento de Heidegger como, por exemplo, a possível divisão que se direciona a sua Filosofia do ano de 1920 a 1930, e após 1940, resultando em três etapas da concepção do autor alemão. Tomando como exemplo o texto de 1933, *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia*, é possível notar como Heidegger volta sua atenção para o histórico do Ser [*seinsgeschichtlichen*]. Notoriamente, esses novos dados do pensamento heideggeriano resultam em novas condições, dentre as quais o presente trabalho menciona a apropriação do Ser.

A chamada viragem [*Kehre*] que se deu a partir de 1930 em Heidegger é, segundo o comentador Marco Antonio Casanova, o momento em que o filósofo encontra uma insustentabilidade na hermenêutica da facticidade do ser-aí, esse ente ôntico e ontológico que Heidegger, através das crises do ente humano, mostra uma reinterpretação histórica da vida. É

---

<sup>31</sup> Em alemão: “der methodische Sinn der phänomenologischen Deskription ist *Auslegung* [...] Phänomenologie des Daseins ist *Hermeneutik* in der ursprünglichen Bedeutung des Wortes, wonach es das Geschäft der *Auslegung* bezeichnet.” (HEIDEGGER, 2001, § 7, p. 37) [tradução nossa]

por meio de um novo horizonte de condições que Heidegger muda seu foco, anterior à década de 1920, que era o encobrimento, e passa a visar ao não-encobrimento do ser-aí. É nesse período que o pensador desenvolve sua argumentação sobre o histórico do Ser, de que se tratará adiante. Com base em Casanova, pode-se afirmar que o filósofo alemão mostra uma argumentação em *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia*, que caracteriza uma História transcendental e um ser-aí material, cultural e social, pois

O que se altera em Heidegger a partir da década de 1930 não é o procedimento metodológico de abordagem dos problemas, mas antes a definição das condições de pensabilidade de tais problemas. Em certo sentido, Heidegger permanece posteriormente tão fenomenólogo quanto ele era anteriormente filósofo do ser (CASANOVA, 2009, p. 149)

Explicitado o contexto, entra-se novamente na discussão de *Ser e Verdade*<sup>32</sup> que exprime como Heidegger quer fundamentar o nacional-socialismo, porém em nenhum momento são apresentados princípios do Nazismo como o arianismo, o autoritarismo, o antissemitismo etc.; o filósofo alemão quer, na verdade, criar uma ideologia que se faz ausente no Nazismo de Hitler, este é o ponto irrefutável em que se pode legitimar a Filosofia política de Heidegger, que revela seu esforço em se tornar ideólogo do nacional-socialismo (Cf. NUNES, 2016, p. 96). Ver-se-á adiante com a exposição de argumentos e a interpretação de *Ser e Verdade*, como o filósofo alemão admite a necessidade do Nazismo; porém, carecedor das bases ideológicas que ele pode oferecer. Esta exposição interpretativa comprovará as limitações e equívocos deste tema tão áspero da relação do filósofo com um partido totalitarista, no entanto, mesmo nesta fase da discussão, o objetivo é mostrar a política do Ser<sup>33</sup> em Heidegger. A discussão sobre o tema soará de forma crítica às limitações interpretativas que se deram pela ausência das obras completas do filósofo alemão, quando não era possível constatar nenhuma relação filosófica de Heidegger com o Nazismo.

*Ser e Verdade* é uma obra que Heidegger leu no semestre de verão de 1933 para os calouros do curso de Filosofia da Universidade de Friburgo. O filósofo alemão inicia sua argumentação pondo em evidência a grandeza histórica por que passa o povo alemão [*deutsche Volk*] e a juventude acadêmica [*akademische Jugend*] que sabe deste momento [*Augenblick*]. O comentador americano Theodore Kisiel, em *Intervenção política nos cursos*

---

<sup>32</sup> A partir de agora chamarei apenas *Ser e Verdade* ao invés de *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia*. A obra de Heidegger é retomada nesse momento do texto sob outro viés, ou seja, não mais para confrontar com o pensamento de Hannah Arendt, mas para explicitar os fundamentos ideológicos propostos pelo filósofo alemão acerca do Nazismo.

<sup>33</sup> Faz-se uma apropriação do termo “política do ser”. (CASANOVA, 2009, p. 150)

*de leitura de 1933-36 [Political Intervention in the Lecture Courses of 1933-36]*, reconhece que o momento histórico do povo alemão carrega a importância do povo se voltar para si mesmo, pois os graduandos alemães estão encontrando orientação [*Führung*] para isso. Assim Kisiel expõe que os estudantes acadêmicos, como membros do povo, estão preparando-se para serem os líderes do “amanhã”, do futuro [*Zukunft*], de uma nova nação alemã. Heidegger afirma

Depois de elogiar seus alunos — a ‘juventude acadêmica’ — por terem compreendido a importância da situação histórica na qual eles se fundam em si mesmos e por tomarem a ação para se prepararem para ‘orientação político-espiritual’, na qual eles como estudantes universitários foram destinados a assumir na emergência de uma nova nação. Heidegger, em seguida, se foca no que ele considera como crucial para a preparação deles como futuros orientadores de uma nova Alemanha. (KISIEL, 2009, p. 111) [tradução nossa]<sup>34</sup>

Portanto, caracteriza-se o momento em que o povo está encontrando orientação para chegar a si mesmo, ao seu próprio Ser [*Sein*], à necessidade [*Notwendigkeit*] de criar o Estado [*Staat*]. Este momento configura a missão [*Auftrag*] única que o ser-aí alemão tem entre os povos. É na Universidade alemã que a juventude acadêmica começará a missão político-espiritual [*geistig-politischen*], que é uma missão espiritual popular [*geistig-volkliche Auftrag*] em que o ser-aí popular se tornará nação; dependendo somente de cada membro do povo se colocar na questão fundamental e conquistar seu destino [*Schicksal*]. Portanto, não há imposição; é simplesmente uma decisão [*Entscheidung*] que pode ser tomada por cada um. A questão fundamental é a questão fundamental da filosofia em que, neste questionamento, o ente popular conquista sua abertura [*Erschlossenheit*] e a liberdade, procurando-se e encontrando-se no Estado. A questão já foi tocada, mas depende do povo colocar-se nesta questão e questionar pela essência [*Wesen*] dela, tomando a decisão de colocação e permanência, porque o ser-aí alemão precisa estar à altura desta decisão.

Primeiramente a questão fundamental da filosofia se deu entre os gregos, que tocaram na questão com o intuito de criação de um ser-aí humano e popular, singular, com seus grandes poetas e pensadores; este princípio até hoje expressa sua força e vigor. Mas em que aspecto, então, isto se vincula ao povo alemão? Para Heidegger o ser-aí popular constitui sua

---

<sup>34</sup> Em inglês: “After commending his student – the „academic youth“ (*sic*) – for having already grasped momentousness of the historical situation in which they found themselves and for taking action to prepare themselves for the „spiritual-political leadership“ which they as university-graduates were destined to assume in the emerging new nation, Heidegger then focuses on what he takes to be crucial for their preparation as future leaders of the new Germany”. (KISIEL, 2009, p. 111) [aspas de acordo com o original]

origem, cultura, língua etc., como herança dos gregos. Segundo Kisiel, o ente alemão tem no passado um “laço” com os gregos antiquíssimos que criaram um ser-aí popular singular e que é uma espécie de resultado possível devido à grandeza dos poetas e pensadores. Como se pode perceber, para o comentador americano, fica claro que Heidegger reconhece vínculos culturais, sociais e filosóficos, e por isso salienta que:

O espírito e o destino da Alemanha, como eles estão encobertos neste momento histórico junto à questão fundamental da filosofia, estão intimamente ligados ao princípio criado entre os gregos (KISIEL, 2009, p. 113) [tradução nossa]<sup>35</sup>

O princípio da questão fundamental da filosofia ficou encoberto na História [*Geschichte*] por um acontecimento fundamental [*Grundgeschehen*]. A conquista da questão é a conquista de um destino herdado pelo povo alemão e que antecipa o ser-aí humano popular [*menschlichen volklichen Daseins*] para um futuro que ele não conhece, mas que lhe espiritualizará. A tarefa de conquista da questão fundamental é exclusivamente do povo alemão, cabe a ele querer ou não a missão espiritual, colocar-se ou não na questão, e cabe ao povo assumir seu destino, que é uma possibilidade unicamente constituída do ser-aí popular alemão, segundo Kisiel, por sua existência política; essa missão e o destino estão voltados para o povo criador de seu Estado.

Charles Bambach, em *Heidegger, o Nacional Socialismo e os gregos* [*Heidegger, der Nationalsozialismus und der Griechen*] reconhece, nessa perspectiva político-existencial, que o nexos entre missão e destino está ligado à revolução política do povo alemão, uma segunda revolução à qual Heidegger se reporta, a matriz do Ocidente, ou seja, os gregos antiquíssimos, como explica o comentador americano. Esse autor confirma que, em Heidegger, há uma “necessidade” de referência social, cultural, filosófica etc., voltada para o modelo ocidental que se deu entre os gregos. Bambach destaca que, em carta trocada com Elisabeth Blochmann, Heidegger expõe uma argumentação para a revolução política do povo, cuja origem está no antigo mundo grego:

A segunda Revolução em Heidegger exigirá do povo alemão que, ele interroge sua essência até rumo às suas fontes na História do ocidente — e isto particularmente no olhar para relação da Ciência alemã e Filosofia grega. No seu, ponto de vista, a Revolução Nacional Socialista dá direito para esperança que, o povo se preparará para um novo princípio — um início

---

<sup>35</sup> Em inglês: “Germany’s spirit and destiny, as these are uncovered in this historic moment by way of the basic question of philosophy, are intimately linked to the beginning made by the Greeks”. (KISIEL, 2009. p. 113.)

que, o primeiro poder genuíno deve tirar do princípio do pensamento, na História ocidental, do vigor entre os gregos (BAMBACH, 2009, p. 201) [tradução nossa]<sup>36</sup>

Dá-se continuidade ao texto consciente de que só adiante será melhor esclarecido o princípio entre os gregos ligado ao povo alemão. Porém, agora se deve clarificar que o objetivo de Heidegger é de se colocar como ideólogo do Nazismo, mostrando como o partido carece de bases ideológicas a serem construídas mediante seu pensamento. Em outras palavras, o filósofo alemão afirma sua posição favorável ao partido nacional socialista, ressaltando a base ideológica de que este precisa e que sua filosofia pode suprir. A tentativa de Heidegger de espiritualizar [*vergeistigen*] o Nacional Socialismo, clarifica seu objetivo que é a condição de ideólogo do Nazismo, almejada por ele, além do mais, explicita-se o nexo entre o pensamento político e filosófico do autor.

É uma opinião semeada agora de “se” ter que espiritualizar e enobrecer dando acabamento à revolução nacional socialista. Eu pergunto: com qual espírito espiritualizar? Quando não vive nenhum espírito, nem se sabe o que é o espírito (hálito, sopro, admiração, impulso, empenho) hoje o espírito move-se como “sutileza” vazia, como jogo sem compromisso de diversão, como margem avulsa da movimentação da dissecação da compreensão e erosão, como obrigação desenfreada de uma dita razão do mundo. (HEIDEGGER, 2007, § 2, p. 24-25)<sup>37</sup> [tradução nossa]

Para espiritualizar a revolução nacional-socialista, o ser-aí humano popular, que é constituído por cada membro do povo alemão, precisa ir até a sua origem entre os gregos, pois os alemães herdaram sua língua e estirpe. Portanto há um vínculo de origem entre estes dois povos; no entanto, foram os gregos que tocaram pela primeira vez a questão fundamental da filosofia, criando este modo singular de ser-aí constituído de forma material, cultural, estatal etc. A decisão pela questão fundamental é a possibilidade do povo alemão questionar esse conflito incessante a partir de si mesmo, ou seja, questionar a Filosofia e mais ainda, eliminar

---

<sup>36</sup> Em alemão: “Die zweite Revolution, so Heidegger, werde dem deutschen Volk abverlangen, dass es sein Wesen bis hin zu seinen Quellen in der Geschichte des Abendlandes befrage – und dies insbesondere im Blick auf das Verhältnis von deutscher Wissenschaft und griechischer *philosophia*. Seiner Ansicht nach berechtigt nationalsozialistische Revolution zu der Hoffnung, dass dem Volk ein neuer Anfang bereitet wird – ein Anfang, der aus der Macht des ersten genuinen Anfangs des Denkens in der Abendländischen Geschichte bei dem Griechen Kraft schöpfen müsse.” (BAMBACH, 2009, p. 201.)

<sup>37</sup> Em alemão: “Es ist jetzt verbreitete Meinung, ‚man‘ hätte die Aufgabe, die Beedingung der nationalsozialistischen Revolution zu vergeistigen, und zu veredeln. Ich frage: mit welchem Geist vergeistigen? Es ist ja kein Geist mehr lebendig, ja man weiß nicht mehr von dem, was Geist ist (Hauch, Wehen, Staunen, Antrieb, Einsatz). Geist treibt sich Heute um als leerer ‚Scharfsinn‘, als unverbindliches Spiel des Witzes, als uferloses Treiben des verständigen Zergliederung und Zersetzung, als zügelloses Walten einer sogenannten Weltvernunft”. (HEIDEGGER, 2001, § 2, p. 7)

toda e qualquer possibilidade de a Filosofia ser algo positivo como esta é em sua vigência e foi durante a sua História. Compreende-se, que para Heidegger, a Filosofia na sua História foi uma presença ausente, pois ela se fez presente como ela não é de fato.

Com os argumentos que correspondem à segunda etapa do pensamento de Heidegger se percebe que a materialidade do ente que agora se manifesta como ser-com se trata do povo alemão, e o filósofo retira as tonalidades afetivas. Estabelecendo-se uma diferença entre a concepção de *Ser e Tempo*, em que se tinha a angústia surgida do nada, em que o ente humano ao decidir por ela se abria, e a de 1930, em que nos textos relacionados ao vínculo do pensamento político com o filosófico não se tem mais as tonalidades afetivas, percebe-se uma grande modificação de concepções. A ausência desse existencial possibilita que o ser-aí possa se apropriar apenas se colocando na questão fundamental, ou seja, depende unicamente dele tomar para si. Observa-se que a “passividade” proposta por Benedito Nunes em *Hermenêutica e poesia*, em que se debatia a existência humana, a angústia já não existe no segundo Heidegger. Mesmo o pensador alemão restringindo a compreensão apenas ao ser-aí popular alemão pode-se discutir como esses caracteres podem reverberar na *Hermenêutica* e na *Estética da Recepção*, mostrando que as teorias dialogam entre si. Assim cabe pensar agora nos níveis de intensidade de compreensão e “passividade”, na experiência prática como um todo, e especificamente na experiência estética.

### 3.2. Da teoria literária à Hermenêutica

A teoria estético-recepcional de Jauss retoma o método hermenêutico utilizado por seu mestre, Gadamer. Tal metodologia consiste em descrever a experiência estética constituída por um caráter interpretativo. O teórico da Literatura respaldado no filósofo da hermenêutica demonstra que a Interpretação [*Interpretation*]<sup>38</sup> diz respeito a uma unidade que se triparte em: compreensão [*Verstehen*], primeiro aparecimento de uma obra em que o público a experimenta; interpretação [*Auslegen*], desenvolvimento temporal das experiências estéticas e aplicação [*Anwenden*], referente à possibilidade de compreender como foi feita a recepção da obra no passado e como se pode fazer outra leitura no presente diferentes das já realizadas (Cf. JAUSS, 1997, p. 813-814). Não há possibilidade de experimentar uma obra abdicando

---

<sup>38</sup> Faz-se necessário não confundir as categorias de interpretação grafadas com i maiúsculo e minúsculo, pois o primeiro corresponde à tríade total da experiência estética, enquanto o segundo ao segundo nível hermenêutico. Opta-se em fazer esta distinção devido à tradução brasileira não ter se detido neste detalhe que em alemão é facilmente perceptível devido à grafia diferente de ambos como foi mencionado no texto.

de um dos momentos da teoria da interpretação, pois as etapas da Interpretação assumem relações anexadas. A relação dialógica entre leitor e texto literário se torna renovável por meio da temporalidade das obras, pois, estas, são passíveis à mudança de significados, no entanto, não são somente os significados dos textos em seu horizonte de expectativas [*Erwartungshorizont*] que se modificam, o horizonte do receptor também. Esta dinâmica caracteriza mais possibilidades de significados na experiência estética, pois, é impossível conduzir uma leitura deixando de lado sua experiência vivida.

No primeiro momento da experiência estética, o leitor compreende a obra como resposta à pergunta feita pelo mesmo. Nesse sentido o texto pode oferecer uma resposta a questões da *práxis*. Quando receptor e obra se abrem para lógica da pergunta e da resposta, percebe-se que a gênese da discussão não está em Jauss nem em seu mestre, mas, sim em Heidegger. Para o filósofo do sentido do Ser, a existência humana, ao passar da pré-compreensão para compreensão, vê suas possibilidades a partir de si mesmo e não lida mais com os utensílios. Por meio dessa dinâmica se nota que o teórico alemão ao citar o parágrafo 2 de *Ser e Tempo*, admite a experiência estética como uma experiência fenomenológica. Obviamente que a proposta de Jauss dialoga com a abertura, uma vez que, para compreender, início da relação dialógica, o leitor necessita interpretar (Cf. JAUSS, 1982, p. 24-25).

Observou-se que a ida do teórico alemão até Heidegger está relacionada com o método hermenêutico fenomenológico do filósofo. Cabe agora pensar que a concepção do autor da recepção está ligada ao ente humano angustiado, pois esse existencial vem do nada que se instaura sobre o ser-aí, e então ele passa a questionar pelo Ser dos entes. A experiência com a arte mostra como a existência humana já está na compreensão, e isso leva a concluir que Jauss não dá ênfase ao que possibilitou a Interpretação, mas ao modo de descrever sua ocorrência. Colocando em discussão *Hermenêutica e poesia* e a teoria jaussiana, observa-se que Benedito Nunes expõe uma “passividade” do ser-aí diante da tonalidade afetiva, e Jauss, assim como o teórico paraense, situa suas concepções no primeiro Heidegger, pois o segundo ainda não estava completamente publicado. Isso quer dizer que se em *Ser e Tempo* a existência necessita que a tonalidade afetiva caia sobre ela para compreender, no Heidegger de 1930 (*Ser e Verdade*), a existência humana, que é concebida como popular, precisa apenas se colocar na questão para se abrir para a Interpretação; logo, não há “passividade”.

Na experiência estética, o teórico alemão propõe, mesmo admitindo o horizonte da obra, uma intensidade ativa muito grande por parte do leitor e a contribuição do texto literário para a compreensão da *práxis*. Isso quer dizer que o horizonte de expectativa da obra também

atua sobre a experiência estética, embora com menor intensidade, já que é mais restrito que o horizonte de vida. Portanto, não importa se o leitor, para compreender, é anteriormente passivo em relação à tonalidade afetiva ou se apenas precisa decidir para manifestar seu Ser na compreensão. Somente certo grau de passividade é admitido, mas quando o receptor já se encontra interpretando, o que “aconteceu”<sup>39</sup> anteriormente à compreensão não assume relevância significativa. Cabe esclarecer esse diálogo para demonstrar que a ausência da obra completa de Heidegger no período em que Jauss concebe sua teoria não afeta sua articulação central. O ponto determinante tocado pelo teórico alemão é o do método heideggeriano, que serve para comprovar a possibilidade de uma descrição fenomenológica da experiência estética.

A tríade hermenêutica, proposta por Gadamer e retomada por Jauss, encontra novamente sua semente conceitual em Heidegger quando se trata do segundo momento da recepção, a interpretação. Se para compreender, a existência necessita estar aberta para seu Ser; para continuar o processo interpretativo, ela precisa se manter aberta. É nessa perspectiva que a consciência [*Gewissen*] heideggeriana permite que o ser-aí se mantenha na compreensão dos entes e de si mesmo. Tal existencial é exatamente como o termo propõe, consciência, consciência de interpretar e se manter interpretando. Enquanto a interpretação de Jauss se desenvolve em uma dinâmica temporal de experiências estéticas ou de novas experiências proporcionadas pelo mesmo público, a consciência de *Ser e Tempo* pode ser vinculada a essa última hipótese, na medida em que o ente humano continua a interpretar. Essa noção conceitual mostra a capacidade de Jauss de ir até Heidegger passando por Gadamer, no entanto, contribuindo com novo elemento no que diz respeito à continuidade interpretativa. Nesse caso, o que difere o teórico alemão do filósofo do sentido do Ser, é que o primeiro utiliza o termo interpretação para expor a compreensão de diferentes leitores ao longo do tempo ou do mesmo receptor que desenvolve outra interpretação; enquanto Heidegger denomina a existência do ser-aí se mantendo na abertura, interpretação dos entes e de si mesmo.

Então, por que a concepção de Jauss, que trata dos diferentes públicos que compreendem e que ensejam novas interpretações, não se enquadra tão bem à Fenomenologia de Heidegger quanto à continuidade compreensiva do mesmo receptor? A resposta se explica a partir da concepção heideggeriana, que reconhece as interpretações de diferentes seres-aí como apropriação do Ser, podendo em seguida voltar a ser conduzido pela rede utensiliar que

---

<sup>39</sup> A tese se refere à passividade diante da Tonalidade Afetiva ou “atividade” que diz respeito a se colocar na questão para compreender os entes.

o cerca e pela preocupação com outros entes humanos. No caso do mesmo receptor que se mantém aberto para questionar pelo Ser dos entes, ou seja, compreender a obra literária e continuar aberto para se manter interpretando, é justamente nessa condição que a voz da consciência como possibilidade autêntica faz com que se manifeste novamente o Ser da abertura (que permite ao ente humano compreender e continuar compreendendo).

No terceiro nível hermenêutico, aplicação, o leitor faz uma interpretação retrospectiva para compreender como a obra foi recebida no passado e qual o horizonte de pergunta e resposta foi possível para o público daquela época. Além disso, o receptor da atualidade, ao retomar o texto literário experimentado por outros leitores, pode recriar um novo horizonte de pergunta e resposta relacionado ao presente, em outras palavras, o público atual pode refazer a leitura da obra, porém, com uma perspectiva no presente. Entender como o texto literário apresentou pergunta e resposta em outra época não é só conceber o óbvio que é como o público do passado experimentou e compreendeu a obra, mas poder diferenciar a recepção feita no presente da recepção anterior. Nessa noção teórica se pode constituir a fusão dos horizontes do leitor e da obra no passado e no presente proporcionando o entendimento que, segundo Jauss, retomando seu mestre é crucial para que haja compreensão.

Viram-se as etapas em que se subdivide a Interpretação, como elas estão intimamente interligadas e como é impossível desconsiderar qualquer um que seja dos níveis hermenêuticos. O momento seguinte do texto será explorar o conceito de recepção jaussiano, abarcando especificações do processo hermenêutico como: recepção tardia, rejeição da obra, temporalidade, entre outros. Esses caracteres mencionados se relacionam com a História transcendental do texto literário, livre de marcas cronológicas que limitariam a Interpretação a uma atemporalidade que estabeleceria um único significado ao texto e que desprezaria o leitor na experiência estética. Então agora se dará conta dos mecanismos teóricos propostos por Jauss, referentes à relação texto literário e leitor, conectando e, às vezes, retomando as ideias já mencionadas.

Para Jauss em *A história da literatura como provocação à teoria literária (Literaturgeschichte als provocation der Literaturwissenschaft)*, existe uma relação dialógica que diz respeito à Literatura e ao leitor. Tal relação clarifica-se quando se entende o leitor como o receptor de uma obra ou quando se concebe que há um horizonte de pergunta e resposta, possibilitado pela experiência do público com a obra. É importante frisar que, para o teórico alemão, a obra é pensada enquanto sua abstração, ou seja, em seu “conteúdo” literário e não na matéria física que o “acompanha”. Seja como livro, mídia digital, jornal etc., o texto

literário é, para o teórico da recepção, indiferente a estes “suportes” físicos. A relação dialógica existe entre o leitor e a Literatura; a recepção possui tanto características estéticas quanto históricas. O caráter da implicação estética demonstra como o leitor, em uma recepção primária de determinada obra, compara esta a outra já lida anteriormente e, dessa forma, pode avaliar o seu valor estético. O caráter da implicação histórica consiste em uma cadeia de recepções, pois este fenômeno concebe que a compreensão de um público que experimenta um texto literário pode dar continuidade seguida por sucessivas gerações de leitores, logo, o significado histórico de um texto literário contribui para qualidade estética que lhe pertence.

É justamente pelo fato de a Literatura ser contemplada por sua dimensão da recepção e do efeito que a oposição entre o estético e o histórico presente na experiência estética se configuram mediados. O fenômeno passado manifesta um nexos com o presente, pois viu-se como o estético e o histórico mantém um nexos no ato de leitura<sup>40</sup>. Observa-se que a obra literária não é independente em si mesma, pois carece de público para que atos recepcionais sejam possíveis. Uma obra, portanto, jamais se manifestará da mesma forma para diferentes públicos, como se ela tivesse um aspecto único que pudesse isentar as vivências externas do receptor no ato de leitura. Notoriamente é pelo fato de a obra não se constituir de um único aspecto, como se fosse sempre compreendida da mesma maneira por diferentes leitores, que ela não é caracterizada como um Ser atemporal, que não sofre modificação possibilitada pelo receptor.

A teoria de Jauss concebe que, na História da Literatura, se manifesta como fenômeno da recepção em que os leitores atualizam as obras mediante o ato de leitura, pois isso realiza o caráter estético do texto literário. Manifesta-se ainda o fenômeno da produção estética em que o escritor é o responsável e o crítico tem por finalidade a reflexão tanto no que diz respeito ao leitor quanto ao escritor. Na História da Literatura, no acontecimento literário se produz um tipo de efeito [*Wirkung*], na medida em que as gerações futuras façam a recepção de obras passadas, ou seja, há a continuidade da recepção que novamente é apropriada pelo leitor. No acontecimento literário o autor também se caracteriza como público no momento em que experimenta determinada obra com a intenção de imitar, contestar, opor, entre outros, no entanto é necessário compreender que efeito e recepção não se confundem na medida em que o primeiro diz respeito à “consequência” ou “consequências” proporcionadas na experiência estética e a segunda se vincula à relação leitor e obra.

---

<sup>40</sup> Faz-se uso da expressão “ato de leitura” como sinônimo de recepção estética, no entanto, esta expressão tem um sentido diferente quando exposta na teoria estético-recepcional de Wolfgang Iser (1926-2007). O que se quer dizer é que Iser e Jauss têm projetos teóricos diferentes, embora, se possa utilizar a expressão em questão nos dois teóricos desde que se reconheçam as diferenças entre ambos.

O acontecimento literário é concebido pelo teórico alemão, inicialmente no horizonte de expectativa gerado pela experiência com a obra pelos diferentes tipos de receptores, autores e críticos sejam de uma mesma época ou de outra posterior. É óbvio que neste contexto da Literatura como um acontecimento, o leitor, o autor e o crítico que experimentam um texto literário, são todos receptores. Não é indefinidamente que um público recebe uma obra, como se ela fosse algo absolutamente novo como se apresentasse em um vazio. O texto literário carrega consigo sinais visíveis, familiaridades que são traços dele mesmo, indicações implícitas etc. Dessa forma, os leitores recebem a obra com algumas “marcas” de definição em certo sentido. A obra é capaz de despertar memórias de outra já experimentada, expectativas, emoção e assim por diante. Assim a compreensão como primeiro nível hermenêutico possibilita que, depois desse ato, seja possível questionar a interpretação subjetiva e o gosto dos leitores, dados com base no primeiro contato com o texto literário que, como foi dito, oferece certa definição a seu público.

No acontecimento literário dá-se a objetivação em obras que oferecem a seus leitores referências por meio do gênero, forma ou estilo, elementos que provocam em seu público um horizonte de expectativas que depois será modificado. É como se o leitor fosse conduzido, por exemplo, para algo inesperado em relação ao gênero, forma ou estilo que saísse do padrão, como um romance com poucos personagens. Estas possíveis modificações no ato de leitura servem tanto para o crítico quanto para o leitor, pois, produzem efeitos poéticos concebíveis na recepção. Porém, na experiência estética, está presente o horizonte de expectativas mesmo em obras literárias que não carregam historicamente aquele contorno em que o horizonte marcado pelo gênero, forma ou estilo é destruído gradativamente, pois

a possibilidade da objetivação do horizonte de expectativa verifica-se também em obras historicamente menos delineadas. E isso porque, na ausência de sinais explícitos, a predisposição específica do público com a qual um autor conta para determinada obra pode ser igualmente obtida a partir de três fatores que, de um modo geral, se podem pressupor: em primeiro lugar, a partir de normas conhecidas ou da poética imanente ao gênero; em segundo, da relação implícita com obras conhecidas do contexto histórico-literário; e, em terceiro lugar, da oposição entre ficção e realidade, entre a função poética e a função prática da linguagem, oposição esta que, para o leitor que reflete, faz-se sempre presente durante a leitura, como possibilidade de comparação. Esse terceiro fator inclui ainda a possibilidade de o leitor perceber uma nova obra tanto a partir do horizonte mais restrito de sua expectativa literária, quanto do horizonte mais amplo de sua experiência de vida. (JAUSS, 1994, p. 30) <sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Em alemão: “Die Möglichkeit, den Erwartungshorizont zu Objektivieren, ist aber auch bei historisch weniger profilierten Werken gegeben. Denn die spezifische Disposition für ein bestimmtes Werk, mit der ein Autor bei

O surgimento de um texto literário, em um dado momento histórico, em contato com um público em que a obra pode surtir um efeito de superação, decepção, oposição etc. caracteriza um fenômeno que é crucial para o valor estético da arte literária. O horizonte de expectativas pré-existente possibilitado pelo leitor que já experimentou uma obra e a distância em relação a um novo horizonte, ou seja, uma mudança de horizonte possível pelo ato do receptor com uma nova obra acolhida, são do ponto de vista da estética da recepção jaussina, uma determinação do artístico em um texto literário. Pode-se analisar o caráter artístico de um texto literário, levando em consideração o distanciamento estético, contrário às expectativas de primeiros leitores, pois se, na experiência, o receptor tem sua percepção contrariada, seja por prazer [*Genuß*] ou estranhamento, essa nova forma de percepção nada mais é do que uma qualidade da obra que se apresenta no ato de leitura. No entanto, esta negatividade, esta estética de oposição expectativa, pode gradativamente tornar-se obviedade<sup>42</sup> em que um público posterior que, não fará a recepção pela dialética negativa. Assim a obra se apresenta com a qualidade de identificação em que o receptor se familiariza com o texto literário ao invés de ter uma expectativa de oposição.

É preciso deixar claro que, para o teórico alemão, a identificação não pode ser confundida com a arte “culinária” [*Kulinarischen*]<sup>43</sup>, pois isso remeteria a um texto de caráter não artístico que se caracterizaria como uma forma de entretenimento para o leitor. A qualidade de entreter de um texto é simplesmente, para o teórico da recepção, uma forma de estar dentro dos padrões contemporâneos de consumo. Dessa maneira, a experiência é de caráter comercial e nela se vende e compra um texto como um produto sem nenhum caráter artístico. Neste contexto, a arte “culinária” além de não proporcionar uma experiência em que o leitor pode ter uma mudança de horizonte, serve unicamente para atender os gostos de uma determinada classe consumidora. A arte “culinária” é uma configuração de um produto cujas normas satisfazem o desejo “palatável” de quem as consome.

Uma das características de renovação da recepção se dá na negatividade transformada em obviedade que surge o horizonte estético futuro de uma obra. Esta mudança de horizonte

---

seinem Publikum rechnet, kann bei fehler explizitar Signale auch aus drei allgemein voraussetzbaren bei Faktoren gewonnen werden: erstens bekannten Normen oder immanenten Poetik der Gattung, zweitens aus den impliziten Beziehungen zu bekannten Werken der literarhistorische Umbeugung und drittens aus dem Gegensatz von Fiktion und Wirklichkeit, poetischer und praktischer Funktion der Sprache, der für den reflektierenden Leser Während der Lektüre als Möglichkeit des Vergleichs immer gegeben ist. Der dritten Faktor schließt ein, daß der Leser ein neues Werk sowohl im engeren Horizont seiner literarische Erwartung als auch im weiteren Horizont seiner Lebenserfahrung wahrnehmen kann.” (JAUSS, 1979, p. 177)

<sup>42</sup> Identificação e familiaridade com a obra. O termo faz referência ao prazer estético.

<sup>43</sup> Termo é originalmente concebido por Theodor Adorno em *A teoria estética* [1969]

que se transforma é um dos caracteres que determinam o caráter clássico<sup>44</sup> de uma obra e a eleva a um valor de obra-prima onde sua estética bela que se torna obviedade a qualifica com um “sentido eterno” (JAUSS, 1994, p. 32). Sempre que um público experimentar a obra, haverá um horizonte de expectativa fruto da fusão dos horizontes do leitor e da obra. Seria um erro aproximar, segundo o teórico alemão, as noções estético-recepcionais da arte literária ao caráter da arte “culinária”, pois, nesta última, o horizonte de expectativas se reduz ao previsível, seja pela obviedade ou negatividade, há somente pacificação, convencimento, palatabilidade, entre outros, necessários em um produto que visa a atender o prazer do consumidor.

Sustenta-se a tese em Jauss, para afirmar que uma obra já experimentada anteriormente, pode ter no presente um público que pode compreender o texto literário em um horizonte de reconstrução do passado. No entanto, abarcar a obra retrospectivamente com a expectativa que ela atendeu no passado é um ato em que o leitor realiza uma fusão de dois horizontes, um mais específico da obra e um mais amplo da experiência de vida. Isso é possível devido ao texto literário ter um sentido histórico próprio que pode ser atualizado quando o receptor, em seu ato, compreende a obra no horizonte histórico e realiza, na recepção atual, outra expectativa em relação ao texto literário. Assim o horizonte histórico e o atual são fundidos. Porém, a Estética da Recepção aponta que há um duplo ganho na reconstrução do horizonte, pois é possível saber como uma obra deu respostas ao leitor do passado, como ele compreendeu aquele texto. Além disso, clarifica-se a diferença entre o ato recepcional do passado e a resposta que a obra literária dá, no presente, ao seu receptor. Logo, o passado e o presente de um texto literário são mobilizados na experiência estética.

A experiência estética permite ao leitor ter conhecimento da distância entre os significados de uma obra literária, seja o atual ou virtual. Neste último, o caráter artístico de um texto literário, de seu significado enquanto inovação, pode não ser detectado no primeiro horizonte de publicação de uma obra nem muito menos desgastar essa inovação fazendo contrastes entre a nova obra e a anterior. Quando o texto literário tem, em seu primeiro horizonte, expectativas muito grandes, a ponto de a obra se revelar como inacessível ou surpreendente, oferecendo resistência ao receptor, é necessário um extenso processo de recepção em que o significado virtual se revela. Dessa forma, um horizonte atualizado pode oferecer uma forma mais “contemporânea” que permita interpretar uma obra, antes não compreendida. Assim, a Estética da recepção oferece meios para que o leitor receba obras

---

<sup>44</sup> Trata-se de Jauss discutindo Gadamer.

esquecidas ou rejeitadas antes, devido à incompreensão gerada no primeiro horizonte, tenha expectativas atuais e compreenda o significado do texto literário que ficou encoberto, pois é preciso um processo recepcional longo para que seja possível o acesso ao horizonte de expectativas.

Jauss expõe ser possível a apreensão de um horizonte de expectativas de uma obra que se encontra simultaneamente dentro de um sistema literário (sincronicamente) e dentro de um momento histórico. No entanto, a recepção do texto literário pode ser realizada com uma não-simultaneidade em que o contexto recebeu de uma determinada obra (diacronicamente), o leitor pode fazer a recepção como atual ou não, por exemplo, percebendo se a tecnologia concebida no ato da leitura é ultrapassada ou não para seu tempo. O teórico alemão propõe que, na estética da produção, os textos literários que surgem simultaneamente fazem parte de uma multiplicidade de textos que, em diferentes contextos recepcionais se caracterizam não-simultaneamente. Isso é possível devido ao fato de cada obra ser dotada de sua própria estética, mesmo que pertença a um sistema de uma época, porém, cabe ao receptor o ato de percebê-las em um horizonte comum em que, ao relacionar um texto literário com outro, o leitor os apreende em sua atualidade.

A experiência estética é concebida pelo teórico alemão como uma experiência da *práxis* humana que é libertadora de imposições da vida, e o receptor passa a ter um novo “olhar” sobre as coisas. O horizonte de expectativa gerado na experiência do leitor com a obra é capaz de conservar as experiências da vida (*práxis* histórica) e também de antecipar ao receptor, possibilidades ainda não concretizadas. Ampliando o limite do comportamento social humano como novos desejos, objetivos, pretensões etc., a linguagem de caráter fenomenológico de Jauss propõe que o ato de leitura expande as possibilidades do leitor de uma maneira que abre novas vias para experiência futura. A experiência de leitura é, notoriamente, uma experiência ontológica do homem no mundo diante da obra de arte. Assim, essa experiência é uma abertura para o limite social do homem. Tal ato ontológico de leitura pode antecipar experiências futuras, pois, obviamente, a capacidade de perceber as coisas, de uma nova maneira, amplia as possibilidades do homem e concebe para si novas experiências futuras, conquistas, objetivos e outros.

A experiência estética permite não somente que o receptor possa contrastar a nova obra com outras formas artísticas, mas com a própria dinâmica da vida cotidiana. Dessa forma, a constituição ética de uma obra relacionada com sua função social é compreensível por meio de sua recepção. Pergunta, resposta, problema e solução são caracteres que

exprimem o efeito de um texto literário que é criado pelo ato de leitura. Além deste contraste realizado pelo receptor em relação ao texto literário, pode-se romper a compreensão com o horizonte de expectativa predeterminado se se imaginar a relação lógica da pergunta e da resposta quebrada, pois:

Contudo, a obra literária pode também — e, na história da literatura, tal possibilidade caracteriza a nossa modernidade mais recente — inverter a relação entre pergunta e resposta e, através da arte, confrontar o leitor com uma realidade nova, “opaca”, a qual não mais se deixa compreender a partir de um horizonte de expectativa predeterminado. (JAUSS, 1994, p. 56)<sup>45</sup>

Traçou-se até aqui uma esquematização sobre o conceito de recepção de Jauss e percebeu-se a importância da Literatura na vida social. No entanto, não se pode conceber a arte da palavra reinventada como uma forma representativa, conjunto de textos caracterizados sob o perfil de um sistema, uma arte que existe por si só etc. A Literatura tem, para o teórico alemão, uma relação íntima e dependente de seu leitor, que pode contrastá-la com a vida ou com outras formas de arte, ampliar suas possibilidades de comportamentos futuros, resgatar uma obra do passado, entre outros. Segundo Jauss, para se compreender esta função social da obra literária, é necessário considerar o receptor como elemento de fundamental importância no âmbito da História da Literatura, visto que a função social da arte é possível em uma experiência estético-recepcional de caráter ontológico e descreve-se a leitura como essencial para o homem.

Compreender-se a experiência estética como ontológica, isso mostra como a relação conceptual de Jauss está em diálogo com seu mestre Gadamer e com Heidegger, traçando-se de forma rápida o pensamento heideggeriano no que diz respeito à existência humana<sup>46</sup>, se concebe que para esse filósofo o Ser é o que “determina” o ente, pois, ele só pode se realizar manifestando possibilidades de Ser. Para o autor de *Verdade e Método*, é indispensável a noção de História do efeito [*Wirkungsgeschichte*], pois o ser humano só pode se realizar sob a tutela da História; essa condição expõe que o homem não tem “controle de sua ação” ou, pelo menos, domínio total, já a História transcendental, ou seja, a tradição assume poder sobre as realizações humanas. “Constata-se, sim, uma espécie de tutela, pois não temos controle total

---

<sup>45</sup> Em alemão: “Das literarische Werk kann aber auch – und diese Möglichkeit kennzeichnet in der Geschichte der Literatur die jüngste Epoche unserer Modernität – das Verhältnis von Frage und Antwort umkehren und der Leser im Medium der Kunst mit einer neuen, „opaken“ Realität konfrontieren, die sich nicht mehr aus vorgegebenen Erwartungshorizont verstehen lässt.” (JAUSS, 1970, p. 206-207)

<sup>46</sup> Sabe-se que Heidegger não é um filósofo da existência, no entanto, sua fenomenologia descreve em alguns momentos a existência para focar em seu objetivo que é a diferença ontológica entre Ser e ente.

sobre a tradição, de maneira que somos determinados, em grande parte, por ela.” (ROHDEN, 2012, p. 20). Comprova-se que, para Gadamer, o intérprete é parcialmente passivo diante do horizonte histórico e que não pode escapar dele ou pelo menos se configura menos ativo do que para Heidegger em cujo pensamento a historicidade é um acontecer próprio da existência que se projeta para o futuro, intimamente ligado a sua finitude.

Em um horizonte de pergunta e resposta, o intérprete gadameriano está em condição de submissão à tradição, cultura, linguagem etc., pois, qualquer pergunta ou resposta gerada na experiência com o texto está pré-determinada pelo horizonte histórico. A compreensão é sempre conduzida pela tradição, isso demonstra uma grande passividade do ser humano, pois, não pode se libertar da história do efeito. No processo de fusão de horizontes [*Horizontverschmelzung*], a consciência histórica é consciente desse ato e da diferença entre ela e o horizonte da tradição, porém, o segundo horizonte se impõe sobre o intérprete, portanto, o sujeito gadameriano é o receptáculo da tradição, da linguagem. A verdade que a tradição expõe e que o homem não pode entender por meio de um método, como nas ciências, mas, por modelos estruturais como o diálogo, por exemplo, a verdade é mostrada pela linguagem. Em Gadamer o termo *Dasein* é concebido como sujeito histórico que mesmo sendo consciente do ato de fusão dos horizontes apenas em certa medida pode atuar sobre a tradição, ou seja, a compreensão está subordinada à linguagem. (Cf. ROHDEN, 2012, p. 28)

A subordinação histórica interpretativa gadameriana está vinculada aos pré-conceitos, pois, esses são vitais para que haja compreensão. Antes de compreender, o intérprete pré-compreende, pois, “os pré-conceitos são na realidade a condição de possibilidade da compreensão”.<sup>47</sup> (KARCZMARCZYK, 2007, p. 35) É claro que essa articulação do filósofo da hermenêutica está conectada a sua concepção de que os homens são seres “essencialmente históricos”, (Cf. KARCZMARCZYK, 2007, p. 34) isso se conecta com o pensamento de Heidegger, que conceitua a pré-compreensão como parte da estrutura do *Ser-no-mundo* que antecede a compreensão em geral. Se por um lado, Heidegger expõe o Ser como categoria que determina os entes em geral, por outro, Gadamer aponta o Ser de caráter histórico que para ele comprova que os homens estão sob a tutela histórica. Percebe-se uma diferença entre os filósofos, mesmo ambos relacionando suas teses no terreno da temporalidade, pois, para o autor de *Ser e Tempo*, o Ser assume dimensão mais ampla ao se manifestar como próprio, abarcando possibilidades a partir de si mesmo e para o pensador de *Verdade e Método*:

---

<sup>47</sup> Em espanhol: “los prejuicios, son en realidad la condición de posibilidad de la comprensión.” (KARCZMARCZYK, 2007, p. 35) [tradução nossa]

... nosso Ser histórico e finito está determinado pelo fato de que a autoridade da transmissão, e não apenas a que se fundamenta racionalmente tem poder sobre nossa ação e nosso comportamento.<sup>48</sup> (GADAMER, 1990, p. 285) [tradução nossa]

A posição de Jauss é contrária à de seu mestre em relação à interpretação necessariamente calcada na tradição. Quando se entende o conceito de leitor do teórico da recepção se percebe que este não é propriamente constituído de “carne e osso” estabelecendo, dessa forma, uma materialidade, mas, uma noção conceitual de leitor que se aproxima do ser-*aí* heideggeriano. O receptor de Jauss se aparta do intérprete gadameriano na medida em que, não está sob a tutela da tradição durante o processo hermenêutico, ou seja, o leitor para o teórico da Literatura pode escapar do horizonte histórico e experimentar o texto literário sem ser conduzido pela tradição. É obvio que o horizonte de expectativa da obra carrega sua historicidade própria referente a seu valor estético e o horizonte de vida do receptor não pode ser apagado como se ele fosse uma folha em branco que proporcionasse sempre uma leitura originária. O leitor pode ir para experiência estética unindo os dois horizontes (o de vida e o da obra) sem se subordinar à linguagem tradicional, uma vez que, as premissas do texto literário e de suas vivências podem proporcionar a hermenêutica literária. O teórico da recepção não concebe o intérprete como necessariamente receptor da linguagem herdada, sendo submisso a experimentar dentro do horizonte histórico.

Quando se toma a concepção de Benedito Nunes em *Hermenêutica e poesia*, nota-se que o comentador paraense expõe como em *Ser e Tempo* o ser-*aí* está “sujeito” a certa “passividade” das tonalidades afetivas para poder se abrir. Na abertura, o ente humano se comporta ativo para interpretar o ser dos entes em geral. Nessa perspectiva, ele compreende se realizando dentro de suas próprias possibilidades sendo livre, nesse caso escolhendo pelo Ser autêntico de sua estrutura de sentido. Gadamer, ao conceber o Ser histórico e finito do ser humano referente ao ato hermenêutico de compreender como compreender-se, ou seja, interpretar-se, ele mostra a influência que Heidegger exerce sobre seu pensamento, no entanto, o ser-*aí* do autor de *Ser e Tempo* interpreta o mundo a partir de modos de Ser próprios e o sujeito transcendental de Gadamer sob a tutela da tradição. Dessa forma, entende-se que o leitor de Jauss está mais próximo do ser-*aí* de Heidegger do que do sujeito transcendental do mestre do teórico da recepção.

---

<sup>48</sup> Em alemão: “unser geschichtliches endliches Sein ist dadurch bestimmt, daß stets auch Autorität des Überkommenen - und nicht nur das aus Gründen Einsichtige - über unser Handeln und Verhalten Gewalt hat.” (GADAMER, 1990, p. 285) [tradução nossa]

Embora se tenha mostrado como, em Jauss e em Heidegger, o conceito de leitor do primeiro e o ente humano do segundo assumem características semelhantes no que diz respeito ao nível de atividade interpretativa, sendo maior que no sujeito transcendental do autor de *Verdade e Método*, entre o teórico da Literatura e os filósofos da Fenomenologia, existem aspectos semelhantes quando se trata de compreensão, uma vez que, ambos admitem esta categoria como compreender-se a si mesmo e ao mundo. Nessa dinâmica, a concepção de Jauss mostra como a experiência estética enquanto ação se configura como o receptor que compreende o objeto estético entendendo o mundo e a si mesmo. Assim a interpretação revela como o leitor passa da pré-compreensão para a compreensão. Novamente constata-se um diálogo maior de afinidades entre Heidegger e Jauss, pois, como argumenta Luiz Rohden: Gadamer, ao retomar, em certo sentido, a relação sujeito-objeto no par consciência-história, admite uma relação dialética (ROHDEN, 2012, p. 25). O autor de *Ser e Tempo* desconsidera o conceito de sujeito por esse pertencer a História da Filosofia que questionou apenas o ente enquanto tal e não o “Ser dos entes em geral”. Assim o leitor do teórico da Literatura, retoma a segunda tese de *História da literatura como provocação*, e comprova como o receptor de Jauss na experiência estética não está conduzido por experiências psicológicas. Isso leva concluir que o receptor se aproxima do ser-aí heideggeriano, um *a priori* ontológico que antecede o pensamento, reflexão, psicologia, entre outros.

Passando-se à discussão para o prazer estético, Jauss retoma os três conceitos clássicos de *poiesis*, *aisthesis* e *catharsis*, para lidar com a questão. É necessário esclarecer que o teórico alemão propõe outra semântica para os termos que, em sua gênese, são aristotélicos. Dessa forma, o trabalho não se compromete a discutir como a Filosofia clássica maneja os conceitos mencionados. Portanto, cabe mostrar como Jauss concebe a *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*.

Retomando o sentido do termo *poiesis* estabelecido na Grécia antiga se tem, *grosso modo*, o aspecto de produção com finalidade de se chegar a um fim. Obviamente que não se trata de produção no sentido artesanal ou até mesmo industrial como na Idade Contemporânea, mas do sentimento que o artista experimenta em sua criação. É exatamente nessa perspectiva que Jauss, ao retomar Hegel, propõe que a produção da obra de arte faz parte da atividade humana em que o artista ao retirar a dura estranheza do mundo externo pode gozar de uma realidade diferente da de si próprio. (Cf. JAUSS, 1979, p. 80) Em poucas palavras, se pode dizer que para o teórico da Literatura, a produção artística do homem alcança um saber que não se pode obter nem por meio das ciências, já que esta remeteria ao

processo de reprodução artesanal, todavia,

O aspecto produtivo do prazer estético refere-se sobretudo à capacidade do artista de expressar aquilo que, devido às exigências e convenções da existência diária, permaneceria calado, oprimido ou desconhecido. (MIRANDA, 2007, p. 71)

Sobre a *aisthesis*, Jauss afirma se tratar do prazer estético da percepção, ou seja, como o público ao experimentar um texto literário pode contemplar, refletir, deleitar, entre outros. O conceito em discussão se diferencia da percepção usual da vida cotidiana, pois, como já se constatou no decorrer do trabalho, a experiência estética proporciona a compreensão. A temporalidade da *aisthesis* permite ao homem renovar sua percepção na medida em que pode interpretar o presente por meio de sua projeção para o texto ficcional, antecipar experiências do futuro ou até mesmo se projetar para o passado percebendo experiências retrospectivas. A *aisthesis* possibilita ao leitor abandonar temporariamente seu horizonte de expectativas e experimentar o mundo por meio do outro, isto é, a ficção conduz o receptor a situações em que ele possa, por exemplo, se colocar na posição do personagem como se fosse ele próprio a ver o mundo sob esta dinâmica.

O conceito de *katharsis*, Jauss propõe que o juízo estético tem a capacidade de libertar o espectador da prática cotidiana na medida em que, ao se identificar com o representado, a liberdade proporciona ao leitor experimentar distanciadamente possibilidades que poderia ter vivenciado. Nesta perspectiva, o teórico da Literatura admite que a *katharsis*, não é necessariamente experimentar e se libertar das emoções para se chegar a uma concepção racional, mas a possibilidade de experimentar esteticamente um prazer próprio. É exatamente a relação dialógica com a arte que permite o prazer reflexivo, pois, o receptor ao se distanciar de suas emoções e obrigações cotidianas, manifesta sua possibilidade de libertação. A arte ou, mais especificamente, a dimensão estético-ficcional permite na relação leitor e obra que o primeiro, na manifestação catártica, seja suspenso da praticidade da vida podendo vivenciar suas emoções de outro modo.

Brevemente definidos os termos *poiesis*, *aisthesis*, e *katharsis*, que constituem a experiência estética passa-se agora para a relação entre esses e os três níveis hermenêuticos da Interpretação (compreensão, interpretação e aplicação).

Iniciando-se pelo nexos entre *poiesis* e compreensão, se percebe que a dimensão em questão se situa no primeiro nível hermenêutico não por motivos de hierarquia como será exposto mais adiante, mas, pela possibilidade do primeiro público ter contato com a obra.

Obviamente que os receptores iniciais podem não compreender o texto literário na mesma perspectiva que seu autor o construiu, ou mesmo o produtor da obra não o conceba como em sua confecção original, porém, isso não é valorativo para o teórico da Literatura, ou seja, a multiplicidade de compreensões é livre. No entanto, pode ter como exemplo, o entendimento desvirtuado da obra, isso se define pela ação do leitor de partir de premissas “erradas” o que o levaria a uma concepção “errada”. Sobre essa circunstância, pode-se tomar como prova a recepção do primeiro público de *Grande sertão: veredas* (1956), em que, segundo Benedito Nunes, a compreensão foi conduzida pela premissa do regionalismo fortemente marcado pelo Modernismo, no entanto, o romance se constrói narrado por um protagonista letrado e por estruturas linguísticas do alemão, francês, italiano, latim etc., inibindo a crítica calcada no regionalismo. (Cf. NUNES, 2007, p. 77).

Entre *aisthesis* e interpretação, nota-se que na primeira, a percepção reconhecedora e o reconhecimento perceptivo que a constituem permitem a renovação da percepção do leitor devido à temporalidade do conceito. Ao se renovar a visão do público sobre a obra, isso remete ao desenvolvimento da compreensão, já que o texto literário se caracteriza pelo seu ser temporal, ou seja, a *aisthesis* se configura como interpretação, segundo nível hermenêutico. Assim um determinado público ou até o mesmo fazem outras recepções se comprovando, dessa maneira, a historicidade própria da obra concebível por sua estética. O desenvolvimento da interpretação e a *aisthesis* podem proporcionar o entendimento em que o leitor pode ter prazer diante do que antes foi incompreendido pela primeira recepção. A interpretação e a *aisthesis* entram em diálogo quando o que está em jogo são novas percepções e significados que se constroem ao longo da experiência estética.

Na relação entre *katharsis* e aplicação, o primeiro conceito ao se configurar pela capacidade de libertação dos interesses da praticidade do receptor, se entende que se trata do prazer reflexivo na experiência estética. A libertação do expectador da dinâmica da vida cotidiana o mantém suspenso da pré-compreensão e possibilita que ele possa compreender qual horizonte de expectativas do público anterior conduziu a experiência estética no passado. Dessa forma, o prazer reflexivo da *katharsis* pode proporcionar uma recepção de caráter crítico diante da fascinação estética. É necessário frisar que a proposta de Jauss não é de que a crítica se sobrepõe ao estético como se o termo nesse momento assumisse menor relevância, mas, que ela impõe ao leitor o esforço de realizar uma experiência crítica mesmo diante da sedução estética. No entanto, é necessário saber que:

As três categorias básicas da experiência estética, *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis* não devem ser vistas numa hierarquia de camadas, mas sim como uma relação de funções autônomas: não se subordinam umas às outras, mas podem estabelecer relações de sequência. Em face de sua própria obra, o criador pode assumir o papel de observador ou de leitor; sentirá então a mudança de sua atitude, ao passar da *poiesis* para *aisthesis*, diante da contradição de não poder, ao mesmo tempo, produzir e receber, escrever e ler. Quando o leitor contemporâneo ou as gerações posteriores receberem o texto, revelar-se-á o hiato quanto à *poiesis*, pois o autor não pode subordinar a recepção ao propósito com que compusera a obra: a obra realizada desdobra, na *aisthesis* e na interpretação sucessivas, uma multiplicidade de significados que, de muito, ultrapassa o horizonte de sua origem. A relação entre *poiesis* e *katharsis* tanto pode se dirigir ao destinatário, que deve ser persuadido ou ensinado pela retórica do texto, quando remeter ao propósito produtor: o autor pode tematizar expressamente o “poetar do poetar”, como se a liberação de sua psique fosse um efeito da *poiesis*.<sup>49</sup> (JAUSS, 1979, p. 81)

Pode-se constatar como os três níveis hermenêuticos são capazes de demonstrar como a denominação Estética da Recepção e do Efeito definem de forma precisa sua proposta. O termo, Estética da Recepção remete para relação entre objeto artístico e recepção, forma como o leitor experimenta a obra e no caso do Efeito se entende como consequência provocada por uma das etapas da Interpretação. Sabe-se então que o nível de atividade do receptor de Jauss é elevado ao ponto de se poder comparar com o ser-aí de Heidegger (discussão já desenvolvida pelo trabalho). A liberdade interpretativa do leitor jaussiano se abrange entre o seu próprio horizonte e o da obra, no entanto, vale destacar que o público não pode conduzir a experiência estética escapando de qualquer que seja das etapas de Interpretação. Essa dinâmica é constatável de forma precisa, pois, se o leitor sair de um dos níveis hermenêuticos em que ele faz a recepção, estará retornando para pré-compreensão estando novamente na lida com as obrigações cotidianas. Assim a experiência estética proporciona a libertação das ocupações do mundo por meio da ficção.

---

<sup>49</sup> Em alemão: “Poiesis, Aisthesis und Katharsis als die drei Grundkategorien der Ästhetischen Erfahrung sind nicht hierarisch als ein Gefüge von Schichten, sondern als ein Zusammenhang von selbständigen Funktionen zu denken: sie lassen sich nicht aufeinander zurückführen, können aber wechselseitig in ein Folgeverhältnis treten. Der schaffende Künstler kann seinem eingenen Werk gegenüber in der Rolle des Betrachters oder Lesers eintreten; er wird dabei Wechsel der Einstellung von Poiesis zu Aisthesis an dem Widerspruch erfahren, daß er nicht gleichzeitig hervorbringen und aufnehmen, schreiben und lesen kann. Wenn der zeitgenössische Leser und spätere Lesergenerationen den Text aufnehmen, macht sich der Hiatus zur Poiesis darin geltend, daß der Autor die Rezeption nicht an die Intention binden kann, mit der er das Werk hervorbrachte: das vollendete Werk entfaltet in der fortschreitenden Aisthesis und Auslegung eine Bedeutungsfülle, die den Horizont seiner Entstehung bei weitem übersteigt. Das Folgeverhältnis von Poiesis und Katharsis kann sich sowohl auf den Adressaten richten, der durch die Wirkungsstruktur des Texts umgestimmt oder belehrt werden soll, als auch auf den Produzenten selbst zurück gewendet werden: der Autor kann das ‚Dichten des Dichtens‘ eigens thematisieren, als ob die Befreiung seines Gemüts eine Wirkung der poetischen Tätigkeit sei” (JAUSS, 1997, p. 89)

Passa-se agora a relacionar *A origem da obra de arte* [*Der Ursprung des Kunstwerkes*] [1935-1936]<sup>50</sup> de Martin Heidegger com a concepção estética de Hans Robert Jauss. O objetivo nesse momento é conceber o conceito de arte do filósofo alemão que dedicou com um texto sua atenção ao tema, é obvio que seu direcionamento é de uma amplitude mais geral já que lida com a arte em todos os seus campos. E no caso do teórico alemão seu interesse é sobre uma determinada forma de arte, a Literatura; não que não se possa aplicar as ideias jaussianas a outras formas de arte, mas que sua preocupação específica é com a arte da palavra reinventada. O terreno comum da discussão continua sendo o da hermenêutica, no entanto, de um lado filosófica e de outro literário e em constante diálogo onde um não pode desprezar o outro. Inicia-se a proposta pelo pensamento heideggeriano.

O texto, *A origem da obra de arte*, situado na segunda fase do pensamento heideggeriano mostra por um lado uma posição divergente com a de *Ser e Tempo* (obra da primeira fase da concepção de Heidegger), pois a verdade, como acontecer da arte, assume posição de abertura. Nessas condições, não se tem na concepção de 1930, a mesma de 1920 que admitia a tonalidade afetiva como modo de ser que abria o ente humano. Não se deve constatar o distanciamento entre as posturas do filósofo alemão como uma separação, pois a noção de ser-aí continua existindo na década de 1930, no entanto, com diferenças na concepção de Heidegger, já que deslocou o conceito de Verdade para a arte... Ela agora revela o ser.

Para constituir sua tese o filósofo alemão utiliza como exemplo um quadro de Van Gogh para explicar como a *práxis* tende para as relações cotidianas com os utensílios que vêm ao encontro do ser-aí (Cf. NUNES, 2007, p. 95). A ação da camponesa do quadro com as botas, revela a atitude de ocupação com os instrumentos que cercam o mundo fático da existência. O quadro ao se caracterizar com estatuto único de obra, se afasta da configuração de utensílio, pois, é um Ser simplesmente dado [*Vorhanden*] se situando na fronteira entre a coisa natural e o instrumento. O pensamento de Heidegger expõe que a origem da obra de arte é questionar, por sua essência, o homem não sabe qual é esta, no entanto, ela age sobre a existência. Só é possível localizar a essência da arte onde ela se manifesta, na obra. É necessário compreender que todas as obras carregam consigo o caráter de coisa, pois, existem antes de tudo como coisa. Para se perceber isso é só conceber de acordo com o filósofo alemão como o quadro de Van Gogh transita de um espaço para o outro, seja entre exposições, entre bancos e exposições, ou entre bancos, já que normalmente são propriedades

---

<sup>50</sup> Texto publicado na Alemanha em 1960.

destes.

Poder-se-ia em certo momento confundir a obra com o instrumento já que ambos sofreram interferência das mãos do homem, no entanto, diferente do instrumento que é utensílio em seu interior, a obra possibilita ao ser-aí compreender o ente intramundano descobrindo sua essência ao contemplar a obra de arte. Nesse sentido, a bota no quadro de Van Gogh torna acessível a pergunta, o questionamento pelo sentido do ser do utensílio. Heidegger mostra que a tela do pintor moderno serve como exemplo para sua articulação, dessa forma, compara um templo grego antigo em estado de ruína, mas que conserva o estatuto de obra de arte e caracterizando-se entre a coisa natural e o utensílio assim como o quadro não arruinado. É nessa proposta que tanto o templo quanto a tela oscilam entre a coisa natural e o utensílio. Todavia, no que diz respeito ao quadro, quando o ente humano se projeta para este não resume sua visão apenas a cores e formas e a mera representação das botas. O ser-aí é provocado pela obra durante a interpretação da mesma.

Assim a existência compreende a bota como instrumento, o lavrador que se utiliza dela, o trabalho no campo, o afastamento da urbanização etc.. Usando-se uma expressão de *Ser e Tempo* se percebe que o pré-ontológico se tornou ontológico, o Ser do ente intramundano agora está descoberto [*Unverborgenheit*], o ser-aí conduz sua compreensão na abertura proporcionada pela arte, entre outros. A obra de arte abre a compreensão do ente e a verdade que na década de 1920 pertencia à existência humana, na segunda fase do pensamento heideggeriano pertence à arte. É necessário entender que a concepção de Heidegger não admite a representação de um objeto na obra, mas, sim aberto na arte. Na abertura da obra de arte o ser-aí descobre o ente intramundano revelado por ela, ou seja, uma dinâmica hermenêutica possível na experiência fenomenológica.

Se a arte é a abertura para a verdade do ser, uma suspensão do cotidiano cercado por uma malha referencial de ocupações e preocupações, abrindo a existência humana para comportamentos autênticos, a obra de arte expressa um modo de ser que retira o ser-aí da tendência das ocupações. Tem-se, então, um movimento inverso ao da decaída em *Ser e Tempo*, uma constante lida intramundana inautêntica em que o ente humano quanto mais se questiona mais se mantém guiado pelo discurso sedimentado do mundo. Pela via do Ser próprio e do impróprio, tem-se uma maneira de concordância entre o texto principal do filósofo alemão e a *Origem da obra de arte*. Por outro lado, como se viu há uma inversão que ao invés de se tratar da tendência do Ser da decaída, discute-se a experiência com a arte que mantém a existência humana na compreensão do Ser.

Da decaída para abertura, a bota está no contexto fático que a liga a uma rede de articulações. Assim o calçado remete para uma série de comportamentos do ente humano com utensílios (o arado que serve para lavrar a terra, a carroça tracionada pelo animal que carrega as sementes, o pilão que tritura os grãos, entre outros.), atividades (ações, andar, trabalhar, falar etc.) e preocupações (manifestação do Ser encoberto a partir do Ser do outro, interesse em garantir o sustento dos filhos, o presente da esposa, o tratamento de saúde dos pais e assim por diante). Nessa perspectiva, a bota é mais que simplesmente um calçado e o contexto e a dinâmica em que ela está inserida caracterizam o mundo denominado por Heidegger. Porém, o mundo, em *Ser e Tempo*, é um contexto de atividades práticas envolvidas por entes e remetidas a um complexo de referências que se relacionam em todas as ações do ser-aí. Já em *A origem da obra de arte*, o mundo se apresenta como um contexto, no entanto, que contorna algo e que se isola da praticidade propriamente concebida, uma vez que esse mundo é aberto pela obra de arte.

Outra noção importante para Heidegger nesse momento é a de Terra. Esta se define por aquilo que não é humano: suporte, morada, fundamento etc. a Terra é onde se abre o mundo. Na obra de arte as noções de mundo e Terra estão em conflito e a verdade da obra possibilita a compreensão desta tensão. Os existenciais não se confundem, já que o primeiro remete para possibilidades de Ser, enquanto que o segundo é “aquilo em direção ao qual a obra se retrai, permitindo que ela ressurja desse próprio retraimento, é a Terra.” (NUNES, 2007, p. 104). Esta, por sua vez, é onde se produz a obra passando a existir algo que não existia, assim a obra mostra sua verdade entre mundo e Terra.

Quando se observa o instrumento na obra ela permite que o ente humano compreenda o ser do instrumento. A proposta heideggeriana direciona sua articulação para uma inversão na medida em que para interpretar o ente intramundano, o ser-aí ao invés de se projetar para o ente e apreender o ser desse a partir de si mesmo, ele passa a olhar o instrumento por meio da obra. Assim a contemplação da obra de arte é a contemplação de uma realidade ontológica fatiada, deslocada da praticidade, logo, há a abertura para o sentido do ser por meio da obra. Há aqui uma evidência da proposta de destruição da estética tradicional, pois a experiência ontológica com a arte se desvincula com a relação sujeito e objeto em que primeiro apreende cores e formas representadas no sentido de *mimesis* pela obra de arte. Na perspectiva da compreensão do sentido do ser, a abertura [*Eröffnen*] que o quadro possibilita para se interpretar o que são os sapatos possui o mesmo sentido de “abertura” [*Erschlossenheit*]<sup>51</sup> de

---

<sup>51</sup> O termo é o mesmo tomado por Heidegger em *Ser e Tempo*.

*Ser e Tempo*, no entanto, a noção em *A origem da obra de arte* é deslocada para a arte (Cf. NUNES, 2007, p. 101).

Em Heidegger a arte se situa no combate entre encobrimento e não-encobrimento, assim a obra traz consigo uma característica de fenda [Riss]. A obra ao abrir o Ser da verdade supera o par matéria e forma estabelecido pela estética tradicional, isso se nota na medida em que o ser-aí ao se projetar para arte se relaciona com seu Ser e não com matéria e forma. Essa característica transcendental do ente criado mostra que “[a] verdade está na não-verdade, quanto a isso pertence a ela provir do âmbito do não (o *Un*), o desencobrimento no sentido da ocultação.”<sup>52</sup> (HEIDEGGER, 2012, p. 60) [tradução nossa] Assim a obra de arte só pode proporcionar a abertura por que existe o fechamento, ou seja, ela só pode revelar o acontecer da verdade porque a não-verdade se faz presente. Já se falou que o ente criado manifesta o ser da abertura, no entanto, a obra de arte assim como o ser-aí em *Ser e Tempo* estão entre abertura e fechamento. É claro que o ente humano no primeiro Heidegger, tende a ocultação do Ser enquanto que o ente criado em *A origem da obra de arte* promove a compreensão, no entanto, somente o ser-aí existe, pois sempre mantém relações de sentido, ao passo que a arte não mantém constante e variáveis relações de sentido consigo mesmo e com os outros entes como faz o ser-aí.

Após se observar o pensamento heideggeriano sobre a obra de arte, se constata que ela abre a verdade do Ser. Jauss ao conceber a função social da arte como compreensão do mundo, seja como antítese social ou como identificação o teórico não atribui uma possível gênese dessa concepção a Heidegger. Já foi mencionado que Jauss cita o filósofo de *Ser e Tempo* em um momento muito específico sobre o método hermenêutico fenomenológico, mas, não em relação à concepção de arte como abertura do mundo e possibilidade de interpretar o mesmo por meio da arte. Não se parte da ideia de que o teórico alemão não tenha lido *A origem da obra de arte*, mas que o teórico da Literatura não tenha citado um texto de Fenomenologia que trata especificamente da arte devido à rejeição receptiva do pensamento de Heidegger no período pós-Segunda Guerra Mundial. Para sustentar a hipótese é só observar que o texto heideggeriano foi publicado em 1960, década em que a formulação da Estética da Recepção ainda não estava concluída por Jauss.

Para se notar a influência do filósofo alemão sobre o teórico da recepção, é só verificar que para Heidegger a relação entre ser-aí e arte não é de representação do mundo, mas, de interpretação do ser. Essa articulação calcada na hermenêutica também é presente no leitor

---

<sup>52</sup> Em alemão: “Die Wahrheit ist Un-Wahrheit, insofern zu ihr der Herkunftsbereich des Noch-nicht-(des Un-) Entborenen im Sinne der Verbergung gehört.” (HEIDEGGER, 2012, p. 60) [tradução nossa]

jaussiano, pois, ao experimentar o texto literário, o receptor pode compreender o mundo, libertar-se de pré-conceitos e manifestar sua liberdade compreensiva através dos horizontes de vida e da obra. A proposta da passagem da pré-compreensão para compreensão de Jauss na experiência estética se amarra as noções expressadas em *A origem da obra de arte*. No entanto, é válido entender que o teórico da recepção não faz uma interpretação heideggeriana, mas remete algumas formulações iniciais a Estética da Recepção ao filósofo alemão. A diferença entre ambos se constata por Heidegger parte da prática para explicar a realidade ontológica, e Jauss, da teoria para esclarecer, especificamente, a relação dialógica entre receptor e obra. Porém, em *A origem da obra de arte*, o autor descreve a relação prática entre ente humano e arte, concebendo a compreensão da realidade ontológica por meio da abertura do ente humano que a arte proporciona.

Quando se emparelham as obras *Ser e Verdade* e *A origem da obra de arte*, constata-se que mesmo ambas pertencendo ao período que diz respeito à segunda fase do pensamento heideggeriano há diferenças evidentes. Na primeira obra, como se observou, o ser-aí popular, para compreender, precisa se colocar na questão fundamental da filosofia para questionar pelo seu Ser, o Estado. Na segunda obra a compreensão se torna possível por meio da arte. Em resumo, *Ser e Verdade* carrega o caráter político em sua proposta enquanto *A origem da obra de arte* como já deixa claro o título, se encarrega da arte. Mostrou-se anteriormente que Jauss se respalda no Heidegger da década de 1920 (*Ser e Tempo*) para fundamentar sua teoria articulada com o método hermenêutico-fenomenológico, no entanto, a relação dialógica se configura como ontológica, pois, compreende a obra temporalmente em suas múltiplas manifestações de Ser. Afirma-se também que após a concepção do filósofo alemão sobre a arte, a teoria de Jauss dialoga com vários aspectos da proposta heideggeriana. Se é que não constitui sua semente teórica em muitas das noções de *A origem da obra de arte*.

Tanto para Heidegger quanto para Jauss a experiência com a arte sempre possui um significado para a existência. Para o filósofo, o Ser da obra abre o Ser autêntico do ente humano. Para o teórico, a compreensão resulta do nexos entre o horizonte da obra e do leitor. A liberdade interpretativa do ser-aí e do leitor explica como ambos (o primeiro em seu Ser próprio e o segundo em seu horizonte) mostram uma dimensão muito ampla de suas possibilidades de compreender a arte. Tratando-se de Gadamer a liberdade se torna mais restritiva, pois o Ser histórico da consciência é o que conduz a interpretação. Sobre esses aspectos se pode afirmar que Jauss retoma de Gadamer, as três etapas da recepção sem restringir a experiência estética à consciência histórica, retoma a liberdade da existência

colocada por Heidegger e, por fim, estabelece uma diferença entre ele e os filósofos, e uma aproximação, pois, o receptor jaussiano se configura entre o ser-aí de Heidegger e o sujeito transcendental de Gadamer. É válido reforçar que se mantém a afirmação anterior de que o leitor de Jauss está mais próximo da concepção de existência heideggeriana do que do “ser humano gadameriano”.

Pensando-se na posição contrária de Roger Chartier em *A ordem dos livros* em relação à hermenêutica se propõe esclarecer tal concepção. O historiador francês ao traçar a História do leitor, considera que a Fenomenologia anula qualquer forma concreta de leitura. Isso quer dizer que o autor considera muito limitada a caracterização da leitura que descreve os efeitos provocados no receptor e a resposta que o texto oferece. Dessa forma, Chartier entende que a História da leitura deve identificar formas de ler, comunidades de leitores, tradições etc. (1999, p. 13). A crítica do autor francês, facilmente se desconstrói na medida em que, como se viu anteriormente, Gadamer argumenta sobre a tradição presente na interpretação. Isso mostra como o sujeito gadameriano ao experimentar o texto sempre está sob a tutela da tradição transcendental: linguagem, cultura, história, entre outros. Há também uma caracterização fenomenológica que permite compreender de acordo com o mestre de Jauss como os leitores fizeram sua recepção das obras no passado. Por outro lado, o que se poderia ter de sustentável para o historiador é puramente uma posição ideológica, pois, ao acusar a Fenomenologia de não admitir os tipos de público, ele demonstra desconhecimento da teoria na medida em que ontologicamente, o conceito de ser humano é dotado de um projeto que possui possibilidades próprias e impróprias e isso pertence a qualquer humano independente de sexo, cultura, período histórico etc.

A ideia de Chartier, que consiste em expor que a capacidade intelectual dos leitores pode diferenciar a interpretação dos textos (CHARTIER, 1999, p. 13), se torna frágil, pois é só se colocar em xeque a questão da violência. O século XXI exibiu como a mídia expôs frequentemente cenas de atrocidades que se tornaram uma rotina, dessa maneira, o ser humano se anestesiou com o terror diariamente veiculado necessitando cada vez mais de graus maiores para afetá-lo. Assim, qualquer expectador do século XXI que seja dotado de “ferramentas intelectuais” ou não, carrega em seu horizonte de vida a trivialidade da agressão contra o outro podendo experimentar uma obra e sentir prazer diante da vítima estripada, estuprada e estrangulada. Logo, a possibilidade de sentir gozo perante a violência é possível para qualquer ser humano independente de suas habilidades como supõe o historiador francês. Não há nada de novo na afirmação de Chartier em conceber as “ferramentas intelectuais”

como diferenciadoras nos modos de leitura (Jauss não utiliza dos termos colocados pelo historiador francês), no entanto, se mostrou em *História da Literatura como provocação à teoria literária* que o crítico e o teórico carregam consigo um horizonte de expectativas mais amplo que do leitor “comum”, pois, eles já experimentaram outras formas que serviram de contraste ou comparação com o texto recebido no momento, no entanto, os fenômenos de leitura são os mesmos para todos humanos.

A proposta de Chartier em relação à liberdade do leitor é limitada pelas normas, convenções, códigos etc. e mostra como o autor admite certa passividade do receptor ao experimentar o texto. Assim afirma que essas práticas que determinada comunidade depende em sua relação com a obra confirmam uma menor atividade do leitor diante da tradição que rege sua experiência de leitura em que só se é livre dentro de tais normas, convenções, códigos, entre outros. Todavia, vale ressaltar que a proposta fenomenológica de Gadamer sobre o ser da consciência histórica e que Jauss amplia, tem como divergência em relação a Chartier o fato do historiador tentar comprovar que a materialidade do suporte interfere na interpretação, porém, a gênese ou cópia feita pelo francês se encontra no filósofo alemão. E o fato de o historiador não ter conhecimento sobre a hermenêutica é o que faz com que ele exponha tais argumentos sem entender sobre suas origens. Assim, talvez se o autor francês compreendesse a proposta de Gadamer, desprezaria a ideia de que o suporte interfere na recepção, já que o Ser da obra e do leitor é transcendental e não depende de um caráter material para ser. Dessa forma, o suporte é meramente uma circunstância para o estético.

Ao conceber a materialidade física que carrega as obras como de fundamental relevância para a interpretação, o suporte passa a ter efeito na recepção, e a arte a ter a mesma relevância de sua mera materialidade física. A noção é terminantemente insustentável, pois, como diria Benedito Nunes, respaldado em Heidegger, a obra não é meramente o par matéria e forma, mas um ente criado que abre o ser da compreensão. A forma com a qual o texto atinge o leitor é, dessa maneira, “um castelo de areia na margem na praia”, pois, *A Ilíada*, *A divina comédia*, *Dom Quixote*, entre outros, sempre serão os mesmos clássicos da Literatura e para os interpretarem, o leitor unicamente (concepção jaussiana) se relacionará com o Ser dessas obras, o estatuto que as eleva à singularidade de arte. Assim a materialidade física apenas suporta forma e matéria, mas não as faz Literatura, pois, não configura a arte em sua abstração e nem muito menos afeta o receptor porque o papel ou a mídia não são a arte da palavra reinventada.

Chartier expõe erroneamente que o objetivo da Estética da Recepção era o mesmo da

História literária clássica, “historicizar” a experiência entre leitor e obra. Isso ocorre devido à ausência de conhecimento de teoria estético-recepcional por parte do autor francês sobre a teoria da recepção, pois esta propõe que a historicidade é própria da obra que já carrega em seu caráter estético a impossibilidade de ser concebida como um Ser monológico e atemporal, pois, para Jauss, o efeito independe da forma material devido a ele ser uma consequência no leitor. Assim a teoria estético-recepcional se diferencia da História literária clássica ao admitir a História transcendental da obra cujos significados constantemente se renovam como demonstra o processo da tríade hermenêutica. Porém, não se sustenta a proposta do historiador francês de que a materialidade física é determinantemente importante para a interpretação, não só por ele desconsiderar a Literatura como uma forma de arte livre de suportes, mas, por ter algumas de suas ideias calcadas na hermenêutica, teoria que o autor francês contraria. Chartier critica a Estética da Recepção e a Hermenêutica sem ter respaldo e desconhecendo que certas concepções suas já foram mencionadas pela teoria geral da compreensão, pois, quando o historiador francês afirma que:

As leituras distintas e os livros requintados se opõe, desde então, aos impressos prematuros e aos decifradores ineptos.

Mas, tanto uns quanto os outros, lembremo-nos lêem, recorrentemente os mesmos textos, cujas significações múltiplas e contraditórias se inventam à luz de contrastados usos. A questão torna-se, desde já, aquela da escolha: por que alguns textos se prestam melhor do que outros a esses reempregos duráveis e multiplicados? Ou por que os produtores de livros se consideram capazes de ganhar públicos tão diversos? A resposta reside nas relações sutis estabelecidas entre as estruturas mesmas das obras, desigualmente abertas a reapropriações, e nas determinações múltiplas – tanto institucionais quanto formais – que regulam a possível “aplicação” delas (no sentido hermenêutico) a situações muito diferentes. (CHARTIER, 1999, p. 22)

Portanto, Chartier, ao considerar a materialidade física dos livros, nesse caso, das mesmas obras sob diferentes suportes, pode estabelecer outras formas de leitura. Assim os textos podem ser ofertados pelos produtores de livros de uma maneira que as recepções possam ser refeitas de outras formas. Isso se justifica segundo o historiador francês devido a novas edições, organizações, capas, entre outros, provocarem mudanças no modo de perceber um texto. Assim, os produtores de livros podem atingir vários públicos em diferentes situações. É obvio que não só o autor francês está equivocado sobre sua articulação de reemprego das obras sob novas formas e materiais, pois já se esclareceu sobre a historicidade própria do texto literário, como não sabe do que se trata, ao lidar com o termo aplicação. Esse conceito hermenêutico que diz respeito ao terceiro momento da tríade de Gadamer (autor que

não aparece nas referências de Chartier), retomada por Jauss, se trata do modo como um texto literário foi recebido no passado ou como uma recepção no presente pode diferenciar da primeira realizada na aparição da obra.

O historiador francês, ao admitir que as instituições, normas, leis, entre outras, que atuam na sociedade são determinantes para a leitura, e que quanto mais elas afetam os receptores, menos eles ampliam sua recepção, assim como também o texto pode refrear a interpretação Chartier desconsidera a liberdade na experiência estética, pois, o leitor tem em seu horizonte de expectativas possibilidades próprias que o podem suspender das obrigações cotidianas e abrir sua compreensão para a verdade em que a facticidade não o conduz mais a relações de ocupações mundanas. Se um texto foi rejeitado no passado é porque a experiência estética não permitiu que a verdade da obra se abrisse para o receptor, pois, se viu em Jauss, que às vezes é necessário um longo processo de desenvolvimento hermenêutico para que o texto literário seja compreendido, talvez até por uma nova forma em contraste com a antiga permita a compreensão do que no passado foi repelido. O autor de *A ordem dos livros* se dispõe a tratar de um conceito já desenvolvido na hermenêutica e que ele não demonstra texto da área<sup>53</sup>.

A noção de liberdade fenomenológica como já se viu ultrapassa a formulação de Chartier de que os livreiros, autores, críticos etc., têm por objetivo controlar a compreensão do texto como se ela não pudesse variar e fosse prescritiva. Por outro lado, o historiador francês confirma a rebeldia e vadiagem dos leitores entre o fim da Idade Média e o século XVIII que passam a possuir livros proibidos e, assim, contrariam normas vigentes na época, Chartier esquece que a liberdade interpretativa sempre é possível na experiência estética. O autor de *A ordem dos livros* não entende o conceito de ser humano transcendental proposto pela hermenêutica e mesmo assim o desconsidera, já que para criticar necessitaria ter conhecimento sobre a área. A crítica feita ao autor francês não tem por objetivo legitimar a hermenêutica como um campo absoluto não passível de questionamentos, mas comprovar como o historiador se lança em um terreno alheio a sua especialidade. Sem ter noção de seu discurso, Chartier propõe uma articulação fortemente ligada aos argumentos fenomenológicos, ao afirmar que:

---

<sup>53</sup> Em *A ordem dos livros*, Chartier levanta uma discussão sobre Hermenêutica e Estética da Recepção sem citar em sua referência bibliográfica nenhum texto sobre o tema. Consequentemente a crítica do historiador francês se torna frágil e de pouca erudição tanto pelo fato de não mencionar autores da teoria estética e da Hermenêutica quanto pelo breve manejo que faz sobre o assunto não desenvolvendo conceitos como Horizonte de expectativas, temporalidade, consciência histórica, entre outros.

As obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que dela se apropriam. Certamente os criadores, os poderes ou os *experts* sempre querem fixar um sentido e anunciar a interpretação correta que deve impor limites a leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção inventa, desloca e distorce. (CHARTIER, 1999, p. 9)

Portanto, a concepção do autor de *A ordem dos livros* acerca dos múltiplos sentidos do texto já foi explorada por Jauss em sua primeira obra. Isso se comprova exatamente quando o teórico alemão afirma que o texto literário manifesta um Ser temporal cujos significados são infinitos e se modificam no tempo. A relação entre proposição ou premissa e leitor, também foi inicialmente proposta por Jauss que concebia a relação dialógica. Os sentidos atribuídos não à forma, mas, à arte, em sua abstração, o horizonte de expectativas do público e da obra são inquestionavelmente ideias gadamerianas reformuladas pelo teórico alemão. E a colocação mais complexa de se sustentar, além das estéticas recepcionais, que Chartier não tem conhecimento é de que criadores, poderes e *experts* têm por objetivo estabelecer uma interpretação “correta” e impositiva aos leitores. O historiador francês admite tal concepção, sem citar nenhum exemplo, ou melhor, exemplos que sustentem sua noção.

Assim se finaliza a discussão acerca da relação entre a hermenêutica que transita nos campos da Teoria literária e da Filosofia. Os nexos entre Gadamer, Heidegger e Jauss mostram como as concepções dos autores confirmam a posição de Benedito Nunes sobre a hermenêutica, podendo-se, dessa forma, mencionar que o conceito de verdade é indispensável para a Estética da Recepção bem como as noções de liberdade e níveis de atividade dos seres humanos variam entre as concepções dos autores alemães. Por fim, a exploração dos conceitos hermenêuticos apropriados indevidamente por Chartier, assim como seu desconhecimento da Fenomenologia implicaram uma interpretação equivocada e inocente.

#### 4. CRÍTICA SOBRE AS TEORIAS ACERCA DA GUERRA: GUIMARÃES ROSA E ERICH REMARQUE, NARRADORES DA VIOLÊNCIA DO SÉCULO XX

Sabendo-se que o século XX é marcado pela violência em níveis jamais pensados como duas grandes guerras mundiais e o Holocausto, pensa-se como é possível conceber dois autores como Erich Maria Remarque (1898-1970) em *Nada de novo no front* (1929) e Guimarães Rosa (1908-1967) nas crônicas “O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos”, presentes em *Ave, palavra* (1970), embora o primeiro situe sua obra como testemunho direto relatado pelo autor, que foi um soldado na Primeira Guerra Mundial, e o segundo como testemunha indireta por ter vivenciado a Segunda Guerra Mundial como diplomata na Alemanha nazista. Os dois literatos tocam na complexidade que é a dinâmica da guerra. A particularidade dos autores revela como cada um, à sua maneira, narra o terror experimentado, no entanto, cabe entender como Guimarães Rosa narra a complexidade do evento traumático, mostrando a importância da cultura, requinte, Filosofia, arte e a solidariedade na guerra de uma maneira antagônica à visão tradicional que consta em Remarque, pois, neste, as relações humanas estabelecidas durante o evento de terror se reduzem à barbárie. Eis o impasse: saber como as crônicas rosianas mostram uma quebra de expectativa em relação à noção comum do testemunho em que se evidencia basicamente o trauma e como estas obras do cronista mineiro se caracterizam como uma resposta para a barbárie comumente exposta quando se trata de temas relacionados a eventos de terror.

##### 4.1. *Nada de novo no front* sob o olhar de Seligmann-Silva

Em *Nada de novo no front*, o narrador Paul, diante da imposição da disciplina exigida no Exército, mostra como esta é mais importante quando se está no padrão da vida militar do que propriamente o conhecimento obtido pela leitura. Dessa forma, autores como Schopenhauer, Platão e Goethe assumem uma insignificância diante de um botão bem polido (REMARQUE, 2013, p. 25). A realidade dura do evento de terror tem a capacidade de tirar do homem o questionamento das coisas e a sensibilidade pela arte. Assim, resta unicamente como algo de relevância para o ser humano enquadrar-se a normas e estratégias que possam preservar sua integridade física. Têm-se, já neste momento, indícios de como a preparação para a guerra pode reduzir o indivíduo à barbárie, assim quando Paul e sua tropa chegam à “zona onde começa a frente de batalha e já nos tornamos homens-animais” (REMARQUE, 2013, p. 51).

O contexto da Primeira Guerra Mundial foi um momento de suma importância para o desenvolvimento da questão do trauma externo. Neste contexto, Seligmann-Silva expõe como Freud se dispõe a tratar das neuroses de guerra dos soldados sobreviventes. O choque no acidente traumático provoca, nos sobreviventes, uma repetição das cenas do trauma durante os sonhos, embora, não esteja no foco do trabalho as cenas do trauma nos sonhos, é necessário entrar neste aspecto para se mostrar como o trauma é uma fixação psíquica. Na neurose de guerra, as imagens traumáticas que aparecem nos sonhos têm um caráter de reparar a excitação do sobrevivente, pois, o fracasso diante do trauma vivido é a causa da neurose. Embora, podendo vir de uma situação pulsional interna, é a vivência externa como fonte da situação traumática que está em questão. (cf. SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 65-66)

É com base no conceito de neurose de guerra que como testemunha direta da Primeira Guerra Mundial, Remarque mostra como um soldado atende aos interesses do Estado. Dessa forma, o homem é forçado a agir contra seu semelhante com atitudes brutais mesmo que não concorde com a política responsável pela guerra. O combatente se torna “animalesco” e como: “selvagens e furiosos; queremos matar, pois aqueles que ainda estão a nossa frente são nossos inimigos mortais” (REMARQUE, 2013, p. 95). Neste contexto, sustentado em Freud, Seligmann-Silva afirma que há uma fixação do trauma na memória do sobrevivente, configurando-o patologicamente como um indivíduo que antes da possibilidade de ser vítima do inimigo na guerra foi alvo do Estado a que pertence. No entanto, o acidente traumático é repetido nos sonhos pelas imagens no momento em que se deu o choque.

Seguindo-se a discussão sobre a neurose de guerra constatada em *Nada de novo no front*, pode-se afirmar que a patologia em questão começou a ser concebida no contexto dos sobreviventes na Primeira Guerra Mundial. Limitado seria pensar o campo de batalha apenas como palco para o acidente traumático, pois Remarque mostra como a conduta dos médicos nos hospitais de guerra era atroz no sentido de que faziam vítimas e racional sob a ótica do experimento da Medicina. Assim, o romancista alemão revela como um médico se aproveitava de uma mínima desculpa para tirar vantagem de um homem. Dessa forma, afirma como um médico do hospital em que está internado tinha mania de experiência e: “[precisa] de cobaias; para ele, assim como para todos os cirurgiões, a guerra é uma época magnífica.” (REMARQUE, 2013, p. 197). Mostra-se como este era o perfil dos médicos alemães.

No romance alemão, a bebida alcóolica representa simplesmente um meio de encorajamento e compensação pela dificuldade enfrentada durante o combate. Não há apreciação pela bebida nem alegria que esta possa proporcionar. Os soldados são tomados

pela frieza da vida cotidiana com a morte, assim Remarque narra o trauma relatando como dois combatentes do Exército alemão: “ficaram tão esmagados, que Tjaden afirmou poder raspá-los da parede da trincheira com uma colher e poder enterrá-los em marmitas.” (REMARQUE, 2013, p. 104-105) Quando se retoma Seligmann-Silva para se entender a intensidade do trauma: “não se deve discutir a magnitude das catástrofes em termos numéricos, mas sim em termos qualitativos.” (2005, p. 83), a intensidade traumática foi capaz de fazer com que Paul, acostumado com a simplicidade da guerra, podendo sobreviver apenas com o essencial, pudesse recusar um lençol limpo do hospital de guerra por considerar um requinte. O personagem é um exemplo de homem tipicamente adaptado à realidade da guerra como se outra realidade fora desta fosse inimaginável.

Segundo Seligmann-Silva, Freud tratou várias vezes do trauma sem necessitar fazer uma conceituação mais restrita deste. *O local da diferença* mostra como o psicanalista alemão tratou de pacientes que durante a infância sofreram com cenas sexuais e as recordações destas cenas provocariam a histeria, esta manifesta seus sintomas por meio de recordações que agem no inconsciente, Seligmann-Silva afirma que: “[a] histeria seria uma doença desencadeada por uma reação de defesa diante de uma nova situação que recalcaria a representação inaceitável” (2005, p. 65). Não para tratar da manifestação patológica da histeria, mas para lidar com a “representação do inaceitável”, Remarque testemunha que:

Devem ser mentiras e insignificâncias, quando a cultura de milhares de anos não conseguiu impedir que se derramassem esses rios de sangue e que existam aos milhares estas prisões, onde se sofrem tantas dores. Só o hospital mostra realmente o que é a guerra. (REMARQUE, 2013, p. 199)

A guerra para o romancista alemão, que oferece uma obra em que se pode aplicar a teoria do trauma e do testemunho é responsável por fazer com que o homem regrida. As cenas traumáticas narradas por Remarque são de um nível de realidade chocante. Há no autor uma característica estética que procura ilustrar com máxima fidelidade a carnificina experimentada. É neste contexto que o literato alemão coloca que o ser humano que vivenciou a guerra é forçado a ser um tipo de primitivo diferente de um povo que, por sua natureza, se constitui assim, pois “[o] primitivismo que neles é normal e evolui naturalmente, nós só o obtemos à custa de grandes esforços e artificios.” (REMARQUE, 2013, p. 206). Esta é a dinâmica da guerra e suas consequências na perspectiva de Remarque. A cultura, o conhecimento, a arte etc., se tornam insignificantes, inúteis e não pertencentes aos homens, pois para estes o que simplesmente se configura é a barbárie.

Como se discutiu no capítulo teórico acerca o tema, a neurose de guerra é um conceito patológico que manifesta a repetição das imagens do trauma no indivíduo visando reparar a excitação cuja causa do problema está no fracasso que provocou a neurose traumática. No romance remarqueano, é possível constatar a patologia psicanalítica em questão por meio de imagens em que o indivíduo se encontra acordado. Nesse contexto se tem um narrador que expõe o homem do século XX atormentado pelos seus traumas acordado quando queria na realidade não ter vivenciado tais situações. É sim que Paul se sente, fracassado diante do estado debilitante do amigo Kemmerich e, ao olhá-lo, visualiza em sua mente a projeção de um futuro inevitável tão próximo que é a morte, como se não houvesse outra possibilidade que não fosse esta. A neurose de guerra provoca em Paul, uma imagem pessimista que se agrava, mesmo após o falecimento do amigo. Enquanto exemplo de homem do século passado o narrador do romance afetado pela neurose de guerra não consegue nem guardar para si uma imagem otimista de descanso de Kemmerich quando vier a sua morte, mas visualiza uma imagem em que não terá acesso, ou seja, a decomposição do cadáver e isso se compreende quando:

Kemmerich acena com a cabeça. Não posso nem olhar para as suas mãos, parecem de cera. Embaixo das unhas, vê-se a sujeira das trincheiras: é de um preto azulado, como veneno. Uma estranha imagem me vem à mente: imagino que as unhas continuarão a crescer, muito tempo ainda, excrescências subterrâneas fantásticas, quando Kemmerich de há muito já não respirar mais. vejo-as a minha frente: elas se retorcem em forma de saca-rolhas e crescem, crescem, e com elas, o cabelo do crânio em decomposição; como grama em solo fértil, exatamente como grama – mas como é possível isto? (REMARQUE, 2013, p. 20)

Portanto, quando se pensa na cena acima como acidente traumático, ou seja, como fixação do momento do trauma se tem um obstáculo para teoria do testemunho e para psicanálise. Tal barreira se dá na medida em que não se tem a repetição do acidente nos sonhos, mas sim uma projeção de uma imagem mais traumática que se configura de forma mais intensificada do que a condição atual do amigo de Paul. A cena futura do corpo de Kemmerich se degradando revela nesse momento uma perspectiva testemunhal em que o pós-guerra provocaria consequências mais traumáticas do que propriamente o período do confronto. Nesse caso não é o sonho, todavia, a imagem surge como uma forma de reparar o fracasso do indivíduo que se mostra excitado. Paul não sofre ataques histéricos, *grosso modo* representação do inaceitável, o personagem não é reprimido inconscientemente, no entanto, o protagonista do romance é tomado pelo fracasso de não ter cuidado de seu amigo como foi

implorado pela mãe de Kemmerich (Cf. REMARQUE, 2013, p. 19). Cabe entender que durante a vigência da guerra é que o personagem narrador toma conhecimento do futuro nefasto, portanto, essa condição de conceber o fim da guerra como momento de retorno à felicidade, aceita pelo senso comum não passa de uma visão cristã envolvida por um otimismo que a teoria do trauma e do testemunho faz cair por terra.

#### 4.1.1. As crônicas rosianas sob o olhar de Seligmann-Silva

Seguindo-se o curso temporal dos eventos de terror e a ordem usada em *O local da diferença*, passa-se a criticar as três crônicas de guerra Guimarães Rosa, cujo contexto histórico gira em torno da Segunda Guerra Mundial. Após a exposição da análise baseada no trauma e no testemunho será discutido como autores como Remarque e o escritor brasileiro se apresentam como exemplos em que se necessitam reformular aspectos da teoria testemunhal. Também será explorado como as obras desses autores apresentam um desafio para História que comumente se conhece e que a concepção de Seligmann-Silva discorre sobre os quesitos qualitativos que diferenciam os eventos de violência do século XX como se as Literaturas do *corpora* alterassem a História conhecida comumente. Começa-se, então, pela exposição crítica das crônicas rosianas de guerra.

Como foi colocado no capítulo em que se discutiu *O local da diferença*, mostrou-se como o contexto da Primeira Guerra Mundial foi um momento de suma importância para o desenvolvimento da questão do trauma externo. Neste contexto, Seligmann-Silva expõe como Freud se dispõe a tratar das neuroses de guerra dos soldados sobreviventes. O choque no acidente traumático provoca nos sobreviventes uma repetição das cenas do trauma durante os sonhos, embora não estejam no foco do trabalho as cenas do trauma nos sonhos, é necessário se entrar neste aspecto para se mostrar como o trauma é uma fixação psíquica. Embora pudesse vir de uma situação pulsional interna, é a vivência externa como fonte da situação traumática que está em questão. Em “O mau humor de Wotan”, o evento traumático é a Segunda Guerra Mundial e o personagem Hans-Helmut, após o retorno de sua primeira convocação, ele responde:

“Da guerra, vi apenas cavalos e cachorros mortos, felizmente...” Nunca o notara mais honesto, desvincado. Resumindo em nada sua experiência guerreira, negava a realidade da guerra, fiel ao sentir certo e à disciplina do pensamento. [...] — “Da guerra, mesmo, avistei só uns cavalos mortos, e cachorros, felizmente...” Era um nenhum relato, dito de acurtar conversa.

(ROSA, 1970, p. 6)

Portanto, apesar do trecho da crônica rosiana ter como contexto a Segunda Guerra Mundial. E como foi explicado no capítulo sobre *O local da diferença* em que Seligmann-Silva mostra, baseado na concepção de W. G. Niederland, que estudos da teoria do trauma surgiram com base em elementos contidos nos sobreviventes de campos de concentração, é possível aplicar em “O mau humor de Wotan” essa teoria, mesmo tendo diferentes contextos dos sobreviventes. O teórico brasileiro expõe que, para Niederland, os sobreviventes de campos de concentração são incapazes de verbalizar a experiência que passaram e sentem culpa causada pelo fato de terem sobrevivido ao terror experimentado. Este sintoma psíquico patológico de incapacidade de expressar o trauma vivido aparece em Hans-Helmut, quando ele nega a realidade experimentada. Obviamente foi clarificado no capítulo teórico sobre o trauma e o testemunho, que Seligmann-Silva expõe como H. Krystal mostra uma cisão no testemunho dos sobreviventes do Holocausto, pois estes narram suas vivências falando de si mesmos em terceira pessoa quando se referem ao acontecimento traumático, estabelecendo uma diferença entre o eu que está fora do campo de concentração e o que experimentou a realidade aterrorizante.

No entanto, o relato do personagem rosiano é uma amostra de como se podem fazer distinções entre o trauma experimentado na guerra e o vivido na *Shoah*, pois, a intensidade de terror a que o personagem foi submetido na guerra não faz com que ele negue aquela realidade mediante um relato literal, configurando, dessa maneira uma característica patológica dos sobreviventes da guerra. Porém, os sobreviventes do Holocausto são incapazes de ações e de verbalização por meio de metáforas. Assim, ao tratar de animais mortos, ao invés de seres humanos, que Heubel resume sua vivência no campo de batalha. Há, no entanto, outro aspecto relacionável entre o trauma de guerra e o da *Shoah* que se pode tratar na crônica de guerra do escritor mineiro. Explicou-se quando se expuseram os conceitos de Seligmann-Silva no capítulo destinado a sua concepção, que os sobreviventes dos campos de concentração em alguns intervalos de tempo, são afetados pela realidade psíquica do trauma experimentado e mostram uma incapacidade de diferenciação entre o real e o fantasioso. Nessa perspectiva, o trauma destruiu no personagem rosiano a capacidade de distinguir os cadáveres humanos deixados pelo confronto da fantasia de animais mortos, o que é improvável pensar, pois uma guerra é travada por homens e não por cavalos e cachorros.

Como se expôs no capítulo teórico referente ao *O local da diferença*, Seligmann-Silva, baseado em uma concepção de Dori Laub, mostrou como o trauma e o testemunho dos

sobreviventes de campos de concentração não possuem a capacidade de narrar a cena em que aconteceu o trauma. Há uma necessidade de tradução desta cena para que o sobrevivente possa, por meio de seu relato, conhecer seu passado que é atormentado pelo terror vivido e que ele procura se proteger. Mesmo o evento traumático, sendo a Segunda Guerra Mundial e não o campo de concentração, Heubel negou a realidade da guerra, no entanto, sem caracterizar uma impossibilidade de testemunhar o trauma, resumindo sua experiência guerreira em nada, pois, falar e, com ênfase, sobre os animais mortos no campo de batalha é uma forma resumida de contar e conhecer sua própria história, sem que os fantasmas daquele passado tão próximo de que ele tenta se esquivar. O relato de forma resumida do personagem rosiano, é o que o teórico brasileiro respaldado em Laub, destaca como uma impossibilidade total de testemunhar o trauma experimentado seja pelo pensamento, memória ou linguagem.

No entanto, Seligmann-Silva sustenta-se em Laub, para expor que, não somente pelo fato das tentativas dos nazistas de aniquilarem as testemunhas físicas que presenciaram seus crimes. Mas, também, pela complexidade de dimensões inimagináveis de terror, a ponto de serem “ilusórias” (devido ao abuso autoritário cometido contra o homem nos campos de concentração ser de um nível inacreditável) configuram um evento que impede o testemunho de suas vítimas. Em geral, a complexidade e a incompreensibilidade da estrutura “ilusória” do campo de concentração, que banaliza vidas de seres humanos, se assemelham à dinâmica da guerra, pois, nela, a indiferença com relação à vida e o caos estão sempre presentes. Com base nesse outro aspecto colocado por Seligmann-Silva, pode-se interpretar que o evento da guerra impediu a vítima Hans-Helmut de testemunhar. Dessa forma, surge outra possível hermenêutica, que configurará a fala do personagem rosiano sobre cavalos e cachorros falecidos como pensamento, memória e linguagem que não se caracteriza como testemunho, porque, o evento da guerra lhe impede de testemunhar exatamente por ele ser uma vítima. E as palavras do personagem sobre os animais é simplesmente uma fala que não expressa a sua experiência traumática.

Quando Seligmann-Silva se fundamenta em Donald Jay Cohen, para destacar a importância do tópico sobre a precisão das imagens traumáticas dos sobreviventes, o teórico brasileiro expõe que elas se caracterizam tanto pelo caráter concreto dos fragmentos de memória e das tentativas das vítimas de representarem a cena do trauma como em uma narrativa fragmentada. Sob este aspecto da psicanálise, o trecho rosiano fora de corpo acima revela uma ocorrência factual, pois a carência bélica da Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, que em vez de um exército constituído unicamente por máquinas de combate,

recorreu a cavalos como um instrumento de guerra, porque o Exército alemão possuía uma cavalaria. O cachorro foi também um animal de trabalho atuante no período da guerra, principalmente no que diz respeito aos campos de concentração. Falar sobre “cavalos e cachorros mortos” expõe um fragmento concreto da memória e uma tentativa do personagem de representar a cena do trauma bem como uma narrativa fragmentada em que não há o antes nem o depois da cena, no entanto, permanece a imagem traumática em sua exatidão.

Falou-se, no capítulo sobre *O local da diferença*, em dois tipos de testemunho. No primeiro, o narrador vivenciou o evento de terror e por ventura conseguiu sobreviver. O testemunho, nesse caso, só é possível, porque a vítima experimentou a realidade do evento traumático, este é impossível de ser descrito em sua totalidade (adiante será desenvolvido sobre este aspecto) assim como a libertação da imagem traumática, é dessa forma que surge a necessidade de se dar o testemunho. Obviamente que foi utilizado por Seligmann-Silva como evento de terror para tratar dos testemunhos “primários” e “secundários”, o Holocausto. No entanto, já foi mostrado que, em “O mau humor de Wotan”, o contexto é a Segunda Guerra Mundial e cabe a essa crônica rosiana a segunda forma de testemunho, o “secundário”. A Literatura de testemunho permite ser praticada por sobreviventes da guerra que não experimentaram diretamente a catástrofe sendo um testemunho “secundário”<sup>54</sup> e é neste contexto que se enquadra a narrativa testemunhal da crônica rosiana, pois o narrador não foi para combate e “O mau humor de Wotan” expõe que:

Sim, todos nós. *Los! Vorwaerts!* Milhões, de vez, penetram no Leste — rasgam a Rússia — máquinas de combate rolam através da estepe, como formigas selvagens. Porém diante, um duro defensor morria matando, ou se abriam só ruínas e o caos da destruição, como no segundo versículo: a terra mal criada — despejada e monstruosa — *tôhu-vabôhu*. (ROSA, 1970, p. 10) [aspas e itálicos do autor]

Portanto, a descrição de Guimarães Rosa, que trata do *livre! Avante! (Los! Vorwaerts!)* Contingente do Exército alemão que, com seus tanques, invadia a Rússia como animais selvagens, o oponente russo que dava a vida pelo seu país. São palavras de um narrador que não experimentou diretamente a experiência do campo de batalha se caracterizando segundo a concepção de Seligmann-Silva, colocada no capítulo teórico destinado ao *O local da diferença*, como uma testemunha “indireta”, visto Guimarães Rosa não ter experimentado o

---

<sup>54</sup> Isso não interfere na qualidade da obra, pois, se viu anteriormente o subcapítulo em que se tratou da concepção de Seligmann-Silva, que o teórico brasileiro não estabelece nenhuma diferença qualitativa entre o testemunho seja “primário” e o “secundário”.

“excesso” de realidade do evento traumático como homens que marchavam avante para a morte, não tinha a consciência de que a linguagem é incapaz de reproduzir o trauma nas proporções em que ele aconteceu, pois ela não possui palavras que possam expressar a atrocidade que é exterminar um homem. É dessa forma que se caracteriza impossível testemunhar o terror vivido, pois não havia nada de tão certo como a morte. As vítimas dos eventos traumáticos não conseguiam conceber outra possibilidade se não a de ser aniquilado.

No entanto, é como testemunha secundária que Guimarães Rosa narra o combate entre o exército alemão que avança cantando livre e avante em direção aos russos. Baseia-se no capítulo sobre *O local da diferença*, para expor como o testemunho do narrador da crônica não pode ser confundido com uma autobiografia, considerando sua estada na Alemanha nazista como Vice-Cônsul do Brasil, ou como historiografia para apreender o passado. Seligmann-Silva propõe uma concepção que, aplicada a “O mau humor de Wotan”, caracterizaria o relato do narrador como uma forma de definir o testemunho, pois este consiste em uma lamentação ou canto apresentado paralelamente e que se une à História com a função de colher os elementos do passado mais especificamente de um passado assombrado por eventos atroz. A crônica rosiana é um exemplo em que se pode mostrar como a Literatura de testemunho necessita partir de um determinado presente para que ela seja elaborada, dessa maneira, ela propõe sua particularidade de “construir” o passado iniciando pelo presente.

Porém, algo de fundamental que constitui “O mau humor de Wotan” é a questão de obra narrar seu passado tão próximo, ou seja, de constituir seu testemunho sobre um evento que ainda está em andamento. Em geral, os soldados sobreviventes da guerra testemunham seu passado após o fim desta e os sobreviventes dos campos de concentração, após terem saído de uma situação em que parecia impossível sobreviver. O dado histórico que demonstra como Guimarães Rosa esteve de 1938 a 1942 como diplomata na Alemanha, oferece um fato em que se confirma como o testemunho indireto do narrador era relato durante um evento em que não se conhecia seu fim, pois a Segunda Guerra Mundial estava em pleno andamento. O testemunho do narrador é, como já se explicou, indireto, no entanto, ele relatou durante sua vivência com o contexto da guerra, mesmo ele não tendo sido um combatente. O cronista narra o evento da guerra, sem ter conhecimento das consequências finais, podendo ser elas péssimas ou menos péssimas do que o terror vivido até o calor da hora em que testemunhou.

Traçou-se, no capítulo sobre o trauma e o testemunho como Seligmann-Silva se sustenta em Primo Levi, pois, neste último, há um exemplo em que ele mostra que seu testemunho só foi possível pelo fato de o literato ter experimentado as atrocidades do campo

de concentração. O trabalho forçado, a carência de assistência de saúde, o aprisionamento etc. são fatores constituintes de uma experiência traumática durante o Holocausto e que levam à extermínio de homens como última das consequências. Embora a experiência traumática relatada por Guimarães Rosa tenha sido a Segunda Guerra Mundial em vez da *Shoah*, o testemunho indireto do cronista mineiro demonstra, em “O mau humor de Wotan”, a incapacidade da linguagem, pois, mesmo ao narrar um confronto em que russos morriam e matavam e ao relacionar esta situação catastrófica com uma expressão bíblica do Antigo Testamento<sup>55</sup>, constata-se que a linguagem não possui meios com que a testemunha possa reproduzir, com a mesma “intensidade”, o trauma. Dessa forma, a linguagem também não pode fazer com que o “público” das testemunhas sinta com o mesmo teor a experiência traumática.

Seligmann-Silva afirma que Primo Levi foi o pioneiro em detectar a limitação da linguagem em relação ao testemunho. Se Guimarães Rosa tinha ou não consciência desse limite testemunhal não é possível saber. Mas, como testemunha indireta, o cronista mineiro colheu traços de um passado tão próximo ao período que testemunhou milhões de vidas alemães seguiam contra os milhões de vidas russas para que, em combate, perecessem e restassem simplesmente as “ruínas e o caos da destruição” de homens, cidades, famílias etc. Estes são traços das consequências do passado na Segunda Guerra Mundial e, dessa maneira, “O mau humor de Wotan” configura-se como um canto ou lamento que, junto à disciplina histórica, pode representar os acontecimentos lamentáveis da guerra. Podendo-se aplicar características do trauma e do testemunho do Holocausto na Segunda Guerra Mundial, sustenta-se que os sobreviventes não só dos campos de concentração como os da guerra são testemunhas conscientes da limitação de sua narrativa.

No entanto, apesar de Guimarães Rosa ter vivido durante um período na Alemanha nazista, ele não foi um soldado na guerra. Para um militar em combate assim como para um prisioneiro de campos de trabalho forçado, era impossível conseguir cogitar outra possibilidade que não fosse morrer, não como uma certeza que todos os homens têm em suas condições das faculdades mentais, mas como algo que é próximo e que faz com que suas vidas não possam desvincular-se em nenhum momento dessa consequência, ficando sempre impregnada a convicção de falecer no evento traumático. Pode-se interpretar que o trecho da crônica rosiana em que o narrador dá seu testemunho relatando um contingente de milhões de soldados, a coordenada para o Leste europeu mais especificamente para Rússia, tanques de

---

<sup>55</sup> Tratar-se-á, a seguir, da referência bíblica utilizada na crônica de guerra.

guerra que rolam pelas estepes, a destruição provocada pelo confronto de dois exércitos etc. Configuram muitas referências relatadas, como se o cronista não tivesse conhecimento do limite da narração que foi exposto no capítulo destinado ao trauma e o testemunho.

Todavia, “O mau humor de Wotan” descreve a trajetória do casal Hans-Helmut e Márion Madsen, que juntos ao narrador, sofrem os perigos proporcionados pela Alemanha nazista. Apesar de Guimarães Rosa conduzir a crônica narrando os acontecimentos que envolvem sua história de vida e seu casal de amigos, em certos momentos do texto rosiano, o narrador dá voz a seus amigos. É exatamente quando o cronista mineiro expõe a fala direta dos personagens, em trechos específicos, que se pode detectar a consciência da limitação narrativa dos que sobreviveram aos tormentos de eventos traumáticos. Com base nesta articulação, vem-se diferenciar o trecho relatado sobre o combate com o exército russo do trecho sobre o os animais mortos encontrados onde aconteceu um confronto. Viu-se que Guimarães Rosa abre aspas, na crônica, para que entre a voz de Heubel, para falar sobre sua experiência de guerra. O personagem resume esta vivência demonstrando exatamente o que foi colocado no capítulo destinado ao *O local da diferença* em que Seligmann-Silva mostra que os sobreviventes do evento traumático têm convicção de sua limitação narrativa. Por isso, Hans-Helmut sintetiza sua fala e repete ter visto apenas “cavalos e cachorros mortos”, mostrando-se como um sobrevivente consciente da limitação de sua narrativa.

Quando se discutiu *O local da diferença*, mostrou-se como a testemunha é constituída de uma concepção em que a linearidade do tempo dá vez para uma concepção descritiva que o autor expõe como uma topografia. A memória é um local em que se constrói uma cartografia do trauma. De maneira não linear, os traços mnemônicos vão se entrecruzando como se para o teórico brasileiro se formasse um hipertexto de imagens, vozes, sons de objetos, lembranças como um todo. Na mente das testemunhas. São esses traços mnemônicos alineares, que mostram como o relato do cronista mineiro tenta construir seu testemunho daquilo que não há palavras para explicar e que não há limites. Dessa forma, as consequências traumáticas da guerra se revelam no texto rosiano como uma tentativa de Guimarães Rosa, de mapear aquele passado caótico. Por isso, para o sem-palavras e sem-limites que a guerra estabelece, o narrador expõe a imagem das vidas humanas desperdiçadas e do local onde elas perecem como algo inexplicável. Aí surge a referência bíblica do livro de Genesis 1:2 da terra e sem forma e vazia (*Tohuwabohu*)<sup>56</sup>. Esta é a condição da terra antes da criação em que não há palavras que possam descrevê-la, pois carece de forma e “conteúdo” quando é mencionada. O

---

<sup>56</sup> Em Hebraico: תְּהוֹ וָבֹהוּ (Genesis, 1:2).

mapeamento do passado feito pelo cronista mineiro mostra como seu testemunho tenta construir o passado por meio do presente, e neste, ele concebe o passado do confronto entre alemães e russos como gerador de uma consequência que não se pode imaginar nem descrever como a terra primitiva.

Ao se discutir agora a crônica “A velha” (ROSA, 1970p. 108), focaliza-se que este texto rosiano apresenta para tratar do trauma e do testemunho acerca do evento que é a *Shoah*. Não que a guerra seja dispensável para se discutir o trauma e o testemunho, mas porque os estudos sobre trauma e testemunho, na maioria das vezes, são pensados no contexto do Holocausto. Sustentado em Laub, Seligmann-Silva expõe que as testemunhas do evento traumático são sobreviventes da perseguição que o nazismo infligiu aos judeus. Guimarães Rosa oferece, no início de “A velha”, elementos em que o real e a ficção se confundem. O cronista mineiro relata sobre o tumulto de judeus em condições precárias que invadiam o consulado, tendo como última esperança suicidar-se. O narrador oferece, ao seu leitor, uma prévia dos acontecimentos que indicam as consequências que os semitas na Alemanha viriam a experimentar. No entanto, o cronista mineiro, ao presenciar as condições precárias por que que passavam os Judeus expõe que: “[v]ê-los, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio — rouco, raivoso.” (ROSA, 1970, p. 108) como na imagem abaixo:



<http://www.bundesarchiv.de>

A imagem acima revela como Guimarães Rosa ficcionalizou a realidade. A divulgação do discurso nazista obviamente tinha como um de seus objetivos propagar uma concepção antissemita e o destino dos semitas seria, obviamente, os campos de concentração. Tem-se até agora do cronista mineiro não o evento traumático da *Shoah*, mas um relato da situação anterior das futuras vítimas dos campos de trabalho. No entanto, até agora não há um testemunho propriamente dito, como se explorou no capítulo dedicado a *O local da diferença*, pois, para se definir este conceito, mesmo *grosso modo*, seria necessário levar em consideração, tratando-se da Alemanha nazista (contexto da crônica rosiana), os eventos

traumáticos da guerra e da *Shoah*. Porém, há um teor testemunhal, pois o narrador exhibe acontecimentos prévios para que, adiante, se tenha o testemunho em torno do campo de concentração e, em seu diálogo, com a senhora Verônika, mostra que:

Relembrava — revocava — sorriu-se a um persistir de imagens? E estremeceu. Voltava às brumas do presente, à sua gélida pátria. Só então entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus trateados. Olhávamos, ali, na parede, de corpo inteiro, o marido. — “Ele era judeu, sabeis?”/ E — o retamente, o raso: a filha, também tão idosa *Dame* Angélica, seria teuto-hebréia uma *mischling*, “mestiça do primeiro grau”, segundo o código hediondo. Dona Verônica o disse, de soçobro. A filha, por sua eiva aboriginal, corria grave perigo. Ela, a Mãe, tinha de solicitar-se daquilo. [...] — “Minha filha não é filha do meu marido. Nem ela, nem ele jamais o souberam... Foi em vosso país... O pai da minha filha era um amigo nosso, que nos freqüentava... O pai de minha filha não era de sangue judeu...” (ROSA, 1970, p. 110)

Portanto, o início da crônica rosiana expõe um testemunho complexo no sentido de que o Dr. Káspar Eswepp, marido de dona Verônika, relatou, à sua esposa, os fatos ocorridos nos campos de concentração e o cronista mineiro narra esses mesmos fatos colocados por Verônika. Em outras palavras, o Dr. Káspar é a testemunha primária do evento traumático, pois como judeu na Alemanha nazista, experimentou a perseguição do Nacional Socialismo sendo uma vítima dos campos de concentração. Guimarães Rosa narra experiências da personagem alemã em questão, testemunhando como esta relata as vivências de seu cônjuge, no entanto, o que se destaca aqui são o trauma e testemunho, segundo a concepção de Seligmann-Silva, exposta no capítulo centrado no teórico brasileiro. Fundamentado em *Niederland*, Seligmann-Silva demonstra que, nos sobreviventes de campos de concentração, há uma incapacidade de verbalizar o trauma experimentado. Sob esse aspecto, quando o cronista mineiro reitera os relatos da personagem sobre o marido no campo de trabalho, observa-se que o narrador utiliza de um neologismo que une o nome próprio Hitler a o substantivo atrocidade para formar outro substantivo denominado de “hitlerocidade”.

No entanto, compreende-se que este recurso neológico do narrador é uma confirmação de que a testemunha não encontra na linguagem as palavras necessárias para expor com toda intensidade o terror experimentado. Dando continuidade ao trauma que não pode ser exposto “fielmente” pela linguagem, Guimarães Rosa destaca as “trágicas técnicas”, fazendo referência aos experimentos, às torturas nazistas infligidas aos semitas e ao sentimento de raiva impregnado nos membros do Nacional Socialismo. Pois estas eram as

condições atroztes que judeus tinham que suportar nos campos de trabalho. Expôs-se, anteriormente, quando se discutiu *O local da diferença* como seu autor se respalda em Laub, para afirmar que a incapacidade de tradução total da experiência vivida nos campos de concentração não se dá apenas nos termos da linguagem, mas do pensamento e da memória. Dando-se destaque à memória, coloca-se como o testemunho em “A velha” tem a tarefa de possibilitar uma “saída” do que está cercado na memória da vítima, ou seja, a sua experiência no campo de concentração, pois esta é uma tentativa em que o Dr. Káspar tenta libertar-se da imagem traumática.

Deve-se reforçar que se está interpretando a vivência do esposo de *Frau Verônika* no campo de trabalho, pois, como o médico da crônica era judeu, obviamente não foi poupado da perseguição nazista. Tendo consciência do tormento que o Dr. Káspar sofreu dona Verônika quer tentar livrar sua filha, *Dame Angélika* do Holocausto, no entanto, a única forma de salvar a filha seria provando que Angélika não era filha do médico judeu. Verônika, ao expor que Angélika era “teuto-hebréia”, teuto, um dos povos que deu origem aos alemães e hebreu, antigo povo judeu; solicita ao narrador, pela via judicial, excluir sua prole dos campos de trabalho, pois segundo a lei de Nuremberg de 15 de setembro de 1935 [*Die Nürnberger Gesetze vom. 15 September 1935*]:

Judeu mestiço é quem procede de um ou dois avós judeus puros mesmo que esteja de acordo com o § 5 °2 enquanto judeu. Aplica-se há um avô como judeu puro se ele pertenceu à comunidade religiosa judaica. (NUREMBERG, § 2, II, 1935) [tradução nossa]<sup>57</sup>

No entanto, completa-se colocando que: “Como judeu, aplica-se, também a partir de dois avós judeus puros, procedendo de nacionalidade mestiça judaica.” (NUREMBERG, § 5, II, 1935) [tradução nossa]<sup>58</sup> Porém, como mestiço [*Mischling*] de primeiro grau tendo cinquenta por cento de sangue judaico e outra metade alemão, o cidadão era isento de ir para os campos de concentração. O testemunho do marido sobre o holocausto era um relato do trauma vivido que a personagem não queria que sua filha, Angélika viesse a padecer. Todavia, o contexto histórico autoritário reconhecido pelo narrador, que confirma a lei de Nuremberg como um código hediondo, mostra como a *Shoah* é determinante para se pensar o trauma e o

---

<sup>57</sup> Em alemão: “2. Jüdischer Mischling ist, wer von ein oder zwei der Rassen nach volljüdischer Großeltern teilen abstammt, sofern er nicht nach §5 Abs.2 als Jude gilt. Als volljüdisch gilt ein Großeltern teil ohne weiteres, wenn er der jüdischen Religionsgemeinschaft angehört hat.” (NÜRNBERGER, § 2, II, 1935)

<sup>58</sup> Em alemão: “2. Als Jude gilt auch der von zwei volljüdischen Großeltern abstammende staatsangehörige jüdische Mischling” (NÜRNBERGER, § 5, II, 1935)

testemunho como foi dito no capítulo referente a esses conceitos.

Quando, no capítulo referente ao *O local da diferença*, mostrou-se a *Shoah* como evento central que contribuiu para os estudos do trauma e do testemunho, obviamente as duas guerras mundiais também têm sua importância, no entanto, elas não são o evento central. As consequências traumáticas experimentadas pelo Dr. Káspar “dos campos-de-prisão, as “hitlerocidades”, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus tratados”. Evidenciam o que Seligmann-Silva demonstra como a qualidade do evento de um nível catastrófico altíssimo e que não deve ser medido por números. É nesse contexto do discurso testemunhal na Alemanha que Guimarães Rosa oferece ao leitor apenas uma vítima (o médico judeu) que serve como exemplo confirmador de que a magnitude catastrófica do evento se discute apenas em termos qualitativos.

Deslocando-se agora o foco para a crônica “A senhora dos segredos”. Observa-se, apesar do que foi exposto no capítulo que diz respeito ao trauma e ao testemunho, como foi exposto que o evento central para os estudos desses conceitos foi a *Shoah*, cuja magnitude se mede de modo qualitativo e não quantitativo. A particularidade qualitativa do Holocausto se dá devido à imposição totalitária ter sido extrema contra judeus perseguidos e aprisionados sem condições de revidar ao ataque imposto. Diferentemente de soldados de guerra que combatem armados, com veículos e companheiros de confronto, os prisioneiros dos campos de concentração não poderiam imaginar outra possibilidade a não ser a morte, pois não havia chance de lutar ou resistir contra o inimigo autoritário. É justamente devido a muito pequena, mas, não impossível chance de sair vivo de uma guerra que este evento de terror tem um caráter qualitativo menor, ficando em destaque o quantitativo, o número de vítimas do evento.

Em “A senhora dos segredos” (ROSA, 1970, p. 210), a personagem *Frau Heelst* é denominada pelo narrador como uma horoscopista, que com elementos de caráter científico como a astrologia e gráficos é capaz de prever acontecimento futuros. Porém, o escritor mineiro usa de humor para ficcionar Erik Jan Hanussen (1889-1933), judeu austríaco, que era amigo pessoal de Hitler e que se tornou profeta do Terceiro *Reich* devido a seus supostos poderes paranormais (animamreco.wordpress.com). A ironia do cronista de guerra traz para a Literatura um sarcasmo real, pois, como podia o líder do partido alemão de caráter autoritário, racista, antissemita etc. ter um suposto paranormal judeu como seu confidente? E que chegou ao cargo de profeta. Guimarães Rosa utiliza uma forma cômica, pois o mestre esotérico de Hitler aparece na crônica como uma mulher em vez de homem. O termo horoscopista remete a uma maneira de ironizar o duvidoso poder de um vidente. O texto rosiano mostra como o

que a vidente supostamente revela não é nada mais do que a maior das probabilidades do momento histórico alemão, a guerra e as vidas que perecerão nesta. O narrador brinca com a superstição do líder nazista que para ele mostra uma enorme fraqueza com suas crendices. Em diálogo diz-se:

— E por que não recorrer aos horóscopos dos rapazes em idade militar? — Oh, não, não, não... — e *Frau Heelst* riu arredondado. — Esses não vêm aqui... [...] Com as estatísticas, globalmente, dos nascimentos nas diversas partes do país... Talvez já pairasse, sobre centenas de milhares de vidas, o influxo ominoso de Marte. (ROSA, 1970, p. 212-213)

Portanto, repete-se esta citação, porque esse trecho serve como imagem para explicitar também o caráter quantitativo da guerra. Percebe-se que os jovens da Alemanha nazista, mesmo tendo a possibilidade de ter conhecimento de seu destino, preferem não sabê-lo. Mesmo Guimarães Rosa não narrando a continuação do relato de *Frau Heelst* sobre os jovens alemães, nota-se que, em seguida, com um argumento científico estatístico, que a juventude estava direcionada para a futura guerra que viria explodir. Sob esse aspecto pode-se relacionar o caráter quantitativo dos milhares de vidas que futuramente sucumbiram na guerra com o que foi exposto sobre *O local da diferença*, pois o evento traumático que se exhibe na crônica em evidência é a Segunda Guerra Mundial.

A crônica “A senhora dos segredos”, em diálogo com “O mau humor de Wotan”, mostra como o ministro da propaganda nazista Paul Joseph Goebbels aparece em ambas crônicas. Porém, em “A senhora dos segredos”, o narrador ao retornar a *Volksdorf* para visitar *Frau Heelst*, expõe, como nesse momento, “o Dr. Goebbels andava visitando *Dantzig*”, cidade situada na Polônia e que a população era quase totalmente alemã entre as décadas de 1930 e 1940. Guimarães Rosa mostra de forma sutil como o chanceler alemão transpõe fronteiras para divulgar o discurso nacional-socialista. No entanto, tem-se consciência de que um dos elementos que faziam parte da ideologia nazista era a guerra e o Ministro da Propaganda é evidenciado na crônica como um divulgador da guerra. Nota-se que a “A senhora dos segredos”, apesar de não expor imagens sobre o Holocausto e não tratar da Segunda Guerra Mundial, que são eventos cruciais para se discutir o trauma e o testemunho na Alemanha, tratam do contexto inicial da guerra.

No entanto, sob este aspecto do enfoque do evento da guerra que anuncia seu início em “A senhora dos segredos”, explicita-se um dos objetivos propostos por Seligmann-Silva e já discutidos no capítulo sobre *O local da diferença*. Mostrou-se como o teórico brasileiro não

estabelece uma definição estrita de Literatura de testemunho, mas colocar como autores do século XX geralmente focados em catástrofes como a guerra e a *Shoah*, por exemplo, discutem eventos que são indispensáveis para o testemunho. Se não trata diretamente do conceito de testemunho, pelo menos, evidencia-se um forte teor testemunhal em sua obra, como, por exemplo, este contexto pré-Segunda Guerra Mundial que na crônica rosiana que acabou de se expor.

Viu-se que, em “A senhora dos segredos”, há um contexto pré-Segunda Guerra Mundial; em “O mau humor de Wotan”, o decorrer da Segunda Guerra Mundial e em “A velha” a ocorrência da *Shoah*. Os dois eventos de terror e o contexto antes da Segunda Grande Guerra Mundial das crônicas rosianas oferecem, ao leitor, imagens dos milhares de assassinatos proporcionados pela tecnologia bélica do século XX. Com base no *corpora* rosiano discutido aqui, é possível detectar como, nestas crônicas, Guimarães Rosa insere-se entre os autores do século XX que testemunharam ou expuseram em sua Literatura um teor testemunhal. As crônicas rosianas mostram a violência e o contexto desta agressão contra a humanidade. Essas crônicas produzidas durante o período em que o escritor mineiro esteve como diplomata na Alemanha, são, segundo a concepção de Seligmann-Silva, textos da Literatura do século passado em que Guimarães Rosa, como testemunha secundária, narra o trauma experimentado na Alemanha nazista.

A perspectiva que se lança a respeito dos textos rosianos em discussão, remete para uma concepção em que a arte em si mesma não assume uma relativa importância. O que se foca com estes parâmetros é exatamente a relevância da estética das crônicas enquanto crônicas, pois o crítico Jaime Ginzburg concebe em “Guimarães Rosa e o terror total” (2010) que, do ponto de vista de Gustavo Garcia, o testemunho tem como característica principal uma discussão sobre os segmentos sociais cujos direitos civis não são defendidos oficialmente, dessa forma, o testemunho pode servir como uma espécie de reivindicação por direito e apoio para que sejam defendidos por instituições oficiais. Assim, o caráter estético do testemunho não assume relevância por si só. Assumindo uma estética de fragmentação em que não há uma unidade, algo que caracterize a obra testemunhal como uma totalidade, assim, este outro caminho de narração, desviado do que é tradicionalmente proposto, o texto testemunhal encontra sua dificuldade de elaboração. Seligmann-Silva afirma que o testemunho serve para dar voz àqueles que foram calados pela repressão que se constituiu de maneira oficial, justamente por isso que a *Shoah* aparece como de fundamental importância para “o testemunho como uma forma de recordar mortos, como que buscando um túmulo para

os esquecidos.” (GINZBURG, 2010, p. 20).

No entanto, o autor de “Guimarães Rosa e o terror total”, respaldado em João Camillo Penna, demonstra que o testemunho na América Latina (Embora, o crítico que toma a ideia de Penna não exponha o contexto do testemunho na América Latina, se sabe que se trata da história do século XX marcado por regimes ditatoriais.) está intimamente ligado às consequências políticas, ele se caracteriza pela maneira como o narrador assume uma voz coletiva no sentido de que não é um sujeito isolado, mas mantém uma relação com um grupo ou comunidade. Ginzburg expõe que, para James Hatley, o testemunho está vinculado à dor física, violência e repressão em graus intoleráveis. Assim, torna-se comum a criação da ambiguidade, pois: “ao mesmo tempo em que é necessário lembrar o que ocorreu, para evitar a repetição do horror, evocar a dor contribui para reencontrar o sofrimento.” (GINZBURG, 2010, p. 20). Isto que se destaca no parágrafo acima e neste são as bases teóricas para o crítico das crônicas rosianas reconhecê-las como obras que carregam um teor testemunhal no contexto do Holocausto e da Segunda Guerra Mundial.

#### 4.1.2. Problemática colocada por Remarque e Guimarães Rosa acerca da teoria de *O local da diferença*

Confirmam-se como em *Nada de novo no front*, as cenas traumáticas narradas, a incapacidade de ressocialização, a simplicidade de sobreviver sem conhecimento, entre outros. São características que se enquadram na teoria do testemunho segundo Seligmann-Silva. No romance alemão, há exemplos de mortes em campos de batalha, fome, disciplina abusiva e, assim por diante, que servem como imagens para a aplicação da teoria do trauma, segundo os parâmetros da Psicanálise. A obra de Remarque destaca os elementos catastróficos necessários para classificar *Nada de novo no front* como Literatura de testemunho. Moldando-se a teoria testemunhal no que diz respeito a tratar de consequências de eventos traumáticos se se conduzir a crítica pela concepção de Seligmann-Silva, é possível analisar o romance alemão como um testemunho, no entanto, o caráter estético da obra literária (seja de Remarque ou Guimarães Rosa) é colocado em segundo plano ou até esquecido, já que, como se viu até agora, que o ético assume uma força impositiva ao estético na teoria testemunhal.

As crônicas rosianas se distanciam e mostram a singularidade do autor, pois, nestas, aparecem elementos como a cultura, o requinte de Heubel pelo conhecimento do vinho francês (ROSA, 1970, p. 6), a solidariedade, mesmo não estando na frente de combate com o

amigo, a preocupação com as vítimas da guerra e da perseguição nazista, a necessidade de se manter civilizado diante da barbárie etc., são elementos que vão além do teor testemunhal presente nas crônicas. Se se tem um romance alemão que em sua estética carrega menos referências e uma linguagem “menos poética” quando se compara aos textos rosianos marcados pela cultura grega, nórdica, alemã, francesa, italiana, entre outras, nota-se que é mais simples destacar *Nada de novo no front* como um exemplo de Literatura de testemunho. Pode-se pensar, dessa forma, como os textos de guerra do escritor brasileiro, serve como resposta para teoria do trauma e testemunho levarem em consideração o caráter primordial da arte, o estético. Obviamente que o romance remarqueano serve também como exemplo para se repensar o testemunho, porém, a ausência de requintes, evidências claras de culturas civilizadas, o pensamento de Paul, altamente focado na dinâmica da guerra, entre outros, são marcas da obra que podem conduzir o leitor mais facilmente pela teoria do testemunho, no entanto, isso nada mais é do que a estética própria do texto literário que parece não ser levado em conta por Seligmann-Silva. Quando se confronta *Nada de novo no front* com as crônicas rosianas, realiza-se uma experiência estética, em que, de um lado, há um romance que se destaca pela violência traumática e a redução do homem à barbárie e, de outro lado, três crônicas testemunhais que apontam para a suma importância da condição civilizada do homem sob a mais extrema condição de atrocidade.

Opondo-se à teoria do testemunho em que se concebe o texto literário apenas pelo seu caráter ético e se pronuncia como um lamento aquela violência experimentada em que não via a possibilidade de sair vivo do evento de terror (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 79), observa-se que o caráter estético da Literatura do século XX é desconsiderado ou minimizado. Pode-se afirmar que tanto para Seligmann-Silva quanto para Ginzburg retomando outros autores acerca do testemunho, exploram o caráter ético de maneira enfática esquecendo que a Literatura se configura por sua estética, ou seja, elemento que define e se faz presente em qualquer forma de arte. Essa perspectiva leva a se colocar questões para teoria do testemunho como por quê só se pode testemunhar após ter vivido direta ou indiretamente o terror? Por que a experiência com o evento traumático faria surgir o talento artístico para o gênero Literatura de testemunho? Por que necessariamente os eventos de violência afetam os que o presenciaram direto ou indiretamente?

Pode-se conceber que um evento de terror poderia ser narrado tão bem o até melhor do que alguém que o experimentou, pois a capacidade literária é independente das vivências. Se se pensa a Literatura de testemunho como uma relação entre obra e indivíduo como se a

primeira dependesse da experiência vivida pelo segundo, se estaríamos de certa forma, regredindo até a crítica do século XIX de Charles-Augustin Sainte-Beuve em “A crítica literária, base da ciência moral”. O método de Sainte-Beuve fortemente presente no século XIX, consiste na análise do autor e de sua obra como um único bloco inseparável e que para a compreensão do texto literário era necessário o conhecimento da vida do autor como conversar com seus amigos, conhecer seus hábitos, onde viveu, seu grau de escolaridade, dialogar com seu parentes etc. eram fundamentais para a compreensão da obra, pois, para o autor esses dados eram de suma importância e exerciam influência para a compreensão da obra, pois está arraigada à vida de quem a produziu dessa forma:

A literatura, a produção literária, não é para mim distinta ou mesmo separável do resto do homem e da organização; eu posso apreciar uma obra, mas me é difícil julgá-la independentemente do conhecimento do próprio homem; e eu diria de bom grado: tal árvore, tal fruto. (SAINTE-BEUVE, 1964, p. 282)

É óbvio que o testemunho não deve ser compreendido como autobiografia, porém, se ele é “um canto ou lamento dos que não se foram e vivenciaram uma violência em graus intoleráveis” a teoria testemunhal amarra a hipótese de testemunhar unicamente aos sobreviventes do caos. Além de ser um relacionável com o biografismo, há outra questão que essa teoria foi problematizada por Marcel Proust. Para o escritor francês, o método da gênese explicativa é insustentável devido o “eu” do autor que produz a obra está no íntimo e profundo e que não se pode conhecer através de outros ou dados da vida, ser diferente do eu do homem social, marcado por suas obrigações, deveres vícios etc. logo, “O eu que produziu as obras é ofuscado para seus companheiros pelo outro eu, que pode ser muito inferior ao eu exterior de muita gente.” (PROUST, 1988, p. 52)

Fica claro que para criação literária não há necessidade do autor ter passado por tal situação seja, narrada, testemunhada, descrita, entre outras, pois, se assim fosse não teria sido possível que Dante estivesse escrito *Divina comédia*, pois, o autor não foi até o inferno; Ésquilo não teria produzido *Prometeu acorrentado*, porque não foi condenado a ter seu fígado devorado durante o dia por águias e durante a noite, reconstituído; Albert Camus, para escrever o *Mito de Sísifo*, não foi obrigado a rolar até o pico de um monte um rochedo que despencará em seguida, sendo o herói obrigado a fazer infinitamente esse trabalho inútil, entre outros.

Além de não se ter essa necessidade voltada para os aspectos éticos de ter vivenciado

o evento de terror para poder transformá-lo em Literatura, fica notório que essa ênfase ética da teoria do testemunho faz com que passe despercebido que a comparação entre o romance de Remarque e as crônicas de guerra de Guimarães Rosa demonstram uma perspectiva que inverte a ordem da História e do testemunho, em termos de agressão. Tal inversão se constata, ao se perceber que, para a teoria testemunhal, os eventos de terror se medem pelo seu caráter qualitativo e, assim, a Segunda Guerra Mundial e Holocausto são mais extremos que a Primeira Guerra Mundial, todavia, se se retomar a análise de *Nada de novo no front* e perceber-se a disciplina abusiva, o hospital mutilador, os corpos reduzidos a fragmentos etc. revelam uma violência em graus qualitativos mais extremos do que nos textos rosianos de guerra em que Heubel se sofisticava apreciando um bom vinho, a cartomante que silencia sua fala sobre o futuro dos jovens, que não querem saber dos acontecimentos vindouros da guerra e *Dame Angélica*, que deu prioridade às suas boas lembranças do Brasil, para, somente depois, entrar no assunto da guerra em seu país. Essa inversão em que ao se comparar os autores do *corpus* se nota mais agressividade na Primeira Guerra mundial só é possível pelo caráter estético dos textos literários e que a concepção testemunhal coloca em segundo plano.

#### 4.2. O romance de Remarque sob a ótica de Bauman

Entrando-se na crítica de *Nada de novo no front*, sob a perspectiva de Bauman, inicia-se destacando como o sociólogo polonês sustentado, em Richard Rubenstein, reconhece que a civilização judaico-cristã carrega consigo consequências como guerra, escravidão, campos de morte etc. e, por outro lado, concepções religiosas elevadas, música, higiene médica, entre outros. Nesse tempo em que se administram as crueldades e toma-se consciência que elas não deixaram nem deixarão de ser uma presença constante o romance de Remarque pode oferecer imagens dessas características da civilização. Quando o autor de *Modernidade e Holocausto* entende a guerra como uma inevitável consequência civilizacional se pensa no maior dano que ela pode causar que é a morte. Dessa forma, o confronto atua como uma doença e se se colocar em ênfase a configuração das guerras do século passado (que divergem em termos de qualidade catastrófica dentro de seus contextos de qualquer outro evento de terror) é como se ela fosse uma epidemia letal que mata o homem aos poucos, aproveitando ao máximo seu sofrimento. Assim equiparando o confronto como uma patologia o romancista alemão conceitua que “[a] guerra é uma maneira de morrer, como o câncer e a tuberculose, como a gripe e a disenteria. Só que os casos de morte são muito mais numerosos, variados e

terríveis.” (REMARQUE, 2013, p. 203-104)

Dentro do próprio contexto do romance de guerra toma-se conhecimento de uma forma de campo de morte. Em *Nada de novo no front* os prisioneiros russos não são explorados nem torturados fisicamente embora, às vezes recebam alguns pontapés por sua insistência, no entanto, os inimigos aprisionados dos alemães não recebem comida, já que isso é escasso até para os membros do exército de Paul. Porém, os alemães não exploram os prisioneiros com trabalho, mas, com trocas injustas de pouco alimento por suas botas e outras coisas que os russos fazem a partir de subprodutos da guerra. Os membros do exército de Paul se aproveitam da fome dos russos e os torturam para obter vantagens no “escambo”, pois,

Seguram o pedaço de pão ou a salsicha durante muito tempo sob o nariz dos russos, até que empalideçam de desejo e os olhos se revirem; então, nada mais importa para eles. (REMARQUE, 2013, p. 149)

Paul, enquanto sentinela dos campos de prisioneiros, acaba se comovendo com a situação dos russos e é afetado pela “piedade animal” que pertence ao homem quando está diante de seu semelhante em condições precárias. O personagem reconhece a falta de piedade dos homens responsáveis pela violência ao seu próximo, dessa maneira, Paul se configura como o indivíduo que é tomado pela emoção não agindo de forma racional como quer seu governo. Essa concepção de Bauman, respaldado em Hannah Arendt, mostra um personagem motivado por seus sentimentos a ponto de até dividir seus cigarros com os prisioneiros, porém, o racionalismo prevalece na conduta de Paul, na medida em que não abandona seu posto de sentinela efetuando seu dever enquanto militar alemão.

Se se mostrou como o primeiro exemplo serve tanto para caracterizar o campo de morte quanto a escravidão e o segundo como exemplo de guerra, *Nada de novo no front* pode oferecer imagens de “higiene médica” quando se pensa nesse conceito como medicina avançada. Obviamente que os avanços científicos mostrados no romance alemão são de uma configuração racional em que se passa por cima da “piedade animal” que afeta os homens. Assim, as experiências dos médicos que utilizam cobaias em cirurgias se vistas a partir do “ponto emotivo” se colocará de lado a parte vantajosa desses experimentos que é o próprio avanço da ciência que pode beneficiar o homem. Por outro lado, esse avançar custa caro aos que são submetidos a procedimentos como cobaias. Nesse ponto, de ser a favor ou contra tais condutas da ciência, a civilização carrega consigo o comportamento de se agradar e repudiar o que, em termos de civilizado, é inevitável como postulou Bauman, na parte teórica da tese em

que se tratou do sociólogo polonês. Confirmando a concepção do autor de *Modernidade e Holocausto*, o personagem Paul descreve que, após sua cirurgia, ficou dois dias vomitando e que seus “ossos não querem consolidar-se, diz o auxiliar do médico. Com outro, consolidam-se viciosamente, eles quebram-nos de novo. É horrível” (REMARQUE, 2013, p. 196)

Pode-se destacar que, quando Bauman chama o teólogo Richard Rubenstein para um diálogo, a noção de ideologia religiosa elevada assume certa relatividade. Embora o sociólogo polonês não tenha definido o conceito em questão é possível conceber na leitura do romance alemão que em uma civilização judaico-cristã, existe outra face dessa noção de ideias religiosas elevadas quando se supõe que essas ideias não se sustentam pela intolerância, preconceito, falta de solidariedade, entre outros. Assim em *Nada de novo no front*, quando os soldados vão ao hospital católico, as freiras não respeitam as condições precárias dos combatentes feridos não os deixando dormir com orações em voz alta. A reação dos militares em jogar uma garrafa no corredor com intenção de fazer as religiosas cessarem a reza é interpretado pela pelas “irmãs” como uma ofensa que elas revidam com intolerância quando “— Ateus — resmungam, mas vai fechando a porta”. (REMARQUE, 2013, p. 192)

Outro traço que aparece em *Nada de novo no front* é a “requintada música” que, para Paul, assume relevância maior que a leitura. Assim o personagem, mesmo estando de licença, ao visitar o “Lar do Soldado” (que notoriamente é um ambiente voltado para militares), consegue executar algo que não seja de sua função militar agindo de maneira “não-mecânica”, afirmando que “há um piano que gosto muito de tocar” (REMARQUE, 2013, p. 146). A música requintada é uma das formas de arte que tanto agrada ao homem civilizado, ultrapassando obviamente os limites de qualquer cultura assim o romance alemão mostra como a arte sonora é também apreciada pelos russos como uma forma de deleite que tanto agrada ao homem. Essa face da apreciação e acesso à arte é um traço da Modernidade que tanto agrada ao ser humano a ponto de “degustar” a música, mesmo estando numa situação caótica extrema, como a dos soldados prisioneiros, dessa forma, Paul expõe:

Um deles é músico: conta-me que era violinista em Berlin. Quando eu lhe digo que toco um pouco de piano, vai buscar seu violino e começa a tocar. Os outros sentam-se e encostam-se na rede. Ele toca de pé; às vezes, tem a expressão perdida dos violinistas, quando fecham os olhos; depois, balança o instrumento ao ritmo da música e sorri para mim. (REMARQUE, 2013, p. 151)

Nota-se por meio do romance de Remarque discutido, sob a perspectiva de Bauman, que apesar do racionalismo presente na conduta dos soldados de guerra e dos elementos que

constituem a civilização presente no contexto da Primeira Guerra Mundial ainda não foram suficientes como lição para humanidade para mostrar como é perigoso se colocar a imposição da razão sobre a emoção. Já no mundo pós-Holocausto é possível constatar que esse evento de violência deixa uma lição que sai do senso comum que é exatamente a de que a razão deve impor-se sobre a emoção. Para o sociólogo polonês, somente os acontecimentos pertencentes ao Holocausto são suficientes para deixar a lição em discussão para a humanidade. Talvez perguntas como o governo da razão sobre emoção valem a pena para a civilização em um mundo em que já se experimentou um evento como o Holocausto? Ou talvez os homens tenham uma resistência maior do que se pensa em relação à violência, e nem a Primeira Guerra Mundial e suas consequências foram suficientes para pensar na relação razão *versus* emoção?

#### 4.2.1. As crônicas rosianas sob a ótica de Bauman

Pensando-se numa análise sob a perspectiva de Zygmunt Bauman em *Modernidade e Holocausto*, é possível constatar que a crônica “O mau humor de Wotan” de Guimarães Rosa, mostra há princípio uma proposta que se envia pela ideia baumaniana de que era impossível imaginar antecipadamente a disposição dos indivíduos, seja para covardia ou sacrifício diante das condições violentas impostas pelo contexto da Segunda Guerra Mundial. Essa condição de não se conhecer, de antemão, a disposição do homem fica caracterizada no início do texto rosiano quando se tem a imagem de Hans-Helmut Heubel mostrando seu contato “espiritual” com a Cabala e com a Bíblia, porém o autor mineiro já antecipa que o destino criado para si pelo personagem sofrerá influência do homem. Guimarães Rosa, ao datar os acontecimentos de seu texto com o ano de 1938, trata do período anterior ao começo da Segunda Guerra Mundial; dessa forma, o escritor brasileiro expõe um cidadão alemão que se sacrificará, pois, seu destino receberá o “peso da mão humana”<sup>59</sup>. Pela interpretação acerca de Hans-Helmut, constata-se um futuro sinal de seu sacrifício sem ainda estar diante da adversidade que vai contra ao que Bauman (Cf. 1998, p. 25) comenta, por outro lado, se percebem os casais se relacionando com a natureza, com a arte (música) e entre si, amorosamente. Por fim, a postura de Márion Madsen, de obediência a Hitler, não pode ser considerada atitude covarde, pois ainda não se estavam vivendo as condições extremas proporcionadas pelo Holocausto como campos de concentração, experiências médicas com humanos, extermínio em massa, entre

---

<sup>59</sup> O sacrifício de Heubel será mostrado adiante.

outros.

Portanto, no estudo de Nechama Tec, citado por Bauman (Cf. 1998, p. 25), se mostra uma condição em que não se pode prever o comportamento humano diante de condições adversas. A afirmação da personagem, “— “Vou-me casar e ter filhos...” — prometia.” (ROSA, 1970, p. 3), porque “— ‘O *Fuehrer* não encontra tempo para amar... O *Fuehrer* sagrou-se à política...’ ” (ROSA, 1970, p. 3) confirma a postura temporariamente estável de Márion, que permanecerá a mesma até o início da guerra na crônica. A esposa de Heubel não inclina seu comportamento nem para o sacrifício, nem para a covardia. Distante de uma postura de sacrificante ou covarde, Hans-Helmut segue sua vida sem se identificar com elementos que o fariam racionalmente cumprir os deveres da guerra e sem carregar consigo nenhum resquício de nacionalismo fanático. Dessa forma, o personagem rosiano não se envolve com o “espírito” do confronto e assim “formara-se o menos belicoso dos homens” (ROSA, 1970, p. 3). É nessa perspectiva de não se sacrificar, nem se acovardar que Guimarães Rosa conduz a narrativa acerca do casal. O narrador expõe ao leitor como os cônjuges se casam antes da ofensiva alemã à Polônia e como cidades como Kutno, Mlawa e Varsóvia eram destruídas durante a lua-de-mel em paz. É como se os personagens seguissem um curso diferente da guerra.

Esse caminho divergente do nebuloso que comumente se tem na guerra, pode ser interpretado como o outro lado da moeda da modernidade que se diferencia do Holocausto (como foi desenvolvido na parte da tese referente ao sociólogo polonês). Quando em “O mau humor de Wotan” se mostram os recursos financeiros conseguidos pelo casal alemão com o *Finanzamt* (uma espécie de escritório estatal alemão responsável por finanças) se revela um recurso capitalista que proporciona aos cônjuges, o deleite às culturas da Bélgica e da Itália. O envolvimento com os artifícios oferecidos pela Modernidade não acaba por aí, pois, mesmo que de forma estética voltada para a beleza em si, Hans-Helmut estimulava sua companheira a se maquiar, o que remete aos mais variados tipos de cosméticos oferecidos pela indústria da beleza que possibilita números elevadíssimos de capital financeiro que a indústria de cosméticos gera todos os anos. A sofisticação de Heubel demonstrada na prática de viajar e conhecer outras culturas, praticar esportes de inverno, degustar boa comida, entre outros, são posturas perfeitamente possíveis dentro da perspectiva social do homem dos séculos XX e XXI. Deleite, diversão, sofisticação etc. caminham de mãos dadas com consequências catastróficas causadas pelas nações que podem disputar pelo domínio econômico mundial na tentativa de oferecer o que o público se dispõe a consumir.

Mesmo que dotado da melhor das intenções, pois o personagem rosiano não se mostra fútil, é apenas sofisticado como já se falou, não se pode conceber um indivíduo socialmente neutro como se política e economia não fizessem parte de sua vida. Porém, o casal rosiano segue sua vida aproveitando a face da Modernidade que tanto agrada ao homem enquanto por outro lado o mundo se encontra em destruição, nesse caso, se tem como exemplo a Polônia, com as cidades de Varsóvia, Kutno e Mlawa, que eram dominadas e destruídas pelo Nazismo durante a lua-de-mel de Márion e Hans-Helmut. Os personagens em questão experimentam os prazeres da vida, sem se mostrarem em nenhum momento preocupados com a realidade cruel tão próxima deles como a de judeus, ciganos, negros etc. que eram explorados em campos de concentração para que setores como o *Finanzamt* se mantivessem equilibrados economicamente. Até aqui fica notável como culturas, cidades, sociedades e, assim por diante, eram aniquiladas por uma via enquanto se vivia e apreciava outras culturas e sociedades por outro lado.

Em “O mau humor de Wotan”, Guimarães Rosa, ao datar em sua obra os anos de 1938 e 1939, marca sua crônica com aspectos da realidade que foram confirmados por acontecimentos históricos (como exemplo a dominação da Polônia, que se citou acima). Isso leva a uma leitura em que o grau de realidade mesclado à ficção expõe personagem capazes de representar o indivíduo que compõe o exemplo baumaniano de civilização. Isso significa, para o sociólogo polonês, guerra, extermínio, barbárie, belas artes, entretenimento, praticidade, entre outros, é nessa ótica em que se esquece o lado horrendo da civilização que o homem toca sua vida, sem se importar com o reverso nefasto que está tão próximo. É isso que conduz o casal da crônica rosiana no início da obra sem fazer com que eles deem atenção à guerra, porque a sorte até então não os fazia sofrer as consequências do terror, não é que os personagens sejam indiferentes às atrocidades, mas são desinteressados pela realidade e se deixam levar pelo que o mundo civilizado pode lhes oferecer, por isso: “Hans-Helmut apresentou-se, mas não o recrutaram: aguardasse convocação. Em feito, a sorte com ele trabalhava; e que a merecia, a mais de entreter a certeza íntima e preconcebido otimismo” (ROSA, 1970, p. 4)

As datas mencionadas pelo escritor mineiro podem comprovar que ainda não havia a solução final como medida burocrática adotada pelo governo nazista, porém a violência desenfreada condicionada por objetivos racionais capitalistas já eram vigentes no Holocausto. Dessa forma, Márion e Heubel se comportam como se não enfrentar a realidade fosse uma tarefa desnecessária, já que é possível também gozar daquilo que a civilização pode

proporcionar. Mesmo sendo cidadãos da sociedade alemã nacional socialista, ou seja, estando no momento dos acontecimentos e sob a política de Hitler, os personagens se comportam de forma semelhante à dos indivíduos que posteriormente rejeitam o Holocausto como parte da civilização moderna, assim:

O indizível horror que permeia nossa memória coletiva do Holocausto (ligado de maneira nada fortuita ao premente desejo de não encarar essa memória de frente) é a corrosiva suspeita de que o Holocausto pode ter sido mais do que uma aberração, mais do que um desvio no caminho de outra forma reto do progresso, mais do que um tumor canceroso no corpo de outra forma sadio da sociedade civilizada; a suspeita, em suma, de que o Holocausto não foi uma antítese da civilização moderna e de tudo que ela representa (ou pensamos que ela representa). Suspeitamos (ainda que nos recusemos a admiti-lo) que o Holocausto pode ter revelado um reverso da mesma sociedade moderna cujo verso, mais familiar, tanto admiramos. (BAUMAN, 1998, p. 26)

Entrando-se na discussão da crônica “A velha”, é possível perceber como o narrador menciona elementos que configuram um contexto pré-Segunda Guerra Mundial. O texto rosiano explora questionamentos acerca do problema político da Alemanha nazista em relação aos judeus. Quando se retoma o que foi exposto no capítulo teórico sobre Bauman, compreende-se que, para o sociólogo polonês, a Alemanha de Hitler tomada pelo objetivo de ser livre de judeu [*judenfrei*], teve como primeiro objetivo extraditar os semitas por meio do projeto Madagascar (antiga colônia da França dominada pelos alemães), no entanto, a distância até a colônia, a grande frota de navios necessários e a marinha inglesa como obstáculo, foram condições que tiraram de rota a proposta coordenada por Eichmann. Bauman afirma que, em 1941, Himmler propõe à Solução Final como saída mais viável para o Estado alemão em relação aos judeus, desde então se elaboraram os procedimentos burocráticos como locais de execução, técnicas de extermínio, eliminação de corpos etc. (Cf. BAUMAN, 1998, p. 34-36)

No início a da Segunda Guerra Mundial em 1939, os acontecimentos da crônica apontados como anteriores à Guerra e a “Solução Final” de 1941 fazem com que História e ficção encontrem um meio termo no do texto rosiano. Como se sabe, a perseguição nazista aos seus inimigos começou anteriormente à eclosão da guerra, porém a teoria utilizada no trabalho sobre o Nazismo pode comprovar que o objetivo inicial do Nacional Socialismo não era exterminar os judeus. Embora a execução fosse uma meta, a princípio, o Holocausto é uma consequência da civilização moderna, em outras palavras, é como se fosse um resultado

inevitável. O narrador de “A velha”, na condição de diplomata, conhece a política de seu tempo, por isso, ao presenciar as condições precárias dos semitas ele narra questões comuns no contexto de guerra, é como se no texto rosiano, o narrador lançasse perguntas por meio de os acontecimentos futuros acerca dos judeus. Veja-se esse trecho do narrador no consulado:

O recado se perdia, obrigação abstrata, no tumulto diário de casos, o Consulado invadindo-se de judeus, sob mó de angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vê-los, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio — rouco, raivoso. Contra esses, desde novembro, se implacara mais desbordada e atroz a perseguição, dosada brutal. Viesse a guerra, a primeira ordem seria matá-los? (ROSA, 1970, p. 108)

Quando se pensa na razão se impondo à emoção como ensinamento da civilização moderna e se relembra o mencionado no capítulo sobre as teorias acerca da guerra, é possível constatar que, segundo Bauman, o Holocausto não é um capricho de um líder desmedidamente agressivo e que queria externar sua violência. Pelo contrário, o que havia era uma forma de política extremamente racional. Nesse sentido, a crônica rosiana em análise remete o leitor para uma interpretação em que o narrador, talvez por ter vivido o calor da hora do Nazismo, entende a postura do partido alemão como a vontade pessoal de seu líder. Isso fica perceptível quando Guimarães Rosa mostra um Hitler furioso discursando ao rádio. O trecho do texto literário citado anteriormente revela um narrador movido por sentimentos de compaixão ao próximo, sem conseguir ver a situação de forma imparcial. A concepção do escritor mineiro é, desse modo, como a visão do senso comum, ou seja, movida por sentimentos.

Guimarães Rosa dá curso à narrativa expressando sentimentos melancólicos. Assim, ao descrever a moradia das anciãs que vai visitar relata um ambiente isolado do “caos” do mundo externo que as cerca, deixando o expectador em clima de tensão diante dos acontecimentos, pois: “Assustava a esdruxularia daquele ambiente solífugo e antimundano, de sopor e semiviver, o sentido de solidão; circunstado um ar frio.” (ROSA, 1970, p. 109) A ambientação do lugar mais do que causado pela natureza era para o narrador, resultado do Nacional Socialismo, passando, dessa forma, uma imagem de repúdio daquela realidade. *Dame Verônica*, ao falar em português com o narrador, utiliza um recurso de aproximação, por meio da linguagem, depois ao citar a cidade de Petrópolis que havia visitado no Brasil com o marido, a personagem faz uso de um segundo recurso, a cultura. Esses dois elementos

idioma e cultura têm a intenção de surgir como fatores de sensibilização do narrador, “Só então entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus tratados.” (ROSA, 1970, p. 110) Como ultimo recurso *Dame Verônika* narra os procedimentos racionais burocráticos do *Reich* livre de judeu, todavia as palavras da personagem enfatizam a dinâmica racional do Nazismo, porém, a forma do argumento é marcada pela emoção.

Os sentimentos expostos pela anciã demonstram um traço da ficção diferente da concepção científica que deve necessariamente ser imparcial e racional. A crônica, ao citar os “campos de prisão”, as “hitlerocidades” (Hitler + atrocidades) e as “trágicas técnicas”, reforçam a suspeita provável do futuro extermínio semita, antecipando o que a ciência, a sociologia baumaniana, nesse caso, só poderia conhecer no futuro com a concretização da Solução Final. No entanto, “o ódio abismático” dos nazistas em relação ao judeus é facilmente negado pela ciência como foi explicado no capítulo que se desenvolveu a teoria do sociólogo polonês, tal argumento sustentado pela via do ódio nega o que o texto rosiano menciona anteriormente, ou seja, o processo dinâmico burocrático racional utilizado pelo Nacional Socialismo como campos de concentração (responsável por explorar a mão de obra até a sua total inutilização para obter o maior lucro possível), as “hitlerocidades” (concepção racional de usar no trabalho homens, mulheres, crianças etc.) e as trágicas técnicas (pensa-se, como exemplo, na raspagem dos pelos dos corpos com a intenção de evitar doenças). Nessa ótica, a crônica rosiana projeta fatos futuros da “Solução Final” ao mesmo tempo em que não consegue conceber o que há de racional.

Outro tópico que a crônica rosiana pode oferecer é uma suposta postura preconceituosa em relação aos semitas. Quando se analisou *Modernidade e Holocausto*, concebeu-se que o foco central do Nazismo era o poder capitalista dos semitas e não o preconceito quanto à essência e à natureza judaica. Bauman explicou, com base em Walther Laqueur, que o desinteresse público pelos judeus na Alemanha nazista era um fato verídico e que ninguém se interessava pela sorte do povo de Israel (Cf. Bauman, 1998, p. 52). Contrariando a proposta baumaniana, a ficção rosiana passa uma imagem em que preconceito era o primeiro objetivo do Nacional Socialismo em relação aos judeus, todavia, quando o narrador questiona o futuro dos semitas, com o início da guerra, ele mostra certa falta de preocupação pública com os judeus sendo apenas interesse do Estado em eliminar os que não pertenciam legitimamente ao *Reich*.

Independentemente do racionalismo nacional socialista, as vítimas do Nazismo não

queriam padecer o autoritarismo. O temor da idosa pela sua filha, que corria perigo por ser filha de um judeu foi o que fez com que a personagem revelasse a verdadeira paternidade de *Dame* Angélika. A aflição das idosas é uma preocupação compreensível devido ao sistema burocrático presente no governo de Hitler. Como se observou quando se tratou no capítulo sobre *Modernidade e Holocausto*, os membros do partido nazista não eram patologicamente afetados por nenhuma doença psíquica, nem muito menos se trata de sentimentos de vingança, ressentimento, ódio, entre outros, em relação a judeus. O que estava em questão, para os nazistas, era somente o sistema burocrático de atingir os interesses do Estado e, por não se tratar de sentimentos pessoais, mas apenas de cumprimento do dever como funcionário público, por isso, que as idosas da crônica rosiana temiam sofrer o peso do controle do Estado.

O narrador mostra-se passivo diante da falta de provas que possam afirmar a verdadeira paternidade de dona Angélika e, mesmo ele não sendo um funcionário do Estado alemão, acaba se comportando como um típico funcionário público (como concebe Bauman sustentado em Weber) no exercício de suas funções, ou seja, acaba por nem tentar ajudar as idosas. A postura de Guimarães Rosa, em termos de cumprimento do dever, era semelhante à do funcionário nazista na medida em que exercia suas tarefas como seu cargo exigiria. Isso se comprova de forma em que o narrador reconhece que acima dele existe o Estado assim o escritor mineiro reconhece como acima de todos, “O sistema do mundo” (ROSA, 1970, p. 111). Nessa ótica, Guimarães Rosa não se deixa levar pelas emoções e tem uma atitude normalmente compreensível de um diplomata que preza pela legalidade das coisas.

Em “A senhora dos segredos”, a personagem Fraus Heelst apresenta a profissão de horoscopistas, porém a narrativa demonstra elementos que fazem da senhora cartomante uma espécie de astróloga que utiliza a “trigonometria”, estudo dos astros, cálculos etc.. Esse aspecto qualifica Frau Heelst como uma cientista na crônica. O perigo tão próximo da explosão da guerra não preocupa as personagens femininas Grétel e Lene, uma vez que o destino da primeira seria de casar e ter quatro filhos enquanto que a segunda seria terrível. Essas personagens quando veem seu futuro revelado pela horoscopista, voltam suas respectivas atenções para si mesmas, pensando unicamente no que uma vida civilizada moderna pode lhe oferecer. Sob esse aspecto, como foi desenvolvido na teoria de Bauman, as personagens dão atenção apenas à face agradável da civilização, esquecendo o lado cruel como a fome, massacre, destruição de cidades e, assim por diante, que são consequências inevitáveis na guerra.

Quando Frau Heelst telefona para o narrador à procura de imigrar para o Brasil ou qualquer lugar da América por causa da guerra que viria a estourar, Guimarães Rosa não a ajuda, pois, acima dele está a burocracia. A mesma burocracia de procedimentos e métodos a serem adotados e cumpridos pelo funcionário público como foi explicado na parte do trabalho referente à teoria de Bauman, é um sistema comum no Estado. Como poderia o funcionário estatal deixar de cumprir suas tarefas no Estado autoritário e assumir outra postura? O narrador das três crônicas não deixa os procedimentos burocráticos, mesmo não estando sob o comando de um Estado totalitário como o nazista alemão. A impossibilidade de sair do país é causada pela burocracia que no texto literário, se apresenta como “Nada deixavam os astros” (ROSA, 1970, p. 213), esses que, anteriormente, eram ciência na crônica agora assumem a postura de sistema estatal.

#### 4.2.2. Breve conclusão do subcapítulo: tensões provocadas pelas crônicas rosianas e pelo romance de Remarque na teoria de Bauman

Portanto, após se ter demonstrado argumentos baseados na teoria de Bauman, se mostra como nas crônicas rosianas e no romance de Remarque, é possível constatar que a ficção pode tanto contribuir para a compreensão de noções do sociólogo polonês quanto utilizar recursos estéticos capazes de confirmar o que a ciência só tardiamente constataria. Pode-se entender o romance de Remarque, quando aplicada a concepção de Bauman, (em relação à singularidade do Holocausto como administração burocrática, violência calculada, técnicas de extermínio e outros aspectos racionais que não pertenceram à Primeira Guerra Mundial) apesar de, nesse evento, se poder observar alguns traços desses elementos, como uma espécie de “sementes”, de uma Modernidade que caminha para conhecer seu lado que “todos” odeiam. Esses “germes” que a ficção expõe são desafiadores para a sociologia do autor de *Modernidade e Holocausto* na medida em que podem, como se observou, sob a própria ótica do sociólogo polonês, servir de lição para a humanidade para se colocar em xeque a relação razão *versus* emoção.

Em relação às crônicas de guerra do escritor mineiro, a linguagem poética, utilizada em torno do contexto do Holocausto, é capaz de expor imagens em que a evidência da violência calculada, a administração burocrática, as técnicas de extermínio, entre outras, podem ser compreendidas de maneira menos intensa do que a teoria do sociólogo polonês apresenta. É nesse sentido que a ficção rosiana expõe um recurso estético em que no momento dos acontecimentos, como no caso de Guimarães Rosa, que narrou o terror nazista, ao estar na

Alemanha no governo de Hitler, não se podia interpretar a situação da mesma forma que a ciência, ou seja, a sociologia de maneira pós-Holocausto. Embora a concepção baumaniana seja aplicável aos textos de guerra do escritor mineiro, a concepção de ambos não se diferencia somente pelo fato de Bauman discutir no campo da ciência (Sociologia) e Guimarães Rosa no da Literatura, mas, pelo fato de o primeiro desenvolver a questão “posteriormente” enquanto que o segundo discorreu no “calor da hora”. Em termos práticos, o literato tinha a vivência empírica para tratar do Nazismo, enquanto que o sociólogo, uma produção construída pela comunidade científica acerca do tema.<sup>60</sup>

#### 4.3 *Nada de novo no front* sob a crítica de Hannah Arendt

Dando-se sequência a crítica direciona-se agora para o romance *Nada de novo no front* sob a ótica teórica de Hannah Arendt na obra *Eichmann em Jerusalém*. A pensadora alemã mostra como além do júri formado pela teatralidade do ministro de Israel representado na corte se nota essa formada de maneira não justa na medida em que o ex-nazista é julgado por uma corte semita (ao invés de uma corte internacional) é semelhante ao que acontece com Tjaden no romance de Remarque. O personagem (Tjaden) é julgado por seu superior (Himmelstoss) e não por uma corte militar, ou seja, Tjaden é julgado por urinar na cama pela suposta “vítima”, que é seu superior responsável pela ordem, organização, disciplina, entre outros, de seu comando. A mesma injustiça aplicada a Eichmann o acusando como responsável pela “Solução Final”, como se não existisse por traz dele uma série de superiores, secretarias, ministérios, políticos, o *Führer* e, assim por diante, é imposta a Tjaden em *Nada de novo no front*, pois o personagem urina na cama por patologia biológica, uma força maior que ele não pode controlar e

Enquanto dorme; isso lhe aconteceu naturalmente. Himmelstoss afirmava categoricamente que se tratava simplesmente de preguiça e inventou um meio digno apenas dele para curar Tjaden. Descobriu, num alojamento vizinho, um outro homem com o mesmo problema chamado Kindervater. Apanhou-o e alojou-o junto a Tjaden. Nos alojamentos, havia armações de cama-beliche; os colchões eram feitos de arame; Himmelstoss, então, instalou os dois um de baixo do outro. O de baixo, é claro, padecia horrivelmente; assim, na noite seguinte, trocavam de cama: o de baixo ia

---

<sup>60</sup> Obviamente que seria uma ignorância pensar em algo valorativo que pudesse sobrepor um autor em relação ao outro, porém, a discussão é válida em termos de crítica literária. Também não vem ao caso acreditar na necessidade de vivência do autor seja no campo científico ou literário para poder se tratar de um determinado tema, pois o que está em foco aqui são as diferenças, contribuições, diálogos e, assim por diante, que teorias e obras literárias podem realizar tratando do mesmo tema.

para cima, para se vingar. Esta foi a autoeducação inventada por Himmelstoss. Era um recurso baixo, mas, como ideia, não deixava de ter o seu valor. Infelizmente, de nada adiantou, porque a hipótese de Himmelstoss não era verdadeira; não se tratava de preguiça. Qualquer um poderia observá-lo, olhando para suas peles baças. O caso terminou com um dos dois dormindo sempre no chão correndo o risco de se resfriar. (REMARQUE, 2013, p. 43)

O sentimento pessoal, movido pela necessidade de vingança é o que faz com Himmelstoss se comporte de forma arbitrária como a corte judaica. Como se mencionou no capítulo teórico sobre Hannah Arendt, a corte judaica responsabilizou Eichmann por cometer atos atrozes, sem levar em consideração o cumprimento do dever do funcionário do Estado. Por isso, executar suas tarefas de forma disciplinar quando há algo superior ao indivíduo, é uma forma de preservar sua vida em situações extremas como regimes totalitários e guerras, assim Paul afirma que o homem no campo de batalha se torna assassino, bandido, demônio e assim por diante, pois, para atender aos interesses do Estado e preservar sua vida se “procura lutar apenas pela nossa salvação” (REMARQUE, 2013, p. 94). É possível que a conduta do ex-nazista seja semelhante a de Paul que quer se manter vivo diante de condições extremas.

Quando se citou Bauman como comentador de Hannah Arendt, no capítulo referente à filósofa, percebe-se que um problema que a Solução Final tinha que resolver era em relação a “piedade animal” que pertence ao homem essa seria um impasse maior que a consciência do indivíduo diante do dever de executar. Esse problema não era, porém, específico do Holocausto e de seu contexto tal condição humana já se constatava na Primeira Guerra Mundial. Em *Nada de novo front*, o narrador é tomado pela “piedade animal” quando se vê frente a seus inimigos mesmo tendo que cumprir interesses do Estado e manter-se salvo Paul hesita em ter que assassinar crianças ou adolescentes no campo de batalha, pois tem “vontade de bater neles porque são tão bobos, mas, ao mesmo tempo, gostaria de pega-los no colo e levá-los para longe daqui: este não é o seu lugar” (REMARQUE, 2013, p. 106), como superar a piedade em situações extremas contra seu semelhante? Veja-se que o protagonista do romance de Remarque se encontra em condição similar à de membros do Nazismo durante o Holocausto. Imaginando-se o perfil das catástrofes do século XX pode-se pensar com base na leitura do romance autobiográfico de Remarque que a História da Alemanha carrega consigo o peso da mão da racionalidade do Estado caindo sobre seu povo.

Os membros do Nacional Socialismo, que aderiram ao partido, como típicos funcionários da nação alemã, foram tomados por atos racionais e executaram suas funções atendendo ao Estado maior de forma natural, sem questionar as medidas políticas tomadas

pelo *Reich*. Apesar de se reconhecer com um homem animal, Paul questiona o poder do Estado sobre ele e ainda reconhece na família que é a base da sociedade como a única forma de poder legítimo sobre si e para isso, ele vê na figura materna sua submissão e assim diz: “Há, mamãe, mãezinha, como é possível que seja obrigado a deixá-la? Quem mais tem direito sobre mim se não você?” (REMARQUE, 2013, p. 144). Ao se retomar as perguntas (“Como poderia então um indivíduo discernir eticamente entre o certo e o errado em uma sociedade em que os valores tradicionais se encontravam de lado? Como resistir ao mal diante das vantagens políticas e da persuasão midiática que induz os homens? Pedir socorro a que instância? Como se manter íntegro física e psicologicamente? Como deter o terror desenfreado? Como decidir, de forma autônoma, as próprias ações?”<sup>61</sup>) feitas no capítulo em que se discutiu a concepção de Hannah Arendt, se pode conceber, por meio do romance alemão, que, diferentemente de Eichmann, Paul questiona o poder racional do Estado, porém, não consegue resistir ao mal. Aqui há um exemplo de homens que transitam entre o mal e a autoescolha e representação, dessa forma, a obra literária mostra uma cena que desafia a Filosofia de Arendt, pois, se constatou na parte teórica da tese acerca da guerra que não se explorou exemplos como esse<sup>62</sup>.

O personagem do romance de Remarque acaba agindo de forma racional atendendo aos interesses do Estado como se outra realidade diferente da de membro da defesa do Estado alemão não lhe fosse possível. Mesmo perante condições de violência extrema como experiências científicas no hospital, corpos mutilados por bombas, soldados sufocados com o próprio sangue por causa do contato com o gás e, assim por diante, Paul prefere a realidade atroz do campo de batalha do que a vida normal de jovem da cidade que tinha antes. O personagem do romance remarqueano se contenta com todas as consequências que o Estado alemão lhe impõe assim Paul não consegue ser outra coisa se não defensor da nação, ou seja, um funcionário público militar que reconhece seu sofrimento e risco de morte no cumprimento do dever, mas que quer exercer seu trabalho cumprindo seu papel social com o governo alemão. O personagem de *Nada de novo no front* até rejeitou num primeiro instante sua função de militar, porém, logo em seguida, passa a agir de acordo com as normas estatais e não consegue mais se ver exercendo outra função que não seja a de combatente, como

---

<sup>61</sup> Reproduzem-se na íntegra as perguntas feitas no capítulo em que se tratou das teorias acerca da guerra para deixar claro ao leitor, especificamente, as questões que foram interrogadas e que se relacionam com a crítica desse momento.

<sup>62</sup> É necessário levar em consideração que a pensadora alemã utiliza de exemplos da realidade para constituir sua concepção enquanto lidando com a “veracidade” dos fatos enquanto que o romance de Remarque assim como as crônicas rosianas são ficção, porém, é possível constatar o forte teor de realidade que as obras literárias carregam a ponto de se citar datas e acontecimentos que coincidem com a História.

consta na citação:

Lá fora, muitas vezes fiquei indiferente e sem esperança; agora, nunca mais conseguirei sê-lo. Fui soldado e agora nada mais sou do que sofrimento... por mim, por minha mãe, por todos os desconsolados e condenados. Nunca deveria ter aceitado a licença. (REMARQUE, 2013, p. 145)

Portanto, Paul se deixa envolver pelo mal comprovando que não consegue decidir por si mesmo mostrando que suas ações são condicionadas pelo Estado. Embora em certo momento o personagem consiga discernir eticamente o certo do errado a sua conduta em geral é marcada por não se autoescolher. Assim, o protagonista do romance alemão se revela como um membro da sociedade de massa que não consegue resistir a propagação do mal e torna-se uma peça dentro da engrenagem estatal de destruição em massa. Por esse viés a conduta de Paul, nesse específico caso, é compatível com a de Eichmann independente do primeiro ser militar enquanto que, o segundo um burocrata, o que os coloca na mesma é a conduta de se deixar envolver pelo mal.

Expressou-se na parte do trabalho em que discutiu a Filosofia de Hannah Arendt, que apesar de alguns exemplos de cidadãos que se opuseram ao Nazismo, pesando e julgando por si mesmos tantos outros, assim como Eichmann, se isentaram de pensamento e julgamento sendo obedientes ao regime nazista. No caso dos personagens Kropp, Tjaden, Kat, Detering, Albert e Paul, eles se mostram capazes de pensar e julgar por si mesmos e assim conduzem um diálogo questionador sobre o poder do Estado. Assim os soldados negam a realidade da guerra e se reconhecem como meros “elementos” dentro de um sistema que lucra com o confronto (Cf. REMARQUE, 2013, p. 158-159-160). Nesse momento, há indivíduos que estão sob situação extrema e mesmo assim, mantêm-se eticamente pensando e julgando sem auxílio de critérios prévios. Por que então esses militares partem para a ofensiva diante de seus oponentes e atendem, dessa forma, aos interesses do Estado? A resposta se dá devido ao fato de os personagens não conseguirem manter-se com seus julgamentos e pensamentos próprios e serem tomados pela animalidade no campo de batalha. Nesse momento, há o segundo exemplo de indivíduos que se solidarizaram inicialmente com outro, mas que, em seguida, se banalizaram com o mal ou forçados pelas condições da guerra. Assim, a estética do romance alemão revela uma imagem que não mostra exemplos diretamente, já que fala dos que resistiram até o fim e dos que aderiram logo ao mal.

Mesmo que os personagens do romance alemão se tivessem mantido como pensantes e julgantes (resistentes passivos), pois afirma-se no capítulo referente ao pensamento da filósofa

alemã, que esses cidadãos não podem ser considerados como exemplos universais para a sociedade. A conduta subversiva dos soldados não se mantém diante do caso específico e particular do Estado que promove a guerra. Os militares até se mostram sendo, incapazes de aderir ao terror em determinado momento, ou seja, eles se singularizam de forma ética e política, decidindo pelo não-comprometimento com o mal (como foi explorado no parágrafo acima) buscando sentido de maneira própria compreendendo e reconciliando-se com o mundo. Porém, logo após terem abandonado o discurso público, eles voltam a sua adesão aos interesses da guerra matando, destruindo locais, animalizando-se, entre outros. dessa forma eles não conseguem estabelecer um acordo entre o eu e o amigo que reside no homem, que se configura como dois.

A harmonização entre o seu eu o amigo que habita o homem é o que possibilita a ética da negatividade. Não é, como já se falou na parte do trabalho em que se discutiu Hannah Arendt, a questão de uma ação ser “virtuosa” ou não, mas a passividade perante as regras impostas. Pensar e julgar de forma silenciosa quando o eu se “afina” com o amigo que constituem o homem possibilita a conduta “inativa” do indivíduo perante a instauração do terror. Essa capacidade de pensar e julgar, de sentir prazer com algo ou alguém é o sentimento sem interesse com o bem-estar público. Aqui os interesses particulares não têm prioridade, assim o indivíduo se mostra de acordo com decisões de caráter político que não beneficiarão de imediato. O sentimento desinteressado pela felicidade pública, que diz respeito ao contentamento com decisões políticas que se referem a todos, é possível por meio da escolha dos que se quer conviver que *Nada de novo no front* expõe exemplos da conduta humana que se deixou banalizar pelo mal, não pensando e não julgando, abdicando de se escolher com quem se quer conviver. Assim, o romance alemão demonstra uma total despreocupação com a “felicidade pública”, a ponto de o narrador afirmar que

Durante todos esses anos, nossa única preocupação foi matar. Nossa primeira profissão na vida. Nosso conhecimento da vida limita-se à morte. Que se pode fazer, depois disso? Que será de nós? (REMARQUE, 2013, p. 200)

O episódio citado do romance de Remarque é um exemplo que Hannah Arendt, no comentário de André Duarte, reconhece que os indivíduos da modernidade passam pela dificuldade de representação e autoescolha, ou seja, de pensar e julgar por si mesmos. A pensadora alemã reconhece, no homem moderno, a condição complexa de representar a todos e incluir-se, em outras palavras, o indivíduo passa pela crise que mostra sua incapacidade de

interesse pela “felicidade pública”. *Nada de novo no front* pode expor, como num mundo em que prevalecem os interesses privados, os sentimentos de importância com pessoas com quem se quer conviver<sup>63</sup>. Assim, no texto literário, é possível entender que o econômico se sobrepõe ao político, revelando uma total indiferença com os outros. Porém, há um momento em que a ficção desafia a Filosofia, é só retomar o trecho em que se falou dos amigos de Paul decidindo por si mesmos e questionando o poder do Estado, mostrando como, num certo momento, as massas escolhem por si mesmas e pautam-se em exemplos públicos, contrariando o que o comentário de André Duarte reconhece como algo generalizador, ou seja, as massas nunca escolhem por si mesmas.

A incapacidade de autoescolha e representação é compreensível pela “condução” por critérios prévios como a proposta de economia, política e mídia. Pensando com base em exemplos do Nazismo, a pensadora alemã como se viu na parte do texto em que se desenvolveu sua concepção mostra que a ausência de julgamento e pensamento por si mesmo não poderia levar a outra consequência se não a de crimes brutais cometidos por homens impossibilitados de passividade diante do terror. É óbvio como já se mostrou no capítulo sobre as teorias acerca da guerra, que o Holocausto se diferencia dos demais eventos de terror do século XX pela qualidade catastrófica que lhe pertence. Sabe-se também que a Primeira Guerra Mundial é um dos eventos de maior qualidade violenta, porém, a mídia desse evento catastrófico, diferentemente do contexto do Holocausto contava basicamente com o Jornal enquanto que na Segunda Guerra Mundial o rádio era a fonte de maior intensidade persuasiva superando o jornal que era presente também.

Quando se toma *Nada de novo no front*, concebe-se que, mesmo apenas com o jornal o homem se deixou “conduzir” pela mídia e cometeu crimes brutais contra seu semelhante. Portanto, nessa perspectiva, a teoria de Hannah Arendt é aplicável à Primeira Guerra Mundial (como na citação fora de corpo acima), porém, não é possível afirmar que a mídia foi um fator que por sua maior intensidade no contexto da Segunda Guerra Mundial, proporcionou crimes mais extremos, pois constatou-se, na parte da tese que se refere às teorias acerca da guerra que o que gerou esses crimes mais atrozes foram as condições orçamentárias, geográficas, políticas, entre outras. Dessa maneira, o romance de Remarque expõe imagens em que não somente a mídia, por si mesma, é a única responsável por crimes contra a humanidade já que

---

<sup>63</sup> Como exemplo o trecho desenvolvido na parte do trabalho que diz respeito a Hannah Arendt: “indivíduos já falecidos ou não, cidadãos reais ou ficcionais e episódios do passado ou do presente”. (Cf. DUARTE, 2010, p. 447)

afetam até aos que estão fora da guerra.<sup>64</sup>

Pela via da concepção de Hannah Arendt, constatou-se, na discussão teórica presente na tese, que os movimentos totalitários necessitavam do apoio das massas para manter seus líderes no poder. Como exemplos de líderes, a pensadora alemã cita Hitler e Stalin que utilizavam de estratégias que passavam uma noção de movimento aos indivíduos sociais que os apoiava. Esse movimento se caracterizava pela constante mudança a tudo que está ao seu redor seja político, social, econômico etc., no entanto, os líderes totalitários sempre governam tendo como base a sustentação que as massas lhe oferecem. As condições sociais políticas e culturais semelhantes a da Segunda Guerra Mundial se encontravam no contexto da Primeira Guerra Mundial, só que sem movimentos autoritários que se faziam mais evidentes principalmente nas grandes potências que viriam a se confrontar como a Antiga União Soviética e Alemanha. Assim a Primeira Guerra Mundial deixou sua causa mais evidente em termos econômicos, já que as grandes potências do mundo envolvidas no confronto queriam, no fundo, dominar a economia, impondo seu poder de dominação dos comércios e das matérias-primas que sustentam essa forma econômica.

Portanto, esse diferencial de não ter sua pátria sob o governo de um líder totalitário é notado em *Nada de novo no front* na medida em que em todo o romance mesmo quando os personagens alemães agem de maneira mecânica, racionalmente, atendendo aos interesses do Estado, isso não é justificativa para o extermínio do oponente (questões ético-raciais). Sob essa perspectiva o romance de Remarque sai dos padrões necessários para caracterizar o Totalitarismo, mantendo-se, dessa forma, como “fiel” a essência do contexto da Primeira Guerra Mundial. Como foi explorado no capítulo referente à Hannah Arendt, os movimentos totalitários, para se tornarem governos totalitários, carecem de material humano em grande quantidade, por isso o mundo se conheceria o desenvolvimento total do Totalitarismo, se a Alemanha tivesse vencido a guerra. Assim, a visão racional do partido de Hitler afetaria até mesmo os alemães na medida em que visava a uma seleção biológica eliminando alemães com histórico de doenças pulmonares e cardíacas. Essa concepção de necessidade de material

---

<sup>64</sup> Dar-se-á seguimento na tese sem explorar o tópico mencionado do pensamento heideggeriano da década de 1930 que se apontou como não tocado por André Duarte (2010), como comentador de Hannah Arendt e Heidegger. Trouxe-se esse tópico para discussão somente para se apontar o conhecimento dos diferentes métodos e condições de análise que os filósofos adotam e não se cair em uma crítica ingênua de caráter ideológico afirmando uma suposta insustentabilidade no pensamento de um filósofo com base no método de outro. É óbvio que os pensadores sustentam suas concepções dentro das condições que propõem, porém, isso seria melhor explorado num trabalho de Filosofia e não de Estudos Literários como é o caso em questão, no entanto, para se obter um diálogo com a Filosofia é necessário conhecimento do tema. Deixa-se claro também que o papel dos autores da Filosofia, neste trabalho, é o de comentadores da Literatura, sendo que eles estão em “segundo plano” já que suas concepções serão premissas para se discutir a experiência estética do prazer que é o objetivo central desta tese.

genético para o autoritarismo é uma característica desprezada no romance alemão, pois os prisioneiros russos, apesar de, algumas vezes, serem agredidos por sua rendição total aos alemães, eles não sofrem como cobaias para exploração e para medicina, mesmo que os soldados assumam que “[é] bem verdade que, às vezes, ao vê-los se humilharem tanto, a gente fica com raiva e distribui alguns pontapés...” (REMARQUE, 2013, p. 148)

As experiências do partido nazista no que diz respeito aos experimentos científicos biológicos, são como se pode conceber uma característica dessa necessidade de material genético para implantação de um movimento totalitário ou até mesmo de um governo se a matéria prima humana suprir a demanda. Por meio de *Nada de novo no front* não se pode ter conhecimento em termos de percentuais ou números brutos da quantidade de homens que foram cobaias para os experimentos dos médicos nos hospitais alemães, porém, sabe-se que no romance, as vítimas dos experimentos da medicina são apenas os membros do Exército alemão. Dessa forma, se pode concluir que na Primeira Guerra Mundial se tinha uma “semente” do que viria a ser algo em maior escala o que possibilita o Totalitarismo. Assim se tem um elemento encontrado que na interpretação do romance de Remarque, pode mostrar para teoria da pensadora alemã que mesmo se tendo apenas um teor de autoritarismo, é possível se ter uma característica que para Hannah Arendt só aconteceria na forma mais extrema, ou seja, como governo totalitário em que o próprio povo desse governo seria material genético. Por isso, o personagem Josef afirma aos recém chegados que o médico, “[o] velho tem mania de experiências” (REMARQUE, 2013, p. 197) e

Precisa de cobaias; para ele, assim como para todos os cirurgiões, a guerra é uma época magnífica. Deem uma olhada na enfermaria lá de baixo: há uma dúzia de homens que ele operou, mancando de um lado para outro; alguns estão aqui desde 1914 e 1915! Nenhum deles anda melhor do que antes; quase todos pioraram, e a maioria tem as pernas ainda engessadas. De seis em seis meses, ele os agarra novamente e quebra-lhe os ossos e, a cada vez, promete a cura. (REMARQUE, 2013, p. 197)

Portanto, o escritor alemão ao datar o romance passa um tom de veracidade dentro da ficção contextualizando os acontecimentos dentro da Primeira Guerra Mundial. Estabelece-se aqui outra diferença em relação ao Nazismo na medida em que o Narrador expõe por meio do personagem Josef que os pacientes não seriam operados, se recusassem o procedimento do médico. A questão de escolher por ser cobaia dos experimentos é outra característica que, no totalitarismo nacional socialista, não seria possível.

#### 4.3.1 As crônicas rosianas sob a crítica de Hannah Arendt

Passando-se o foco para as crônicas rosianas (agora sob a perspectiva de Hannah Arendt) mais especificamente “O mau humor de Wotan” é possível conceber como a ficção expõe um personagem que muda sua conduta conforme o andamento da guerra. Hans-Helmut é qualificado pelo narrador como o “menos belicoso dos homens, nada marcial” (ROSA, 1970, p. 3). A capacidade de pensar e julgar do personagem rosiano confirma o que se discutiu a respeito da concepção de Hannah Arendt, pois, embora o terror se tivesse instaurado no contexto da Segunda Guerra Mundial, Heubel não se deixa conduzir no momento por critérios do Nazismo, que pregavam violência, racismo, guerra etc. Hans-Helmut volta seu interesse para as culturas (italiana, francesa e alemã), esportes em interação com a natureza, culinária, entre outros. O personagem não manifesta em seu comportamento nenhuma simpatia ou interesse pelo partido de Hitler.

Mesmo quando recrutado pelo Exército alemão, Heubel se mantém como um exemplo do que Hannah Arendt reconhece como poucas exceções que negaram o mal, mantendo sua resistência em silêncio e, discretamente, não efetuaram as medidas impositivas do Totalitarismo. É constatável, com base no que André Duarte sustenta acerca da filósofa, como se comprovou na parte da tese referente à pensadora alemã que Hans-Helmut não pode ser qualificado como um herói, santo nem mesmo com um homem respaldado em teorias éticas e condutas religiosas, embora tivesse contato com livros como a Cabala e a Bíblia. Enquanto Heubel era subversivo ao regime nacional socialista, sua esposa Márion adere ao partido alemão de forma automática e complacente, submetendo sua conduta às regras sociais, econômicas, políticas e, assim por diante, que o Nazismo impôs a ponto de a personagem feminina ser caracterizada como “romântica, tonta e femininamente preche de prudência” (ROSA, 1970, p. 4). Assim Márion não é capaz de julgar e pensar por si mesmo sendo diferente de seu esposo cuja autonomia lhe expõe como um cidadão que age por seu próprio discernimento.

Portanto, o personagem tem sua consciência isenta de culpa, por não ter aderido ao partido de Hitler ter-se mantido passivo diante do autoritarismo e tirasse o fardo da culpa. Tal conduta não mudaria o mundo, porém, retira do homem a consciência de culpa de ter que profissionalmente aplicar a violência, justificando-se hipocritamente pelo cumprimento do dever, obrigação profissional, executar é melhor que ser vítima etc. Sob essa ótica, Hans-Helmut não é um exemplo universal, como se sua conduta servisse de padrão para as ações

alheias, porém, enquanto resistente passivo diante do Totalitarismo, quando as condutas e o discurso do cidadão se encontram reprimidos e os indivíduos se conduzem por crenças persuasivas, o pensamento e julgamento que o personagem faz por si mesmo fazem com que ele se mostre com evidência, confirmando o que se tratou na parte da tese sobre a pensadora alemã. Em direção oposta, caminha Márion comprometida com o mal, optando por não se singularizar, não buscando sentido, nem compreensão e nem reconciliação com mundo, assim agindo de acordo com os critérios nazistas, afirmando “— ‘Vou-me casar e ter filhos...’ — prometia. — Para obedecer ao *Fuehrer*, Márionchen? [...]— “O *Fuehrer* não encontra tempo para amar... O *Fuehrer* sagrou-se à política...” (ROSA, 1970, p. 3). Assim a personagem dispõe suas ações dentro do que o partido de Hitler dita.

Como foi dito no capítulo acerca do pensamento arendtiano, é possível afirmar que Heubel é um exemplo de homem que concilia o eu e o amigo que o habita, dessa forma, não se deixa conduzir pelo discurso público nazista. Diferentemente de seu esposo, Márion não se caracteriza pela singularização, abdicando da experiência de dialogar o eu e o amigo que constitui o homem como dois em um. Dessa forma, a personagem feminina assume seu comprometimento com o mal, assim a ação de Márion se assemelha a de Eichmann, na medida em que ambos não infligem a violência, não criam o extermínio, não executam nenhuma vida, entre outros, mas comportam-se como indivíduos ativos, adeptos do Totalitarismo, sem se preocuparem com o peso da culpa. Como o burocrata nazista, a personagem rosiana é tomada pelo egoísmo desinteressando-se pelo bem-estar do outro. Eichmann, como se viu na parte teórica sobre Hannah Arendt, era um jovem cidadão alemão que sonhava com a ascensão social e, assim, não se preocupava em autorrepresentar e incluir-se no outro. Márion também não volta sua atenção e mostra-se preocupada somente quando convocam seu cônjuge para a guerra, ou seja, dá atenção apenas ao que lhe é pessoal.

Seria equivocado imaginar que o narrador de “O mau humor de Wotan” por demonstrar sua indignação e total indiferença em relação ao Nazismo, o caracterizaria como um resistente passivo diante do Totalitarismo. Basta-se lembrar o que se tratou no capítulo sobre Hannah Arendt (1989), pois a filósofa mostra exemplos de autoritarismo baseados tanto no regime nacional socialista como no comunista da Antiga União Soviética. É exatamente nessa empreitada que o narrador da crônica de guerra poderia ser equivocadamente conceituado como pacifista e ainda, caso o texto rosiano fosse lido por um leitor sem conhecimento teórico acerca de Hannah Arendt (ou um crítico desatento), utilizando o termo “pacífico” no sentido do senso comum. Sob a ótica da pensadora alemã, Guimarães Rosa, ao

assumir que “*Frau Madsen*, que me fazia repetir, seguidos, cada discurso de Churchill.” (ROSA, 1970, p. 4), ao afirmar seu desejo expondo que “buscava contra Hitler um *manetêquel-fares*, a catástrofe final dos raivados devastadores.” (ROSA, 1970, p. 7) e ao lamentar enquanto nós, nós outros, chorávamos ainda a França, e a *Luftwaffe* quebrava o seu martelo na bigorna inglesa.” (ROSA, 1970, p. 5) fica claro o sentimento de apoio do narrador em relação aos países da Tríplice *Entente*.

A adesão ideológica de Guimarães Rosa, em relação aos países inimigos do Nazismo, era um apoio indireto ao Totalitarismo da Antiga União Soviética. Esclareceu-se, na parte da tese referente ao pensamento arendtiano, que, no fundo, a Segunda Guerra Mundial foi em sua “essência” uma luta entre duas potências bélicas totalitárias (Alemanha e Antiga União Soviética) e seus aliados. Assim o desejo da derrota de Hitler e a comemoração pela vitória da Tríplice *Entente* é uma ação do homem banalizado pelo mal. Veja-se que o discurso do narrador é tomado pelos critérios prévios do primeiro ministro do Reino Unido [Churchill], Guimarães Rosa mantém-se ativo uma “catástrofe final” que só seria possível obviamente com a vitória do “comunismo” soviético (totalitário) e o narrador comemora a derrota da Força Aérea Alemã [*Luftwaffe*] para os ingleses, sem se incluir entre os que sofreram as consequências da guerra e sem ser capaz de representá-los. Confirma-se, dessa forma, como Guimarães Rosa, sob a ótica arendtiana não busca sentido, compreensão e reconciliação com o mundo.

É importe frisar que o recurso estético utilizado pelo escritor mineiro, que opõe o narrador ao regime nazista, faz uso sutil do discurso de adesão ao lado comandado pela Antiga União Soviética, sem que essa seja diretamente mencionada, criando uma falsa expectativa de que o narrador é um resistente passivo diante do terror. Há nesse momento uma característica literária que revela a liberdade do autor de não ser necessariamente imparcial e poder colocar-se no lado em que elege como “melhor”, dessa forma, uma postura inaceitável para a Filosofia (mais especificamente a de Hannah Arendt), ou seja, pode-se entender como uma oposição de Guimarães Rosa em relação à teoria arendtiana já que a pensadora reconhece um valor ético nas decisões humanas.

Voltando-se a falar de Hans-Helmut, sob a ótica arendtiana, é possível compreender que apesar de negar a realidade da guerra, afirmando, por três vezes, na crônica que, para sua felicidade, presenciou apenas animais mortos (cavalos e cachorros), pois, “negava a realidade da guerra, fiel ao sentir certo e à disciplina do pensamento.” (ROSA, 1970, p. 6) O personagem rosiano se mantém pacífico, porém, como um cidadão alemão que não queria ver

seu país derrotado sofrendo as consequências dos perdedores, assim, Heubel questiona o que fazer diante dessa condição delicada e não faz nada resumindo em “nada sua experiência guerreira”. Esses aspectos mencionados até agora sobre Hans-Helmut assim como o relato de sua onde expõe que

E era o que oprimia Hans-Helmut: não o medo, o risco, ânsia de livrar-se. Só horror enorme à maldade... Assim puderam matá-lo — primeiro, nele, alguma coisa... Mas, não! diga, diga, então... (ROSA, 1970, p. 12)

Portanto, a noção arendtiana de resistência pacífica a qual os indivíduos resistem secretamente ao terror totalitário, é aplicável ao personagem rosiano na perspectiva em questão. Porém, o recurso estético da ambiguidade em dois determinados momentos pode colocar em dúvida a postura do personagem rosiano em relação à singularização arendtiana. O primeiro momento se dá quando se sabe de Heubel “distribuído ao Estado-Maior da Divisão, dobrava funções de chofer e dactilógrafo.” (ROSA, 1970, p. 5). Ao executar tarefas como funcionário do Estado alemão, poderia pensar-se em Hans-Helmut como Eichmann, sendo uma peça dentro da burocracia que administrava guerra, por outro lado, o personagem rosiano não expõe nenhuma prova de que sua função no Estado Maior seja necessariamente voltada para condutas de banalização do mal já que poderia ser chofer de feridos e datilografar apenas receitas médicas para as vítimas. O segundo momento seria quando “— “Nosso Hans-Helmut continua guiando automóveis e dactilografando?”” (ROSA, 1970, p. 7) poderia se interpretar esse trecho sendo tanto uma pergunta para se saber se ele continua exercendo funções que interessam ao Estado e que Heubel é incapaz de harmonizar o eu e o amigo que constitui o homem como dois em um quanto de um indivíduo capaz de representação e autoescolha se identificando com o outro sendo um resistente passivo. Assim a Literatura de Guimarães Rosa exerce uma característica desafiadora para teoria de Hannah Arendt, pois, como já se mencionou anteriormente, o texto rosiano carrega consigo fortes marcas que apontam para a realidade.

Passando-se a crítica para a crônica “A velha”, é perceptível que desde o início da crônica o narrador tem conhecimento das condições precárias por que os judeus passam na Alemanha Nazista. Guimarães Rosa reconhece também que o contexto é configurável “à face do caos e espírito de catástrofe” (1970, p. 108), ou seja, tem consciência do autoritarismo nacional socialista e, obviamente, de suas consequências. Em um segundo momento, o narrador tem contato com anciãs sendo que uma delas é esposa (*Dame Verônika*) de um

médico judeu (Kaspar Eswepp), assim se nota que Guimarães Rosa tem contato com as vítimas do Nazismo, porém, sabe-se que as medidas da política alemã não cairão sobre ele devido ao seu cargo de diplomata e ao fato de não se enquadrar nos padrões étnicos, sociais e culturais, que interessavam ao partido de Hitler.

Embora o narrador conhecesse o estado delicado das anciãs, principalmente de dona Verônica, que tinha sintomas de asma, o personagem narrador não expressa sua solidariedade com a situação das idosas. Ao tentar de aproximar culturalmente de Guimarães Rosa, por meio do argumento da cultura, já que a idosa passa a falar português, o escritor mineiro se surpreende, porém, sem demonstrar preocupação ou sem pelos menos deixar transparecer seu posicionamento diante do real perigo por que passavam as anciãs. Outro argumento da idosa é o relato contado por seu marido sobre “campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus tratados” (ROSA, 1970, p. 110), ou seja, condições humanas alheias por que o narrador não demonstra interesse<sup>65</sup>. Por último dona Verônica recorre ao argumento jurídico das Leis de Nuremberg que controlavam o nível de tolerância de DNA judeu, assim o autor concebe essas leis como “código hediondo” (ROSA, 1970, p. 110). Após a argumentação da anciã, Guimarães Rosa fica “passivo” em relação à ajuda solicitada pela personagem para retirar sua filha (Angélica) da Alemanha, porém essa “passividade” não é a mesma que se compreendeu no capítulo teórico sobre Hannah Arendt, uma vez que o narrador não age diante da necessidade de “garantir” a felicidade pública.

Portanto, o escritor mineiro adere a banalidade do mal sem diretamente ser uma peça dentro da engrenagem nazista (como foi Eichmann), pois, apenas se torna inerte diante do terror que o regime causa, sem tentar “contrariar” o Nazismo. Explicou-se na parte da tese referente ao pensamento arendtiano que os resistentes passivos não agiram de acordo com os critérios prévios do Nacional Socialismo, porém Guimarães Rosa assume uma “não ação” ativa, na medida em que não se representa pelos outros (obviamente não se autoescolhendo), ou seja, não ajuda as idosas e deixa que elas fiquem à mercê do Totalitarismo. Assim, o narrador se mostra como um exemplo complexo para a filosofia da pensadora alemã, pois ele é “ativo” para a banalidade do mal e “passivo” para felicidade pública. Dessa maneira, é compreensível uma ironia no texto rosiano por parte de Guimarães Rosa ao dizer: “eu nem era um cooperador passivo do destino.” (ROSA, 1970, p. 111). Assim o narrador se constitui como um homem da massa (como foi definido na parte teórica sobre Hannah Arendt), sendo

---

<sup>65</sup> A interpretação acerca do narrador não se confunde com o homem real Guimarães Rosa. O entendimento crítico sobre essa indiferença do personagem que narra só é possível dentro da ficção.

neutro e politicamente indiferente<sup>66</sup> como a maioria que faz parte de qualquer país, não exatamente como os alemães que apoiaram o Nazismo, mas sem necessariamente mostrar importância com a sorte dos judeus, caracterizando-se como indiferentes ao assunto, pois, “a principal característica do homem da massa não é a brutalidade nem a rudeza, mas o seu isolamento e a falta de relações sociais normais” (ARENDRT, 1989, p. 367)

Notou-se, anteriormente, quando se mostraram as Leis de Nuremberg que se aceitava, no máximo, cinquenta por cento de sangue judeu num indivíduo que estava sob o regime nazista. Dentro da jurisdição nacional socialista é compreensível que o casamento com judeu era inaceitável para evitar a proliferação da raça semita. Dessa forma, “A velha” demonstra como dona Verônika transgredir as leis alemãs do governo de Hitler. Quando se retoma a discussão da parte teórica da tese sobre a autora de *Eichmann em Jerusalém* e lembra-se que a pensadora alemã destaca que, para o povo judeu, é inaceitável a união conjugal com um não-judeu fica claro como Kaspar Eswepp desrespeita a lei judaica. Confirma-se, então, que o casal sob uma das duas perspectivas (nazista ou judia) sempre desobedece uma determinada lei, porém é possível entender que o texto rosiano assume, sob essa via, uma dupla característica, sendo antinazista e desinteressado pelo judaísmo. Nesse ponto específico, admite-se uma leitura em que o narrador tanto contra o nacional socialismo quanto o judaísmo, assume uma total indiferença com relação a ambas as partes.

Pensando-se no argumento de Hausner (porta-voz de Ben-Gurion), exposto no capítulo teórico acerca da guerra (Hannah Arendt), foi possível entender que o trecho bíblico citado pelo porta-voz judeu (Esther, cap. III, v. 13, p. 313) mostra como os semitas, de uma criança a um ancião, carregam consigo o destino de serem exterminados. A passagem bíblica citada por Hausner, que coloca Eichmann, em condição de mera figura dentro do destino inevitável dos semitas poderia ser também aplicável ao escritor mineiro, quando ele não interfere com sua influência política de diplomata para tentar fazer emigrar a personagem Angélica. Vale ressaltar que entre ambos (Eichmann e Guimarães Rosa) há uma diferença em termos dos papéis exercidos perante o Nazismo, pois o narrador não bate de frente com o Nazismo, comportando de forma incapaz de pensar e julgar por si mesmo enquanto que o burocrata era um rele elemento dentro da sistemática nacional socialista (claro que também sem a capacidade de representação e autoescolha).

Nessa perspectiva, constata-se um exemplo que foge dos mais comuns (os indivíduos

---

<sup>66</sup> É necessário destacar que os textos rosianos apresentam ambiguidades em sua estética, ou seja, o narrador que antes se mostrou adepto politicamente aos países de tríplice entente agora se mostra indiferente com política e com o homem.

que fizeram parte da administração nazista). A crônica rosiana não só sai do olhar do senso comum fortemente marcado pela crença de que somente os funcionários do Nacional Socialismo são responsáveis pela desgraça judia, como mostra a complexidade ou talvez até incapacidade de apontar culpados no pós-Holocausto. Mostra-se, nesse momento, uma contribuição da ficção de Guimarães Rosa, que se configura como um argumento que poderia ser tomado tanto pela corte que julgou Adolf Eichmann quanto pela pensadora Hannah Arendt, para se discutir o Holocausto. Confirma-se ainda como o texto literário em discussão pode tanto assumir o papel confirmador quanto negador de argumentos do contexto do evento de terror antissemita.

Pensando-se na questão da mídia como elemento essencial para o Totalitarismo, o ministro da propaganda Goebbels aparece duas vezes nas crônicas rosianas, sendo a primeira em “O mau humor de Wotan” e a segunda em “A senhora dos segredos”. Na segunda crônica agora como foco de análise o narrador mostra apenas uma vez o nome do ministro da propaganda do partido de Hitler, suprimindo a caracterização crítica feita em “O mau humor de Wotan”. A sutileza de Guimarães Rosa em apenas mencionar o nome de Goebbels, falando da visita do membro nazista à cidade de Dantzig, é suficiente para mostrar o poder da mídia na Alemanha nacional socialista. Obviamente que não é pela via da exploração do discurso de Goebbels, mas, pela tensão exposta pelo narrador em relação ao evento da guerra.

Sob a ótica de Arendt é possível compreender que a propaganda nazista foi tão sincera quanto mentirosa já que era fundamentada pelo orgulho em crimes cometidos no passado e no planejamento de outros para o futuro. Contrariando a perspectiva nazista, Frau Heelst, horoscopista do *Führer*, admite que a guerra não irá acontecer “pelo menos a guerra em grandes dimensões” (ROSA, 1970, p. 213). Porém, anteriormente Frau Heelst revelou ao narrador com tom de temor que os jovens alemães não iriam procura-la para conhecer seu futuro como no trecho:

- E por que não recorrer aos horóscopos dos rapazes em idade militar?
- Oh, não, não, não... — e *Frau Heelst* riu arredondado.
- Esses não vêm aqui... (ROSA, 1970, p. 212)

Portanto, o narrador reconhece o poder de previsão da horoscopista baseado em argumentos científicos (gráficos, cálculos, astrologia, entre outros) e como se viu também que por meio dos “germes” deixados no texto o escritor mineiro tinha consciência da vigência da propaganda do partido de Hitler, Guimarães Rosa se comporta como um narrador diferente de “O mau humor de Wotan” e “A velha”. Percebe-se o tom de preocupação com a felicidade

pública, tendo-se como exemplo dos jovens que teriam suas vidas ceifadas na guerra. Guimarães Rosa, dessa forma, se mantém como resistente passivo diante do Totalitarismo, não se deixando corromper pelo discurso da mídia que pedia por guerra e, assim, não agindo como se previamente houvesse a necessidade de apoio ao Nacional Socialismo. Por esse viés, a tese opõe-se à teoria do testemunho proposta por Seligmann-Silva, na medida em que a estética da crônica (1970) possibilita uma interpretação, segundo a qual não necessariamente se deve levar em conta a biografia do escritor mineiro que foi diplomata na Alemanha nazista.

#### 4.3.2. Conclusão sucinta do subcapítulo e do capítulo

Se se fosse conduzido o trabalho somente pela teoria do testemunho, não seria compreensível que o narrador de “A senhora dos segredos” se comporta diferente do das outras crônicas rosianas, pois aqui ele é um indivíduo passivo, que resiste secretamente, divergindo do narrador de “O mau humor de Wotan” e “A velha”, como se viu. Porém, se os dados biográficos do diplomata na Alemanha e as questões éticas, impondo-se sobre as estéticas, **como se** fossem premissas dogmáticas e sempre se tivesse que levar em conta nos textos literários em discussão, isso limitaria o sentido das crônicas, unicamente a esses dois aspectos (biográfico e ético). Assim se pode afirmar que em “O mau humor de Wotan” e “A velha” há um narrador que se deixa banalizar pelo mal (embora, existam dados ambíguos na primeira crônica que caracterizam Guimarães Rosa como passivo e ativo) enquanto que em “A senhora dos segredos” há outro capaz de pensar e julgar por si mesmo. Conclui-se que, de maneira geral há outro narrador ou outro Guimarães Rosa, sendo que no texto em que aparece a horoscopista não há nenhum sinal de que se trata de um cônsul brasileiro na Alemanha, como em “O mau humor de Wotan”, em que as datas coincidem com o período em que o escritor mineiro esteve no país nazista assim como o relato do cotidiano da embaixada brasileira em “A velha”.<sup>67</sup>

Nota-se que a teoria do testemunho se Seligmann-Silva pode ser colocada em tensão na medida em que a afirmação do teórico sobre o “ético se impondo ao estético” pode ser quebrada, pois os textos literários de guerra, não necessariamente, têm que ser lidos sob a premissa testemunhal. Assim, foi mostrado como a estética das crônicas rosianas e do

---

<sup>67</sup> Deixa-se claro que apesar de haver dados biográficos contidos nos textos rosianos, eles não necessariamente têm que ser interpretados de acordo com a veracidade dos fatos, pois a estética da arte pode superar esses traços com os inesgotáveis sentidos que lhe podem ser atribuídos na interpretação. Assim, é óbvio que o principal aspecto da arte é o estético e não o ético ou biográfico.

romance de Remarque podem inverter os elementos da realidade, expondo imagens em que a qualidade violenta da Primeira Guerra Mundial é maior que a do contexto da Segunda Guerra Mundial. Sob a ótica de Bauman, os textos literários em exame podem demonstrar aspectos da relação razão *versus* emoção em que a sociologia só pôde discutir em um período tardio, no entanto, em *Nada de novo no front*, esses elementos já eram visíveis e novamente retomados nas crônicas rosianas.

Na perspectiva de Hannah Arendt, pode-se compreender como existem “vestígios” de Totalitarismo (persuasão da mídia, experiências humanas, cumprimento do dever como funcionário do Estado etc.) no romance alemão e como os textos rosianos oferecem personagens complexos para a teoria a ponto de se perceber, pelo comportamento no narrador, que ele, em “O mau humor de Wotan” em “A velha” não é mesmo de “A senhora dos segredos”. Acerca de *Nada de novo no front* se pode afirmar que o romance mesmo não estando dentro do contexto teórico discutido pela pensadora alemã, é possível afirmar por meio da estética do texto que ele oferece elementos relevantes para o debate sobre o autoritarismo. Todavia, nota-se que o tema da violência passa pelas três teorias aplicadas, cabendo agora compreender como o leitor do século XXI pode experimentar esses textos literários sob as premissas colocadas em discussão assim a teoria da Estética da Recepção e a Hermenêutica são as bases da crítica a seguir.

## 5. CRÍTICA HERMENÊUTICA ESTÉTICO-RECEPCIONAL DO ROMANCE DO ROMANCE DE REMARQUE E DAS CRÔNICAS DE GUIMARÃES ROSA

O exame crítico a seguir acerca do *corpus* da tese terá como sustentação as bases Hermenêuticas de Heidegger para se chegar aos fundamentos jaussianos da recepção e se mostrar, dessa forma, como o leitor de Jauss, aproximado do ser-aí heideggeriano pode, por meio do conhecimento das premissas da guerra e das condições da humanidade no contexto do século XX<sup>68</sup>, fazer uma leitura em que o contexto dos eventos de terror do século passado lhe proporcione prazer. O romance de Remarque e as crônicas rosianas expõem o contexto do homem do século das grandes guerras mundiais e servem para mostrar como o autor de *Ser e Tempo* concebe o homem e o humano entre a compreensão e a ocupação de maneira não valorativa, afirmando que nenhum comportamento pode ser qualificador de uma existência, ou seja, estar aberto ou fechado para suas possibilidades não é um mal ou um bem que o homem possa “obter” para si. É nessa perspectiva que se pode entender o prazer estético segundo o teórico alemão, vai além de qualquer questão ética (pensando-se nesse caso em Seligmann-Silva, Bauman e Arendt), logo, o receptor de Jauss embasado nessa proposta, pode compreender o texto literário somente pelo seu caráter estético, sem que nenhuma premissa ética seja capaz de se sobrepor à relação dialógica leitor e obra.

### 5.1. O prazer estético diante do terror em *Nada de novo no front*

No princípio de *Nada de novo no front*, o narrador Paul relata comportamentos humanos, inclusive se incluindo nessas condutas que se se retomar o conceito heideggeriano de existência, ser-aí (como foi definido no capítulo da tese sobre Hermenêutica), pode-se observar como os militares da Primeira Guerra Mundial manifestam seu Ser guiados pelo discurso sedimentado do cotidiano, ou seja, da guerra. Assim a existência dos soldados é encoberta pela norma militar da coletividade, que rompe com os princípios do pudor, dessa maneira, o narrador e seus companheiros são “obrigados a usar a latrina comum. Lá não há

---

<sup>68</sup> Sabe-se que vários autores da Filosofia como Casanova (2006), Bambach, Kisiel (2009), entre outros, já publicaram trabalhos que são referências legítimas na interpretação do pensamento heideggeriano. Tem-se consciência também de que essa tese não é um trabalho de Filosofia, porém, far-se-á uma interpretação do *corpora* com base em Heidegger, para se mostrar como o homem do século passado assim como o de qualquer época assume para o filósofo alemão, comportamentos em que uma decisão ética de abertura não tem mais importância que um comportamento de fechamento. No entanto, isso servirá para dialogar com a proposta jaussiana, uma vez que, uma leitura não necessariamente tem que partir de uma premissa ética e nem muito menos que por essa via se interpretaria de maneira que “valeria mais a pena”, ou seja, o ético não é fundamental em uma experiência dialógica nem muito menos se sobrepõe ao estético da arte.

portas, e vinte homens sentam-se uns ao lado dos outros, como num trem.” (REMARQUE, 2013, p. 14) Assim enquanto Seres-no-mundo, os seres-aí dos militares se mostram imersos no cotidiano da guerra, sendo obedientes ao Exército e ocultando seu Ser autêntico como se outras possibilidades a partir de si mesmos não fossem “visíveis” e somente as normas do exército fossem os critérios prévios para suas ações.

Pode-se perceber a noção de Ser-no-mundo quando se pensa que a existência dos soldados é marcada pela relação com entes intramundanos, que é oferecida pela teia utensiliar de referências do cotidiano. Nessa ótica, o narrador se ocupa em meio à malha de usualidades da facticidade, ou seja, não quer dizer que o personagem não saiba o que é uma pá ao estar no campo de batalha embora esse ente seja usado como arma (Cf. REMARQUE, 2013, p. 86), pois a pá não deixa de ser um utensílio. Assim o comportamento de Paul enquanto ser-aí, é marcado pelas referências que o *front* oferece em determinado momento, como a granada, a baioneta e a pá. Como se viu, agora o narrador, ao seguir a tendência existencial do encobrimento, relacionando-se com o intramundano, Paul simplesmente realiza suas ações, sem questionar a mera possibilidade de usar armas e ferramenta de construção, o personagem usa tais entes da mesma forma que se utiliza de talheres para se alimentar, calçados para isolar os pés, roupas para se agasalhar etc., em outras palavras, sem a compreensão da intramundandade.

O narrador, fechado para suas próprias possibilidades, mantém sua existência guiada pelo ser dos outros entes e preocupada com a existência dos outros seres-aí. Constatou-se, na parte teórica da tese que a relação entre os seres-aí e os entes intramundanos se dá de forma diferente de entre ser-aí e ser-aí. Assim, por meio da existência do personagem, é notável a mera usualidade na relação entre ele e seu instrumento de guerra, ao afirmar que: “nós mesmos inspecionamos as baionetas. Existem algumas que são preparadas com o gume em serra” (REMARQUE, 2013, p. 86). Porém, a projeção de Paul para outro ser-aí é uma lida entre duas existências, ou seja, é a preocupação, ou seja, a manifestação do Ser a partir de outra existência. Sob esse aspecto, também se mostra o comportamento de Kat que, junto a Paul, ambos socorrendo um recruta, relatam que “o seu quadril. É só uma massa de carne, com lascas de osso. A articulação foi atingida — este rapaz nunca mais poderá andar.” (REMARQUE, 2013, p. 62) O nexos entre a ocupação e a preocupação observadas nas condutas dos personagens, resultante de uma continuidade de relações com o cotidiano é a decaída. Nesse olhar não somente a manifestação do Ser impróprio é o que se evidencia, mas, também simultaneamente fechado, mostra a não-verdade, dessa maneira, Paul e Kat são

impedidos de se comportarem por seus autênticos modos de ser.

A existência de Kat e Paul se fecha para a apropriação, porque estão na fuga de seu modo de Ser autêntico, assim eles se sentem ameaçados tanto pela intramundandade quanto pelos outros seres-aí. Dessa forma, o temor se abate sobre os personagens e mostra como eles se comportam manifestando uma sucessão de projeções a partir do Ser do outro, ou seja, o Ser da decaída. Fica notável como Kat e Paul expõe o ente humano mediado pelo pré-ontológico na pragmaticidade em que o intramundano se faz útil e o Ser da outra existência torna possível a ação dos personagens. O ser-aí dos personagens está em uma abertura ôntica, uma pré-compreensão em que o temor da morte, do ente utensílio (bombas) e da outra existência (inimigos) se configura como o único modo de ser que Kat e Paul comportam-se, pois,

Quando Kat, escaparrachado diante das barracas, diz: “Vai haver bombardeio”, é a opinião pessoal dele e nada mais, mas quando diz isto aqui, a frase tem a agudeza de uma baioneta reluzindo ao luar; atravessa nossos pensamentos, aproxima-se e fala ao inconsciente que acordou dentro de nós, com um sentido confuso! “Vai haver bombardeio”, talvez seja nossa vida mais íntima e secreta que vibra e se prepara para a defesa (REMARQUE, 2013, p. 49-50)

Portanto, o mundo fático dos personagens, mesmo estando marcado pelas possibilidades da guerra (sendo a mais provável delas a morte), mostra como o ente humano não se apropria de seu Ser. Logo o ser-aí não se compreende como finito, não se antecipando para sua possibilidade mais extrema, a morte. O ser-para-morte é encoberto na existência de Kat e Paul, como se eles não vissem sua finitude como o modo de Ser autêntico e, impossibilitados de compreender a morte no cotidiano da guerra, eles submergem no falatório, sem articular o ser-para-morte com seu Ser autêntico, ou seja, estão impedidos de afinar suas existências com o que propriamente lhe constitui. Na passagem acima se percebe a incansável fuga da morte, ou seja, da finitude de sua existência, da possibilidade mais radical do ente humano.

Mostrou-se, no capítulo sobre a Hermenêutica que, embora a realização do Ser tenda a ser, na maioria das vezes, guiada pelo discurso sedimentado, há a possibilidade da abertura do ente humano. Dessa forma, ao vir do nada para o ser-aí, a tonalidade afetiva das quais se destaca a angústia, que, assim como o temor, se abate sobre a existência, porém, de maneira diferente, já que o existencial permite a abertura ontológica para a compreensão de si mesmo e dos outros entes. É por essa via que a tonalidade afetiva “cai” sobre o ser-aí do narrador e de seus amigos possibilitando o questionamento pelo Ser do Estado. Assim o pré-ontológico se

torna ontológico e os personagens interpretam suas condições na guerra e o Estado que os forcem a tais ações, logo eles compreendem como uma “força maior” (Estado) se impõe para que sejam reles “marionetes” dentro uma sistemática de interesse governamental. Pode-se então retomar o comentário de Benedito Nunes acerca de Heidegger, constante na parte teórica da tese sobre o autor que a compreensão dos soldados manifesta o que eles enunciam, fazem, expressam, entre outros, assim distinguindo dos outros entes, o homem como ser-aí.

Decidido por si mesmo o ser-aí angustiado rompe com a circunvisão de lida com os entes intramundanos e a tendência ao encobrimento é quebrada. A liberdade humana que se entende como um pêndulo que transita entre o fechamento e a abertura nada mais é do que o movimento da existência indo do pré-ontológico ao ontológico ou vice-versa. Nota-se então que o ente humano dos soldados deixa de estar na segurança e familiaridade que o cotidiano da guerra lhe oferecia confirmando que o apoio utensiliar de seus equipamentos de batalha e a referência do outro se tornam indiferentes como critérios prévios para ação humana. Assim a estrutura de sentido do ente humano é marcada pela temporalidade das *Ekstases*, nessa ótica a constante ocupação dos militares com os utensílios de guerra correspondem ao presente, a abertura para o questionamento do Estado ao passado e a compreensão do ente estatal o futuro. O tempo é a totalidade dos três momentos da existência dos soldados, entes finitos cuja historicidade é o acontecer do ser-aí. O acontecer tem um nexos com o cuidado que como o próprio nome expressa sempre cuida de seu Ser, no caso de Paul e seu amigo sejam na facticidade do discurso sedimentado onde mantém a disciplina lidando com entes e outros seres-aí ou na compreensão do Estado como “força” destruidora de homens (Cf. REMARQUE, 2013, p. 158-159-160), os personagens nunca deixam de realizar suas condutas como improprias ou próprias.

Percebe-se que a interpretação acontece após a compreensão, portanto, os personagens de Remarque compreendem seu Ser e interpretam o Estado alemão. Nessa dinâmica o ente humano se abre mostrando a verdade em seu núcleo. Nesse momento tanto Paul quanto seus amigos estão apropriados de seu Ser e nada os conforta nem serve como consolo, todavia, a existência dos personagens volta a se ocupar e preocupar submergindo novamente no discurso sedimentado. Isso é uma consequência do encobrimento do Ser da consciência como se desenvolveu na parte teórica da tese sobre a hermenêutica. Conferiu-se que esse existencial é o que pode manter o ser-aí na abertura, ou seja, enquanto a angústia como tonalidade afetiva abre o ente humano a consciência mantém a existência na compreensão de si e dos outros entes fazendo com que ser-aí não faça o movimento contrário indo do ontológico para o pré-

ontológico. O narrador e seus companheiros não manifestam o Ser da consciência e suas respectivas existências não se mantêm abertos para compreensão e isso se confirma na medida em que seus comportamentos voltam a ser guiados por referências do cotidiano. Ocupado com os entes da guerra e preocupados com os seres-aí configuram o comportamento dos personagens que agem a partir da facticidade sedimentada se constando por meio da conduta do narrador no campo de batalha alegando o seguinte: “Não encontrei nenhum dos companheiros. Cada metro que me aproxima da nossa trincheira enche-me de esperança, mas, também, de uma grande pressa. Seria muito azar pegar agora uma bala perdida.” (REMARQUE, 2013, p. 164)

A compreensão que os personagens projetam em seu mundo fático só possível devido a familiaridade que é rompida. Isso se mostra quando Paul e seus amigos interpretam o cotidiano atroz que vivenciam e como por traz dessas condições estão interesses governamentais. Apropriar-se, compreender e interpretar acontecem simultaneamente na estrutura do ser-aí humano como modo de Ser autêntico. Apesar de a existência estar entre o fechamento e a abertura (com tendência ao encobrimento), o fato de o ente humano dos personagens se comportarem como normalmente se configura o Ser-no-mundo (ora se abrindo ora se fechando sendo uma condição necessária para que possibilite a outra) não quer dizer que haja algo valorativo no não-encobrimento ou no encobrimento. Nessa perspectiva, o fato de Paul e seus amigos serem guiados pelo discurso sedimentado da guerra (matando, destruindo, “animalizando-se”, entre outros) não quer dizer que assim suas existências não valerem a pena e, ao manifestarem seu Ser próprio, interpretando a política estatal que leva à guerra não quer dizer que esse comportamento tenha um valor maior que os outros. Dessa forma, a decisão ética da abertura não eleva o ser-aí a uma conduta “superior” o que se confirma é que o ente humano dos personagens de Remarque passa por uma experiência fenomenológica comum. Assim se confirma o que se falou no terceiro capítulo da tese: o objetivo de Heidegger é a busca pela diferença ontológica entre Ser e ente. Cumpre, agora, analisar as crônicas rosianas sob a premissa Hermenêutica<sup>69</sup>.

Agora que já se discutiu o conceito de Hermenêutica elegido na tese se faz necessário entrar no exame do *corpus* como experiência estética do prazer. Tratou-se na segunda parte teórica da tese que, a experiência estética se divide em três níveis hermenêuticos: compreensão, interpretação e aplicação. A última etapa das três é a que interessa, nesse

---

<sup>69</sup> Apesar de uma menor extensão nas crônicas rosianas se comparadas ao romance de Remarque, elas oferecem um número de referências culturais, religiosas, políticas, entre outras, muito maior que em *Nada de novo no front*, conforme a tese mostrará.

momento, para se mostrar uma experiência atualizada. A cena de *Nada de novo no front* que descreve a situação de Behm, pois, “foi um dos primeiros a morrer. Durante um dos ataques foi atingido nos olhos por uma bala. Imaginando-o morto, nós o abandonamos no campo” (REMARQUE, 2013, p.17), essa situação pode ser interpretada como uma satisfação para o leitor contemporâneo, na medida em que o receptor tem em seu horizonte de expectativas a exploração da violência pela mídia como, por exemplo, a guerra do Iraque sendo televisionada ao vivo e acompanhada pelos comentários tendenciosos dos jornais. Assim é possível conceber o trecho do romance de Remarque por meio de uma estética em que o leitor se identifique com o Exército inimigo dos alemães.

Viu-se no terceiro capítulo da tese que a identificação admitida por Jauss, contraria a concepção de Adorno que não concebe tal aspecto na experiência estética. Assim se pode compreender o texto literário na atualidade sem o considerar como uma antítese social ou denúncia da realidade como entende o filósofo alemão. Sustentando-se no teórico da recepção, se entende que o horizonte da obra (ao mostrar a derrota dos alemães na Primeira Guerra Mundial), assim como o do leitor (“bombardeado” pela mídia esportiva que cada vez mais valoriza os números de vitórias e os recordes quebrados), podem ser fundidos na relação dialógica. Assim fica claro o prazer pela vitória e o desinteresse pelos derrotados, dessa forma, receptor e obra abrem a a lógica da pergunta para quer ser opressor? E da resposta, para não ser vítima. Por essa via, *Nada de novo no front* se enquadra dentro do “espírito” capitalista moderno nos pares pobreza e riqueza, opressor e oprimido, explorador e explorado, entre outros.

Observou-se, no terceiro capítulo, que a experiência estética carrega consigo uma relação com Fenomenologia e que para Jauss, não cabe a tarefa de discutir o que proporcionou a compreensão na relação dialógica, mas apenas descrever tal situação. Já para Heidegger cabe explorar os dois momentos o da pré-compreensão e o da compreensão. Dessa forma, o prazer do leitor ao experimentar o romance alemão, não configura o receptor como submerso no discurso cotidiano sedimentado, mas como um homem que sente prazer compreendendo as condições possíveis na experiência estética. Nessa dinâmica, pode interpretar a cena dos cavalos feridos no romance alemão como um deleite para o receptor, que identifica Paul e seu Exército como oponentes. Assim o prazer em ver o desespero dos soldados alemães que ficam eufóricos com os gritos terríveis dos cavalos, é como um contentamento proporcionado pela desgraça do oponente, ou mais, especificamente um duplo contentamento do leitor tanto pelo desespero dos militares alemães quanto pelo sofrimento

dos animais de trabalho do inimigo. Como relata o romance:

Um deles tem o ventre rasgado, as tripas penduradas para fora. Tropeça nos próprios intestinos e cai, mas levanta-se novamente.  
Detering pega o fuzil e apoia. Kat afasta-o com força.  
— Ficou maluco?  
Detering treme e joga o fuzil no chão. Sentamo-nos e tapamos os ouvidos. Mas, estes lamentos, gemidos e clamores terríveis penetram dentro de nós, eles conseguem penetrar em todo lugar.  
Somos capazes de aguentar muito sofrimento. Mas agora estamos todos suando. Queríamos levantar e fugir, não importa para onde, somente para não termos que ouvir mais esses gritos.  
E apesar de tudo, nem homens são, apenas cavalos (REMARQUE, 2013, p. 56)

Mostrou-se no capítulo sobre Jauss, que o conceito de leitor do teórico alemão se aproxima do de ser-aí proposto por Heidegger. Dessa forma, tanto o receptor jaussiano quanto o ente humano heideggeriano assumem um nível de atividade intenso durante a interpretação. Mesmo o horizonte de *Nada de novo no front* atuando na experiência estética, sua intensidade é menor que a do horizonte de vida do intérprete<sup>70</sup>. Pode-se compreender que o romance de Remarque ao expor o sofrimento na guerra tanto do lado alemão quanto do russo o leitor pode ser conduzido em maior intensidade pelas suas vivências, sendo indiferente tanto com alemães quanto com russos. Assim, o receptor compreende a *praxis* por meio da experiência estética, concebendo que não há necessidade do homem provocar a guerra e que ela é causada por interesses governamentais, portanto, a destruição dos membros dos países participantes da guerra seria um deleite para o intérprete da atualidade.

Na perspectiva do prazer estético o receptor interpreta os utensílios bélicos como instrumentos que proporcionam ao homem de guerra aquilo que ele merece, ou seja, as baionetas modificadas pelo Exército de Paul, podem aplicar aos seus oponentes a dor imensurável que o leitor gostaria que inimigo sentisse. Assim como as técnicas de tortura realizadas pelos combatentes do lado russo que eliminam os alemães com sufocamento, podem ser compreendidas como uma satisfação por ambos os lados da guerra sofrerem a dor da morte. Pode-se entender baseado no capítulo teórico sobre Jauss, que a historicidade própria da obra se modifica possibilitando novas experiências por meio de um Ser temporal que gera novos significados. Assim é admissível na expectativa do intérprete da atualidade a compreensão da guerra como diferente da do receptor que experimentou *Nada de novo no front* durante a Segunda Guerra Mundial, pois na atualidade as consequências do evento de

---

<sup>70</sup> O termo será utilizado como sinônimo de leitor conceituado por Jauss.

terror podem ser compreendidas não mais como dor, destruição, matanças etc., mas, como um espetáculo em que o intérprete se deleita diante do cumprimento do ciclo da vida, a morte, dessa forma, o receptor compreende a naturalidade da vida.

A continuidade da recepção do romance de Remarque mostra como o efeito que se produz sobre a guerra, seja prazeroso e a repulsão que estaria como expectativa seja rompida. Isso pode expor como *Nada de novo no front* pode não só deixar de provocar o sofrimento na experiência estética como, pode causar contentamento pelo padecer do personagem do romance. Há também a possibilidade do “humor negro” na relação dialógica na medida em que a desgraça experimentada no romance alemão pode provocar o “riso” no leitor. A compreensão da morte como possibilidade dos personagens pode proporcionar o “riso”, pelo fato, de o intérprete vê a morte como modo de Ser seu e dos outros entes humanos, assim o receptor ri dos homens de *Nada de novo no front* que não compreendem sua finitude. Rí-se também na experiência estética pelo fato de os personagens não compreenderem que não há valoração em reconhecer ou não a morte como possibilidade sua. Outra forma de “riso” na recepção seria pela questão dos soldados temerem a maneira como serão torturados e mortos como se na realidade da guerra outras opções lhe fossem dadas. O trecho abaixo mostra como é possível conceber uma atrocidade prazerosa na recepção:

Nós mesmo inspecionamos as baionetas. Existem algumas que são preparadas com o gume em serra. Quando, do outro lado, eles pegam alguém com isto, massacram-no sem piedade. No setor vizinho, acharam gente nossa com estes fuzis serra que tiveram os narizes cortados e os olhos arrancados. Depois lhes encheram a boca e o nariz com serragem até sufocar. (REMARQUE, 2013, p. 86)

Pode-se confirmar que a leitura de um texto literário sempre leva em consideração a experiência de vida do receptor que, ao experimentar uma obra nova o leitor pode comparar com outra já lida e fazer uma recepção tendo a leitura anterior como relevante. Nessa ótica, sabe-se que o tema da violência não é novo na Literatura (como se notou quando se criticou anteriormente “O mau humor de Wotan” e desenvolveu-se sobre Sófocles e Ésquilo), assim *Nada de novo no front* é uma obra que possibilita o efeito “cômico”<sup>71</sup> na recepção. Já que a violência está presente desde a gênese da Literatura ocidental o interprete familiarizado com a postura trágica dos heróis do drama grego que, lutam inexoravelmente pelo seu destino mesmo conhecendo seu futuro trágico (Cf. CHAVES; SENA, 2008), podem servir de

---

<sup>71</sup> Define-se o termo de forma usual.

premissa na leitura do romance alemão por meio do horizonte de vida. A postura do narrador em *Nada de novo no front*, é de um homem que se se deixa conduzir pela dinâmica da guerra e luta na perspectiva de sair vivo do campo de batalha, temendo por sua vida e por sua integridade física, dessa forma, o personagem assume uma postura totalmente diferente da do herói clássico e, assim estando em condições perigosas e quase sem a possibilidade de morrer de forma brutal o militar alemão age cautelosamente tomado por valores cristãos como piedade, esperança, felicidade e assim por diante.

O efeito da comicidade é possibilitado na recepção do romance alemão, na medida em que o intérprete identifica a conduta do narrador de *Nada de novo no front* como um personagem que representa o homem “contemporâneo” alienado pelos valores cristãos. Assim o leitor compreende a *praxis* da atualidade, vendo dentro da arte a alienação do homem representado por Paul caracterizado pela incapacidade de se libertar do discurso dominador, logo o receptor interpreta tal postura do narrador como “hilária” a ponto de provocar um prazer estético “cômico”. Tal experiência estética na atualidade se diferencia de outra em que o estranhamento do leitor seria visível pelo fato de o evento de terror provocar sentimentos cristãos, fazendo com o interprete rejeitasse a realidade catastrófica do romance alemão. A leitura enviesada pelo prazer “cômico” diante da “inocência” cristã, é possível por meio do fenômeno do contraste com outra forma (no caso os valores pagãos gregos), dessa maneira, o prazer do receptor “contemporâneo” contraria também a limitada concepção de que o gênero pode conduzir a experiência estética como se o meio de classificação fosse indispensável.

Libertado de sentimentos cristãos, o leitor da atualidade ao entender o dogma bíblico do amor ao próximo sem ser afetado pelos valores do cristianismo. Nessa ótica o receptor pode compreender o romance alemão de uma maneira semelhante a de um aristocrata romano que se deleitava diante de escravos “ignorantes” que pereciam no Coliseu. Isso se dá devido aos militares em campo de batalha poderem ser concebidos como gladiadores cujo “conhecimento” se pode supor que para eles (soldados e gladiadores) seria desnecessário. O intérprete pode conceber tal efeito estético como desinteresse pela sorte da massa de uma maneira em que o leitor se distancia da representação daquela realidade ou se reconhece como um espectador que não faz parte da massa de manobra. Nesse viés o receptor pode se colocar como se estivesse presenciando um espetáculo “cômico” voltado para o “humor negro” de forma que fizesse o espectador rir perante as vidas sucumbem. A performance narrativa do romance de Remarque possibilita uma cena em que uma sucessão de acontecimentos em que levam a morte de sujeitos “ignorantes” fazem com que a narrativa possa ser experimentada

como um texto de “encenação”

Bertinck levou um tiro no peito. Momentos depois um estilhaço esmaga-lhe o queixo. O mesmo estilhaço ainda tem a força de abrir o quadril de Leer. Leer geme e apoia-se nos braços, perde sangue rapidamente; ninguém pode ajuda-lo. Como um saco que se esvazia, dobra-se sobre si próprio depois de alguns minutos. De que lhe serviu ter sido tão bom aluno de matemática na escola? (REMARQUE, 2013, p. 213)

A possibilidade de sentir prazer não se identificando com nenhum dos personagens que sofrem a violência é tão possível quanto à de se identificar apenas com o que em determinado aplica a agressão seja do lado alemão ou do russo. Por essa via, *Nada de novo no front* demonstra seu valor estético se distanciando do conceito de arte “culinária” criado por Adorno e retomado por Jauss (como está desenvolvido no terceiro capítulo da tese). Nessa proposta, o romance alemão se configura como totalmente diferente dos aspectos “culinários” que visam atender por meio da “palatabilidade”, os padrões de consumo. Vale entender que o prazer do leitor diante da violência não torna a experiência estética “palatável”, pois o receptor atual de *Nada de novo no front* ao manifestar o efeito do prazer não se relaciona dialogicamente com uma arte (ou pseudoarte) que agrada por meio da autoajuda, induz o leitor para o entretenimento capitalista ou qualquer “promessa de felicidade cristã”.

Pode-se, em outro momento, pensar na recepção do romance de Remarque como negatividade admitindo a obra como uma denúncia da realidade empírica (Cf. ADORNO, 1970), porém, viu-se no capítulo sobre Jauss que o horizonte de expectativa de negatividade pode se transformar em obviedade mostrando o caráter clássico da obra de arte. A premissa da obviedade na relação dialógica é uma característica da fusão dos horizontes do leitor e da obra que se aplicadas a *Nada de novo no front* o receptor pode experimentar o romance não mais como uma oposição à realidade catastrófica exposta na obra de Remarque, mas, com a identificação da apreciação de um texto literário que o intérprete compreende obviamente. Isso quer dizer que o romance alemão assim como qualquer outra forma de arte não limita sua recepção a uma única via interpretativa, dessa forma, o público atual pode conceber *Nada de novo no front* não mais como uma oposição a crueldades, mortes em grande escala, apelo pela valorização do “conhecimento” etc. O leitor de hoje interpreta o romance de Remarque, deleitando-se diante da estética de dilaceração de corpos, de experiências médicas no hospital, da fome e assim por diante.

O público atual recebe o romance alemão de forma acessível e sem resistência à violência, pois a negação dos acontecimentos de *Nada de novo no front* que impossibilitam o

prazer estético, está ausente na experiência “contemporânea” em questão. O contraste com a recepção anterior é o que possibilita ao receptor a manifestação do prazer diante do terror e assim o leitor atual compreende o Ser temporal da obra de arte que gera outros significados por meio da própria historicidade artística. Na ótica do deleite diante da agressão se pode confirmar o que foi exposto na segunda parte da tese onde se afirmou que para Jauss, a experiência estética é uma experiência da *práxis* humana que liberta o homem das imposições da vida onde o leitor passa a ter uma concepção sobre as coisas. Dessa maneira, o público que experimenta o romance de Remarque, pode tanto conservar suas experiências de vida quanto antecipar-se para outras possibilidades ampliando as “fronteiras” do comportamento social humano como novos objetivos, pretensões, desejos, entre outros.

A apreciação da estética humana destroçada pelo próprio homem em *Nada de novo no front*, permite ao receptor compreender o romance alemão não mais conduzidos por um horizonte pré-determinado pelo discurso sedimentado do cristianismo. Saindo-se da perspectiva cristã onde a experiência estética permitiu outro “olhar” para o intérprete, as premissas dogmáticas de compaixão, felicidade, prosperidade etc. são deixadas de lado na medida em que o leitor pode até mesmo agora compreender a natureza humana se incluindo a ela e tomando, dessa forma, a morte como possibilidade sua e não unicamente de outros homens mesmo que o receptor não esteja em um ambiente de guerra. Pela via de encarar a morte com deleite e naturalidade, a lógica da pergunta e da resposta é invertida onde o público questiona a obra a respeito da finitude enquanto possibilidade sua e das outras existências e a obra responde positivamente mostrando imagens brutais de sofrimento e morte.

Explorou-se no capítulo sobre Hermenêutica que Jauss se distancia de seu mestre Gadamer, em relação a não considerar toda e qualquer interpretação sob a tutela da História como admite o autor de *Verdade e Método*. Fazer uma crítica gadameriana de *Nada de novo no front*, poder-se-ia até conceber que o público do século XXI teria seu horizonte interpretativo marcado pela linguagem tradicional do século passado. Nessa proposta, a interpretação do sujeito histórico do mestre de Jauss, poderia até ser realizada levando em conta a consciência histórica em que o ser humano não tem o controle total de sua ação. Assim o romance de Remarque não poderia ser compreendido se eliminando o contexto histórico do século XX sobre os eventos de terror que marcam a conduta humana nos dias de hoje. Mesmo sob a ótica de Gadamer não é possível receber o romance do *corpus* sendo sempre uma narrativa de testemunho, pois, dessa forma, o ente humano não teria atividade alguma sobre a interpretação se configurando como totalmente “passivo” ao invés de

parcialmente ativo sendo a maior parte do processo hermenêutico controlado pelo ser humano.

Sob a submissão do horizonte da pergunta e da resposta o intérprete gadameriano sujeito a cultura, linguagem, tradição e assim por diante, que são pré-determinadores da experiência hermenêutica, fortemente marcados pela violência não pode escapar de compreender deixando totalmente de lado esses aspectos. Nesse ponto, a proposta jaussiana ao entender o leitor dentro de um horizonte histórico, mas, que ele pode atuar sobre esse sem estar necessariamente submetido à linguagem tradicional demonstra que o teórico alemão está mais próximo de Heidegger (como se destacou no terceiro capítulo). Por essa via interpretativa o receptor pode se libertar até da premissa testemunhal de Seligmann-Silva (que concebe as obras de contextualizadas em eventos de terror como “canto ou lamentação dos que se viram sem saída diante da morte”) e receber *Nada de novo no front* não como uma narrativa norteadada por aspectos éticos relacionados ao choque, histeria, trauma etc., por que passaram os personagens, mas, como somente uma arte enviesada pela estética cujas atrocidades das mortes sufocantes por gás, dos homens desesperados pelos gritos agonizantes dos cavalos, dos militares reduzidos a “gosma” nas trincheiras, entre outros, provoquem unicamente fascinação prazerosa no receptor.

Jauss considera que na experiência estética há um Ser temporal que adquire outros significados e que não se caracteriza como propõe seu mestre como um Ser histórico e finito determinado pela autoridade da tradição herdada. Nessa perspectiva, a compreensão estético-recepcional “ultrapassa” os limites históricos e, assim a recepção do romance alemão não se torna conduzida pelas “fronteiras” históricas da narração de acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, mas, como uma experiência de contemplação de uma “natureza” de relação de dependência entre homem e água, mais especificamente, rio. Dessa maneira, por meio da experiência estética o público atual pode sentir o prazer de contrariar a ciência, pois o homem teria uma função na “natureza” como os outros animais. Assim para “que se derramassem esses rios de sangue” (REMARQUE, 2013, p. 199) era preciso que o ser humano fosse “alimento” para o rio. Nesse momento, a recepção desloca a compreensão do contexto da guerra para uma “paisagem natural” e amena em que o homem se deleita, por que ela é proporcionada por seu próprio sangue.

Pensando-se na relação do prazer estético como foi discutido no capítulo sobre Jauss, o teórico alemão ao retomar o termo aristotélico *poiesis*, reconhece o sentimento que o artista pode experimentar diante da apreciação de sua obra de arte. Dessa forma, Jauss concebe que a

produção da obra de arte é parte da atividade humana e o produtor pode extrair da estranheza mundana externa o deleite de uma realidade diferente da de si mesmo. Nessa ótica, o autor de *Nada de novo no front* ao experimentar seu romance não o interpreta mais como um dado de sua realidade biográfica, pois a produção artística lhe permite gozar os episódios da obra literária. O saber e o prazer alcançado na apreciação da obra se diferenciam obviamente do artesanal ou industrial que remete a ciência, pois, mesmo que se aponte para o suporte físico da obra a arte é constituída para o teórico da recepção, em sua abstração. Assim nenhuma premissa científica ética pode se impor na experiência estética e o autor de *Nada de novo no front* recebe em sua obra a estética ficcionalizada da realidade se podendo contrariar o sofrimento como dor.

É possível compreender que mesmo as sensações de violência no próprio corpo de Paul, possa ser experimentada como gozo seja pela superação de ter suportado a dor da guerra ou pelo fato de agora se experimentar a estética do sofrimento. O autor demonstra sua capacidade de expressar o que permaneceria desconhecido, oprimido, calado e assim por diante, ou seja, experimenta a obra não sob a premissa da civilização judaico-cristã em que o sofrimento proporciona apenas dor, mas, da premissa do gozo de que se pode obter diante do padecimento estético produzido. O romance alemão oferece exemplo do deleite que se pode ter diante das sensações que os personagens têm provocadas por instrumentos bélicos como o som das granadas, o estremecer com os tiros e os olhos mais estimulados, assim o artista sente o deleite de estar preparado para qualquer possibilidade de seu Ser próprio inclusive a mais extrema e radical, a morte. O autor goza de sua *poiesis* que expressa sua abertura para a Verdade reconhecendo por si mesmo a “naturalidade” humana da dor e da finitude como relata o romance alemão:

Nossos rostos não estão nem mais pálidos nem mais corados do que antes; não estão mais tensos nem mais relaxados e, no entanto, estão diferentes. Sentimos como se o contato de uma corrente elétrica alvoroçasse nosso sangue. Isto não é só força de expressão; é um fato. É o front, a consciência de estarmos na linha de frente que estabelece esse contato. No mesmo instante em que as primeiras granadas assobiam, quando o ar estremesse sob os tiros, insinua-se, repentinamente, uma expectativa malreprimida em nossa veias, em nossas mãos, em nossos olhos, um esperar vigilante, uma consciência mais intensa do ser um estranho aguçamento dos sentidos. O corpo, de repente, fica preparado para tudo. (REMARQUE, 2013, p. 49)

Constata-se que o autor pode compreender sua obra de forma diferente como ele a concebeu em sua confecção original ou até mesmo um público receber o texto literário de

outras formas, no entanto, como já foi explicado no terceiro capítulo isso não é valorativo para Jauss. É válido destacar que o principal aspecto da arte é a estética e admitir que a característica ética se sobrepõe na recepção como se ela fosse indispensável no romance de Remarque, seria um argumento limitador da experiência estética e que tiraria seu caráter de multiplicidades de compreensões livres, pois o ético estabeleceria “fronteiras” para recepção estética.

Observou-se que para o teórico alemão, a *aisthesis* se trata do prazer da percepção, pois, nessa categoria da recepção o público pode experimentar uma obra de arte contemplando, refletindo, deleitando e assim por diante. Obviamente como já de constatou no capítulo sobre Jauss, a experiência estética é diferente da usual cotidiana, pois, a lida com o texto literário proporciona a compreensão. Admitindo-se a temporalidade das *aisthesis* em que se desenvolve a recepção, nesse momento, que interessa dessa categoria é a projeção para o futuro na medida em que o leitor de *Nada de novo no front* pode abandonar seu horizonte de expectativas, entrando no horizonte da obra e experimentando o texto literário interpretando um mundo por meio de outro e colocando-se na condição de personagem percebendo a dinâmica do romance alemão como sua. Como possibilidade própria sua o receptor pode conduzir sua interpretação por meio das expectativas da obra, assim se pode compreender o texto remarqueano como uma experiência passageira que projeta o público para o futuro, pois toda a brutalidade do texto literário pode ser compreendida como aprendizagem. Enquanto aprendiz o leitor experimenta o gozo de lidar com situações extremas onde é necessário saber lidar com o sofrimento dos mais inocentes animais de trabalho que são mutilados e mortos por consequências provocadas pelo homem.

Outra forma de prazer estético com projeção para o futuro seria o contentamento do intérprete em relação à visão de uma medicina avançada que pode fazer experimentos com homens. Dessa forma, o receptor pode compreender as experiências médicas realizadas no hospital de guerra como um bem que trará melhorias para a humanidade, no entanto, o público se distancia da noção ética mostrada por Arendt, em que o Holocausto é um movimento banalizado pelo mal e que utiliza de material genético humano para se desenvolver e manter-se. A recepção de *Nada de novo no front* enviesada pela *aisthesis*, pode colocar o leitor em uma compreensão dos experimentos científicos do hospital em que se pode refletir sobre o avanço médico de forma que o receptor considere os acontecimentos hospitalares isolados do contexto da guerra e ele se interprete como um homem que “vê” o mundo a frente de seu tempo, assim ao invés de se entender como um infligidor da violência o

intérprete se deleita com o laboratório humano de pode usufruir. Por esses parâmetros, o público atual pode se reconhecer como o personagem médico de Remarque e gozar das bem feitorias científicas e de seu avanço sendo parte responsável por ela. Nessa perspectiva, o receptor identificado com o personagem médico, demonstra além do deleite em contribuir para ciência, uma visão diferente da do senso comum expressada por Paul onde relata que:

Sou operado, e passo dois dias vomitando. Meus ossos não querem consolidar-se, diz o auxiliar do médico. Com um outro, consolidam-se viciosamente, eles quebram-nos de novo. É horrível.  
Entre os recém-chegados, estão dois jovens soldados com os pés chatos. Durante a visita, o médico-chefe os descobre e para, radiante.  
— acabaremos logo com isto — diz ele. — basta uma pequena operação para ficarem com os pés em forma. Queira tomar nota, irmã. (REMARQUE, 2013, p. 196)

Quando Jauss reconhece a *aisthesis* como interpretação (segundo nível hermenêutico) e estabelece uma relação entre as duas categorias é possível compreender o que antes foi incompreendido anteriormente. Assim o público atual ao não estar envolvido com a proximidade histórica referente à primeira aparição de *Nada de novo no front*, pode entender os experimentos médicos não como consequências cruéis da guerra, mas, como desenvolvimento científico e gozar desse conhecimento que pode trazer melhorias para saúde humana.

Sobre a *katharsis* (como foi explorado no capítulo sobre Jauss), ela também é uma categoria estética que retira o expectador da prática cotidiana, podendo se identificar com o representado sendo livre para experimentar à distância possibilidades que poderia ter vivido. Por essa via, *Nada de novo no front* oferece condições extremas em que o leitor pode se projetar para o passado e colocar-se como personagem na situação em questão. O exemplo para discussão é o que Albert atingido por um tiro acima do joelho, pois o militar promete se matar caso sua perna seja amputada. O receptor atual pode se identificar com a situação de Albert e experimentar o fato de risco de vida ou perda do membro da mesma forma que o personagem que se reconhece no direito de tirar sua própria vida. Tomar para si a possibilidade de suicídio por meio da estética da obra, é a comprovação de poder não se enfrentar mais a dor da vida bastando apenas uma escolha. Nesse viés, o intérprete goza de uma total liberdade capaz de contrariar o dogma do princípio da vida expressado na civilização juico-cristã. Assim o público se deleita na relação dialógica se colocando numa condição que poderia ter vivenciado e ainda sente o prazer de questionar o Deus cristão que

permite que o homem se destrua ou até mesmo o gozo de poder contrariar a divindade do cristianismo com a possibilidade de cometer suicídio.

Na *katharsis*, o expectador experimenta esteticamente um prazer próprio e o receptor manifesta sua possibilidade de libertação do discurso cotidiano. O prazer catártico permite ao público se relacionar com o romance alemão de forma em que possa vivenciar de outro modo suas emoções. Nessa ótica, o leitor pode se indignar com atitudes cometidas no passado pelo personagem Elde que vive na perspectiva cristã, ou seja, pensando na “recompensa após a morte”, pois, o militar considera os que sucumbiram na guerra como vantajosos, porque tiveram a devida homenagem. Assim o expectador assume uma não solidariedade emotiva em relação aos que sofrem as consequências da cultura judaico-cristã, porém, a postura do receptor não de maneira ressentida onde se “torce” pela desgraça alheia, mas, simplesmente indignada e não solidaria já que Elde busca por consolo para sua vida. O intérprete sente prazer diante da “fraqueza” do personagem, exatamente, porque é incapaz de reconhecer que mesmo quando se abate sobre o homem “dor da existência” e ele encobre seu Ser próprio isso não faz com que o ente humano se desvalorize, assim como o contrário também não lhe valoraria e, dessa forma, o militar se perde em seu discurso:

[...] o importante é o conjunto, e este o senhor não está em condição de julgar. Vê apenas o seu setor e, por isso, não pode ter uma visão global. Cumpre o seu dever, arrisca sua vida e merece, portanto, as maiores homenagens... todos os soldados deveriam receber a Cruz de Ferro... mas, antes de tudo, a frente inimiga precisa ser rompida em Flandres, e, depois, é necessário fazer o inimigo ceder de alto a baixo por meio de movimentos envolventes. (REMARQUE, 2013, p. 132)

Há uma relação entre a *katharsis* e a aplicação, pois ambas podem também projetar o leitor para uma experiência de caráter retrospectivo, ou seja, para o passado. Na perspectiva de se colocar como personagem ou de se identificar com uma situação que poderia ter vivido, o expectador pode experimentar o estético de forma crítica. Constatou-se no terceiro capítulo que o aspecto crítico não se impõe na experiência estética, mas que o intérprete realiza uma relação dialógica em que o estético proporciona uma concepção crítica do público. Essa dinâmica é o que possibilita a postura crítica do intérprete na recepção de *Nada de novo no front*, ou mais especificamente, uma compreensão em que o leitor esteticamente se deleita criticando o romance de Remarque.

## 5.2. O prazer estético diante do terror nas crônicas rosianas

“O mau humor de Wotan” é uma crônica em que o autor pôde demonstrar a opinião pública variada sobre o Nazismo e suas consequências, pois, se, de um lado, há o narrador, que é contra o regime Nacional Socialista, representando a oposição, mesmo não sendo alemão, ele está na Alemanha e sofreu com o regime nazista; tem-se Márion Madsen, que é, aparentemente, adepta do partido alemão por prudência e, por último, Hans-Helmut Heubel que se destaca como o cidadão alemão que, mesmo contra o partido alemão, não quer vivenciar a derrota de seu país. No entanto, o foco se dá em torno de como Guimarães Rosa faz um diálogo com a antiguidade grega e, por meio deste, expressa sua visão sobre o partido hitleriano e suas consequências. Viu-se que a crônica rosiana abrange três posições divergentes entre o narrador e casal de alemães Márion e Heubel. Porém é importante destacar que a argumentação, neste momento, sobre a opinião que se tem do regime nazista é exatamente em relação aos fatos ocorridos como consequências do partido, ou seja, será tratado o impacto que a política hitleriana causou e como esta é colocada na obra do escritor mineiro, pois:

Ora estronda a guerra, para lá do Danúbio: bombas massacram Belgrado. “... *Prinz Eugen, der edle Ritter...*” — clangoram históricas fanfarras, altofalando os sucessos especiais. Tratemos de Heráclito, de Sófocles — arre ondeia a *swastika* sobre Himeto, Olimpo e Parnasso — detém ninguém o correr dos carros couraçados. Vem os soldados cruzam-se com o regresso de andorinhas e cegonhas. Já se combatia em Creta. Mas, sob canhões e aviões, o incerto velho oceano, roxo mar dos deuses, talassava, talassava... (ROSA, 1970, p. 9-10) [aspas e itálico do autor]

Todavia, Guimarães Rosa oferece neste trecho uma imagem que revela acontecimentos da guerra onde, por exemplo, está exposto o avanço do exército alemão, pois, para além do rio Danúbio que corta países da Europa como Alemanha, Hungria, Áustria etc. “bombas massacram Belgrado”, a capital da Sérvia. E a cultura alemã é cultivada, exaltada, divulgada, pois, tem-se. *Canção do povo da tempestade de Belgrado em 1717 [Volkslied auf den Sturm auf Belgrad 1717]*, cantada e difundida. A canção fala sobre o príncipe francês, François-Eugène que, foi para a Áustria desenvolver suas atividades militares e lutar pelo exército deste país, chegando a ser condecorado marechal [*Feldmarschall*]. Porém, se se propagam as histórias ou, mas, especificamente a História do príncipe Eugénis, é notoriamente por Hitler ser austríaco e a cultura da Áustria está ligada à alemã como o

idioma, por exemplo, já que ambos possuem o alemão como língua materna. Outro fato curioso é que um cruzador, espécie de navio de guerra, da Marinha de Guerra [*Kriegsmarine*] alemã foi batizado de Príncipe Eugenius. Veja-se a canção:

Príncipe Eugenius, o cavaleiro nobre,/ Quer guerrear novamente para o Kaiser/ na cidade e fortaleza Belgrado./ Ele permitiu açoitar uma ponte/ que se pôde sobre solavancar/ com o exército bem diante da cidade.// quando as pontes foram açoitadas,/ se pode com fragmento e carro/ passar livre no rio Danúbio,/ em Zemun se venceu o acampamento/ escorraçando todos os turcos/ em escárnio e em amargura. // No recém vigésimo primeiro agosto/ veio um espião na tempestade e chuva/ jurando ao Príncipe e mostrando a ele/ que os turcos o castigaram / o tanto quanto se pode sentir/ uns trezentos mil homens.// como príncipe Eugenius ouviu isso,/ ele permitiu se unir identicamente,/ sendo General e Marechal./ ele faria a boa instrução de/ como se deve orientar as tropas/ e o inimigo bem atacar.// na parola ele faria o comando/ que se deve enumerar os doze/ na hora da meia noite./ todos aqui devem montar a cavalo,/ com tricórnio para os inimigos/ apenas o que tivesse força para o combate.// todos montaram igualmente aos cavalos,/ todos atacaram com sua espada,/ completamente silenciosos se movem no tombadilho./ Os mosqueteiros assim como também os cavaleiros/ em todas ações de combatentes corajosos:/ Isso era verdadeiramente um belo baile!// militares trincheiravam,/ brincavam neste baile/ com grandes e pequenos canhões;/ com grandes e pequenos/ para os turcos e pagãos/ que todos dali marchavam!// Príncipe Eugenius com o direito/ de agir digladiava como um leão,/ Como General e Marechal/ príncipe Ludewig cavalgava para cima e para baixo/ defendendo bravamente seus irmãos alemães,/ atacando resolutamente apenas o inimigo!// Príncipe Ledewig deve renunciar/ seu espírito e vida jovial,/ Desde quando o chumbo foi encontrado na enfermaria./ Príncipe Eugen estava muito entristecido,/ porque, ele amava-lhe em demasia,/ Permitiu-lhe acompanhar para Petrovaradin.// (autor desconhecido) [tradução nossa]<sup>72</sup>

Portanto, os argumentos desta exposição configuram afinidades culturais entre Áustria

---

<sup>72</sup> Em alemão: “Prinz Eugenius, der edle Ritter,/ Wollt' dem Kaiser wied'rum kriegen/ Stadt und Festung Belgarad./ Er ließ schlagen einen Brukken,/ Daß man kunnt' hinüberraucken/ Mit'r Armee wohl vor die Stadt.// Als der Brucken war geschlagen,/ Daß man kunnt' mit Stuck und Wagen/ Frei passiern den Donaufluß,/ Bei Semlin schlug man das Lager,/ Alle Türken zu verjagen,/ Ihn'n zum Spott und zum Verdruß.// Am einundzwanzigsten August soeben/Kam ein Spion bei Sturm und Regen,/ Schwur's dem Prinzen und zeigt's ihm an,/ Daß die Türken futragieren,/ So viel, als man kunnt' verspüren,/ An die dreimalhunderttausend Mann.// Als Prinz Eugenius dies vernommen,Ließ er gleich zusammenkommen/ Sein' Gen'ral und Feldmarschall./ Er tät sie recht instruieren,/ Wie man sollt' die Truppen führen/ Und den Feind recht greifen an.// Bei der Parol' tät er befehlen,/ Daß man sollt' die Zwölfe zählen,/Bei der Uhr um Mitternacht./ Da sollt' all's zu Pferd aufsitzen,/ Mit dem Feinde zu scharmützen,/ Was zum Streit nur hätte Kraft.//Alles saß auch gleich zu Pferde,/ Jeder griff nach seinem Schwerte,/ Ganz still rückt' man aus der Schanz'./ Die Musketier' wie auch die Reiter/ Täten alle tapfer streiten:/ 's war fürwahr ein schöner Tanz!// Ihr Konstabler auf der Schanzen,/ Spielet auf zu diesem Tanzen/ Mit Kartaunen groß und klein;/ Mit den großen, mit den kleinen/Auf die Türken auf die Heiden,/ Daß sie laufen all' davon!//Prinz Eugenius auf der Rechten/ Tät als wie ein Löwe fechten,/ Als Gen'ral und Feldmarschall./ Prinz Ludewig ritt auf und nieder'./ Halt't euch brav, ihr deutschen Brüder,/ Greift den Feind nur herzhaft an!// Prinz Ludewig, der muß't aufgeben/ Seinen Geist und junges Leben,/ Ward getroffen von dem Blei./ Prinz Eugen war sehr betrübet,/ Weil er ihn so sehr geliebet,/ Ließ ihn bring'n nach Peterwardein.//” (autor desconhecido, <http://ingeb.org/Lieder/prinzeug.html> retirado às 02:26 12/06/13.)

e Alemanha. Foi na Monarquia de Habsburgo, que se iniciou em 1745 e originou o Império Austro-Húngaro fundado em 1918, com a Primeira Guerra Mundial. A canção mostra os feitos heroicos de Príncipe Eugenius, que era bravo com um leão e por justiça lutava sem temer a morte contra os inimigos turcos e pagãos. Dessa forma, configura-se um militar exemplar que servia ao *Kaiser* e a sua nação, assim, se constitui a nobreza para além do conforto e segurança do reino arriscando a própria vida em prol do povo. Retomar esta canção, em pleno período nazista, soa como uma maneira de divulgar e incentivar o povo à bravura do combate pela sua nação e mostra a raiz cultural bélica e militar alemã, porém, não simplesmente uma cultura de guerra, mas, de vitórias nas guerras. Os acontecimentos da canção são em Belgrado e Guimarães Rosa ilegítima a reivindicação deste território pelos alemães, o cronista reconhece como certos elementos cultura alemã tem suas origens na barbárie. É importante entender, que na crônica rosiana, está exposto no modo como estas Histórias heroicas eram divulgadas para a população alemã.

O escritor mineiro expõe sua visão sobre as origens culturais bélicas e militares dos alemães. Assim, pode-se esclarecer como Guimarães Rosa vê o Nacional Socialismo, pois o cronista mostra uma imagem que estampa o valor militar para o povo germânico, isto, acontece quando, ao explorar as histórias do Príncipe Eugenius, fica a mensagem subliminar que: se até mesmo um membro da nobreza se tornou um militar, combateu pela nação alemã ficando eternizado na História por seus feitos heroicos, como pode qualquer cidadão não querer lutar pelo seu país? É indispensável saber como a crônica rosiana vê a propagação da cultura alemã e quais são as suas raízes, pois, isto vai bater de frente com a noção de origem grega do povo alemão, que Heidegger expõe como base ideológica para o Nazismo, que será discutido a seguir. Bem como o escritor mineiro concebe as consequências que a valorização da cultura germânica pela política nazista foi capaz de provocar impactos terríveis da guerra.

Após descrever o terror nazista Guimarães Rosa clama por Filosofia e Literatura por meio de metáforas do nome do pensador “Heráclito” (c. 535 a.C. — c. 475 a.C.) e do dramaturgo “Sófocles” (c. 496 a.C. — c. 405 a.C.). A chamada pela Filosofia e Literatura é para o narrador, um meio de expressar a ausência civilizatória causada pelas consequências bárbaras do Nazismo, é como se para o escritor mineiro, faltasse cultura, conhecimento, arte etc. no Nacional Socialismo o que, acarretaria obviamente efeitos “insanos”. O modelo de “formação do homem” ocidental criado no antigo mundo grego em que a humanidade aprendeu a questionar por meio da Filosofia indo além do senso comum e criar e apreciar a Arte, mais especificamente a Literatura que fala o que o homem é, fazem-se ausentes na

prática nazista. O avanço do exército nacional socialista em um ato simbólico demonstra seu poder hasteando a bandeira com a suástica no Himeto, Olimpo e Parnasso gregos, mostrando sua força de conquista territorial. O narrador reconhece o poderio bélico dos tanques do exército alemão como “carros couraçados” que não podem ser detidos, porém a presença do Nazismo no maior centro de cultura do ocidente não enriquece o Nacional Socialismo. Veja-se uma imagem real que serve como referência para ficção rosiana:



A imagem real, ficcionada na crônica rosiana, remete obviamente a invasão nazista na Grécia. Porém, a valorização da antiga cultura greco-romana feita pelo Nazismo como a disciplina, militarismo, política etc. também foram argumentos utilizados por Heidegger para fundamentar sua proposta nacional socialista. Guimarães Rosa não compactua com a ideia de legitimidade dos traços culturais gregos na ideologia nazista, sejam com a argumentação alegada pelo filósofo alemão ou o que foi exposto por Hitler, pois, para o escritor mineiro que vivenciou o terror no Nacional Socialismo e a guerra, a presença do exército alemão na Grécia não é legítima. Na crônica rosiana, o pensador grego Heráclito representa a Filosofia. Werner Jaeger em *Paidéia: a formação do homem grego* [*Paideia: Die Formung des griechischen Menschen*] define o pensamento do filósofo grego da seguinte forma:

A imagem total da realidade, o cosmos, a incessante subida e descida da geração e destruição à fonte primitiva inesgotável de que tudo brota e a que tudo regressa, o curso circular das formas em contínua transformação, que constantemente percorre o Ser: tudo isso constitui, em linhas gerais, a base mais sólida do seu pensamento. (JAEGER, 2001, p. 223)

Jaeger **admite** que, para Heráclito, o cosmo atua sobre o Ser do homem, ou seja, as ações humanas assim como as palavras são regidas por uma força superior, no entanto, os homens, em sua maioria, não têm essa noção, que o cosmos os rege perante suas atitudes. Há

este poder mais alto que atuante. Deve ficar claro que, para Heráclito, o cosmo é um acontecimento que causa um efeito sobre o homem. Há uma luta eterna que sempre está acontecendo, uma luta entre o Ser e o devir. Jaeger afirma que há algo de muito complexo no pensamento heraclítico, pois há uma questão que se torna de difícil compreensão que é saber como o homem pode se impor diante desta luta entre o Ser e o devir. Então, cabe agora ao homem a tarefa de conhecer o mundo além desta intuição sensível, ele pode conhecer um mundo novo. O filósofo grego reconhece o *logos* como o conhecimento em que nasce simultaneamente a palavra e ação humana, porém, há dois tipos de homem: os que compreendem o *logos* e agem “acordados” e os que não conhecem e agem “dormindo”. Os homens que agem “dormindo” não são como sonâmbulos, mas não compreendem o mundo simplesmente o empreendendo.

O *logos* de Heráclito dá aos homens uma nova vida, um saber que lhe permite compreender o próprio *logos* que se determina por meio de imagens. O filósofo grego oferece a possibilidade dos homens poderem conhecer a si mesmos e despertar de seu “sono” que os impedem de compreender o mundo além desta intuição sensível comum em que o homem apenas empreende. A compreensão do *logos* muda o agir humano, fazendo com o homem possa agir para além da aparência mundana. Para os “acordados” há sempre um mesmo cosmos idêntico e unitário, pois estes homens são capazes de compreender o confronto entre o Ser e o devir, a “verdadeira” realidade. Porém, os homens “adormecidos” tem seu próprio mundo, um mundo de sonhos vividos por eles, por não conseguirem ir além da realidade sensível. O homem para Heráclito não é só simplesmente vida, é também constituído como o Ser cósmico e cabe a ele seguir as normas e leis deste cosmos.

O filósofo de Éfeso propõe uma noção de seu pensamento denominada doutrina dos contrários. Esta concepção consiste em uma constante guerra em que a natureza sempre está travando, pois, o quente esfria, o úmido seca, a noite amanhece etc. Segundo Gerd Bornheim (1920-2002), em *Os filósofos pré-socráticos*, ao discutir sobre Heráclito expõe que: “o movimento determina toda a harmonia do mundo.” (1998, p. 43) Este movimento é o processo em que as coisas estão constantemente se opondo e esta oposição causa a harmonia do mundo. A visão engana e a crença na condição estática das coisas é ilusão, pois, tudo flui e tudo está em movimento continuo na natureza. Mesmo o homem não pode escapar do devir natural, pois: “Para dentro dos mesmos rios descemos e não descemos; somos e não somos.”<sup>73</sup> (HERÁCLITO in BERGE, 1969, frag. 49 a. p. 259). Esta é uma lei natural que o homem deve

---

<sup>73</sup> Em grego: ποταμοῖς τοῖς αὐτοῖς ἐμβαίνομέν τε καὶ οὐκ ἐμβαίνομεν, εἶμέν τε καὶ οὐκ εἶμεν. (HERÁCLITO in BERGE, 1969, frag. 49 a. p. 258).

seguir e que a doutrina dos contrários ensina-o a seguir. A doutrina heraclítica pode ser seguida através das palavras e ações humanas. O saber desta doutrina eleva o homem para além de uma inteligência comum em que eles habitualmente concebem, ou seja, dominar a doutrina dos contrários é um saber cósmico superior à inteligência dos que não podem compreender além do mundo sensível.

As consequências destrutivas como o bombardeio em cidades, a aniquilação de outras culturas causada pela exaltação da cultura alemã, a morte de humanos etc. são resultados da Política e ideologia nacional socialista. É notória a mudança que ocorre entre pessoas, lugares, culturas entre outros. A estas causas aterrorizantes, “O mau humor de Wotan” assume, através de uma caracterização teórica buscada na Filosofia, uma postura contrária às consequências de terror causadas pela ideologia do Nazismo. Esta forma de oposição proposta pelo narrador, não é como se pode perceber, uma medida prática, radical ou muito menos um meio de se opor à violência ou à ideologia nazista utilizando de outras formas de violência prática. Ao citar Heráclito, Guimarães Rosa expõe uma Filosofia em que como foi explicado acima, admite uma doutrina dos contrários, uma mudança, um movimento. O devir sempre está atuando, pois tudo flui constantemente. Esta é a verdadeira mudança fundamentada em bases filosóficas que são legítimas para o narrador, no entanto, uma transformação causada por medidas catastróficas e sem fundamentação ideológica não é legitimada na crônica rosiana, embora, seja algo possível na Filosofia heraclítica.

Foi explicitado que, para Heráclito, o conhecimento do *logos* em que nasce a linguagem e a ação humana, muda o agir e o homem passa a conhecer um mundo novo. Com este conhecimento o homem não está mais iludido pela falsa permanência que a experiência sensível permite empreender, sua ação e linguagem agora são de quem conhece o devir de todas as coisas. Porém, o Nazismo é para Guimarães Rosa, uma doutrina que para os homens que a seguem, os configura como aqueles que na concepção heraclítica não conhecem o movimento porque passam as coisas e mais ainda provocam mudanças aterrorizantes por sua ação e palavra, sem reconhecerem que, mesmo sem o agir humano tudo flui. A resposta da crônica rosiana ao Nacional Socialismo seria a seguinte: a ação nazista é desnecessária, pois, tudo sempre está fluindo. Os nazistas não conhecem a Filosofia, portanto, seu agir é como os dos homens que estão iludidos pela falsa permanência de tudo. O cosmos que é uma força superior idêntica e única para aqueles que conhecem o mundo além da experiência sensível comum, não é conhecido pelos nacionais socialistas, pois, estes agem sem o saber superior em que poderiam conhecer o “verdadeiro” mundo. E os nazistas não conhecem que o homem não

é somente vida, e sim, também, um Ser cósmico, de quem ele próprio é um efeito desse cosmos que, lhe instrumentaliza.

Tem-se conhecimento de que o Nazismo foi apoiado por membros do povo que não aderiram ao partido simplesmente por temer seu autoritarismo, embora a crônica rosiana destaque estas opiniões internas de adesão condicional ao Nacional Socialismo. Obviamente houve cidadãos alemães que apoiaram o partido de Hitler, por serem de acordo com a proposta da doutrina nazista, caso contrário, o partido alemão não teria ganhado tanta força. Trata-se dessas opiniões públicas devido à necessidade de se remeter à noção heideggeriana clarificada no capítulo teórico da tese. A argumentação de Heidegger, em que ele coloca a preparação do povo para um novo princípio que será conquistado através da História transcendental, pois, este princípio, que aconteceu na antiguidade clássica não se sustenta de acordo com a obra rosiana. Em “O mau humor de Wotan” o que se tem não é o povo alemão encontrando orientação para ir a até a História em que aconteceu o encobrimento da Filosofia, mas uma nítida separação entre a cultura grega e o povo germânico, pois, já que o exército nazista era constituído por cidadãos da nação alemã, quando o narrador trata de Heráclito, ele distancia a Filosofia grega do povo germânico ao reconhecer a “barbarie” alemã.

O distanciamento da Filosofia grega acontece quando Guimarães Rosa mostra um contraste entre as ações do exército nacional socialista e o pensamento de Heráclito. Independentemente das posições que foram presentes no Nacional Socialismo, o exército foi constituído por membros do povo e a barbárie violadora da integridade de cidades, culturas, famílias etc. esteve em vigor. No entanto, os militares alemães não se mostram como membros da nação que estão se preparando para um novo princípio, pois as consequências que eles causaram em combate foram aniquiladoras, comprovando um altíssimo teor não civilizatório, pois: “bombas massacram Belgrado” (ROSA, 1970, p. 9-10). Diante do massacre e da invasão no território grego, Guimarães Rosa oferece uma imagem em que as atitudes violentas nazistas são uma falta de cultura clássica e a presença da Alemanha na Grécia não enriquecerá o povo germânico. Portanto, aos alemães falta pensamento clássico, Heráclito, Filosofia e assim por diante, ao invés de ser uma presença física destruidora no território grego. A concepção rosiana contraria novamente a proposta de Heidegger mostrada no capítulo sobre *Ser e Verdade* em relação à uma preparação do povo para seu destino. Como foi tratado, para Guimarães Rosa, o que há entre os membros da comunidade alemã, não é uma condução que está começando para se ir até onde a Filosofia foi criada utilizando como meio a História para poder retomar a questão fundamental. O narrador não reconhece

uma comunidade alemã que tem um destino transcendental em busca de sua Metafísica, mas, notoriamente uma ausência de elementos da origem filosófica quando Heráclito aparece na crônica. Assim a barbárie se instaurou, porque não há na Alemanha um teor cultural clássico.

Dando continuidade aos autores da cultura grega mencionados em “O mau humor de Wotan” tratando-se de Sófocles, que representa a Literatura. É importante ressaltar que para os gregos a arte estava presente na vida pública e expressava questões relacionadas ao Espírito e Estado. A capacidade representativa do Drama, fez com que o gênero atingisse seu apogeu na Grécia clássica. Werner Jaeger explica que, em Sófocles, o tema da religiosidade aparece de uma forma inferior a Ésquilo, pois em Sófocles a mensagem religiosa tem menos vigor do que em Ésquilo (JAEGER, p. 317). Não há necessidade de desenvolver uma discussão em torno da concepção do autor de *Prometeu acorrentado*, o autor citado unicamente para em comparação com Sófocles, poder se chegar aos caracteres que compõe a obra sofocliana com um todo. É fundamental agora ter ciência de quais são estes aspectos que compõem a obra sofocliana, pois, obviamente, o drama do autor representará esta perspectiva. Sófocles abordou em suas obras como tentativa mais rigorosa de representar o humano em toda sua constituição de virtudes e fraquezas.

A proposta dramática do autor grego se caracterizava por minimizar o teor ficcional aproximando no que fosse possível a realidade da ficção. Dessa forma Sófocles expressa em sua obra, possíveis perspectivas da realidade social. Vale falar que não está no objetivo do desenvolvimento da concepção sofocliana exposta aqui, discutir a técnica utilizada pelo dramaturgo, pois o interesse reside em saber como a concepção do autor grego citado na crônica de guerra rosiana oferece uma conceituação de fundamental importância que se opõe ao Nazismo. O direcionamento dado no trabalho é, como já foi esclarecido, sobre a representação do humano feita por Sófocles. Jaeger expõe como em Sófocles a dinâmica da vida humana é representada com a máxima naturalidade, pois:

Talvez nada nos custe mais a compreender do que o enigma da sabedoria tranquila, simples, natural, com ele ergueu aquelas figuras humanas de carne e osso, repletas das paixões mais violentas e dos sentimentos mais ternos, de grandeza heroica e altiva e de autêntica humanidade, tão semelhantes a nós e ao mesmo tempo dotadas de tão alta nobreza. Nada nelas é artificial ou exorbitante. [...] Em Sófocles tudo se desenvolve sem violência, nas suas proporções naturais. A verdadeira monumentalidade é sempre simples e natural. (JAEGER, 2001, p. 318-319)

Portanto, em Sófocles, há um equilíbrio entre a ficção e a realidade, a naturalidade do

drama do escritor, em sua obra, mostra uma compatibilidade entre o humano e a Literatura. Para manter este equilíbrio da representação humana, o dramaturgo não expõe em exagero nenhuma virtude ou fraqueza humanas que possam descaracterizar a natureza. Os homens da ficção sofocliana são homens da realidade cotidiana, logo, a estes não cabe suportar toda e qualquer forma de violência que ultrapasse os limites humanos. Castigos, punições, desgraças e outros absurdos que só um Deus poderia suportar. A virtude elevadíssima que configuraria um homem sem fraquezas ou a fraqueza extrema caracterizadora de um homem sem nenhuma virtude são exageros que a obra do literato grego não carrega. Então como se comporta o homem perante sua religiosidade na tragédia sofocliana? Mesmo sobre o peso da dor da vida e risco tão próximo da morte eternidade, coragem e serenidade são virtudes que compõe o homem representado por Sófocles, nesta articulação consiste a mensagem religiosa sofocliana, mesmo que, de uma maneira menos vigorosa ou explícita, composta por divindades, mundos do além, crenças etc.

Contrariando o vigor da mensagem religiosa e a violência do drama grego como no caso de *Prometeu Acorrentado* (JAEGER, 2001) em que o Deus Prometeu foi punido a ser preso com cravos, correntes e malhos, em um pico durante o dia águias vem devorar seu fígado e a noite ele é reconstituído para que no dia seguinte seja devorado novamente por incontáveis dias. O drama sofocliano é menos vigoroso em relação à mensagem religiosa e a violência de Ésquilo, pois, “Sófocles tem uma piedade profundamente enraizada.” (JAEGER, 2001, p. 317) Esta piedade aparece em sua obra mais conhecida, *Édipo Rei* quando o coro pede pelo perdão de Creonte, pois Édipo desconfia de uma suposta conspiração de seu cunhado, no entanto, o pedido do coro é concedido pelo rei mostrando sua piedade:

Deixa-o partir, mesmo que eu me aniquile,/ que prove, envilecido, à força do exílio./ Da fala dele eu me apiedo, mas/ da tua. Onde ele vá, meu ódio o siga.// (SÓFOCLES, 2001, p. 69, v. 669-672)<sup>74</sup>

Como já foi explicado sobre a sociedade grega, a arte era uma presença na vida pública. Ao tratar de Sófocles, o narrador da crônica de guerra expõe um contraste que mostra a Literatura como ausente na prática nazista. A vida pública alemã era carente de arte e, acima de tudo, de uma arte que expressasse questões pertinentes ao Espírito e ao Estado alemães. O drama grego sofocliano representava a Sociedade, o Estado, a cultura etc. em outras palavras, a arte do dramaturgo grego representava o homem com suas possíveis relações na vida. É

---

<sup>74</sup> Em grego: “ὁ δ’ οὖν ἴτω, κεί γρη̄ με παντελῶς θανεῖν / ἢ γῆς ἄτιμον τῆσδ’ ἀπωσθῆναι βίᾱ. / τὸ γὰρ σόν, οὐ τὸ τοῦδ’, ἐπικτίρω στόμα / ἔλεινόν: οὗτος δ’ ἐνθ’ ἂν ἧ στυγῆσεται.” (SOPHOCLES, 1916. v. 1, p. 62.)

nesta perspectiva da Literatura clássica que “O mau humor de Wotan” lida com o que é precário no Nacional Socialismo, a falta de cultura clássica. Pois, a aniquilação de cidades e a canção dedicada a príncipe Eugênio como propagação e imposição da cultura alemã são para Guimarães Rosa, desgraças impostas ao humano por homens de condutas bárbaras. O narrador da crônica de guerra para contrariar o sistema que envolve o Nazismo como nação, cultura, Estado etc. obviamente levando em consideração a doutrina do partido alemão utiliza uma forma de arte muito apreciada entre o povo que serve de modelo para civilização e cultura ocidental.

Ao contemplar justamente o homem em suas virtudes e fraquezas, a arte sofocliana constitui um exemplo que serviu entre os gregos antigos como uma forma de educação. Seja o exemplo da serenidade como virtude ou a covardia como fraqueza, nada em Sófocles aparece como exagero que poderia ir além do limite humano. É exatamente com este traço da concepção sofocliana de homem que o cronista mineiro contrasta o símbolo da suástica nazista e os tanques de guerra ficcionalizados (“carros couraçados”) com a cultura grega. Mesmo a presença física do símbolo nacional socialista e do exército alemão na Grécia é incapaz de atribuir um valor ou enriquecer a educação alemã. Tudo isto se deve ao exagero provocado pela ação nazista, pois, o Nacional Socialismo foi responsável por atitudes desumanas violadoras de vidas, nações, culturas etc. o abuso autoritário da doutrina de Hitler configura o absurdo da realidade em que as dimensões de crueldade contra o homem configuram uma barbárie em que o drama grego de Sófocles não seria capaz de ficcionalizar, não por incapacidade artística, mas, pelo exacerbado autoritarismo que não cabe ao homem.

Viu-se como Sófocles com monumentalidade ficcionalizou a naturalidade as proporções equilibradas do homem grego e como estas proporções se igualam seja na representação de uma virtude ou fraqueza. A este respeito do homem clássico em *Paidéia: a formação do homem grego* mostra como eles tinham um ideal de educação em que a arte, Filosofia, Política etc. faziam parte da vida dos cidadãos da antiguidade clássica de uma forma que os indivíduos não eram alienados. É exatamente este modelo de homem que Sófocles tirou da realidade para ficção. Não é sem intenção que surge na ficção rosiana uma chamada para a arte com o dramaturgo grego, pois, é este exemplo de homem clássico cuja educação é vigorosa e a sensibilidade à arte é viva que o narrador opõe a conduta abusiva nazista. “O mau humor de Wotan” expressa uma ideia de que a carência de educação e a insensibilidade artística dos membros do Nacional Socialismo configurados com condutas de terror, destruição, persuasão etc. não podem ser ficcionalizadas devido e excessiva brutalidade

em que: “detém ninguém o correr dos carros couraçados” (ROSA, 1970, p. 9-10) notoriamente conduzidos por nazistas.

A própria naturalidade que demonstra o homem sofocliano em proporções de equilíbrio sem exageros é uma forma contrária à violência que seria capaz de fazer algo se desenvolver de maneira desproporcional. Como não há nada de violento que venha a forçar a ação humana no drama sofocliano (JAEGER, 2001, p. 318-319), esta é uma característica contrária à prática nazista. É nesta dimensão da Literatura falando do homem em suas proporções naturais que o narrador da crônica de guerra, opõe a ação violenta nacional socialista à arte grega. Nesta perspectiva o homem natural de carne e osso, ficcionalizado no drama sofocliano, é diferente do homem nazista cujo agir leva a consequências violentas. A violência que Guimarães Rosa alega não é somente física como a devastação de cidades e a morte de civis. Trata-se também de uma violência de imposição política onde: “arre ondeia a suástica sobre Himeto, Olimpo e Parnasso” (ROSA, 1970, p. 9-10). Esta violência humana nacional socialista afirmada pelo narrador é um exagero que ultrapassa a naturalidade do homem e que é ao mesmo tempo um absurdo que o drama de Sófocles não representaria.

Outro elemento presente na tragédia sofocliana é a piedade. Em *Édipo Rei* como já mencionado neste parágrafo, o rei Édipo, obviamente a maior autoridade de Tebas mesmo diante da desconfiança de conspiração de seu cunhado Creonte e com o poder para eliminar caso abusasse de seu poder a ponto de punir seu próprio parente. O pedido de não-punição vem de um coreuta, um personagem que é uma autoridade para interferir na decisão de um monarca. Acatando ao pedido do coreuta, Édipo mostra sua piedade. É justamente sem piedade que na crônica rosiana: “Já se combatia em Creta. Mas, sob canhões e aviões” (ROSA, 1970, p. 9-10). É sem a piedade expressada na arte grega que vidas eram banalizadas pelos combates nazistas da Segunda Guerra Mundial onde armas de alto poder de fogo como canhões e aviões de combate dizimavam pessoas. Talvez fosse tirado dos soldados e civis até a chance de implorar por piedade, pois, o poder bélico era capaz de atingir além de um alvo específico.

Como foi tratado no capítulo sobre *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia*<sup>75</sup> se mostrou como Heidegger reconhece que, a questão fundamental foi iniciada na antiguidade grega, porém, entre os próprios gregos ela foi encoberta. A importância de retomar esta questão está intimamente vinculada com a herança que o ser-aí popular alemão

---

<sup>75</sup> Opta-se por abreviar o título da obra no texto somente por *Ser e Verdade* devida a extensão do título.

As argumentações heideggerianas serão neste subcapítulo mais condensadas em relação ao que foi escrito sobre a obra de Heidegger em questão, pois no subcapítulo sobre *Ser e Verdade* já foram desenvolvidos as noções filosóficas que servirão de premissa para crítica feita agora.

recebeu do antigo povo grego que lhe deu origem. Viu-se como a crônica de Guimarães Rosa se opõe à concepção de Heidegger, pois, o narrador admite que a Filosofia e a Literatura gregas não podem ser reconhecidas como criações humanas presentes na cultura alemã, todavia, foi defendido pelo discurso nazista a influência da cultura clássica. Como se disse no capítulo teórico sobre Heidegger, o ideal de ser-aí popular singular o filósofo alemão afirma que foi criado entre os gregos com seus grandes pensadores e poetas e o povo alemão descendem em língua e estirpe dos gregos e destes pensadores e poetas. E mais a questão fundamental da filosofia teve seu começo não desenvolvido, mas, começado entre os gregos antiquíssimos, os Pré-socráticos e os poetas antigos<sup>76</sup>.

Guimarães Rosa opõe-se a argumentação heideggeriana, pois a crônica, ao tratar de Heráclito, filósofo pré-socrático, e Sófocles, poeta grego, faz referência à ausência de Filosofia e Literatura na Política, Sociedade, Cultura etc. alemães, portanto, o narrador aparta dos alemães a riqueza artística e questionadora do antigo mundo grego<sup>77</sup>. Ao se fundamentar em Heidegger, a concepção de Guimarães Rosa, em nada seria relevante, pois, não se trata de um membro do povo alemão, mas de um estrangeiro. Apesar do filósofo alemão não discutir sobre membros estrangeiros na sociedade alemã, pode-se afirmar que o narrador da crônica não tem a mesma origem em língua e estirpe herdada dos gregos, pois, trata-se de um sul-americano. E a missão político-espiritual do povo cabe unicamente aos alemães, portanto, o narrador da crônica de guerra estaria de fora da importância do memento histórico. Mas uma provável resposta de Guimarães Rosa, para o filósofo alemão se o narrador tivesse conhecimento dos argumentos heideggerianos seria que: a busca pela diferença ontológica entre Ser e Ente poderia até ser explorada. Porém, não há uma herança grega do povo alemão, não há uma missão espiritual cabível unicamente ao ser-aí alemão e o Estado que seria criado após a colocação do povo na questão fundamental. São, portanto, argumentos heideggerianos que poderiam ser questionados pelo narrador.

Literatura e Filosofia de origens gregas apresentam um traço cultural de “engrandecimento” e “evolução” humana totalmente contrária à barbárie dos “carros coraçados” e a representação da prática autoritarista feita pela suástica. Guimarães Rosa questiona o absurdo da invasão nazista até o centro de origem cultural do ocidente, ou seja, o

---

<sup>76</sup> Heidegger não cita quais eram estes poetas gregos e no caso dos filósofos, se pode afirmar com segurança que o pensador alemão está se referindo aos pré-socráticos, pois os pensadores que primeiro questionaram pela questão forma os gregos que criaram a Filosofia. Além do mais, a empreitada que encobriu a questão foi iniciada por Aristóteles.

<sup>77</sup> Explicita-se que Guimarães Rosa há uma negação de vínculo entre os alemães e os gregos enquanto que na concepção de Heidegger há um elo entre os germânicos e os clássicos embora o Ser-aí popular ainda não compreenda essa ligação cultural.

bárbaro foi ao civilizado, o primeiro tenta reconhecer-se no segundo. Porém, o cronista brasileiro, ainda que sob o regime alemão, não reconhece a prática do nazismo que estabelece um nexos com a cultura grega, em nada ganha o povo alemão com o fato de o nazismo ter chegado à Grécia.

A invasão nazista ocorre via aquática e o narrador faz referência à ilha de Creta, o combate se deu com aviões e canhões, a brutalidade do confronto faz com que os soldados, ao se cruzarem, retornem como “andorinhas e cegonhas” (ROSA, 1970, p. 9-10). Neste trecho em que Guimarães Rosa, se refere à esquadra alemã presente na Grécia, a barbárie nazista foi capaz de combater até no mar sagrado de Homero na *Ilíada*. O mar percorrido pela Deusa Hera, que em sua carruagem com intuito de frear Ares, que estava em favor dos troianos e contra os gregos:

Quanto consegue com a vista alcançar, no horizonte, indivíduo que, da alta penha, procure esguardar o amplo mar cor de vinho, tanto, de um salto, os cavalos das deusas, nitrindo, avançaram. (HOMERO, 2011, c. V, v. 770, p. 172) <sup>78</sup>

Portanto, o “mar cor de vinho” na crônica rosiana aparece como “roxo mar dos deuses”, o mar que foi acesso até a cidade de Troia, onde se deu a guerra em que, os Deuses gregos intervinham pelos homens. Agora, o mesmo local de uma batalha divina representada por Homero, passa a ser outra vez expressado pela arte, porém, se tem consequências terríveis provocadas por um regime totalitário que travava combate em território que se contrastava com terror. Nem as divindades gregas dos Deuses e do mar foram poupadas de presenciar o caos. O nazismo trava uma batalha no mar, ambiente que Homero considera ser a origem de tudo sendo até fonte para noção filosófica sobre a criação do universo, pois, o mar é feito de água, elemento primordial para a concepção de Tales<sup>79</sup>. Mais uma vez o Nacional Socialismo toma uma atitude bárbara em relação à cultura clássica, explicando-se de outra forma, nem o que deu origem a todas as coisas, inclusive aos homens, é poupado de consequências destruidoras do Nazismo, e, para se compreender melhor este nexos entre o mar de Homero e o pensamento que ele talvez influenciou:

---

<sup>78</sup> Em grego: “σσονδ’ ἡρωειδὲς ἀνὴρ ἴδεν ὀφθαλμοῖσιν / ἤμενος ἐν σκοπιῇ, λείσσων ἐπὶ οἴνοπα πόντον, / τόσσον ἐπιθρόσκουσι θεῶν ὑψηχέες ἵπποι.” Cf. Homer, 1920, p. 300.

<sup>79</sup> Não cabe discutir a Filosofia de Tales, pois, este filósofo não aparece no texto rosiano. Ele é citado brevemente apenas para mostrar uma possível relação entre o filósofo pré-socrático e Homero cujo tem seu mar da *Ilíada* citado na crônica de Guimarães Rosa.

Não é fácil definir se a ideia dos poemas homéricos, segundo a qual o Oceano é a origem de todas as coisas, difere da concepção de Tales, que considera a água o princípio original do mundo; seja como for, é evidente que a representação do mar inesgotável colaborou para sua expressão. (JAEGER, 2001, p. 191)

Constata-se a importância do mar homérico até para a Filosofia, porém, a doutrina hitleriana não se mostra interessada na noção da *Ilíada* e a Literatura desta vez representada por Homero não é respeitada, cultivada, apreciada etc. O escritor mineiro apresenta uma separação entre a conduta Nacional Socialista e a cultura grega, ou mais ainda, há uma negação da Literatura e dos Deuses, provocada pelo Nazismo já que o mar pertence as divindades. O texto rosiano dissolve a noção heideggeriana discutida no capítulo sobre *Ser e Verdade* de criação de um ser-aí popular singular iniciado na antiguidade clássica, pois, este ente foi possibilitado em seu começo pela “grandeza” dos poetas e pensadores antigos. Na situação exposta fica não reconhecida por Guimarães Rosa, a poesia grega como legítima da cultura alemã e do Nazismo. O poder bélico nazista com canhões e aviões, não respeita o local onde se criou a poesia e foi referência para criação literária clássica, ou seja, a oposição a Heidegger se dá pela cultura grega em relação à alemã. Em linhas gerais é como se para Guimarães Rosa, os atos dos alemães fossem causados pela falta de conhecimento da cultura clássica e conseqüentemente esta concepção aniquila este suposto nexos de origem grega que Heidegger propõe em relação à formação de um ser-aí cultural.

O narrador descreve que o posicionamento de Márion Madsen, representa o alemão que por prudência adere à política do partido como um ato de sobrevivência ao abuso de poder imposto pelo Nazismo. A personagem aceita cumprir as normas nacionais socialista de formação da família, desta forma, Márion dispõe-se a orientação do *Führer*. A alemã procura fazer o “papel social” que lhe cabe mediante as orientações hitlerianas, assim, ela conduz sua vida sob a política alemã. Para a personagem a dedicação de Hitler à política faz com este não disponha tempo para os sentimentos, mais especificamente, ao amor, pois, a crônica afirma:

— “Vou-me casar e ter filhos...” — prometia. — Para obedecer ao *Fuehrer*, Márionchen? [...] — “O *Fuehrer* não encontra tempo para amar... O *Fuehrer* sagrou-se à política...” (ROSA, 1970, p. 3) [aspas e itálico do autor]

Portanto, a postura de Márion é de se preservar dos impactos de violência causados pelo Nacional socialismo, caracteriza sua conduta como ilegítima, pois a personagem não é adepta por simpatia ao partido, mas, por temor. Outra imagem que bem ilustra a conduta

prudente de Márion é quando após a primeira convocação de guerra de seu cônjuge, Heubel, a alemã, demonstra seu desejo afirmando:

— “Ah, se ao menos até o Natal acabasse esta guerra!” — clamava-se, longe das presenças da Gestapo. — “Ah” —rogava Márion — “esta guerra acabasse!”. (ROSA, 1970, p. 7) [aspas do autor]

O impacto da guerra cai sobre a personagem. Pois, Hans-Helmut tinha sido convocado pela primeira vez para o exército alemão e por sorte não foi como combatente e sim como chofer e datilógrafo voltando ileso. Márion clama pelo fim das consequências nazistas como a guerra e a destruição de famílias, neste caso, a sua própria família estava em perigo. O clamor da personagem caracteriza sua prevenção de padecer o autoritarismo nazista. Pois, ela bradava distante da *Gestapo*, sigla alemã de Polícia Secreta do Estado [*Geheime Staatspolizei*], ou seja, seu clamor era consciente das consequências que sofreria, pois a *Gestapo* não toleraria o desejo do fim da guerra vindo de uma cidadã da sociedade alemã simplesmente pelo perigo que, seu marido sofreria. Tal desejo poderia ser até tolerado se viesse pela vontade explícita da vitória alemã na guerra a qualquer custo. Jaime Ginzburg em “Guimarães Rosa e o terror total”, explica que a personagem é uma vítima impotente, pois ela não tem a possibilidade de controle sobre o decorrer da História social de seu país (GINZBURG, 2010, p. 23), por isso, adere aparentemente às doutrinas nazistas em um ato de prudência.

No início de “O mau humor de Wotan” há uma descrição do perfil de Hans-Helmut, que mostrava seu gosto pela cultura latina. O personagem mostra traços em que se pode compreender que ele não é “culturalmente” alemão como seu prazer em ir até a Itália. Este país é admirado não unicamente por Heubel, mas, até a Literatura representada, neste caso, por Goethe, também ama a Itália, assim como os povos alemães de origem antiga como os Teutos e Cimbros. Têm-se neste caso as origens do povo alemão e a arte germânica como apreciadores da cultura latina. Para Hans-Helmut, até as mulheres são as mais belas em Cortina d’Ampezzo, região montanhosa da Itália apta para a prática de esportes de neve, bem como a comida italiana era melhor. Os argumentos narrados na crônica rosiana possibilitam colocar o personagem como o alemão que não reconhece como superior a sua cultura em relação às outras e até mesmo o maior representante da Literatura alemã se encanta com a cultura latina. Veja-se como Heubel é descrito pelo narrador:

Nos gostos, porém, tocavam-no subtilidades de latino: de preferência ao sólido, escolhia o leve e lépido, o bonito; aconselhava Márion a maquilar-se; e, sempre que vez, como tradição, baixava à Itália amada de Goethe, de Teutos e Cimbros, para comer melhor e tentar esportes de inverno, entre as mais formosas mulheres do mundo, em Cortina d'Ampezzo. (ROSA, 1970, p. 4)

Porém, após o retorno de sua primeira convocação para a guerra, Heubel não somente pela Itália se aculturou, mas, também pela França. O personagem rosiano absorveu a sofisticação da cultura francófona como o gosto pela bebida e a inclusão de vocabulário francês quando esteve com o exército na França dominada pelos alemães. Sobre este episódio, tem-se na crônica rosiana a voz dos membros da sociedade alemã, que eram contra o Nazismo e dizem: “enquanto nós, nós outros, chorávamos ainda a França, e a *Luftwaffe* quebrava o seu martelo na bigorna inglesa.” (ROSA, 1970, p. 5) a Força Aérea [*Luftwaffe*] alemã com a “potência” de um martelo se quebrava na “bigorna inglesa” que era mais forte ainda, porém, a França estava perdida pela ocupação alemã. No entanto, a força da cultura francesa não se desmaterializou durante a dominação e até mesmo o germânico a absorveu. Hans-Helmut pode personificar, em “O mau humor de Wotan”, o cidadão alemão que não reconhece ou não tem consigo a crença na superioridade da cultura germânica, um dos princípios elementares da doutrina nazista. Veja-se como Heubel voltou a Hamburgo após sua estada com a tropa alemã na França:

— “*Les Français, vous savez... Tja, die Franzosen... Sabem beber, inventaram essa arte... Um cálice, antes do jantar, l'apéro, un verre... O conhaque, à noite: Encore une fine! Prosit, ma p'tite!*” — tocava copo com Márion. — “*Tu es pas mal... Je t'aime...*” Contava que, em Paris, duas mulheres, sorte de elegantes, o tinham convidado, juntas, para hora íntima.— “*Doch!... Acendi um cigarro, nongschalaantmantt... E respondi: — Oonlehvverrá... Oh, douce France!*” (ROSA, 1970, p. 6) [aspas e itálico do autor]

O personagem Heubel, também, se adequa aos moldes do cidadão que, tem consciência do terror que as doutrinas impostas pelo Nacional Socialismo alemão podem acarretar. O personagem se encontra como aqueles que fazem parte da opinião pública que se sentem temerosos pela derrota de seu país. Pois, Hans-Helmut vive o impasse do cidadão que conhece o abuso de poder do Nazismo, mas mesmo assim é um membro da Alemanha e teme por uma piora que poderia vir através do fracasso alemão na guerra. Por isso, o personagem interroga o narrador que é impactado pelo partido alemão, porém, ele não tem nacionalidade

alemã. Deste modo Guimarães Rosa veria o despencar do país em que vive, no entanto, não é sua pátria mãe. O personagem pergunta ao narrador: — “Sul-americano, você deseja a vitória dos países conservadores. Mas, nós, alemães, mesmo padecendo o Nazismo, como podemos querer a derrota? Que fazer?”. (ROSA, 1970, p. 7)

Márion Madsen é o indivíduo da sociedade alemã como foi falado há pouco que, para não padecer o autoritarismo do partido nazista, preserva sua integridade física e de seus entes queridos pela via das atitudes prudentes mediante o Nacional Socialismo. A personagem mostra sua conduta cautelosa obediente à doutrina Nazista e o narrador a mostra como: “romântica, tonta e femininamente prenhe de prudência, experimentava aos poucos trazê-lo à linha de *heil Hitler* mais enfático.” (ROSA, 1970, p. 4) as ações de Márion revelam sua tentativa de proteger do autoritarismo alemão seu cônjuge, tentando convence-lo “alinha de *heil Hitler* mais enfático”. Mediante as descrições que Guimarães Rosa revela sobre Márion, é possível afirmar que, se ela estivesse a par da proposta de Heidegger em *Ser e Verdade*, em que o povo alemão tem a necessidade de criar seu Estado, este se volta para o povo sem haver nem uma imposição e o movimento de colocação na questão fundamental, dependendo unicamente da vontade de cada membro do ser-aí popular alemão de criar o ser que tirará o povo do encobrimento, por isso, “o saber desta missão se aplica em despertar e arraigar, o querer no coração do povo e de seus membros.” (HEIDEGGER, 2001, § 1, p. 3)<sup>80</sup> Sustenta-se que a personagem seria indiferente com a proposta do filósofo alemão, pois, sua manifestação política se dá simplesmente por temor ao autoritário. Tal desinteresse da personagem seria um permanecer ocioso mediante a necessidade do querer do povo que Heidegger coloca.

Para o filósofo alemão a liberdade do ser-aí é caracterizada por um comprometimento consigo mesmo e com o povo alemão e para este se colocar na abertura de seu ser próprio conquistando seu destino entre os povos e caracterizando, desse modo, sua missão única, não há imposições. Tal conquista depende unicamente de cada membro em comunidade com o ser-aí alemão garantir seu destino de origem grega. Outro caráter que não está em questão para Heidegger, diz respeito ao valor sobre uma ótica em que o ser-aí popular esteja na abertura ou no fechamento, não há valoração, pois, não quer dizer que o povo que está inapropriado, ele esteja em um mal caracterizador de uma existência popular que não valeu apenas. A apropriação pelo ser criador do Estado que determinará as possibilidades do ser-aí popular, não é um bem com o qual valide sua existência. Esta ausência de imposição, o movimento transcendental de colocação na questão fundamental e a inexistência de valores,

---

<sup>80</sup> Em alemão: “Das Wissen um diesen Auftrag gilt es zu wecken und einzuwurzeln in Herz und Willen des Volkes und seiner Einzelnen.” [italico do autor] HEIDEGGER, 2001, p. 3. [tradução nossa]

seja na abertura ou no fechamento do ser-aí popular, são decisivos para se compreender que a personagem rosiana não seria adepta das noções heideggerianas. Pois, Márion, sem o totalitarismo nazista a suas consequências como a destruição de famílias, cidades e vidas, a personagem não aderiria a nenhuma instância Política.

Sem atrocidades, valores, riscos de morte etc. caracteriza-se a concepção proposta pelo filósofo alemão que unicamente se apoia como já se falou anteriormente quando se expos os argumentos fenomenológicos colocados por Heidegger como bases ideológicas ausentes para o Nazismo, mas, que deveriam sustentar o partido. Se o Nacional Socialismo fosse regido sob a filosofia de Heidegger não haveria nenhuma ameaça que pudesse fazer a personagem da crônica assumir um comportamento prudente. É possível afirmar que, Márion não assumiria seu aparente comprometimento pessoal e com seu povo e muito menos com o Partido alemão, pois, a presença destas noções são determinantes para a afirmação de uma não incorporação da Filosofia heideggeriana na existência da personagem como membro do povo. Isto se daria, porque, obviamente a política na Alemanha tomaria outros rumos, pois, Heidegger em *Ser e Verdade*, se propõe como ideólogo para o Nacional Socialismo. E caso isto tivesse acontecido, por meio dos argumentos que foram esboçados, poder-se-ia afirmar que o partido alemão teria tomado outros rumos<sup>81</sup>, diferentes das doutrinas de atrocidades reveladas na crônica rosiana onde o terror não poupa nem os alemães.

A materialidade do ser-aí popular alemão que é cultural, nada mais é do que um ente constituído pelo povo e seus membros. O povo alemão carrega uma exclusividade entre os outros povos, pois é um povo que tem uma metafísica herdada do antigo povo grego e encoberta pela História da Filosofia. Se pelas exigências do Partido hitleriano, Hans-Helmut não se adequava a um perfil bélico devido a seu porte físico de dimensões frágeis, por outro lado, tem-se um aspecto do personagem em que se pode detectar elementos de valorização da cultura alheia, como foi esclarecido anteriormente o que clarifica comportamentos opostos ao Nazismo histórico e à ideologia heideggeriana. Esta aculturação de Heubel pelas culturas francesa e italiana é determinante na crônica rosiana para marcar a postura antidogmática do Nazismo hitleriano e anti-ideológica heideggeriana, pois, Hans-Helmut neste momento se caracteriza culturalmente como membro do ser-aí popular francês e do italiano.

Porém, como já foi esclarecido que a proposta ideológica de Heidegger é divergente da comprovada historicamente de Hitler, o personagem rosiano não só pela sua aculturação se

---

<sup>81</sup> Quais os desdobramentos que o partido alemão teria tomado caso Heidegger fosse seu ideólogo não se sabe, porém, a ausência de argumentos violentos contra sociedade, cultura, origem e outros, levam a crer nestes outros possíveis caminhos diferentes da prática hitleriana que levou à Segunda Guerra Mundial.

confunde entre aqueles que para Heidegger, estão entre os membros do ser-aí alemão que apoiam o Nacional Socialismo, no entanto, não reconhecem sua carência ideológica, apoiam um povo que se volta para o Estado e não o contrário, estando inebriados pela simbologia de ser adepto de um partido político, se comportam sem reconhecer sua liberdade compromissada com o povo, não tem noção da importância do momento histórico do ser-aí alemão, querem ver o desenrolar futuro com o sentimento de voltar ao passado encobridor do ente popular e continuar em uma *práxis* hegeliana em que o Estado de “fato” ainda não foi formado, pois:

Ainda são dos contemporâneos em todas as áreas de nossa atualidade, muitos direitos do ser-aí estatal, também entre os que portam o emblema do Partido e outros semelhantes em que não se mudou o mínimo na existência a na atitude fundamental. Comporta-se assim: 1. declara-se disposto à colaborar; 2. porém, aguarda como as coisas se desenvolvem; 3. neste aguardar se espera poder ser como no passado, apenas neste instante tudo agora se chama nacional socialista; 4 esta atitude, ainda se discute dela ser superior, racional e objetiva. (HEIDEGGER, 2007, p. 7, 9§ 12) [tradução nossa]<sup>82</sup>

Porém, constata-se que Hans-Helmut é um membro social apoiador de um estado ausente. Ou mais, o personagem representa o cidadão alemão que além de não reconhecer a existência política de seu povo, é adepto de uma forma de Estado ausente, pois o verdadeiro Estado para ser criado pelo povo necessitaria de que: houvesse um confronto histórico metafísico contra Hegel, se interrogasse pela questão fundamental e se conquistasse sua metafísica. No entanto, Heubel figura o cidadão que por receio da derrota de seu país acaba por aderir ao Estado Nazista hitleriano. É seguro afirmar que o Estado guiado por Hitler é caracterizado pelo modelo hegeliano que absorve todas as formas de encobrimento da diferença ontológica entre Ser e Ente vigentes na História da Filosofia. E Heubel é um vivente de uma *práxis* hegeliana<sup>83</sup> e hitleriana. Em diálogo com Heubel o narrador

---

<sup>82</sup> Em alemão: “Noch sind der Zeitgenossen auf allen Gebieten unseres heutigen staatlichen Daseins recht viele, auch unter denen, die jetzt Parteiabzeichen und dergleichen tragen, bei denen in der Existenz und Grundhaltung sich nicht das Geringste gewandelt hat. Man verhält sich so: 1. Man erklärt die Bereitschaft mitzuarbeiten, 2. Aber man wartet ab, wie die Dinge sich entwickeln; 3. bei diesem Abwarten hofft man, es möge wieder so werden wie früher, nur daß eben alles jetzt nationalsozialistisch heiß. 4. Diese Haltung redet sich dann noch ein, sie sei überlegen und vernünftig und sachlich.” (HEIDEGGER, 2001, p. 79)

Optou-se por uma tradução nossa devido ao fato de Emmanuel Carneiro Leão, omitir termos como estatal [*staatlichen*] e fundamental [*Grund*], que são importantíssimos para o entendimento sobre: ser-aí popular, pois, neste momento Heidegger está discutindo o comportamento atual dos membros do ente popular, que não reconhecem a importância do momento histórico, missão e destino.

<sup>83</sup> *Ser e Verdade* mostra de forma não desenvolvida que a *práxis* hegeliana é a que concentra toda a História da Filosofia, ou seja, é para Heidegger uma *práxis* que encobre a questão fundamental da filosofia impedindo o questionamento da diferença ontológica entre Ser e ente.

buscava contra Hitler um *mane-téquel-fares*<sup>84</sup>, a catástrofe final dos raivados devastadores. Mas, a seguir, calava-me, com o meu amigo a citar Goebbels, o sinistro e astuto, que induzia a Alemanha, de fora a fundo, com a mesma inteligência miasmática, solta, inumana, com que Logge, o deus do fogo, instigava os senhores do Walhalla, no prólogo dos Nibelungen. (ROSA, 1970, p. 7) [aspas do autor]

Todavia, além da indignação de Guimarães Rosa, em relação a Hitler, é possível confirmar que o comportamento de Hans-Helmut, carregava consigo o discurso do nazismo se opondo neste momento ao narrador, citando o ministro da propaganda nazista, Paul Joseph Goebbels e ao próprio Heidegger. O filósofo alemão criticou tal conduta germânica, dos cidadãos que não reconheciam as necessidades ideológicas do Nazismo que ele propôs como se discutiu no capítulo de *Ser e Verdade*. Esta crítica de Heidegger serve até para os que eram explicitamente adeptos do Partido alemão, como foi colocado na citação direta fora de corpo de *Ser e Verdade* do parágrafo 9 da obra heideggeriana.

No entanto, havendo a necessidade de se explorar mais profundamente como a crônica rosiana contraria o Nazismo com elementos da própria cultura alemã, pois Guimarães Rosa mostra como Goebbels o “sinistro e astuto” de “inteligência miasmática” é comparado ao Deus do fogo da mitologia germânica, Logge, que “instigava os senhores no Walhalla”. O narrador, neste trecho faz referência não somente à mitologia, mas, também a música alemã representada por Richard Wagner (1813-1883) em sua ópera *O anel dos Nibelungos* [*Der Ring des Nibelungen*]. Sabe-se que se trata da ópera wagneriana e não das narrativas da mitologia germânica, pois, o narrador coloca que a ação instigadora de Goebbels como a de Logge era no “prólogo dos Nibelungen”, no entanto, somente a Ópera dos Nibelungos tem prólogo. Portanto, tem-se arte, música, cultura etc. dos próprios alemães não legitimando o Nazismo.

Apesar de se tratar de elementos da cultura germânica como opositores da manipulação da mídia nazista e não de componentes da cultura grega herdada, o narrador como se viu neste capítulo, utilizou até de expressões bíblicas para designar seu desejo de

---

<sup>84</sup> Neste momento Guimarães Rosa faz uso de uma expressão bíblica que une três termos, *mane-téquel-fares* [contado + pesado + dividido = Daniel, V, 25] e 25 Esta é pois a escritura, que ali está disposta: **MANE, TECEL, FARES**. 26 E esta é a interpretação das palavras. **MANE**: Deus contou os dias do teu reinado, e lhe pôs termo [Belsazar/Baltasar]. 27 **TECEL**: Tu foste pesado na balança, e achou-se que tinhas menos do peso. 28 **FARES**: O teu reinado se dividiu, e foi dado aos medos, e aos persas. 29 Então por mandado do rei, foi Daniel vestido de púrpura, e cingiu-se-lhe ao pescoço um colar de ouro, e deitou-se bando, que ele teria poder no seu reino, como a terceira pessoa dele. 30 Naquela mesma noite foi morto Baltasar, rei dos caldeus. 31 E Dario medo lhe sucedeu no reino, tendo sessenta e dois anos de idade. (BÍBLIA, 1985, p. 761)

extermínio contra a política, doutrina, totalitarismo, entre outros. do Nacional Socialismo. A crônica rosiana compara o Nazismo a um império que pelo abuso de poder de seu imperador, tem seus dias contados para o fim. Então, como há neste específico momento uma oposição de Guimarães Rosa, às noções filosóficas de *Ser e Verdade*? Foi clarificado anteriormente que quando se discutiu *Ser e Verdade*, Heidegger apoia o Nacional Socialismo, ressaltando a falta de ideologia do partido, mas, especificamente, heideggeriana. A crônica rosiana tenta extinguir o Nazismo, assim deixaria de existir, de uma vez por todas, a política nacional socialista. Logo, não se teria nem o Nazismo prático de Hitler, nem o nazismo ideológico de Heidegger que precisa da vigência do partido alemão para ser colocado em prática, pois Heidegger almeja se tornar ideólogo do Nacional Socialismo. É como se “O mau humor de Wotan” desarraigasse o que o filósofo alemão concebe como começo para o Nazismo, pois: a revolução nacional socialista é necessária, no entanto, precisa ser enobrecida e espiritualizada. (HEIDEGGER, 2007, p. 24, § 2)

Tem-se, neste momento, a visão interna dos cidadãos da sociedade alemã representada pelo narrador, que é implacavelmente contra o Nazismo criticando a política, doutrina, propaganda etc.; Hans-Helmut, que é adepto, porque, não quer a derrota de seu país e Márion que adere aparentemente ao partido por prudência diante das consequências autoritárias. Os três personagens da crônica de guerra constituem a opinião pública sobre o Nazismo como integrantes sociais. Apesar de Guimarães Rosa, não ser alemão como seu casal de amigos, ele está na Alemanha e é obrigado a vivenciar as normas do Partido nacional socialista. O diferencial, em uma leitura atualizada da crônica rosiana, não se dará apenas por, se ter como contraponto a Filosofia de Heidegger, que tenta fundamentar o Nazismo. Mas, pelo fato de se conhecer outra visão do Nacional Socialismo antagônica da visão externa que comumente é divulgada como assassinos de judeus, anticomunistas, racistas e outros, assim como é importante saber que mesmo sem conhecer o texto *Ser e Verdade* de Heidegger, Guimarães Rosa mostra uma concepção oposta ao pensamento político filosófico do pensador alemão.

Na outra crônica, “A Velha” (*Ave, palavra*), há elementos destacáveis que expressam uma antipatia por parte do narrador, que descreve a presença do Nazismo e o impacto totalitário da doutrina do partido alemão. Porém, é sob a ótica da oposição cultural utilizando de argumentação filosófica, que em “A Velha” fica estampada a separação de traços da cultura grega que não se refletem na concepção nazista ideológica. O narrador mostra a caminho da casa de *Dame Verônika* como a ideologia nacional socialista era propagada pelas ruas da Alemanha, pois:

Via-se, a cada canto, o emblema: pousada num círculo, onde cabia oblíqua a suástica, a águia de abertas asas. [...] Sentia-se um, ao meio de tal ponte, à face do caos e espírito de catástrofe, em tempo tão ingeneroso, ante o critério último — o pecado de nascer — na tese anaximândrica. Todos pertencíamos, assim, mesmo, à vida. (ROSA, 1970, p. 108)

Portanto, após deixar explícito como era presente entre os alemães a ideologia nazista e descrever suas consequências caóticas e o espírito catastrófico, surge a repulsa contra o Nazismo que a crônica rosiana concebe como a Filosofia pré-socrática de Anaximandro. No entanto, é importante compreender o contexto histórico e o pensamento do filósofo grego.

A Filosofia, entre os pré-socráticos, era conduzida pela inquietação de explicar a origem das coisas, tal questionamento era impulsionado pela teoria como tentativa explicativa da gênese da *physis*. Notoriamente entre os gregos clássicos, o filósofo tinha sua autoridade diferente da do poeta, pois, enquanto o artista era conduzido pela prática, o filósofo pela teoria. É neste contexto histórico que a Grécia antiga assume uma característica peculiar em relação aos outros povos, pois, é deixado de lado o mito como primeira forma de explicar as coisas da natureza passando a ser a Filosofia com um caráter racional, embora, ainda haja entre os pré-socráticos um teor mítico. É se libertando do mito que surge a Filosofia científica, pois, entre os gregos clássicos, as ciências eram discutidas dentro da Filosofia. Anaximandro foi audacioso, ao escrever suas ideias em prosa com a intenção de difundi-las, assim como o legislador na Grécia antiga, escrevia suas tabuas para o Estado. Escrevendo em prosa, o filósofo grego almejando ser ouvido pelos cidadãos da *Polis* deixa de ter seu pensamento unicamente para si, logo, deixando de ser um idiota [*ἰδιώτης*], aquele que vive individualmente esquecendo para traz sua vida pública por viver uma moral criada e vivida unicamente por si mesmo.

A tese central do pensamento de Anaximandro consiste em uma concepção que contraria seu mestre Tales, pois, ele não concorda que a água seja o único elemento primordial que deu origem a todas as coisas. A noção de um ilimitado chamado de *ápeiron*, um cone que condensa todos os elementos primordiais como a água, o fogo, a terra e o ar, que depois se separam e voltam novamente a se condensar caracterizando um ciclo eterno que formou o céu, as estrelas, o mundo e assim por diante. Curiosamente Anaximandro não se utilizou unicamente de um elemento primordial da *physis*, mas, dos quatro que foram cada um, objeto teórico para a explicação da gênese das coisas. Por ser ilimitado o *ápeiron* não tem um princípio, pois um começo remeteria a um limite e não é também engendrado ou

indissolúvel, porque, dessa maneira ele seria gerado e conseqüentemente teria um fim. No ilimitado:

Todas as coisas se dissipam onde tiveram sua gênese, conforme a necessidade; pois pagam umas às outras castigo e expiação pela injustiça, conforme a determinação do tempo. (ANAXIMANDRO in BORNHEIM, 1998, p. 25)

Portanto, o *ápeiron* não é uma noção filosófica que consiste em um único elemento da natureza, mas, ele inclui todos os elementos da *physis* e os governa. Isto é possível devido ao fato de no *ápeiron* estar a origem do todo constituinte das coisas e, dessa forma, as coisas estão originariamente constituídas por uma união que as condensa. Após a saída dos elementos do *ápeiron*, eles se separam se tornam contrários que neste mundo estão constantemente lutando, pois, “[é] uma personificação pela qual Anaximandro se figura a luta das coisas como a contenda dos homens num tribunal.” (JAEGER, 2001, p. 201) A característica de governar os elementos da natureza se deve ao fato de estes se originarem no *ápeiron* e após lutarem como contrários em sua saída, todos retornam e voltam novamente a se condensar, tornando-se um todo de novo, desta forma: “Em consequência do movimento eterno; ciclicamente, o que está separado volta a integrar-se à unidade primordial restabelecendo-se a justiça.” (BORNHEIM, 1998, p. 24)

Em “A velha”, Guimarães Rosa mostra como na Política, Sociedade e cultura, há nuances de características que não contém reflexos da cultura grega. O “pecado de nascer” (ROSA, 1970, p. 108) é uma colocação que se contraria ao pensamento anaximândrico. Pois, o indeterminado (*ápeiron*) da *physis* é agora violado pela concepção nacional socialista provocadora do caos, da catástrofe, do tempo “ingeneroso” entre outros. No entanto, não é que o Nacional Socialismo demonstre uma capacidade de provar uma insustentabilidade na teoria do filósofo grego, mas, no partido alemão há ações que se caracterizam por ausência de Filosofia anaximândrica. Desta maneira, o Nazismo não pode atuar como se fosse o princípio de todas as coisas e tivesse o poder de governar a natureza. A única luta que é legítima para o narrador, é a luta da concepção anaximândrica onde as coisas estão constantemente se confrontando no mundo para depois se condensarem sendo um todo no *ápeiron* para em sua saída lutarem entre si no mundo. Este é o ciclo legítimo na *physis* com que a crônica rosiana concorda e não uma luta catastrófica contra a vida onde a imposição de uma doutrina totalitária marca sua presença com sua logomarca, a suástica, pelas vias públicas, pois, o símbolo nazista fazia com que os cidadãos sentissem a “face do caos” (ROSA, 1970, p. 108).

Ao expor a tese anaximândrica como divergente da ideologia nazista, tem-se novamente a oposição rosiana da Filosofia de origem grega ausente no partido alemão e no povo, pois o Nacional Socialismo, apesar da nacionalidade de Hitler ser austríaca, o partido criado por ele é constituído de membros da sociedade alemã. A contrariedade rosiana é também caracterizada pela via da outra concepção do Nazismo, proposto por Heidegger. Como foi dito anteriormente no capítulo teórico sobre o filósofo alemão que ao configurar o ser-aí alemão como um ente popular de “raízes” clássicas gregas, Heidegger concebe que a questão fundamental da filosofia foi iniciada pelos gregos antiquíssimos. Na citação fora de corpo destacada acima, tem-se um filósofo pré-socrático que seu pensamento não foi legitimado pelo narrador como compatível com o partido, povo e cultura alemã.

Em “A velha” a divergência contra Heidegger, surge no âmbito da refutação do argumento heideggeriano, que sustenta a criação de um ser-aí estatal singular começado entre os gregos antiquíssimos com seus grandes pensadores. A presença de Anaximandro no texto rosiano é a representação da Filosofia pré-socrática oposta ao Nazismo seja o hitleriano ou o proposto por Heidegger. O que é visível é uma concepção filosófica contrária ao Nacional Socialismo, e “A velha” aponta justamente para o período da Filosofia que o filósofo alemão demonstra que seus grandes pensadores foram responsáveis por um modo de criação singular de ser-aí estatal. A carência de Filosofia grega entre os membros do povo alemão e a submissão ou adesão por concordância com o partido de Hitler, são um reflexo da ausência do “espírito” grego clássico na Alemanha. Independente dos motivos que levaram aos atos de barbárie dos integrantes do Nazismo, a conduta de um povo que em sua maioria apoiou o Nacional Socialismo, explica-se facilmente na crônica rosiana pela carência de cultura clássica.

A concepção ideológica de *Ser e Verdade*, que foi esclarecida no capítulo referente a obra, concebe que o movimento de ida até a questão fundamental se iniciaria na Universidade alemã e assim seria disseminada no povo. Tal movimento transcendental é de suma importância para o povo alemão e está sendo propagado, pois o ser-aí alemão já está encontrando orientação para ir até os gregos antiquíssimos e retomar a missão político-espiritual que lhe cabe. Vê-se a importância da propagação que está acontecendo entre os alemães. Porém, a “A Velha” dispõe de uma imagem que demonstra como as personagens femininas se caracterizam como membros sociais isolados de “conhecimento” da orientação que o ser-aí popular está encontrando. A ficção rosiana possibilita uma leitura de que as personagens são membros sociais alheios a concepção de povo, estado, missão, entre outros.

mencionados por Heidegger, pois, a noção de orientação que está em ascensão na sociedade alemã, logicamente precisa de relações sociais para que ocorra entre seus integrantes. E o texto rosiano apresenta as personagens femininas como parte de qualquer acontecimento ou argumentação ocorrente na sociedade, no entanto, no isolamento de sua casa, “*Dame Verônika*” (ROSA, 1970, p. 109) e:

As outras quatro mulheres permaneciam, salvaguardadas, em circunstância de surda sociedade, sem participação emotiva. Aquelas meditavam o que não podiam entender — *Dame* Angélica, damas Filippa, Osna e Alwyna. (ROSA, 1970, p. 110)

As personagens rosiana têm um perfil contrariador da noção de liberdade do povo exposta no capítulo sobre *Ser e Verdade*. Elas não demonstram em nenhum momento o nexo de compromisso consigo mesmo e com o povo alemão, o que estabeleceria uma orientação social condutora para o reconhecimento da importância do momento histórico e assumir o destino singular entre os povos designados pelo ser-aí alemão. Falou-se no capítulo de *Ser e Verdade* como o filósofo alemão considera que, para o ente popular estar na questão fundamental é necessário unicamente que cada membro em comunidade com o ser-aí alemão, no entanto, sabe-se que: “a questão nunca será obrigação”<sup>85</sup> (HEIDEGGER, 2001, p. 14) e sim uma necessidade de conquista do destino. “*Dame Verônika*”, “*Dame Angélica*, damas Filippa, Osna e Alwyna” são alemães, que não se mostram compromissadas consigo mesmo e em comunidade com povo. O isolamento social configura as personagens, como isentas de reconhecimento do momento histórico que passa a Alemanha e de uma possível orientação para espiritualização nacional socialista. Como se disse há pouco, ou seja, nem elas estão a par da situação alemã e muito menos se comportam como cidadãos que contribuiriam para a missão do povo alemão.

Em outra crônica intitulada “A senhora dos segredos” (*Ave, palavra*), *Frau Heelst*, horoscopista de Hitler é visitada pelo narrador, que queria saber o futuro. A inquietação de Guimarães Rosa era sobre a possibilidade do evento da guerra vir a acontecer ou não. O misticismo de *Frau Heelst* era elevado na crônica a um caráter de ciência, dessa forma, a horoscopista representa na ficção rosiana uma maneira comprovável de lidar com os acontecimentos que envolvem o contexto da obra, ou seja, de prevê-los. A ambiguidade do texto permite uma linguagem em que não se pode afirmar que são palavras do narrador, de

---

<sup>85</sup> Em alemão: “die Frage wird nie zum Zwang”. HEIDEGGER, Martin. *Sein und Wahrheit*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2001, p. 14. [tradução nossa]

*Frau Heelst* ou dos dois juntos, no entanto, a ficção expõe que:

Triviando conversa, pedi para saber como seria investigável astrologicamente aquele assunto, de paz ou guerra neste mundo sublunar; e ela grau em grau se descerrou, visto que o terreno da ciência é o da sã comunicação lata.

Sim, podia-se tirar o gráfico do destino de um país, dum regime, desde que conhecida a data de seu começo. Para o III Reich, por dizer... (ROSA, 1970, p. 212)

Portanto, a ciência da personagem não pode prever por definitivo o futuro da Alemanha? Ou simplesmente seu silêncio caracteriza uma forma de não refletir sobre as consequências nazistas no país? O narrador tem a convicção de que ele: “não passava de um estrangeiro, e os tempos eram perigosos.” (ROSA, 1970, p. 212). No entanto, a interpretação se segue pela possibilidade do silêncio diante da periculosidade dos tempos regidos pelo Nazismo como alguém que se resguarda de falar sobre a possibilidade do terror. Já para Heidegger, o momento na Alemanha se configura da seguinte forma, pois, como foi explicado no subcapítulo sobre *Ser e Verdade*, o ambiente universitário é onde começa a revolução do povo. A juventude acadêmica alemã, por ter conhecimento da importância do momento histórico, será responsável pelo início de uma missão político espiritual. A juventude está em seu “florescer” exercendo o papel de uma missão criadora do estado. O povo encontra orientação no Estado, porque este é o Ser do povo. A juventude universitária está disposta a contribuir para a criação de seu Ser, ou seja, de suas determinadas possibilidades de ser, determinadas, porque o Estado as “delimita”.

Mais uma vez, em discordância com Heidegger, Guimarães Rosa, não concebe um Nazismo de noções ideológicas como propõe o filósofo alemão. Se se equiparar a idade de alistamento militar com a idade juvenil, assim como a faixa etária de ingresso nas universidades a crônica rosiana contraria a ideia heideggeriana de uma juventude que está encontrando orientação para criar o Estado alemão e que este se voltará para o ser-aí popular. O que Guimarães Rosa demonstra, em sua crônica, é que os jovens na Alemanha estão em uma situação de preocupação com os rumos que o país leva. Tal preocupação surge exatamente, porque o Nazismo leva o país a consequências de guerra, e o exército que precisa ser recrutado é primeiramente constituído por jovens. É por esta via que o texto rosiano ao representar a opinião da juventude alemã, entra novamente em dissonância com *Ser e Verdade*. Eis a opinião rosiana sobre os jovens alemães:

— E por que não recorrer aos horóscopos dos rapazes em idade militar? — Oh, não, não, não... — e *Frau Heelst* riu arredondado. — Esses não vêm aqui... [...] Com as estatísticas, globalmente, dos nascimentos nas diversas partes do país... Talvez já pairasse, sobre centenas de milhares de vidas, o influxo ominoso de Marte. (ROSA, 1970, p. 212-213)

Portanto, é perceptível que os jovens alemães não estão encontrando orientação na academia alemã e sim resguardados pela muito provável atrocidade que virão a sofrer com a explosão da guerra. O Nazismo aparece em “A Senhora dos segredos” como uma condenação à juventude alemã, um agouro do Deus da guerra. O Marte da cultura romana é o Ares da cultura grega. Em *O universo, os deuses, os homens* de Jean-Pierre Vernant, o filósofo francês define Ares como: “deus da guerra, da confusão mortífera.” (2000, p. 194). Este traço da cultura grega aparece na crônica rosiana, não como um valor ligado aos alemães ou à ideologia nacional socialista, mas, como uma imagem que oferece uma sentença nefasta devido às vidas que estarão em jogo durante a guerra. Guimarães Rosa compara o autoritarismo nazista à decisão de um Deus, não obviamente por considerar algo de divino no Nacional Socialismo alemão, mas pela prepotência das ações do partido alemão sobre a decisão das consequências que podem cair sobre o povo a ponto de dizimar vidas.

O possível diálogo que as crônicas rosianas estabelecem com *Ser e Verdade*, exhibe imagens que batem de frente com o Nazismo vigente em uma “camada” mais explícita e mais minuciosamente contra a proposta de Heidegger. O narrador reconhece nas três crônicas a ilegitimidade da herança cultural grega que Heidegger vê no povo alemão, o Estado que se volta para o ser-aí popular como foi exposto antes, não é possível para o Guimarães Rosa, a juventude alemã não encontra orientação para missão político-espiritual do povo. Logo, o narrador não vê outra saída para as consequências nazistas, além das que foram vigentes como o autoritarismo, totalitarismo, terror e assim por diante. Não é possível para o cronista que se pudesse dar outros rumos ao Nacional Socialismo, mesmo que se argumentasse com noções filosóficas como propõe Heidegger. *Grosso modo*, tem-se outra concepção do Nazismo, a Literatura e a Filosofia tratam de um mesmo tema, no entanto, a Arte dá uma resposta negativa ao questionamento incessante<sup>86</sup>. Mas há algo que permanece em comum entre Heidegger e Guimarães Rosa é a visão interna de membros que presenciaram o Nazismo, o primeiro, tenta fundamentá-lo e o segundo ficcionaliza a realidade.

---

<sup>86</sup> Substitui-se neste momento o termo Filosofia por “questionamento incessante”, pois como foi dito no subcapítulo sobre *Ser e Verdade* a Filosofia consiste para Heidegger em um questionamento a partir de si mesma.

### 5.3 Embate entre *Nada de novo no front* e as crônicas rosianas sob a perspectiva do prazer estético diante do terror

Cabe agora entrar na discussão das crônicas rosianas, levando-se em consideração a interpretação hermenêutica já realizada e o contraste entre o *Nada de novo no front* e os textos de guerra de Guimarães Rosa. Estudar-se-á, então, a recepção crítica das crônicas rosianas, seguindo-se a proposta estético-recepcional de aproximação entre duas formas de arte para, dessa maneira, mostrar o possível gozo estético na relação dialógica.

Dando-se início pelo “O mau humor de Wotan”, o expetador atual sente prazer diante da “ignorância” política de Márion de cumprir o que o discurso do partido nazista pregava. A personagem pretendia constituir família para atender aos propósitos do Nacional Socialismo e, assim ela se casa com um alemão, dessa forma, dando continuidade a proposta de Hitler de “purificar” o mundo de “raças inferiores” aos arianos. Márion executa a proposta político-social da época sem conhecer as Leis de Nuremberg e sem se dar conta da muito provável guerra que viria a eclodir. A expectativa da guerra já se mostra em “O mau humor de Wotan”, tanto pelo horizonte da obra quanto pelo leitor que já conheceu essa possibilidade tanto por seu horizonte de vida quanto pelo de *Nada de novo no front*. Sem se dar conta a personagem rosiana traça sua vida de maneira que as possibilidades mais prováveis sejam a de padecer no evento terror. Intérprete, nessa ótica, experimenta o gozo de presenciar esteticamente o inevitável pessimismo da vida humana.

Márion não consegue questionar o Estado alemão, preferindo viver na pré-compreensão do mundo. A emoção deleitante se manifesta com ênfase na recepção na medida em que o público atual conhece a possibilidade de questionamento na estética da obra como no caso em que os personagens de Remarque passam a compreender e indagar pelo poder do Estado. Pode-se então identificar Márion com a massa “sem conhecimento” que apoiou o Nazismo e que, portanto, sofrem por sua própria culpa. Há agora um horizonte de pergunta e resposta gerado pelo “contato” do texto rosiano com o remarqueano, pois, pela via estética da arte se pode responder que a “barbárie” de *nada de novo no front* não foi o suficiente para o homem e que as consequências da Primeira Guerra Mundial não serviram de lição para humanidade, assim “Falava-se na paz, o povo sonhava paz, e Hitler, pairando em Berchtesgaden, intuicionava sua paz forçosa.” (ROSA, 1970, p. 4)

Falou-se no terceiro capítulo que o texto literário carrega consigo sinais visíveis, familiaridades, traços, indicações entre outros. Com base na teoria de Jauss, o receptor ao experimentar “O mau humor de Wotan”, pode despertar memórias, emoções, expectativas,

entre outras, já referidas em *Nada de novo no front*. Isso proporciona uma quebra de expectativa em relação ao valor cristão da esperança demonstrada na crônica rosiana quando Hans-Helmut não é chamado para a guerra, pois o leitor exclui essa possibilidade de sua leitura ao lembrar que no romance de Remarque até mesmo as crianças não são dispensadas do exercício da guerra. Por esse caminho, o público não volta sua atenção para a qualidade nada belicosa de Heubel, pois ela não pode tirar o personagem do futuro da guerra. Rompe-se também com o otimismo que o narrador tenta passar ao intérprete, pois aqui já se pode gozar a expectativa catastrófica que cairá sobre Hans-Helmut.

A preocupação no sentido heideggeriano mais restrito, de projeção cotidiana de um **ser-aí para outro** é o comportamento que se manifesta em Márion quando seu esposo é chamado para servir ao Exército. Consolado pelo discurso de sua esposa, Heubel mantém sua existência conduzida pelo otimismo cristão, porém, como se mostrou no capítulo sobre Estética da Recepção o horizonte da obra é menor que o do leitor e, assim o horizonte de vida se sobrepõe ao da crônica rosiana e a recepção anterior de *Nada de novo no front*, faz com que o intérprete já familiarizado com o otimismo no ambiente de guerra, conduza sua emoção por meio do gozo da inevitável violência que cairá sobre os homens na guerra. Experimentando prazerosamente a desgraça que se abate sobre os homens, expectador não reconhece outro destino para o ser humano se não o atroz e isso causa um efeito de negação à “certeza íntima e preconcebido otimismo — meios que põem em favor da gente o exato destino correto” (ROSA, 1970, p. 4)

Outra marca que surte o efeito da lembrança é quando o expectador ao se deparar com o relato de Heubel afirmando que “— “Da guerra, mesmo, avistei só uns cavalos mortos, e cachorros, felizmente...”” (ROSA, 1970, p. 6) Esse episódio de “O mau humor de Wotan” desperta a lembrança do trecho da matança dos cavalos em *Nada de novo no front*. Nessa perspectiva, o leitor deleita-se diante da “barbárie” humana que não tomou com suficiente a violência aplicada aos animais na Primeira Guerra Mundial e, assim acabou repetindo sua “ignorância” na Segunda Guerra Mundial. A crônica rosiana mostra apenas “resultado” da violência contra os cavalos e não a matança descrita com detalhes como no romance de Remarque, no entanto, o público goza o sofrimento em silêncio do personagem ao compreender como Hans-Helmut assume uma conduta que se caracteriza como um alívio ou até conformação em relação aos equinos e cães mortos. O horizonte de expectativas do receptor que experimentou *Nada de novo no front* e “O mau humor de Wotan”, é marcado pelo efeito da satisfação diante do personagem “fraco” que é incapaz de encarar a realidade

violenta de sua época mesmo, reconhecendo sua parcela de culpa no evento de terror, pois, Heubel pergunta “— “Sul-americano, você deseja a vitória dos países conservadores. Mas, nós, alemães, mesmo padecendo o Nazismo, como podemos querer a derrota? Que fazer?”” (ROSA, 1970, p. 7)

O horizonte de compreensão do intérprete é mais que meramente uma apreensão de cores e formas, assim os animais mortos não são apenas objetos apreensíveis, mas entes que se pode compreender em possíveis contextos interpretativos. Isso caracteriza o mundo denominado por Heidegger (como se tratou no terceiro capítulo da tese), dessa forma, a compreensão dos cavalos e cachorros falecidos é mais que o entendimento de animais de trabalho no contexto da guerra. Tal compreensão é o “conhecimento” de relações entre homem e animal presentes na Modernidade, em outras palavras, é a interpretação do uso racional de animais para fins de benefício para o homem. O texto rosiano elimina qualquer toda a previsibilidade que caracteriza a arte “culinária”, pois o autor oferece em sua obra uma quebra de expectativa que se diferencia da carnificina humana e animal presente na guerra como se os “cavalos e cachorros mortos” houvessem simplesmente cumprido o ciclo da vida. Nesse momento, o prazer estético não acontece somente pela relação entre os animais mortos em *Nada de novo no front* e em “O mau humor de Wotan”, mas, pelo sofrimento “interno” do esposo de Márion que relata acontecimentos de uma forma como se quisesse escapar de sua realidade de guerra.

Mostrou-se, no terceiro capítulo, o diálogo entre Jauss e Heidegger acerca da compreensão que a experiência com a obra pode proporcionar. Nessa perspectiva, é possível compreender a conduta do narrador não somente como a de um cidadão contrário ao Nazismo, mas, como uma “voz” da sociedade cristã que, ao invés de desejar o amor ao próximo, clama pela violência como “antídoto” para ela mesma. Entende-se a ação de Hans-Helmut não unicamente como a de um cidadão que nega a realidade da guerra e ao mesmo tempo se envolve pelo discurso do partido que provoca o confronto, mas, como uma ação “gananciosa” em que se forem destruídas vidas, cidades, culturas, entre outras, o personagem prefere que não sejam as de seu país como se não desse importância para os outros. E ainda, o narrador assume a representação pública de uma espécie de rejeição à cultura pagã comparada a deturpação feita pelo cristianismo na Idade Média em que se demonizam os Deuses da cultura pagã. Dessa maneira, o expectador goza diante da “barbárie” em que se admite a violência e alienação do homem em reconhecer a religião cristã e a violência como solução para guerra, pois o narrador

buscava contra Hitler um *mane-téquel-fares*, a catástrofe final dos raivados devastadores. Mas, a seguir, calava-me, com o meu amigo a citar Goebbels, o sinistro e astuto, que induzia a Alemanha, de fora a fundo, com a mesma inteligência miasmática, solta, inumana, com que Logge, o deus do fogo, instigava os senhores do Walhalla, no prólogo dos Nibelungen. (ROSA, 1970, p. 7)

Estabelece-se uma aproximação entre *Nada de novo no front* e “O mau humor de Wotan”, na medida em que o romance apresenta cenas brutais com a de homens reduzidos à “gosma” nas paredes das trincheiras e a crônica, imagens do sofrimento psicológico dos personagens. Nessa proposta, o leitor concebe em seu horizonte a possibilidade de uma vida cuja natureza não lhe dê a chance de escapar da dor e da morte como um “destino”. Assim o expectador pode agora se identificar com o narrador que se comporta de maneira pessimista apartando de si os valores do cristianismo. Sob esse aspecto, o horizonte da crônica se une ao do receptor (que já experimentou o romance de Remarque) para que o intérprete se deleite compreendendo a “natureza” humana em que “maior era a muda procissão dos soldados que des-e-embarcavam” (ROSA, 1970, p. 8) enquanto iam “crescendo os dias, todos penávamos de pensar em abril, como se suas primeiras flores já vindo envenenadas.” (ROSA, 1970, p. 8)

Pensando-se em “A velha”, o receptor compreende como a pergunta do narrador sobre o “destino” dos judeus abre um horizonte em que se pode entender o sentimento de vingança da sociedade contemporânea em relação aos semitas. Isso ocorre devido à possibilidade de se ver o povo judeu padecendo a perseguição nazista despertando uma espécie de “consequência” pelo fato dos semitas terem pedido a condenação de Cristo a crucificação. Nessa ótica, o consulado aparece como uma instância de socorro para os judeus, assim como se recorreu ao governo de Pontius Pilatus para se pedir o livramento de Jesus, no entanto, assim como Cristo, os semitas foram condenados ao sofrimento. Nesse momento, o público que já recebeu *Nada de novo no front*, pode pela via da *katharsis* recordar o campo de prisioneiros durante a Primeira Guerra Mundial e compreender como os inimigos eram jogados ao abandono sem comida, higiene, saúde, entre outros, assim as expectativas do intérprete projetam a possibilidade de sofrimento judaico.

A estética da crônica oferece ao expectador a compreensão de como o cristão “contemporâneo” concebe Hitler, como um “meio” de fazer com que os judeus paguem pelo pecado de terem lançado Cristo à condenação e por não o reconhecerem a divindade do Nazareno. Então surge no leitor, a emoção prazerosa de não se identificar nem com judaísmo nem com cristianismo, assumindo um horizonte que sai da tutela da História como afirma

Gadamer. E quando se pensa no horizonte de *Nada de novo no front*, se confirma como o horizonte histórico não se impõe como controlador mesmo que de forma parcial, pois, se nota que no romance de Remarque a violência é qualitativamente maior que nas crônicas rosianas e isso inverte a História e a interpretação acerca da agressão experimentada no século passado. Por esse caminho, o receptor mostra sua liberdade interpretativa de não se prender a uma compreensão necessariamente histórica como Jauss e Heidegger concordam e já se mostrou no terceiro capítulo da tese. O horizonte do texto rosiano se funde ao do leitor que ao interpretar a obra, entende como a ironia se estabelece tanto na cultura cristã quanto na judaica que pregam o amor ao próximo. Assim, o expectador afastado de ambas perspectivas religiosas, compreende a conflito entre as religiões e goza ao presenciar a destruição humana como consequência religiosa.

Sob o efeito do deleite o público atual se emociona em poder compreender por meio do texto rosiano, a destruição das raízes culturais do ocidente. O prazer do expectador surge diante da agonia de pedido de socorro perante a instância política do Consulado (meio de livrar os semitas da perseguição), do padecer psicológico da angústia, do sofrimento físico provocado pelo pranto etc. Por meio dessa dinâmica o leitor atinge um gozo intensificado (já que está livre dos dogmas judaico-cristãos) ao entender como os semitas não pedem ajuda ao seu Deus (que supostamente é soberano sobre todas as coisas), em outras palavras, o expectador é tomado pelo prazer de experimentar como os judeus “inconscientemente” reconhecem a impotência divina de forma racional já que solicitam ajuda política. Nessa ótica, o público deleita-se pela total ausência de Deus que não surge nem como consolo metafísico de felicidade em um ultramundo nem muito menos como “força” capaz de tirar os semitas das condições extremas que passavam.

O sofrimento causado nos judeus é tanto pelo fato deles abandonarem seu Deus, quanto pelo último desamparar os primeiros. Isso intensifica o sentimento de gozo distanciado do judaísmo que o receptor pode experimentar, pois, tem-se nesse momento uma recíproca de homens e Deus se abdicando. Diante da possibilidade de prazer com características opostas ao judaísmo e ao cristianismo a figura de Hitler, que esbraveja sua voz rouca e sua raiva, é repugnada pelo público, na medida em que o *Führer* assemelha seu poder ao de um Deus, pois está em “suas mãos” a sorte dos judeus. O efeito de repúdio a divindade judaico-cristã acontece quando o leitor relembra o personagem Paul em *Nada de novo no front*, assemelhando seu colega Detering a um Deus pagão mais especificamente, Zeus: “um misto de ar bovino e de um deus nostálgico, ao mesmo tempo tolo e comovente.” (REMARQUE,

2013, p. 207). Pois, Zeus “assume a forma de um magnífico touro branco com chifres em forma de meia-lua.” (VERNANT, 2000, p. 146). Mostra-se então um perfil de divindade próxima do homem, ou seja, movida por emoções, sentimentos, instinto, entre outros, pois os Deuses gregos se diferenciam do homem apenas por seu aspecto de imortalidade.

Há nesse momento uma dupla premissa de negação ao Deus judaico-cristão. Isso acontece tanto pelo fato de o receptor se identificar com o perfil de Zeus em que se prega uma vivência movida por paixões, sentimentos e instintos, quanto pela conduta de Hitler que o configura como o Deus no Antigo Testamento. Por essa via, o intérprete concebe uma compreensão de “A velha” em que a estética do texto mostra aspectos não admissíveis na teoria de Hannah Arendt, como uma agressão indomada do líder nazista. Assim além do expectador se identificar com o Deus grego que apareceu na “forma anterior” (*Nada de novo front*), o receptor nega a divindade cristã personificada na figura do *Führer*. Dessa maneira, o leitor rejeita prazerosamente a conduta contraditória da religião judaico-cristã que prega o amor, porém, cultua um Deus movido por sentimentos de vingança, ódio, carnificina etc., dando ordens “a Moisés: Toma todos os Príncipes do Povo, e pendura-os em forca contra o Sol: para que meu furor se aparte d’Israel.” (BÍBLIA, 1885, p. 101). Numa perspectiva atual, a leitura do texto rosiano aproximada do romance de Remarque, pode oferecer uma resposta negativa as políticas radicais voltadas para o judaísmo apoiado pelo Estados Unidos da América e para o crescimento frequente da religião protestante.

Na ótica em questão, o horizonte de expectativas da recepção rosiana aproximada de Remarque, gera além do prazer estético uma compreensão das “normas” pré-estabelecidas pela política e religião atuais. Por meio da experiência estética proposta o expectador goza e interpreta as condições precárias dos judeus sem se sensibilizar com valores judaico-cristãos, pois não se deixa conduzir pelo discurso cotidiano. Dessa forma, o Consulado é interpretado como uma instância política de poder sobre os cidadãos, o sofrimento semita como uma consequência da sociedade ocidental caracterizada pela religião judaico-cristã e Hitler como a personificação de um Deus que contradiz o dogma de sua religião. Guimarães Rosa relata que

O Consulado invadindo-se de judeus, sob mó de angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vê-los, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio — rouco, raivoso. Contra esses, desde novembro, se implacara mais desbordada e atroz a perseguição, dosada brutal. Viesse a guerra, a primeira ordem seria matá-los? (ROSA, 1970, p. 108)

O repúdio como deleite é reforçado quando o espectador se depara novamente com a substantivação composta, “hitlerocidade” (Hitler+atrocidade) do Deus malvado associado com trecho bíblico citado anteriormente. Pode-se afirmar que os “campos-de-prisão” e as “trágicas técnicas” que remetem para uma concepção baumaniana de racionalismo, burocracia, custos, finanças e, assim por diante, geram um horizonte de expectativas que em seguida é quebrado pelo “ódio abismático”. O relato de dona Verônika “sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus tratados.” (ROSA, 1970, p. 110) Revela-se a vontade de imposição da soberania do *Führer* movida por sentimentos de furor como o Deus do Velho Testamento. Por meio do Ser da obra o leitor compreende a postura contraditória da divindade judaico-cristã, pois ele pode interpretar que assim como Deus que utilizava a violência motivada por sua fúria, Hitler agia para impor sua política. O gozo repulsivo permite ao intérprete se manter compreendendo a verdade, como se disse no terceiro capítulo da tese e ampliar os limites do comportamento social humano permitindo que o público não se deixe conduzir pelo discurso religioso judaico-cristão do cotidiano.

Em “A senhora dos segredos” o horizonte de expectativas do leitor e da obra, fundido possibilita uma relação de associação com o traço da mitologia grega presente em *Nada de novo no front* (Detering caracterizado como Zeus). Nessa premissa, a experiência estética é entendida como uma experiência da *práxis* humana que liberta o público das imposições da vida e possibilita um novo “olhar” sobre as coisas (como se mostrou no capítulo sobre Jauss). O intérprete que experimentou o romance remarqueano e a crônica rosiana, se abre para além dos limites imposto pelo cotidiano, dessa forma, o leitor pode se antecipar para experiências futuras e mudar sua capacidade de compreensão. Nessa dinâmica, o intérprete, ao compreender a perspectiva da guerra, ele vê a morte como possibilidade sua o projetando para o futuro. A compreensão da morte como possibilidade autêntica é a interpretação do ente humano que reconhece a finitude além da perspectiva judaico-cristã que direciona o homem para felicidade ou infelicidade eterna após a morte. No diálogo entre o narrador e *Frau Heelst*:

Isso por isso, não a não, sim a sim, fomos falando, entrepondo, das coisas guardadas, sobreestranhas, servas do fausto e do funesto. Quem sabe, valeria preparar, *in abstracto*, horoscópios virtuais, boa cópia deles... Com as estatísticas, globalmente, dos nascimentos nas diversas partes do país... Talvez já pairasse, sobre centenas de milhares de vidas, o influxo ominoso de Marte. (ROSA, 1970, p. 212-213)

O gozo estético é somado a compreensão da morte como possibilidade própria expectador reconhecendo os “rapazes em idade militar” (ROSA, 1970, p.) que queriam fugir de seu “destino” da guerra obviamente por esse levar a morte. No entanto, o receptor deleita-se em experimentar como a juventude não consegue ver sua finitude a partir de si mesmo estando próxima do perigo da guerra explodir. A experiência estética anterior do público com *Nada de novo no front* abriu o ente humano para que ele pudesse interpretar sua finitude por meio da obra que o abriu para questionamento dos outros entes e de si mesmo. Dessa forma, o trecho rosiano mencionado acima revela um traço semelhante ao do romance de Remarque, pois as “estatísticas, globalmente dos nascimentos nas diversas partes do país”, são marcadas pela mais extrema possibilidade da existência humana, a morte. Nessa ótica o leitor compreende prazerosamente a guerra como uma atividade divina representada por Marte, assim o Deus romano aparece como uma forma de revelar aos homens a possibilidade mais radical que a existência insiste em fugir, a finitude.

Outra forma de prazer estético acontece quando o leitor identifica o discurso do narrador como uma forma de considerar pejorativamente a cultura clássica, pois, nessa recepção o expectador experimenta o efeito repulsivo do falatório cristão “demonizador” da cultura greco-romana (JAUSS, 1994, p. 31). Assim o intérprete deleita uma emoção anticristã, compreendendo como Marte não se configura pelo agouro denominado pelo cristianismo e como independentemente da guerra a morte não deixará de ser possibilidade da existência humana. Nessa perspectiva, o receptor abre um horizonte de expectativas em que se pode interpretar a guerra como consequência política, econômica, social e, assim por diante, de cada época, portanto, o evento de terror é ocasionado pelos homens e não por divindades da cultura pagã cujo discurso cristão deturpa.

Em “A senhora dos segredos”, *Frau Heelst* assume a representação das ciências exatas mais especificamente a Física (astrologia) e Matemática (cálculos e gráficos), porém, a personagem que consegue prever o futuro, não detecta a eclosão da guerra. Sob esse aspecto, se pode pensar em duas hipóteses interpretativas no horizonte da recepção: a primeira é que a ciência demonstra seu limite não sendo um meio infalível e inquestionável e a segunda é que a representante das ciências é tomada pelo otimismo cristão em relação à guerra. A recepção em discussão remete o leitor para uma quebra de expectativas, pois, ao rememorar a medicina que em *Nada de novo no front*, assume uma postura racional que para sua evolução o dogma cristão do amor ao próximo é deixado de lado para se fazer experimentos, na crônica rosiana a ciência é demonstrada como incapaz de se configurar como ela mesma se julga, ou seja,

absoluta. Isso acontece, porque em “A senhora dos segredos”, *Frau Heelst* é tomada pelo otimismo de não acreditar na guerra, portanto, o expectador goza diante da conduta contraditória da personagem que ora se respalda na Física e na Matemática ora na fé. Tal efeito permite ao expectador compreender que o comportamento de *Frau Heelst* se dá devido à proximidade entre o discurso da ciência que critica a religião por sua falta de racionalismo se conduzindo por Deus e pelo fato dela se considerar absoluta (ciência) sem se dar conta que isso é impossível sem se pensar em Deus.

Pode-se notar agora, que apesar de teorias como de Bauman, Hannah Arendt e Seligmann-Silva<sup>87</sup> serem aplicáveis em relação a *Nada de novo no front* e às crônicas de Guimarães Rosa, tais perspectivas apontam para aspectos éticos que não necessariamente devem estar presentes na experiência estética. Por essa via, a concepção ontológica de Heidegger, que não estabelece valoração para a conduta humana se articula com a perspectiva teórica de Jauss, em que uma leitura enviesada pela ética como imposição ao estético não é possível na experiência hermenêutica dialógica. Os textos do *corpus* nesse capítulo foram lidos sob a ótica da Hermenêutica e da Estética da Recepção se mostrando como a recepção prazerosa do terror não impede a interpretação do receptor e nem muito menos faz com que o elemento ético seja uma premissa indispensável. É agora necessário expor a recepção acerca do *corpus* para que se possa demonstrar a diferença crítica dessa tese por meio do contraste com os trabalhos feitos por autores que se dedicaram à leitura de Remarque e de Guimarães Rosa como narradores do terror.

---

<sup>87</sup> Deixa-se claro que esses três autores não aparecem efetivamente no capítulo, porém, há uma presença deles à distância como premissa no horizonte de expectativas do leitor.

## 6. RECEPÇÃO DO ROMANCE DE REMARQUE E DAS CRÔNICAS ROSIANAS DE GUERRA

Neste capítulo<sup>88</sup>, no que diz respeito a Remarque, o recorte<sup>89</sup> se deu em torno da eleição do artigo de Tilman Westphalen, “‘Cultura de mil anos’ e ‘rios de sangue’, Erich Maria Remarque: *Nada de novo no front*” [„Kultur von Jahrtausenden“ und „Ströme und Blut“ Erich Maria Remarque: *Im Westen nichts Neues*] presente na obra *Guerra inicia nas cabeças* [*Krieg beginnt in den Köpfen*] (2011) referente a conferência de Osnabrück em que vários autores discutem perspectivas sobre a guerra, é o texto eleito para se iniciar a recepção remarqueana. O segundo texto foi “*Nada de novo no front: uma investigação fenomenológica da guerra*” [*All Quiet n the Western Front: a phenomenological investigation of war*] (2004) de Joseph A. Tighe em que o autor discute a relação entre o romance remarqueano enquanto experiência fenomenológica da guerra. E o artigo “A contribuição de *Nada de novo no front* para nossa compreensão do trauma psicológico” [*The contribution of All Quiet on the Western Front to our understanding of psychological trauma*] (2004) de Nigel Hunt em que se mostra uma como a Literatura de guerra pode contribuir para os estudos psicológicos acerca do trauma.

Para poder lidar com a recepção crítica das crônicas de guerra de Guimarães Rosa, é necessário expor como os críticos fizeram uma recepção tardia. Se se considerar que essas obras críticas foram inicialmente produzidas somente três décadas após a publicação de *Ave, palavra*, coletânea que abrange as crônicas alemãs (“O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos”) do escritor mineiro. Em seu texto intitulado “O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em ‘O mau humor de Wotan’, de João Guimarães Rosa”, Santiago Sobrinho que, diferentemente de outros autores, classifica o texto rosiano como conto ao invés de crônica<sup>90</sup>. No entanto, isso não interfere na interpretação que se faz. A obra de Santiago Sobrinho discute especificamente “O mau humor de Wotan”,

---

<sup>88</sup> Neste momento da tese será exposta a recepção feita acerca do *corpora* do trabalho. Vale ressaltar que o objetivo agora é mostrar o posicionamento da fortuna crítica e não enfatizar a proposta da tese. A necessidade de se optar pela exposição crítica de forma objetiva é o fato de se apresentar o que se produziu sobre Remarque e Guimarães Rosa e contrastar-se com o que a tese propõe nos capítulos anteriores. Assim não se deve compreender como ambíguo tal momento do trabalho, mas como uma exposição imparcial direta.

<sup>89</sup> Sabe-se que há uma vasta bibliografia sobre o romancista alemão, no entanto, o recorte da tese se destina a textos cujas premissas (fenomenológica, psicológica e crítica literária sobre a guerra) estão presentes na proposta do trabalho.

<sup>90</sup> Não se discutirá o motivo do autor classificar o texto rosiano como conto, pois não está em questão neste trabalho a classificação por gênero. Porém, por motivos que demonstram um forte teor de realidade ficcionalizada de fatos históricos e em concordância com Jaime Ginzburg (“Guimarães Rosa e o terror total”) será mantida a denominação crônica para “O mau humor de Wotan”.

mostrando como dados da vida do escritor mineiro são ficcionalizados e como nesta obra da literatura surge como exemplo para o conceito sociológico de “inimigo objetivo”, formulado segundo a concepção de Hannah Arendt (1906-1975) (*Origens do totalitarismo*) [*The origins of totalitarianism*]. O texto “A palavra que (no) salva: João Guimarães Rosa e o Holocausto [La palabra que (no) salva: João Guimarães Rosa y el holocausto] (2007) de Florinda Goldberg (1943), visa discutir as crônicas de guerra do escritor mineiro levando em consideração a relação entre vida (período em que ele esteve como diplomata na Alemanha) e obra do autor (“O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos”). Partindo de um ponto relativamente limitado a autora argentina amarra a crítica literária do *corpora* rosiano a uma análise em que para Goldberg é indispensável a História pessoal de Guimarães Rosa.

#### 6.1. Recepção crítica de *Nada do novo no front*

Iniciando pela recepção de Remarque, Westphalen sustenta sua crítica em torno das relações que as frases “cultura de mil anos” e “rios de sangue” representam no romance remarqueano. Dessa forma, o crítico apresenta como primeira seção de seu texto “o encontro com Remarque em *Nada do novo no front* e suas consequências” (WESTPHALEN, 2011, p. 47) e estabelece uma relação com sua memória do final da Segunda Guerra Mundial em que mortes, angústia, temor, destruição de famílias e, assim por diante são as principais reminiscências que Westphalen carrega consigo sobre o contexto da guerra.

O autor expõe que no final do romance remarqueano o narrador assume uma postura que possibilita diferenciar o “eu-narrador” que viveu as consequências da toxicidade do gás, das trincheiras, dos bombardeios, entre outros, do “ele-narrador” que conta sua própria morte de forma serena. Nessa ótica, se demonstra não somente a capacidade de fuga da realidade da guerra, mas, também um recurso estético em que a narrativa se conclui de duas formas causando certa “duplicidade” a respeito do narrador. Para o autor, o romance de Remarque mostra uma espécie de “promessa” quando o narrador anuncia que as atrocidades causadas pelo combate com inimigo não aconteceriam mais, ou seja, a humanidade não presenciaria novamente uma guerra. Assim o texto literário para Westphalen, mostra um recurso persuasivo em que os próprios alemães incluindo o crítico acreditam que a Alemanha não voltaria a conduzir uma guerra e o povo não seria mais um Exército que precisa matar seu inimigo. O autor afirma de forma valorativa positiva a persuasão satisfatória, pacifista e não

política. Nesse aspecto, cultura e guerra são conciliáveis e o homem tem seu poder de escolha podendo optar por não ser um homem animalizado tomado pelo instinto de destruição. Westphalen coloca em questionamento a concepção do romancista alemão de que necessariamente o ser humano se animalizaria novamente já que a perspectiva era a de não se experimentar novamente a guerra.

Aqui já é possível compreender a “ingenuidade” de Remarque, pois a História contrariou a ficção mostrando para o escritor como os homens novamente se tornam animais com o contexto da Segunda Guerra Mundial. Em *Nada de novo no front* o cenário de guerra mostra como os homens se caracterizam como “máquinas de matar” e como animalizados, pois ao entrar na “zona onde começa a frente de batalha e já nos tornamos homens-animais” (REMARQUE, 2013, p. 51) Fica também em destaque no comportamento dos soldados o cumprimento do dever, pois, como consequência praticamente imediata o combatente “consciente” de suas obrigações, está preparado para morrer sem patologias psíquicas que poderiam afetar o militar durante o confronto, dessa maneira, os soldados estariam livres de “transtornos de estresse pós-traumático” [*Posttraumatischen Belastungsstörungen*] (Cf. WESTPHALEN, 2011, p. 51). A interpretação crítica do autor conduz para uma perspectiva em que os sobreviventes de guerra não afetam sua saúde psíquica podendo sair do combate como indivíduos que executaram as tarefas que lhe foram devidamente incumbidas.

A análise do artigo voltado para Remarque mostra uma diferença política entre o contexto das duas primeiras guerras mundiais e das outras posteriores. Isso acontece devida o surgimento de organizações políticas de Paz como a ONU, ou seja, após a criação de tal medida os Estados passaram a moldar seu discurso como políticas de paz mesmo que para promover a harmonia fosse necessária a guerra. No caso específico da Alemanha, Westphalen cita o ex-chanceler Willy Brandt, ganhador do Nobel da paz em 1971. O crítico de forma bem sucinta como o político alemão relaciona sua opinião sobre a guerra relacionada com *A paz perpetua* de Immanuel Kant, no entanto, o autor do artigo não desenvolve a ideia a resumindo apenas como para Brandt sustenta no filósofo alemão, reconhece a guerra como uma atividade irracional. Outro apontamento de Westphalen é para a recepção que se desenvolveu na cidade de Osnabruque onde nasceu Erich Remarque. Novamente de forma resumida o autor mostra como trabalhos dos mais variados temas como pacifismo, Remarque e a humanidade, o heroísmo, entre outros, são produzidos acerca da obra do romancista alemão. Tal fenômeno pode ser considerado como uma cultura crítica da obra remarqueana.

Pode-se compreender que o romancista alemão ao narrar em *Nada de novo no front* cenas de sofrimentos devido à saúde de seus amigos e a sua não se pode entender tal característica como uma posição contra a guerra. O crítico de Remarque mostra como a doença de Paul e sua internação no hospital de guerra são fatos relacionáveis com a biografia do romancista, mais especificamente da juventude do autor que experimentou como soldado a Primeira Guerra Mundial. Sob essa ótica Westphalen aponta no diário de Remarque como o escritor alemão após um testemunho fatalista<sup>91</sup> o literato assume a partir de sua experiência com a guerra, uma postura contrária ao confronto sem se dar conta de seus valores pessoais “impressos” em sua obra. Assim, Westphalen sustentado no diário de Remarque, expõe que *Nada de novo no front* é um romance antiguerra.

O autor do artigo sobre Remarque, ao elaborar relações entre vida e obra, mostra como apesar da experiência do escritor alemão com a escola católica durante a infância o romancista não foi um ativista pacifista. Isso, no entanto, não impede que o romance da Primeira Guerra Mundial seja interpretado como pacifista e tal aspecto surge pela capacidade de contrair a guerra narrando fatos como corpos despedaçados, cidades destruídas, fome e, assim por diante. Nesse elo interpretativo relacionando vida e obra Westphalen concebe que Remarque deixa de lado sua “ingenuidade” não política narrada em *Nada de novo no front* ao assumir uma conduta politizada contra o Nazismo e a calamidade que Alemanha passava durante o governo de Hitler. Dessa forma, o crítico aborda a transformação do cenário político alemão configurado de maneira oposta ao da Primeira Guerra Mundial isso explica pela sistematização do Holocausto e em seguida pela Guerra Fria como se pairasse no ar a constante ameaça de uma nova guerra mundial.

Segundo Westphalen, só em 1954 com a publicação de *Tempo para Viver, tempo para Morrer* que Remarque lança o conceito de militante pacifista. Para o leitor a intensão do romancista era a de despertar em seus leitores expectativas antiguerra de forma que isso se tornasse uma cultura. Embora o autor não expresse diretamente a noção de militante pacifista é possível entender que o conceito se caracteriza como uma forma de “evolução cultural” que atuaria de maneira oposta e cultura de guerra que marcou a História da Alemanha (as duas grandes guerras mundiais)<sup>92</sup>.

O autor demonstra que para o romancista alemão o sentido da guerra é a morte e não a

---

<sup>91</sup> A concepção do autor se restringe ao sentido cotidiano do termo, pois, não aplica noções psicanalíticas como trauma, choque, histeria etc. e nem conceitos filosóficos como pobreza de experiência de guerra e incapacidade de narrar o terror vivenciado.

<sup>92</sup> Não se desenvolverá a concepção de Remarque sobre *Tempo para Viver, tempo para Morrer*, pois o objetivo da tese é a recepção de *Nada de novo no front*.

sobrevivência. Isso se aplica tanto para as formas mais comuns de guerra entre nações quanto para as de caráter religioso. É necessário compreender que a guerra religiosa travada pelos muçulmanos, possui características específicas como o “sacrifício” em nome de Deus sendo, dessa maneira, diferente da perspectiva de morte em que o combatente não quer morrer ou morre em prol da política. Remarque se mostra contrário tanto para guerra tradicional quanto para a religiosa já que embora os objetivos sejam diferentes as consequências em muitas das vezes se equivalem em aspectos de morte e destruição. Pensando-se na guerra do Iraque iniciada no Afeganistão por George W. Bush, de um lado se tem o interesse norte americano voltado para as políticas de dominação, controle de comércio, influência cultural, entre outros e de outro o Islã que busca a soberania de sua religião, lutando em nome de Alah. Para Westphalen a posição de Remarque em *Nada de novo no front*, é oposta a ambos os lados tanto americano quanto muçulmano já que sua opinião se constitui contrária à guerra, nesse sentido, os objetivos que cada lado do confronto sustenta para se “digladiarem” não importam, pois o que está em questão é a banalização da vida e a violência contra os homens.

É notório como para Westphalen, a obra de Remarque mantém elos com sua biografia, no entanto, o crítico expõe tal posicionamento de forma imparcial reconhecendo que não é de suma importância conhecer a vida do autor para se entender sua obra. “Rios de sangue” e “cultura de mil anos” que não pode evitar a morte em grande escala são dois aspectos que o romancista alemão repulsou tanto em vida quanto em texto literário. O vínculo entre vida e ficção de Remarque, demonstra como tanto *Nada de novo no front* quanto o homem Remarque são contrários à guerra devido a suas consequências sem importar os motivos ideológicos que sustentam o confronto como política, religião, cultura, economia e assim por diante, pois o resultado inevitavelmente será morte e destruição.

Entrando-se no artigo “*Nada de novo no front: uma investigação fenomenológica da guerra*” [*All Quiet n the Western Front: a phenomenological investigation of war*] (2004) de Joseph A. Tighe, é um texto que procura uma via interpretativa diferenciada da recepção crítica comumente feita que segundo o autor consiste em duas visões: sendo uma empírica (em que a explanação do romance de Remarque se volta para sua estrutura e forma) e outra intelectualista que procura uma maneira de definir universalmente a guerra. Trilhando por outro caminho, Tighe propõe uma investigação de *Nada de novo no front*, sustentando uma percepção do mundo pelos nossos corpos e dos corpos assumindo o mundo. Assim a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty é fundamental para que o crítico demonstre o movimento de transcendência como experiência no mundo, assim

O cemitério é um campo de ruínas. Caixões e cadáveres estão espalhados por toda a parte. É como se tivessem sido mortos novamente, mas cada um dos que foram feitos em pedaços salvou a vida de um de nós. (REMARQUE, 2013, p. 61)

Concebe-se que para o crítico respaldado no filósofo francês, a experiência fenomenológica ocorre no mundo como um espaço compartilhado, dessa forma, a experiência por meio do próprio corpo se caracteriza como uma relação sensorial em que quando se toca algo isso também nos toca e ao ver-se um objeto a experiência sensível revela o limite do corpo, pois o ente não pode ser visto em todas suas dimensões. Essa relação mundana se configura fisicamente como percepção de algo que se mostra por si mesmo no mundo. Nessa ótica, a palavra não é simplesmente um símbolo arbitrário, mas um facto em que as coisas são manifestadas linguisticamente em si mesmas, assim a linguagem pode plasmar a realidade. Logo, ao se ouvir o ler uma palavra (discurso) o homem demonstra sua capacidade de refletir no outro. Tighe explica que a Filosofia da vida para Merleau-Ponty, caracteriza-se como se vive, ou seja, uma participação no mundo por meio do corpo ao qual sempre se encontra em si mesma. Isso caracteriza um aspecto transcendental que antecede até mesmo o pensamento, dessa forma, o crítico posiciona-se contra a ideologia empírica que admite:

Remarque escreve *Nada de novo no front* como o símbolo (representação) de sua experiência de guerra e o escritor usa símbolos linguísticos (palavras) que permitem ao leitor compreender a História de Remarque. Nessa ótica a experiência de Remarque é transferida ao leitor. (TIGHE, 2004, p. 51) <sup>93</sup>  
[tradução nossa]

Portanto, Tighe compreende que para o filósofo francês a linguagem em si mesma é dotada de significado, um significado que se percebe (como leitor) que se percebe em si mesmo pela participação na linguagem, ou seja, na linguagem do autor. Nessa perspectiva, a linguagem é mais do que representação e não se pode transferir para o leitor a experiência do romance por meio da leitura, mas se pode por meio de seu próprio corpo experimentar os significados da linguagem no romance de forma compartilha e não transferida para o receptor. O crítico remarqueano contraria a concepção intelectualista devido à mesma compreender o romance alemão como uma obra de características universais como se cada texto literário não

---

<sup>93</sup> Em inglês: Remarque writes *All Quiet*, which is the symbol (representation) of his experience of war, and Remarque's use of linguistic symbols (words) enable the reader to comprehend Remarque's story. In this way, Remarque's experience is 'transferred' to the reader. (TIGHE, 2004, p. 51)

carregasse consigo sua própria “forma”. Opondo-se ao intelectualismo, a Filosofia de Merleau-Ponty concebe que a experiência ontológica é de cada existência de forma subjetiva múltipla, no entanto, o mundo não como Ser puro, mas como caminho para varias experiência se entrecruzarem, é onde acontece a subjetividade e a intersubjetividade seja enquanto à experiência passada encontra sua unidade na do presente ou a de outras pessoas com a minha própria vivencia.

O significado é não-universal e não é completamente acessível, pois, a experiência é ambígua e o sentido para uma pessoa é sempre também para as outras. A inacessibilidade do significado se dá devido à sua temporalidade em que pode o tornar mais determinado num momento posterior. Assim a vivencia de uma pessoa não é a de outro como se pudesse ser experimentada pelo outro, mas uma relação em que para as pessoas o sentido pode ser compreendido. Tighe entende que para o filósofo francês é por meio da linguagem que se compreende o sentido, assim se pode conceber *Nada de novo no front* como um romance além de um mero transmissor da ideologia alemã do início século XX. A Filosofia da linguagem de Merleau-Ponty enquanto hermenêutica interpretativa é capaz de lidar com as ambiguidades referentes a qualquer interpretação como no caso da nossa experiência e a de Paul no romance alemão. Dessa forma, a obra de Remarque não é simplesmente uma “leitura”, mas um evento de caráter participativo. Isso explica a ausência de identificação entre leitor e personagem e configura a intersubjetividade entre à vivencia pessoal e a do personagem.

A visão do crítico remarqueano concorda com a do fenomenólogo francês em que o romance é configurado como um ser cuja expressão é indistinta do expressado. O significado do romance não é compreendido por um sistema de representações e nem é constituído pelo leitor, no entanto, ele é motivado pelo sentido da experiência. Nessa ótica, a teoria da linguagem não permite a participação do leitor na História da obra literária. “O romance compreende seu próprio movimento de transcendência - a realização Paul de do significado da guerra - e este movimento torna-se parte de nós próprios como leitores e seres-no-mundo.” (TIGHE, 2004, p. 55) <sup>94</sup> [tradução nossa] Por meio da linguagem o leitor permite completar um sistema em que ele e a narrativa do Paul fazem parte, assim se pode perceber a experiência de guerra do personagem e “nós nos permitimos participar da verdade que Paul

---

<sup>94</sup> Em inglês: “The novel comprises its own movement of transcendence — Paul’s realization of the significance of war — and this movement becomes part of our own as readers and beings-in-the-world.” (TIGHE, 2004, p. 55)

descobre por meio de sua percepção da guerra.” (TIGHE, 2004, p. 55) <sup>95</sup> [tradução nossa] A terra não é para Paul, simplesmente um refúgio para resguardar a vida ameaçada pelo inimigo, pois a percepção do personagem vê a terra como o mundo em si mesmo dando força a vida como base da existência. Nessa perspectiva, o romance alemão sai dos moldes tradicionais da relação sujeito e objeto e concebe-se por meio do personagem uma existência compartilhada enquanto ser-no-mundo sendo que esse é compreendido como parte do “horizonte do mundo”. Esta vivência mostra uma nova compreensão do mundo, ou seja, uma compreensão da guerra como uma inerente ameaça.

Utilizando-se da Filosofia da linguagem de Merleau-Ponty nós permitimos “viver” a experiência da guerra a vivenciando por meio da História de Paul, portanto, **nós** permitimos compreender a guerra em si enquanto tal como uma ameaça para nossa mais básica segurança no mundo. (TIGHE, 2004, p. 56) <sup>96</sup> [tradução nossa]

Outro aspecto destacado pelo crítico é a percepção da morte via intersubjetividade entre o narrador e o soldado inimigo francês. Paul descreve o assassinato do soldado oponente como uma experiência corporal, pois, compreende o corpo do francês por meio de seu próprio corpo, assim a experiência de realização da própria morte por meio da percepção da finitude do soldado inimigo é um alcance intersubjetivo. O assassinato do militar francês, causado pelo narrador é um meio de percepção da própria morte de Paul concebida pela participação, ou melhor, ação de extermínio do inimigo. Entre a relação fenomenal corpórea em si mesmo no narrador e como ele vê o outro (o corpo do outro) fora de si há uma relação interna em que esse outro aparece como realização de um sistema fenomenológico. A existência primordial entre o ser do “eu” e o do outro está vinculada a capacidade de reconhecer como a morte do soldado provocada por Paul, é uma ameaça para ele mesmo, dessa forma, nota-se o sistema concomitante do mundo entre o Ser de Paul, o Ser do soldado francês e o Ser do mundo.

Pode-se perceber *Nada de novo no front* como uma experiência corpórea da guerra em que cada pessoa pode ler de forma que a percepção esteja incorporada em seu próprio movimento transcendental. Isso caracteriza o movimento de transcendência da vida, ou seja, “o envolvimento da história de Paul dentro de outra e dentro da nossa como leitor da história

---

<sup>95</sup> Em inglês: “we allow ourselves to partake of the truth that Paul discovers through his perception of war.” (TIGHE, 2004, p. 55)

<sup>96</sup> Em inglês: Utilizing Merleau-Ponty’s philosophy of language, we may ‘live’ the experience of war by living it through Paul’s story; thereby, we may come to understand war itself as a threat to our most basic hold on the world. (TIGHE, 2004, p. 56)

dele” (TIGHE, 2004, p. 60) <sup>97</sup> [tradução nossa]. O crítico explica que a História do narrador é a consumação do terror da guerra que se configura por uma estética ambígua em que a experiência bélica é horrivelmente bela. Tighe mostra que não há teorias capazes de permitir ao homem a liberdade de extinguir o possível futuro da guerra, assim o autor utiliza o pensamento do filósofo francês (a fenomenologia como hermenêutica interpretativa) por permitir a percepção do mundo e o acesso à verdade.

Pensando-se em outra ótica o texto “A contribuição de *Nada de novo no front* para nossa compreensão do trauma psicológico” [The contribution of *All Quiet on the Western Front* to our understanding of psychological trauma] (2004) de Nigel Hunt, mostra um estudo enviesado pela Psicologia. O psicólogo ao usar o termo tragédia (baseado no senso comum), fundamentado em Tedeschi mostra como os indivíduos traumatizados podem obter ganhos com o conhecimento adquirido após um evento de terror. Nessa visão, para se evitar o desespero, o sobrevivente traumatizado deve processar com “sucesso” suas lembranças de forma que reconheça o sentido de seu sofrimento. A questão não reverter o indivíduo a um estado anterior, mas, mostrar para o traumatizado que as coisas se alteram constantemente e saber lidar com isso é uma experiência de aprendizagem da vida. Hunt sustenta baseado nos veteranos de guerra que eles passam a ter outra “visão” da vida, valorizando a simplicidade, os relacionamentos, o valor aos outros indivíduos e, assim por diante, no entanto, antes da experiência com o terror essa concepção não fazia parte da conduta dos sobreviventes, assim

*Nada de novo no front* é examinado nos termos da experiência do personagem principal, Paul Bäumer e seus camaradas ao demonstrar a relação entre compreensão psicológica e Literatura ficcional e como tal teoria psicológica pode ser avançada usando tal Literatura como dado psicológico. (HUNT, 2004, p. 490) <sup>98</sup> [tradução nossa]

Hunt admite que o leitor não pode compreender em na totalidade o que o soldado sobrevivente experimentou na guerra, porém, as palavras não conseguem expressar o terror vivenciado. Dessa forma, é impossível expressar a realidade traumática como corpos despedaçados, cobaias em hospitais, fome e, assim por diante. O crítico afirma que Remarque, em sua licença para casa, descreve pessoas que não passaram pela guerra e que não sabem o

---

<sup>97</sup> Em inglês: The envelopment of Paul's story within another's story and within our own story as readers of his story. (TIGHE, 2004, p. 60)

<sup>98</sup> Em inglês: “Western Front is examined in terms of the experiences of the main character, Paul Bäumer [*sic*], and his comrades, to demonstrate the relationship between psychological understanding and fictional literature, and how such psychological theory can be advanced using such literature as psychological data.” (HUNT, 2004, p. 490)

que é isso, nessa ótica, é como se o romancista alemão disse que ele pode narrar o que experimentou, porém, somente o narrador sabe o que sentiu e sente. Percebe-se que o entendimento é parcial devido aos recursos limitados da linguagem. A memória traumática assume relevância na medida em que por meio de sua análise se pode conceber como os sobreviventes respondem ao evento de terror. Hunt configura *Nada de novo no front* como um romance referente à memória traumática de Paul e seus companheiros. A obra demonstra uma escrita enfática no presente, pois o narrador e seus amigos não voltam seu olhar para o passado, assim “eles estão vivendo por meio da experiência traumática da guerra.” (HUNT, 2004, p. 490)<sup>99</sup> [tradução nossa]

Pode-se notar que os soldados sobreviventes passam por dificuldade quando lembram o lapso temporal em que nesse período estiveram na guerra. Isso acontece, porque não se pode isentar da memória as atrocidades vividas durante o evento de terror, nesse sentido, surge a barreira em planejar o futuro como se outra realidade que não fosse a do campo de batalha seria inconcebível. Assim, os militares reconhecem o perigo de serem “tomados” pela memória, pois a reminiscência das cenas traumáticas é a lembrança do terror experimentado como se o sobrevivente estivesse presenciando novamente o trauma. Logo a memória de outros tempos torna a vida difícil ou impossível de ser tocada na medida em que a possibilidade de olhar para o passado e explorar o futuro torna-se uma habilidade afetada no sobrevivente.

Em *Nada de novo no front* a memória do passado pode apenas indicar para o futuro se o combatente poderá sobreviver ou não. Nessa perspectiva, o homem não pode se configurar como efetivamente um soldado que supera o medo diante do perigo e o medo da morte se tornam predominantes. Hunt mostra por meio do romance alemão que situações extremas como a dos militares entrancheirados é uma condição capaz de se levar a crer que Paul e seus amigos não pensam no passado e no futuro. Assim o narrador e seus companheiros não pensam nas implicações causadas pelos anos de combate, pois, nessa ótica, os militares são reduzidos a acumamento resultante da única atividade que poderia ser realizada por eles, matar. Para o crítico esse argumento é suficiente para se afirmar que Remarque se mostra preocupado com a incapacidade dos sobreviventes de guerra fazerem qualquer coisa no futuro.

A transição da vida da infância e da adolescência para a fase adulta é destruída pela guerra. Isso reflete a dificuldade de adaptação dos sobreviventes e mostra a importância do

---

<sup>99</sup> Em inglês: “they are living through the traumatic experience of war.” (HUNT, 2004, p. 490)

tema das gerações destruídas pela guerra. Tanto a criança quanto o adolescente são levados a agirem como adultos durante o confronto. O crítico fundamentado em Erik H. Erikson expõe que essa condição de eliminação da transição das fases de idade mencionadas, provoca um imenso efeito sobre a habilitação dos que viveram o evento de terror. O que seria então essa implicação? A incapacidade de reconstruir o que foi destruído no campo de batalha (infância, adolescência, adulto, entre outros) o trauma causa, dessa maneira, um efeito pessimista em que a guerra tira das pessoas algo que não pode ser devolvido, pois,

Seus rostos mortos, púberes, afilados têm a terrível inexpressividade das crianças mortas.

Sente-se um nó na garganta ao ver como saltam, correm e caem. Tenho vontade de bater neles porque são tão bobos, mas, ao mesmo tempo, gostaria de pegá-los no colo e lavá-los para longe daqui: este não é o seu lugar. Vestem suas túnicas, calças e botas cinzentas, mas, para maioria, a farda é larga demais, flutuando-lhes ao redor dos membros; os ombros demasiado estreitos, os corpos demasiados pequenos. Não havia uniformes feitos para estas medidas de criança. (REMARQUE, 2013, p. 106)

Segundo Hunt o enfrentamento [*coping*] da realidade da guerra é uma característica em que Paul e seus companheiros mostram sua atitude de espera diante do bombardeio como se fosse “cair do céu um escudo que os protegesse”. Isso configura uma habilidade dos soldados de não pensar no perigo que suas vidas correm na guerra. O narrador revela uma estratégia de evitar pensar em seus amigos mortos em campo de batalha, pois, tal fato compromete o exercício da função como militar, assim a percepção do outro como humano evita que o homem cumpra efetivamente seu dever de soldado e por um momento ele resolve não ceifar a vida do inimigo, pois se iguala a ele como humano. Em Paul, o trauma se manifesta como remorso por ter matado o militar francês, no entanto, é a desumanização que afeta o narrador que aceita a “naturalidade” de matar, destruir famílias, conceber unicamente os instrumentos de guerra como necessários, entre outros.

O autor parte da ficção para lidar com o trauma Nigel Hunt quer compreender a patologia do narrador, por isso, não dá ênfase para a estética do texto. E outras palavras, o objetivo do crítico é compreender Remarque como autor afetado pelo trauma adquirido durante a guerra. Assim a Psicologia trabalha com dados ficcionalizados para lidar com as doenças adquiridas durante eventos de terror. Percebe-se que embora se possa utilizar o texto de Hunt para trabalhar a Literatura ele não é propriamente um trabalho crítico literário, nesse sentido, a estética da arte da palavra reinventada assume a função de “Histórias sobre aspectos

do mundo sob a perspectiva do autor.” (HUNT, 2004, p. 493)<sup>100</sup> [tradução nossa]. O crítico reconhece que, para sua área, a Literatura não pode substituir a análise científica, no entanto, ela pode contribuir para os estudos sobre o trauma de guerra.

## 6.2. Recepção crítica das crônicas de guerra de Guimarães Rosa

Santiago Sobrinho inicia o texto lidando com elementos biográficos que mostram como Guimarães Rosa como diplomata na Alemanha entre os anos de 1938-1942, experimenta como cidadão estrangeiro o impacto da guerra e do regime nazista. O crítico brasileiro mostra sustentado em Ana Luiza Costa (“Veredas de viator”), como o cronista mineiro registra, com uma linguagem poética, o confronto aéreo entre aviões alemães e ingleses que provocam sons assustadores. A batalha aérea, descrita pelo escritor brasileiro, acontece em um céu espelhado como água que é “agredido” por bombardeios como socos de punhos gigantes. Na explicação do crítico brasileiro, tem-se um episódio da vida de Guimarães Rosa na Alemanha, que reaparecerá ficcionalizado em “O mau humor de Wotan” onde a *Luftwaffe* [Força aérea alemã] se destruía diante do poder de resistência inglesa comparada na crônica a uma bigorna.

A crônica rosiana, ao expor a relação entre o narrador e seu casal de amigos, Hans-Helmut Heubel e Márion Madsen, trata de laços familiares que são afetados pela guerra. Neste contexto, Santiago Sobrinho afirma que Heubel é descrito no início da crônica como um cidadão alemão que não se enquadra no perfil nazista. Pois, no começo da crônica de guerra, o amigo do narrador lê a Cabala (livro místico de origem judaica) ou a Bíblia, livro sagrado do Cristianismo, que prega, como uma de suas doutrinas mais conhecidas, o amor ao próximo. Seja pela aproximação ao Judaísmo ou ao Cristianismo, é notório como o personagem rosiano assume posições totalmente divergentes da ideologia antissemita e autoritária do Nazismo, que provocou a Segunda Guerra Mundial, e mostrou-se efetivamente despreocupada com o bem do próximo.

Fatos históricos como a invasão da Tchecoslováquia que, durante a Segunda Guerra Mundial, vê-se cercada pela anexação austríaca nazista são referidos no texto. Em consenso entre a França e a Inglaterra, são cedidas para Hitler, pacificamente, partes da Tchecoslováquia, para que se evite, neste momento, a possibilidade de a Inglaterra se

---

<sup>100</sup> Em inglês: “they are stories about aspects of the world from the perspective of the writer.” (HUNT, 2004, p. 493)

confrontar com a Alemanha. Na crônica de guerra, o narrador descreve como, na Alemanha, se falava com ira da perda do território da Tchecoslováquia. Esse autoritarismo de Hitler, ansioso por dominação que, segundo Santiago Sobrinho, respaldado em Eric Hobsbawm na obra *Era dos extremos*, resultou no Acordo de Munique em que fatias do território almejado pelo líder do Nazismo lhe foram cedidas. O episódio histórico aparece em “O mau humor de Wotan”, sem distorcer o que há de fundamental na História, o desejo do líder nazista de conquista europeia. A narrativa é conduzida pelo contraste entre a beleza da natureza, flores dos castanheiros e os morangos maduros juntos a beleza da música de Wagner Strauss. Os jovens se distraíam tomando sovertes e remando, enquanto a realidade totalitária do regime alemão se impõe.

O artigo do crítico brasileiro comprova como Márion quer engravidar, não por um engajamento legitimamente nazista de reconhecer, em Hitler, um líder sem tempo para o amor, por se dedicar exclusivamente à política, mas, por prevenção ao terror que possa cair sobre ela ou alguém por quem tem afeto. Isso é verificado quando a personagem rosiana tenta, por medida de cautela convencer Hans-Helmut a fazer a saudação nazista de maneira mais enfática e acaba por não conseguir persuadir o cônjuge ideologicamente e até adere à filosofia de vida do esposo. Essa aparente adesão de Márion é afirmada quando o tormento da guerra passa a ser possibilidade de extermínio de Heubel e a personagem feminina clama pelo final da Segunda Guerra Mundial, porém, distante da Polícia Secreta do Estado, Gestapo.<sup>101</sup> O desejo pelo fim da guerra e o cuidado para que sua vontade não seja ouvida pela polícia nazista que reprimia qualquer forma de comportamento não compatível com o Nacional Socialismo, revela a cautela de preservação de sua integridade física e de seu ente querido.

Santiago Sobrinho mostra como a política nazista assumiu como uma postura violadora da vida concebendo, desse modo, uma banalização que era capaz de reduzir homens a apenas um contingente. Isso aconteceu, porque, para o estado nazista, que estava passando por uma política de guerra e por um autoritarismo já enraizado na ideologia do partido alemão, desprezava os direitos civis. Sob esta ótica, Hans-Helmut, que era um cidadão sem caráter bélico, que apreciava uma leitura de origem semita ou cristã e que, acima de tudo, não era dotado de um porte físico que atendesse os interesses do exército alemão, se configura segundo o autor do artigo fundamentado em Hannah Arendt como o inimigo objetivo. O crítico brasileiro apoia-se na pensadora alemã para clarificar o conceito de inimigo objetivo,

---

<sup>101</sup> Esta mesma interpretação que diz respeito à aparente adesão de Márion ao Nazismo aparece também na crítica de Jaime Ginzburg em “Guimarães Rosa e o terror total”, no entanto, quando for mostrada a recepção crítica deste texto não se tocará novamente sobre este aspecto da personagem rosiana. Porque já se percebeu este elemento como identificável na recepção crítica.

definido pela política do Estado, porém não como um subversivo que deseja destruir o sistema. Portanto, este inimigo não carrega uma ideologia que ameasse o Estado nem sua história justifica uma provável suspeita. Logo, ele é um detentor de tendências que são como uma doença que carrega consigo.

É sobre esse clima de guerra em que Guimarães Rosa é capaz de ver a alegria que surge entre ele e seu casal de amigos, que o crítico brasileiro lança uma visão benjaminiana. Sob essa ótica, Santiago Sobrinho mostra como a crônica rosiana oferece uma imagem em que os soldados voltam silenciados em relação ao terror da guerra. Segundo o autor do artigo, isso exemplifica a concepção benjaminiana que trata da pobreza de experiência dos soldados que retornavam da batalha, pois havia entre eles uma pobreza de experiência comunicativa sobre o que foi vivenciado no campo de batalha. Um exemplo oposto a esse e que obviamente não serve para explorar a pobreza de experiência é o caso de Márion, que tem uma rica experiência comunicável visível, em suas lembranças do amado que se fez ausente durante as convocações para guerra. As experiências comunicáveis de Márion, por exatamente não ter vivenciado os horrores do campo de batalha, não são soterradas como as dos sobreviventes da guerra.

Por causa da postura de inocência do casal da crônica rosiana, o autor do artigo compara os personagens. Márion, apesar de prudente diante do Nazismo, e Hans-Helmut ao conto *João e Maria* [*Hänsel und Gretel*] dos irmãos Grimm que transitam pela floresta, sem perceber o perigo que os rodeiam. Assim é o casal criado por Guimarães Rosa, ela casa-se com Heubel e acredita no retorno ileso do cônjuge; ele absorve a cultura francesa do vinho e do idioma durante sua primeira convocação para a guerra. A postura dos personagens aparece de uma forma em que a realidade da catastrófica e de um regime autoritário não os faz refletir sobre o perigo iminente da guerra, que poderia não somente fazer sucumbir um dos personagens, mas exterminar toda a sua família, inclusive seu filho. É como se o casal estivesse alheio àquele contexto de realidade terrível.

O clima político percorre o texto rosiano a ponto de provocar um embate ideológico em que, de um lado, se tem o narrador e *Frau Madsen*, adeptos da oposição inglesa, representado pelo apoio ao discurso de Churchill (primeiro-ministro da Inglaterra) (1874-1965), de outro, se tem Márion e Heubel que tendiam a Hitler. Nestes tempos de tensão, a sorte de Hans-Helmut, em sua primeira convocação, o tira da frente de batalha e o coloca como datilógrafo e chofer. É sob essa perspectiva que Santiago Sobrinho destaca um dos diálogos entre a mitologia nórdica e “O mau humor de Wotan”, pois mostra como o ente

mitológico Norna, controladora da sorte, atua sobre Heubel. Veja-se este trecho da crônica:

Quem irá, porém, esmiuçar o grão primigerador, no âmago de montanha, ou o nó causal num recruzar-se de fios, dos milhões desses que fiam as Nornas?/ Porque todo minuto poderia ser uma origem. (ROSA, 1970, p. 5)

Acerca dessa citação, o crítico brasileiro relata que quando a esposa de Hans-Helmut conheceu a esposa do Capitão K., se daria o “minuto origem”, pois:

Configura-se, possivelmente, o “minuto origem”, “nó causal” ou “grão primigerador”, início da ruína de Hans. Primigerador traz consigo a junção de primeiro+gerar+dor. Espécie de resumo dos acontecimentos que recairão sobre Hans. (SANTIAGO SOBRINHO, 2009, p. 141)

O retorno de Heubel à sua divisão confirma como ele se constitui como um inimigo objetivo, pois a política do Estado alemão defendia uma valorização de sua cultura e o personagem rosiano retorna da chamada ao Exército com hábitos da cultura francesa. Dessa forma, ele se acultura e mostra-se como um portador de tendências, cujo estado não definiria como de acordo com a política do governo. Este é o discurso que Santiago Sobrinho, amparado em Hannah Arendt, observa em “O mau humor de Wotan”. Isso se comprova quando se percebe o adicionamento de expressões francesas no vocabulário de Heubel, com o apreciar de bebidas alcoólicas como conhaque e vinho reconhecendo como uma arte da cultura francesa. Nota-se também que o personagem nega os fatos da guerra, pois, mesmo não estando na condição de combatente, ele provavelmente, ao passar com a tropa pela frente de batalha, teria avistado vidas sucumbidas. No entanto, repulsa o terror, afirmando ter visto somente animais mortos, cavalos e cachorros.

A concepção de Hans-Helmut, oposta à do narrador, que é contra o partido de Hitler, não revela no personagem um apoio ao autoritarismo. Mas, somente configura sua posição de cidadão alemão que reconhece o terror nazista, no entanto, não quer ver seu país derrotado. Essa explicação é compreensível pelo fato de consequências prejudiciais como indenização de guerra, perda de territórios, falta de capital etc. serem impostas a países derrotados. Aí se torna justificável a presença do discurso nacional socialista do chanceler Goebbels fazer parte da fala política de Heubel. Tal discurso é negado por Guimarães Rosa que compara o chanceler alemão ao Deus nórdico do fogo, Logge, um incentivador cujo intelecto é desumano e sem vida, “miasmático”. A referência utilizada pelo escritor mineiro quando compara Goebbels a Logge é a ópera de Richard Wagner *O anel dos Nibelungos* [*Der Ring*

*des Nibelungen*]. Sabe-se disso, porque, a narrativa medieval (canção dos Nibelungos) não tem prólogo e a ópera sim. Todavia, este dado não é citado pelo autor da crítica.

Os acontecimentos da guerra fluem com bombardeios pelos ares, Heubel é chamado novamente, no entanto, o narrador tem dúvida se seu amigo ainda está estabelecendo os cargos de chofer e datilógrafo, e o filho de Márion nasce. Sem saber, ao certo, para onde o pai da criança nascida foi destacado e mantendo contato por meio de cartas com Márion e o narrador, Heubel é “ocultado” pela guerra. Guimarães Rosa evoca o antigo mundo grego clamando por Heráclito e Sófocles, Himeto e Parnasso. Esta é uma maneira do narrador se opor ao bombardeio lançado em Belgrado. A evocação da Filosofia e da Arte surge como meios de contraste à barbárie estabelecida na guerra. No entanto, apoiado no pensador Umberto Galimberti (*Psique e techne*), Santiago Sobrinho expõe que a irracionalidade surge por meio de um racionalismo estabelecido pelo partido alemão altamente organizado, pois a execução de um trabalho de exterminar pode ser considerada a semente do surgimento da técnica. Nesta impera o racionalismo e mesmo sem a imposição de regimes autoritários, o fato de não se enquadrar nesta dinâmica pode resultar em uma irresponsabilidade individual. Fica evidente como a plasticidade da crônica rosiana pode refletir consequências que reverberam até agora no homem.

No fato de receber correspondências, o crítico brasileiro observa que há um tom melancólico nas descrições feitas por Heubel nas cartas à Márion, pois, o constante avanço da tropa do personagem em condições precárias, seja debaixo de chuva, em plantações de trigo e na lama, é interpretado como uma forma de recusa a todo aquele tormento que a guerra impõe. Talvez todas essas consequências pudessem ser evitadas se o racionalismo do Capitão K. não se sobrepusesse em relação à amizade. Provavelmente, a segunda convocação de Hans-Helmut se deu devido à falta de importância que ele dava à guerra quando relatou, no jantar com a família do Capitão K., um resumo de nenhuma experiência da guerra. Tal conduta do personagem provocou rancor no conservadorismo nazista do Dr. Schwartz, pai de Annelise que apreciava ouvir as façanhas de guerra do genro. Quando Heubel foi transferido para o comando do Capitão K., este como seu superior evidencia o racionalismo da técnica do nazismo, deixando claro a Hans-Helmut que nem uma relação de amizade influenciaria nas suas decisões. Nesse caso, simplesmente o enquadramento de cumprir o que o partido exigia de forma racional era fundamental.

Como um soldado sem preparação militar, Hans-Helmut é incluído no Exército alemão. Porém: “o que oprimia Hans-Helmut: não o medo, o risco, ânsia de livrar-se. Só

horror enorme à maldade... Assim puderam matá-lo — primeiro” (ROSA, 1970, p. 12). Assim Santiago Sobrinho propõe que destruíram, no personagem, a possibilidade de não ver o terror. O Nazismo aparece no texto rosiano como uma forma de atrocidade tão intensa que pode fazer com que suas vítimas possam ser também os membros do partido e, mais ainda, tirar a capacidade de fuga ilusória daquela realidade brutal. Márion diz que o fato ocorrido com seu esposo foi início da sua morte deste, o que depois viria a se concretizar como óbito, quando a esposa recebeu a cruz-de-ferro, símbolo da falência do homem. Fica atestado, dessa forma, o padecimento imposto pelo Nacional-Socialismo a ponto de tornar longo um processo de sofrimento que teria como resultado final a morte.

É por meio de relações humanas que se desenvolvem em “O mau humor de Wotan”, que, de um lado, se tem o Capitão K. e o Dr. Schwarz como seguidores da doutrina nazista por simpatia pelo partido. De outro lado, Hans-Helmut é retirado das atividades do Estado Maior e destacado para o campo de batalha, por não dar importância à guerra e assumir seus gostos pelos prazeres da vida, como a leitura, o vinho, o amor e assim por diante. Santiago Sobrinho reconhece este caráter do personagem, como condizente com uma noção schopenhaueriana buscada nas origens indianas. Tal noção é mostrada como o “véu de Maya”, que provoca a ilusão e que não pode distinguir se algo existe ou não. É desta breve maneira que o crítico brasileiro apresenta como o personagem é apreciador dos prazeres da vida, sendo indiferente à guerra, todavia:

O que está implícito no conto é a obediência cega de uns e a liberdade aprisionada de outro, respectivamente o capitão K., o Dr. Schw e Hans. O que está em questão é a improbabilidade de decidir sobre a vida de outrem. O que está em questão é a diferença, para além dos uniformes e o legado da(s) morte(s) sob os auspícios do horror. O uniforme veste corpos, não pessoas. Já as pessoas se deixam ou não uniformizar-se, se deixam ou não formatar-se. Eximi-las de arbítrio é tratar de outras esferas, responsabilizá-las, simplesmente, sem acuidade reflexiva, é relegar a história e as forças que a regem. (SANTIAGO SOBRINHO, 2009, p. 148)

Acompanhando-se o desenvolvimento explicativo explorado ao longo da discussão, tem-se como Hans-Helmut, o inimigo objetivo, é identificado e enviado para frente de batalha. O Estado se incumbiu de mandá-lo para o combate, pois o Capitão K. o enviou. E ainda é possível afirmar que a decisão do Capitão K. foi aprovada pelo seu sogro que tanto estimava a doutrina nazista, pois a disciplina nacional socialista da família do Dr. Schwartz foi trilhada com tanta objetividade que Annelise (esposa do Capitão K.) negou o pedido de intervenção por Heubel que Márion lhe fez. Viram-se até aqui as consequências do Estado

totalitário alemão e como este fez suas vítimas dentro de um sistema organizacional implacável, por meio da plasticidade oferecida em “O mau humor de Wotan”.

Passa-se neste momento a tratar da recepção crítica de Jaime Ginzburg em “Guimarães Rosa e o terror total” (2010). Neste texto o autor, ao contrário de Santiago Sobrinho, que se focou apenas em uma das crônicas de guerra de *Ave, palavra*, faz análise do testemunho nas três crônicas de guerra (“O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos”) da obra rosiana citada. O foco principal de Ginzburg é sobre a postura das personagens femininas diante do regime totalitário alemão. O início de “Guimarães Rosa e o terror total” expõe como a arte pode ser interpretada como uma historiografia inconsciente. Esta ideia de Theodor Adorno (1903-1969), retomada por Ginzburg, visível no texto *A teoria Estética* (1968) do filósofo alemão, exprime como a arte se constitui por uma dialética de antítese social. Assim a obra de arte é uma forma de oposição àquela realidade empírica que contesta. Esta fundamentação adorniana serve para introduzir como o testemunho é relatado nas crônicas rosianas de uma maneira que possa ser uma historiografia inconsciente e opor-se a um contexto violento presente na realidade empírica do século XX. Assim, a obra de arte mostra como está contido em seus conteúdos de maneira não detectável na superfície, a experiência histórica.

Apontando para a violência contida no século XX, o cronista mineiro lança imagens nessas obras em questão, que podem fazer com que o leitor reflita sobre as atrocidades do contexto histórico do século passado. Mais especificamente, o literato brasileiro volta sua atenção para a brutalidade que gira em torno da Segunda Guerra Mundial. Sob esse aspecto pode-se destacar a vivência do escritor como diplomata na Alemanha nazista entre 1938-1942. Estes dados reais mostram sua importância na medida em que se trata de uma vítima indireta da violência da Segunda Grande Guerra. Embora durante o período em que Guimarães Rosa esteve como diplomata, o Brasil estivesse assumido uma postura antissemita (afirma Ginzburg apoiado em Maria Luiza Tucci Carneiro), o crítico das três crônicas rosianas se sustenta em Paulo Soethe para colocar que o escritor mineiro era contrário ao antissemitismo.

Sob esse olhar, concebe-se como o autor de “Guimarães Rosa e o terror total”, vê “O mau humor de Wotan” como um texto que expõe o pacifismo e uma oposição ao Nazismo, pois o próprio líder nacional socialista é classificado por Márion como um homem que não tem tempo para o amor. A própria atitude de convencer o cônjuge a seguir a linha rigorosa do partido alemão mostra a obrigação sem saída que o cidadão é imposto a aceitar. A referência

ao discurso “contaminador” do ministro Goebbels. A imposição psicológica representada pela suástica e outros. Em “A velha”, a figura de Hitler divulgando sua palavra pelo rádio. O sofrimento de judeus na *Shoah*, torturados das mais diversas formas, com técnicas horrendas e com o ódio nazista que recai sobre eles. Em “A senhora dos segredos”, a exibição de *Frau Heelst* como “horoscopista” do líder nazista, o reaparecimento de Goebbels e o interesse em saber o que virá a acontecer com o III Reich, são elementos que apontam para o contexto do Nacional Socialismo entrecruzando-se dados históricos e ficcionais.

Nas três crônicas os narradores são cientes do impacto social porque passa a Alemanha durante sua História contemporânea. Dessa forma, os narradores mantêm uma relação com as personagens femininas, que leva em consideração a postura social que elas apresentam diante do perigo que pode cair sobre elas. Nesse aspecto, Ginzburg fundamenta-se em Paulo Soethe (*A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico*)<sup>102</sup> para destacar um elemento autobiográfico nas crônicas rosianas de guerra. Isso é sustentável quando se encontra em “A velha” e “A senhora dos segredos” um narrador que é diplomata, exatamente confirmando o cargo exercido no Itamarati por Guimarães Rosa. Quando, nas três crônicas, se entrelaçam biografia, ficção, História e Literatura, o autor do texto crítico reconhece uma necessidade de vincular esses caracteres a noções éticas e políticas. Em geral estas são as características que configuram um teor testemunhal na obra rosiana, conforme o que foi exposto no subcapítulo 1.3.

A perspectiva que se lança a respeito dos textos rosianos em discussão remete para uma concepção em que a arte por si só não assume uma relativa importância. O que se foca, com estes parâmetros é exatamente a relevância da estética das crônicas enquanto crônicas, pois o crítico (Seligmann-Silva) concebe que, do ponto de vista de Gustavo V. Garcia (*La literatura testimonial latinoamericana*), que o testemunho tem como característica principal uma discussão sobre os segmentos sociais cujos direitos civis não são defendidos oficialmente, dessa forma, o testemunho pode servir como uma espécie de reivindicação por direito e apoio para que sejam defendidos por instituições oficiais, assim o caráter estético por si só não assume relevância para o testemunho. Assumindo uma estética de fragmentação em que não há uma unidade, algo que caracterize a obra testemunhal como uma totalidade, assim, esta outra possibilidade de narração, desviado do que tradicionalmente é proposto, o texto testemunhal encontra sua dificuldade de elaboração. Seligmann-Silva afirma que o

---

<sup>102</sup> Não se desenvolverá sobre esse trabalho, porque o autor se volta para aspectos biográficos que são tratados em maior profundidade em textos críticos que retomam Soethe. Assim a análise não perde o foco sobre o que o crítico brasileiro explorou nem desmerece o texto do autor, no entanto, a medida tomada na tese é para simplesmente evitar a repetição de argumentos biográficos retomados pela recepção crítica existente.

testemunho serve para dar voz àqueles que foram calados pela repressão à que se constituiu de maneira oficial, justamente por isso que a *Shoah* aparece como de fundamental importância para “o testemunho como uma forma de recordar mortos, como que buscando um túmulo para os esquecidos.” (GINZBURG, 2010, p. 20).

No entanto, o autor de “Guimarães Rosa e o terror total”, respaldado em João Camillo Penna, demonstra que o testemunho, na América Latina<sup>103</sup>, está intimamente ligado às consequências políticas, ele se caracteriza pelo fato de que o narrador assume uma voz coletiva no sentido de que não é um sujeito isolado, mas, mantém uma relação com um grupo ou comunidade. Ginzburg expõe que, para James Hatley (*Suffering witness*), o testemunho está vinculado à dor física, violência e repressão em graus intoleráveis. Assim, torna-se comum a criação da ambiguidade, pois: “ao mesmo tempo em que é necessário lembrar o que ocorreu, para evitar a repetição do horror, evocar a dor contribui para reencontrar o sofrimento.” (GINZBURG, 2010, p. 20) Isto que se destaca no parágrafo acima e neste aqui são as bases teóricas para o crítico das crônicas rosianas reconhecê-las como obras que carregam um teor testemunhal que se passa durante o contexto do Holocausto e da Segunda Guerra Mundial.

Novamente apoiado em Soethe para tratar das crônicas rosianas<sup>104</sup>, Ginzburg mostra como, em “A velha”, o narrador é um diplomata chamado por *Dame* Verônika. Esta mulher de idade avançada tenta comprovar para o diplomata que sua filha não era prole dela com seu marido, o Dr. Káspar, mas com um brasileiro e tenta convencer o narrador, mostrando conhecimento do Brasil como a cidade de Petrópolis e o Imperador. Tudo isso para livrar *Dame* Angelika (filha de *Frau* Verônika) da perseguição nazista já que era de família judaica. Em “A senhora dos segredos”, *Frau* Heelst parece conseguir prever o futuro e em sua segunda visita a vidente, Guimarães Rosa questiona a possibilidade de explodir a guerra e *Frau* Heelst elimina esta possibilidade, logo depois a vidente pede ajuda ao diplomata. Ela queria emigrar para o Brasil, porque, a guerra estouraria. Há aparentes traços biográficos nas crônicas como nomes de pessoas e histórias sobre elas, não importando se estes são os verdadeiros nomes ou se essas histórias aconteceram rigorosamente como estão ficcionalizadas.

---

<sup>103</sup> Embora o crítico que toma a ideia de Penna não exponha o contexto do testemunho na América Latina, sabe-se que se trata da história do século XX marcado por regimes ditatoriais.

<sup>104</sup> Não se mostrará o exemplo de Hans-Helmut, após sua primeira convocação, porque o crítico analisará o primeiro retorno da chamada ao Exército com a mesma perspectiva benjaminiana da pobreza de experiência que Santiago Sobrinho discutiu. Como foi dito anteriormente, não se tocaria novamente neste dado que volta a ser explorado em “Guimarães Rosa e o terror total”.

O que está em discussão é a hipótese de o cronista mineiro ter conhecido pessoas que tiveram uma experiência de sua história situada no contexto da Alemanha nazista. Assim há um caráter de confissão nas crônicas em que a ficção é similar ao contexto histórico contemporâneo alemão. Dessa forma, admite-se um teor testemunhal nessas obras rosianas, que podem ser articuladas com teorias do testemunho de diversos autores como Hatley, Seligmann-Silva, Penna etc. No entanto, o autor de “Guimarães Rosa e o terror total” expõe que não há uma necessidade indispensável em comprovar ou não se as informações do texto conferem ou não, precisamente com o que, de fato, ocorreu com essas possíveis pessoas transformadas em personagens. Sob esta visão:

Os contos permitem formular a hipótese de que Guimarães Rosa tenha, em sua trajetória como diplomata, enfrentado difíceis situações. A embaixada, como lugar de mediação entre Alemanha e Brasil, pode ser um espaço em que afloram tensões, conflitos ideológicos e problemas militares. Esse espaço deveria ser particularmente difícil se Rosa era contrário ao anti-semitismo e, como sugere Soethe, preferia o pacifismo à violência nazista. Se encararmos os contos como dotados de teor testemunhal, então o foco de interesse da leitura não consiste na confirmação dos fatos biográficos como tais. Na combinação de elementos biográficos com elaboração ficcional, Rosa pode obter um alcance político e ético importante para sua produção. (GINZBURG, 2010, p. 22)

O crítico expõe que as crônicas de guerra em questão fazem surgir reflexões a respeito dos direitos civis violados na Alemanha nazista. No caso de “O mau humor de Wotan”, o recrutamento de Hans-Helmut sem o direito de abdicar ao serviço militar, negando o direito à liberdade e afetando até a vida de Márion. Tais atitudes mostram como o cidadão que viveu durante a Política de Hitler servia unicamente para se voltar aos interesses do Estado. O medo da opressão violenta do Estado se revela em “A velha”, quando Verônika tenta convencer o narrador de que sua filha Angélica não era judia pura. E em “A senhora dos segredos”, após a guerra iniciar, a vidente Heelst pede ajuda ao diplomata para emigrar para o Brasil. Nos casos de “A velha” e “A senhora dos segredos” há a tentativa de se livrar da doutrina repressora do Estado saindo do território alemão como uma forma de sobrevivência e liberdade individual. Em “O mau humor de Wotan” uma possível saída para a sobrevivência e a liberdade individual só poderia vir pelo fim do regime autoritário.

Porém, sob essa perspectiva, Ginzburg se sustenta em Penna, outro modelo estético diferente do tradicional aristotélico mimético, pois a estética dessas crônicas está ligada ao choque evidenciado nelas. Assim, entram as personagens femininas como modelo oposto ao

representado pelas figuras masculinas, que são detentoras do poder do Estado e que se ligariam à veracidade. As figuras femininas não estão relacionadas a políticas nem a ideologias de qualquer espécie. Guimarães Rosa permite outra visão do Nacional Socialismo, comumente não tratada ou até desprezada, ou seja, a da: “mulher idosa, a esposa angustiada do militar frágil, a mãe em desassossego.” Sob essa estética despertadora do choque, as mulheres temem o Estado, relatam ao narrador uma possível solução, no entanto, nada para solucionar seus sofrimentos é ofertado. Logo, o crítico expressa que as representações expostas nas crônicas batem de contra com os discursos estereotipados, que configuram os alemães como adeptos convictos do regime hitleriano e mostram como os próprios alemães temiam o totalitarismo do Nazismo como vítimas dele.

Os personagens das crônicas destacados até agora são vítimas impossibilitadas de interferir no processo histórico nacional socialista. Eles são cidadãos em uma situação vulnerável diante do poder do Estado. Porém, o Brasil aparece como uma possível saída do tormento infligido nos casos de “A velha” e “A senhora dos segredos”. A mesma incapacidade de intervenção no processo histórico é detectada nos narradores, pois, segundo o crítico, há um possível elemento autobiográfico de Guimarães Rosa, nestas crônicas que talvez se relacionem com um componente autocrítico do escritor mineiro. Logo, é válido lembrar que o cronista mineiro se opôs à política antissemita (como foi abordado anteriormente) e “O mau humor de Wotan” assume também uma posição pacifista. A autocrítica pode estar no dado biográfico do autor de *Ave, palavra*, quando ele se viu diante das consequências nazistas no período em que esteve como diplomata na Alemanha, sem poder atender a todos os pedidos de emigração, finalizar a guerra, acabar com a perseguição antissemita, entre outros.

Para Ginzburg, pode-se ler as três crônicas rosianas sob um olhar que sustenta o Nazismo. Apoiado em Hannah Arendt, ele mostra como a pensadora alemã concebe que o regime autoritário tenta dar movimento para História e para humanidade com a intensão de provocar uma unidade de humanidade: “Para isso, destrói os espaços entre os seres humanos, as crenças em leis que organizem esses espaços, e o princípio mesmo da liberdade humana.” (GINZBURG, 2010, p. 24) É aí que o terror atua sobre os indivíduos que possam estabelecer condutas que não interessem ao Estado. Quando se estabelece o terror total os indivíduos são aterrorizados e tornam-se vítimas independentes de suas concepções ou ações; nem mesmo o cidadão que age sob o medo pode ter uma conduta livre da imposição do Estado, pois o terror seleciona suas vítimas independente disso.

Nesse contexto do regime autoritário, as personagens diante do medo das consequências que poderiam ocorrer na Alemanha, solicitam ajuda. Márion pede a Annelise que o Capitão K. intervenha sobre a segunda convocação de Heubel. *Frau* Verônika e *Frau* Heelst pedem por emigração. Em todos os casos as soluções não são atendidas. Isto se conecta com o pensamento de Arendt, segundo o autor de “Guimarães Rosa e o terror total”, pois há uma dissonância entre a vontade das personagens que não têm nenhuma força de atuação sobre o Estado e os interesses deste último. Neste caso:

Marion, Verônika e Frau Heelst são personagens construídas sob a sombra do “terror total” descrito por Arendt. Elas não têm condições de ter segurança, autonomia individual, expectativa de libertação de seu sofrimento. Nos três casos, o medo as motiva a pedir ajuda, e elas se dirigem aos respectivos narradores. E nos três casos percebemos o que afirma Arendt — as condutas motivadas por medo não as protegem, porque o terror não é regido por princípios que possam ser vencidos por suas sofridas vontades. (GINZBURG, 2010, p. 25)

Perdas insuperáveis como a vida sucumbida de Heubel, a tentativa fracassa de emigração são características fortemente marcadas na história do Nazismo e que são representadas nas crônicas rosianas. Assim se configura uma melancolia. A conclusão de “Guimarães Rosa e o terror total” utiliza somente “O mau humor de Wotan” para mostrar a melancolia. É comparando o escritor mineiro com Paul Celan que o crítico mostra os exemplos de imagens negativas como cidades destruídas, pensamentos negativos de sofrimento e temor, uma natureza morta de flores envenenadas etc. o sofrimento, a perda e a morte provocam a melancolia que aparece no contexto nazista.

Retomando o que foi exposto sobre a concepção de recepção de Jauss, se pode comprovar que, para Santiago Sobrinho, “O mau humor de Wotan”, é obviamente uma obra que não se apresenta em um vazio quando foi feita a publicação de *Ave, palavra*, mas, ela se apresenta intermediada por familiaridades, sinais visíveis ou não, indicações e assim por diante. Estas características da obra identificadas pelo crítico permitiu a ele por meio de dados históricos, sociais, culturais etc., conceber o conceito de inimigo objetivo de Hannah Arendt, perceptível na crônica rosiana. A recepção de Santiago Sobrinho, em sua experiência com a crônica rosiana, interpretou a resposta dada pelo texto rosiano à pergunta em relação aos indivíduos alemães que não se doutrinaram pelo Estado nazista, como o inimigo objetivo. Já a experiência estética de Jaime Ginzburg que tratou do “O mau humor de Wotan”, “A velha” e “A senhora dos segredos”. O horizonte de expectativas marcado pela forma do testemunho do contexto na Segunda Guerra Mundial, evocaria propositadamente uma convencional

expectativa que permitiria ao leitor ter uma percepção, durante a experiência com as crônicas, de figuras masculinas hegemônicas representantes do regime autoritário. No entanto, esse horizonte marcado é destruído passo a passo na experiência e se estabelecem as figuras femininas e a relação que elas têm enquanto vítimas do Estado alemão.

Segundo Florinda Goldberg (1943) em “A palavra que (no) salva: João Guimarães Rosa e o Holocausto [La palabra que (no) salva: João Guimarães Rosa y el holocausto] (2007) o dado histórico de 1938 em que o escritor mineiro atuou como diplomata no consulado brasileiro na Alemanha e conheceu sua futura esposa Aracy de Carvalho (trabalhava na secretaria do consulado brasileiro na Alemanha), é de fundamental importância para se discutir as ações do narrador nas crônicas de guerra. Expõe-se ao que tudo indica que Guimarães Rosa e sua esposa ajudaram os judeus a fugir para o Brasil por iniciativa de Aracy de Carvalho, nesse momento, autora argentina sustenta sua argumentação nas biografias (*João Guimarães Rosa: sua hora e sua vez* e *João Guimarães Rosa*) do cronista brasileiro em que “mencionam sua atuação a favor dos judeus em Hamburgo.” (GOLDBERG, 2007, p. 110)<sup>105</sup> [tradução nossa] Com a expansão do Nazismo os judeus foram isolados em bairros e a esposa do escritor mineiro continuou se arriscando levando alimentos e medicamentos para os semitas, pois, utilizava sua imunidade diplomática. Já Guimarães Rosa advertia sua esposa, afirmando o perigo do desaparecimento diário de pessoas e ela poderia ser uma vítima por causa de seu comportamento filantrópico. Isso mostra um diplomata brasileiro precavido ou indiferente com os judeus? Por que Aracy de Carvalho é homenageada em Israel e Guimarães Rosa não recebe a mesmo agradecimento?

A influência de Aracy permitiu aos judeus que eles não fossem identificados com a letra J o que os marcaria para sair do território nazista. A autora argentina expõe que Ellen Mansbach tenta encontrar testemunhos que possam confirmar que o escritor brasileiro também ajudou aos semitas, entretanto, não há nada confirmado até o momento. Tratando-se do cronista mineiro a presença de provas que possam ratificar sua colaboração com os judeus é uma dúvida em que as pistas indicam para o contrário. No que diz respeito a esposa de Guimarães Rosa, a única questão em xeque é somente se ela foi uma fiel depositária das joias entregue pelos semitas que supostamente foram devolvidas ou se isso era um pagamento pelos serviços prestados aos judeus.

Um fato complexo é o de que cronista brasileiro teve um pedido da Chancelaria do Reich para o embaixador do Brasil (Ciro de Feitas Vale) de devolver o diplomata como

---

<sup>105</sup> Em espanhol: “mencionan su actuación a favor de los judíos en Hamburgo” (GOLDBERG, 2007, p. 110)

“persona non grata” por não compreender a política do Nacional Socialismo (GOLDBERG, 2007, p. 112). Outro acontecimento complicado de se afirmar algo sobre a postura de Guimarães Rosa é o de ter sido condecorado no Brasil pelo embaixador alemão Herbert Dittman, sem que o amigo judeu (Pedro Bloch) do casal Guimarães Rosa tivesse conhecimento desses fatos. Nesse sentido, o escritor brasileiro recebe o mérito no lugar da pessoa mais provavelmente merecida, Aracy de Carvalho. Um grande ponto de interrogação seria pensar por que o cronista mineiro em entrevista a Günther Lorenz desconversava quando o assunto era o período em que esteve na Alemanha Nazista.

É nessa perspectiva de forte identificação entre os anos de 1938 e 1941 (Hamburgo) que se pode associar o escritor real e o narrador que relata por meio de sua visão crítica a política alemã e os acontecimentos da guerra. Assim a autora discute brevemente a ironia presente em “A senhora dos segredos” quando o “narrador-cônsul” pergunta, sobre a guerra e a horoscopista de Hitler, uma especialista em ciências ocultas responde que não acontecerá o confronto que depois de doze dias eclode. (Cf. GOLDBERG, 2007, p. 116) A autora argentina aponta “O mau humor de Wotan” como o relato mais amplo das consequências do Nacional Socialismo em que o Capitão K. manda seu amigo Heubel para frente de batalha para que ele fosse punido por sua ideologia pacifista, além disso, Goldberg menciona a possibilidade de Márion ser judia. A autora argentina elege “A velha” como a crônica mais interessante, assim mostra uma interpretação ousada ao compreender que inverno o que se abatia sobre os pássaros, era como um prenúncio do Nazismo que iria cair sobre os judeus. Nessa ótica o texto literário aponta para um clima de tensão (1938-1939) já que a Solução Final ainda não estava em vigor. Goldberg remete sua crítica ao trecho onde

Via-se, a cada canto, o emblema: pousada num círculo, onde cabia oblíqua a suástica, a águia de abertas asas. A fora, as sombras dos troncos de árvores, na neve, e as curvas dos corvos, o corvo da desdita. Dizia-se que, este, muitos anos faz, seria o mais duro inverno, de concumulados gelos: morriam muitos pássaros. O coração daquela natureza era manso, era mau? Sentia-se um, ao meio de tal ponte, à face do caos e espírito de catástrofe, em tempo tão ingeneroso, ante o critério último — o pecado de nascer — na tese anaximândrica. Todos pertencíamos, assim, mesmo, à vida. (ROSA, 1970, p. 108)

A autora estabelece uma ponte entre o consulado onde os judeus estavam em situações precárias e a casa das anciãs onde essas ainda não tinham sofrido as consequências violentas do Nazismo. Vale ressaltar que o “pecado de nascer” vale tanto para os semitas que passavam pela embaixada quanto para as judias idosas já que a política de Hitler era irredutível em

relação as ações aplicadas aos judeus. Por isso, *Dame Verônica* resolve contar os fatos passados quando esteve no Brasil, surpreendendo o narrador com o idioma português e relata intimidades como a de que sua filha era prole de um brasileiro. A idosa ainda tenta surpreender Guimarães Rosa, afirmando que ela e seu marido foram amigos do Imperador. Isso de forma resumida nada mais é que um pedido de socorro na tentativa de livrar sua filha do Nacional Socialismo pela via burocrática, pois, se fosse confirmado que *Dame Angelika* fosse filha de um brasileiro ela seria uma *mischling* e estaria salva da política antissemita. Essas características são suficientes para que a autora argentina possa afirmar que

Em meu julgamento, o notável em “Avelha”, mas, do especial caso que registra, é que traduza a trágica penúria dos judeus alemães sem que haja no conto personagens judeus – salvo a rápida imagem coletiva do começo e o retrato na parede. É como se a energia negativa criada pelo ‘código hediondo’ e as ‘hitlerocidades’ alcançassem com sua poluição também a aqueles que não estão destinados: uma mulher que não é *mischling* vá sofrer o destino de tal; uma anciã se humilha revelando um belo e terrível segredo guardado durante mais de sessenta anos; um cônsul brasileiro se vê convertido contra sua vontade em um ‘cooperador passivo do destino’ (GOLDBERG, 2007, p. 119)<sup>106</sup> [tradução nossa] [aspas e itálico do autor]

Portanto, Goldberg deixa passar despercebido que em “A velha” há personagens judeus como, dona Angélica, o Dr. Kaspar, dona Verônica e suas três parentas, por isso, o temor em relação à política aplicada aos semitas alemães.

Mostra-se, ao final deste capítulo, que o objetivo nesse momento não é o de conflito ideológico tentado desconstruir uma perspectiva com base em outras, mas expor a recepção acerca das crônicas rosianas e do romance de Remarque. Nessa ótica, será possível constatar, por meio do contraste entre os trabalhos já realizados sobre Remarque e Guimarães Rosa, o ganho em explorar o que se propôs nessa tese, o prazer enquanto experiência estética diante do terror. Assim, será possível constatar, na conclusão a seguir, como outras perspectivas teóricas são aplicáveis em torno do *corpus*, indo-se além do que já foi explorado pela recepção crítica das obras em estudo.

---

<sup>106</sup> Em espanhol: “A mi juicio, lo notable en ‘A velha’, más allá del especial caso que registra, es que plasma la trágica penuria de los judíos alemanes sin que haya en el cuento personajes judíos – salvo la rápida imagen colectiva del comienzo y el retrato en la pared. Es como si la energía negativa creada por el ‘código hediondo’ y las hitlerocidades alcanzasen con su polución también a aquellos a quien no está destinada: una mujer que no es *mischling* va a sufrir el destino de tal; una anciana se humilla revelando un hermoso y terrible secreto atesorado durante más de 60 años; un cónsul brasileño se ve convertido, contra su voluntad, en ‘un cooperador pasivo del destino’ “ (GOLDBERG, 2007, p. 119)

## 7. CONCLUSÃO

**Constatou-se** no percurso do trabalho o quanto o tema do Nazismo é delicado diante das teorias que tratam do assunto, principalmente, quando se expõem argumentos que contrariam o discurso sedimentado do senso comum. O grau de realidade em termos de violência, vivenciado no regime de Hitler, pode proporcionar prazer aos que presenciaram ou presenciam o terror por meio dos registros das atrocidades. Admitir a possibilidade de deleite do ser humano, nesse caso, não significa concordar com as práticas malévolas nem muito menos se fazer apologia a tais ações, mas reconhecer a capacidade do homem em ser indiferente com o mal sofrido pelo semelhante. Sob a ótica cristã e judaica que transita entre o Nacional Socialismo e obviamente o povo judeu, pode-se conceber o racionalismo da modernidade (no primeiro), mas que não justifica suas atitudes e o sentimento de vingança do segundo típico das religiões que cultuam Alah, Deus e/ou Jesus. Em ambos os casos há um ponto comum que é o desinteresse pelo bem maior que é a vida.

Pensando-se nas brutalidades humanas cometidas contra o outro pela dificuldade de identificação e tendo como base uma perspectiva pessimista da vida seria até inocente não acreditar na possibilidade de prazer estético por meio da violência representada. Riso, euforia, excitação, gozo, entre outros, são sentimentos tão prováveis na experiência com a arte quanto com a realidade histórica. É obvio que a Literatura é uma dimensão “fatiada” do real e recriada artisticamente, todavia, o horizonte de expectativas do ser humano não pode ser eliminado principalmente quando se está à frente de um horizonte de menor dimensão que é o do texto literário. É notório que a linguagem artística proporcionará ao leitor um deleite estético diferente daquele vivido presencialmente ou através da mídia que utiliza recursos sensacionalistas previsíveis, maçantes, repetitivos, tendenciosos e assim por diante. A distinção entre os prazeres estético, real e/ou midiático, reside no efeito provocado no expectador pela surpresa, contraste, identificação, repulsa etc., ou seja, o receptor compreende o mundo e não é mais conduzido pela facticidade do cotidiano. Observou-se que o ponto de vista fenomenológico é de fundamental importância para compreensão do comportamento humano. Isso ocorre exatamente por causa da necessidade de entender o que é o homem e o humano, ou seja, ente e ser-aí, matéria e realizações de sentido. Pensando-se num exemplo específico, o *Dasein* ao manifestar seu Ser perante a linguagem atroz da mídia, ele está tragado pelo conforto fático e submerso na pré-compreensão e preocupação.

Por meio da experiência estética é possível uma experiência existencial capaz de

inverter os acontecimentos históricos. Isso se percebe no desenvolvimento dos capítulos críticos quando se coloca em contraste a poesia dos textos literários de Remarque e Guimarães Rosa. A obra do romancista alemão (Primeira Guerra Mundial) e as crônicas do escritor mineiro (Segunda Guerra Mundial) são exemplo de criações poéticas em que *Nada de novo no front* passa a ser admitido (sob a perspectiva em discussão) com uma violência “superior” em termos qualitativos quando comparado às crônicas rosianas. Por essa via, se concebe que a recepção literária pode não somente inverter a realidade histórica como também a teoria quando se pensa na proposta de Bauman acerca da guerra. Dessa forma, se concluiria que o público semita poderia rejeitar a estética do *corpus*, uma vez que, a Interpretação possibilitaria a rejeição do receptor, pois sua expectativa seria quebrada e as obras não seriam compreendidas como antítese social ou identificação, mas como repulsa no ato de leitura.

Entendeu-se que a Hermenêutica, segundo Benedito Nunes, é um campo comum entre a Filosofia e a Teoria Literária, todavia, essa área de fronteira se faz relevante tanto para interpretação da arte quanto para teoria. Notou-se por meio da concepção dos autores elegidos que as teorias são passíveis de crítica e de possibilidades de serem completadas a respeito de suas propostas, mas é necessário o certo discernimento entre as ideologias dos autores para não se partir de premissas especulativas ou de cunho valorativo e assim não se deixar seduzir pelo que carece de fundamentos para sua sustentação como exemplo a crítica de Roger Chartier sobre a Hermenêutica e Estética da Recepção. Reforça-se que a meta do trabalho não é de reconhecer a teoria geral da compreensão como um Deus, absoluto, perfeito e incriticável, pois se pode constatar que as tensões exibidas sobre a teoria em discussão. Cabe reconhecer que a crítica não pode ser pautada em argumentos de ideologia como se uma teoria assumisse maior relevância que a outra simplesmente por um julgamento moral e que sempre se carece de conhecimento profundo sobre o tema para que se possa tecer a crítica com sustentabilidade.

Apesar das tensões exploradas nas teorias manejadas no trabalho, sejam elas as que giram em torno do contexto da guerra ou da hermenêutica, foi possível com o auxílio da teoria geral da compreensão partindo de premissas das concepções de violência, realizar uma “comparação” estética do romance remarqueano e das crônicas rosianas. Tal “comparativismo” não se deu pelo sentido mais restrito da teoria da Literatura Comparada, mas pela possibilidade de aproximação e Interpretação das obras literárias se colocando uma diante da outra e assim podendo proporcionar outra leitura sobre ambas. Ao se mostrar o

prazer estético obtido diante das cenas de terror, não se intencionou afirmar que essa seria a interpretação derradeira das obras em análise e nem muito menos invalidar a fortuna crítica, mas se mostrar que são possíveis outras formas de compreensão que foge da interpretação tradicional proposta pela crítica.

Verificou-se através da *aisthesis* como a recepção crítica do *corpus* pode gerar deleite diante da violência. A leitura das crônicas de guerra se desenvolveu de forma prazerosa não somente devido à quebra de expectativas em relação ao grau de violência esperado pelo receptor já que o contexto histórico é a Segunda Guerra Mundial, mas pela proposta da leitura anterior de *Nada de novo no front*. Conceber primeiramente por meio da estética, uma maior qualidade aterrorizante em torno da Primeira Guerra Mundial proporcionou uma experiência estética que ao equiparar as obras o público pôde rir ou até menosprezar sarcasticamente as crônicas rosianas. Sob essa ótica, tanto o horizonte de expectativa das obras quanto o histórico são determinantes para o contraste interpretado na hermenêutica literária, logo isso propicia ao receptor a contemplação das cenas brutais como o silêncio diante dos animais sucumbidos pela guerra, o futuro nefasto dos jovens soldados, o desespero das anciãs, a fome dos combatentes, entre outros.

O romance remarqueano oferece, ao leitor, aspectos específicos do ponto de vista da violência como, por exemplo, a medicina que utilizava soldados feridos na guerra como cobaias para experiências científicas. Por essa ótica, é possível conceber por meio da estética literária, algumas características cuja sua gênese não está no Nazismo, mas na Primeira Guerra Mundial. *Nada de novo no front*, nesse sentido, é uma obra reveladora da História contemporânea alemã da violência qualitativa aplicada contra o homem e aos animais, pois assim como em “O mau humor de Wotan” os cavalos também, foram vítimas da agressão humana. O texto de Remarque na proposta em discussão, assume uma dupla concepção estética: a primeira em que se mostra a origem de acontecimentos em que se acreditaria estar no contexto do Holocausto e a segunda de confirmar que as atrocidades desmedidas provocadas pelo homem contemporâneo ao grau de atingir até a inocência dos animais já era executada no início do século XX.

Quando se confrontou o romance de Remarque com as crônicas rosianas, mais especificamente, “O mau humor de Wotan”, se concluiu que além, obviamente, de dois estilos diferentes de expressar o mal praticado como no caso do autor alemão que demonstra detalhadamente a violência em que animais são desviscerados vivos e o escritor brasileiro que cala Heubel diante da experiência no campo de batalha, se tem uma forma de inversão da

expectativa esperada pelo receptor (já mencionado). Na crônica em manejo, se constata o sofrimento da família recém-formada por Hans-Helmut, Márion e seu filho sendo, destruída pelas consequências do terror. O amor entre os casais e o prazer em ver sua prole crescer é aniquilado pela vontade do *Führer* que não tempo para o amor, no entanto, os que estão dispostos a amar são freados pelo poder do Estado.

Em “A velha”, observou-se como a política nazista foi além de seu objetivo central (o poder econômico judeu) e foi capaz de enfatizar o preconceito racial vivenciado pela Alemanha de Hitler. O cronista mineiro mostra imagens da *práxis* alemã em relação às “Leis de Nuremberg”. Aqui o foco do Estado era em “purificar” o povo e eliminar o “sangue” judeu; na obra, nem mesmo a fragilidade e inocência das três anciãs, é capaz de lhe “absolverem” das medidas políticas preconceituosas. Nesse momento, há três idosas judias sem poder aquisitivo, padecendo o Nazismo. Guimarães Rosa expõe a consequência violenta contra o homem “maquiada” pelo discurso racista, pois se percebeu a parcialidade do Nacional Socialismo em atingir até os semitas que não tinham bens a lhe oferecer. O silêncio do narrador revela sua “angústia” diante da ação implacável dos alemães e sua incapacidade de ajudar as idosas devido às consequências que tal ato traria.

Em “A senhora dos segredos”, a ênfase do terror se dá na juventude que viria a ser sucumbida caso a guerra estourasse. A horoscopista se recusa a ver e falar sobre o futuro nefasto dos jovens. Compreende-se por meio da crônica do escritor mineiro que, nesse momento, se demonstra uma força autoritária até mesmo em nível Metafísico, uma vez que, destruir a juventude é eliminar o futuro de um povo. Dessa forma, se entende que *Nada de novo no front* dialoga diretamente com o texto rosiano, pois a juventude é o principal alvo das catástrofes, no entanto, enquanto em “A senhora dos segredos” os jovens ainda iam sofrer o futuro nefasto, no romance de Remarque a juventude era destruída e aniquilavam-se nos campos de batalha. Falando-se em outras palavras, há o presente atroz no romance alemão e o futuro terrível no texto rosiano.

Por meio da especificidade do *corpora*, percebeu-se a violência em todos os níveis da base social (família), pois em Remarque, embora, seja perceptível o contato com os familiares em trechos do romance, o que ficou em destaque foi a atrocidade vivenciada pela juventude militar. Em “A senhora dos segredos”, nesse aspecto, ocorre o mesmo “exemplo” encontrado no romancista alemão, todavia, exposto por Guimarães Rosa. Em “O mau humor de Wotan”, o terror é contextualizado no âmbito da formação da família desarraigada pelo autoritarismo e sem poder dar continuidade ao processo necessário para continuidade da sociedade. E em “A

velha”, a penúltima fase do ciclo da vida (velhice) antes da morte é também afetada pelo Totalitarismo que não respeita nem as limitações humanas biológicas e psicológicas. Assim, a leitura do *corpus* permite ao receptor experimentar o prazer estético diante do terror em todos os níveis do ciclo da vida no contexto da guerra.

A leitura que se propôs foge da recepção crítica “tradicional” acerca do *corpus* onde se aponta uma característica comum em relação aos literatos estudados, ou seja, serem qualificados como pacifistas. Analisou-se que tal posicionamento, tratando-se de Guimarães Rosa, apesar da recepção citar o pensamento de Arendt (pensar e julgar diante do mal), não mostra como o narrador não é reconhecido como não-pacifista, pois é adepto de Churchill, que era aliado da Antiga União Soviética comunista (totalitária). Comportamento semelhante acontece com Márion quando comparada a Eichmann, pois ambos são caracterizados pela indiferença e despreocupação com a “felicidade pública”, uma vez que se propõem a servir o Estado nazista como cidadão ou funcionário estatal que segue os protocolos de forma “mecanizada”. Independentemente do posicionamento que os personagens podem assumir, a crítica não pode deixar de reconhecer que, tratando-se de arte, sempre o estético vai estar em primeiro plano.

Ao se mostrar vários pontos interpretativos e sempre considerar as premissas necessárias para experiência estética, é possível compreender que o estético é o caractere que configura a arte em quanto tal. Esse ponto esmiuçado no desenvolvimento da tese com o auxílio da metodologia proposta serve para se frisar a necessidade que os trabalhos científicos sobre a Literatura têm de se preocupar essencialmente com a estética dos textos. Admitir uma análise teórica em que a obra fosse um mero exemplo para se enfatizar ou confirmar uma concepção em discussão seria tão equivocado quanto admitir a sobreposição ética ao estético ou considerar os suportes como de fundamental relevância para interpretação artística. Assim o trabalho se direcionou a compreender os textos literários tendo como premissa os aspectos sociológicos, filosóficos, teórico e crítico literários, dessa forma, não se viu necessidade de fazer uma interpretação sociológica ou filosófica, pois essa dinâmica colocaria os textos do *corpus* como meros exemplos ilustradores para as concepções mencionadas.

Enfatiza-se que a proposta trabalhada na tese referente aos capítulos teóricos não oferece soluções para os problemas discutidos, mas tem como foco mostrar as tensões, apropriações, “brechas para crítica” e limitações no que diz respeito ao tema da guerra. Para lidar com a teoria literária acerca dos eventos catastróficos se utilizou autores da Filosofia e da Sociologia pelo fato de se ter uma concepção específica acerca do tema e não por se

acreditar que uma área do conhecimento pode se sobrepor a outra. Dessa forma, Seligman-Silva, Hannah Arendt e Zygmunt Bauman formaram as diferentes ideologias tratadas sobre o tema e explicitou-se as opiniões em três campos intelectuais específicos. Sobre o capítulo da Hermenêutica foi clarificada como as propostas de Jauss, Gadamer, Heidegger, podem assumir discordâncias pontuais, todavia, nenhum dos autores “está” certo ou “errado” em relação ao outro e todos sustentam suas propostas dentro do projeto que propõem.

Os capítulos críticos foram concebidos a partir da leitura do *corpus* tendo como foco o prazer estético perante o terror. Tal recepção foi construída tendo como premissa a teoria sobre a guerra e suas problematizações assim como a Hermenêutica e suas discordâncias entre os autores. Dessa maneira, foi possível interpretar tendo “consciência” das concepções que os autores defendem. E, por fim, o capítulo de recepção crítica, que teve como função mostrar as diferenças entre o que foi produzido em relação ao *corpus* e o que se confeccionou na tese, pois a tradição crítica sempre estará presente e não se pode ler um texto literário anulando toda a existência vivida, como se a partir dessa experiência estética surgisse um princípio original.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. *Ästhetische Theorie*. Frankfurt: Suhrkamp, 1970. 582 p.
- \_\_\_\_\_. *Teoria Estética*. Trad. Artur Morão. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 400 p.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, 336 p.
- \_\_\_\_\_. *Eichmann in Jerusalem: a report on the banality of evil*. New York: The Viking press, 1964, 312 p.
- \_\_\_\_\_. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 562 p.
- \_\_\_\_\_. *The Origins of the Totalitarianism*. Cleveland: The world publishing company, 1962, 520 p.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. 4 ed. Lisboa: IN-CM, 1994. 316 p.
- BAMBACH, Charles. Heidegger, der Nationalsozialismus und die Griechen. In: DENKER, Alfred. ZABOROWSKI, Holger (Orgs.). *Heidegger-Jahrbuch 5: Heidegger und der National sozialismus*. München: Karl Alber, 2009, p. 200-208.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 266 p.
- BERGE, Damião. *O logos heraclítico: introdução aos fragmentos*. Rio de Janeiro: INL, 1969. 450 p.
- BERNSTEIN, Richard J. *Hannah Arendt and the Jewish Question*. Massachusetts: MIT, 1996. 133 p.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim: Edelbra, 1985. 1102 p.
- CASANOVA, Marco Antônio. *Compreender Heidegger*. Petrópolis: Vozes, 2009. 244 p.
- \_\_\_\_\_. *Nada a caminho: impessoalidade, nihilismo e técnica na obra de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 194 p.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary del Priori. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1999. 111 p.
- CHAVES, Ernani; SENA, Allan Davy Santos. Nem gênio nem herói: Nietzsche, Renan e a figura de Jesus. *Rev. Filos., Aurora, Curitiba*, v. 20, n. 27, p. 321-336, jul./dez. 2008.
- DUARTE, André. *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, 463 p.
- ÉSQUILO. *Teatro Completo*. Trad. Virgílio Martinho. Lisboa: Estampa, 1975. 244 p.
- GOLDBERG, Florinda. La palabra que (no) salva: João Guimarães Rosa y el holocausto. *NOAH/NOAJ*, São Paulo, n. 16-17, p. 109-119, jun. 2007.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 631 p.
- \_\_\_\_\_. *Wahrheit und Methode*. Tübingen: UTB, 1999. 494 p.
- GERD, Bornheim. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1998, 128 p.
- GINZBURG, Jaime. Guimarães Rosa e o terror total. In: CORNELSEN, Elcio; BURNS, Tom (Orgs.). *Literatura e guerra*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. p. 17-27.
- HEIDEGGER, Martin. *Der Ursprung des Kunstwerkes [A origem da obra de arte]*. Stuttgart: Reclam, 2012. 115 p.
- \_\_\_\_\_. *Sein und Zeit [Ser e tempo]*. Tübingen: Max Niemeyer, 2001. 445 p.
- \_\_\_\_\_. *Sein und Wahrheit*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2001. 305 p.
- HERMANN, Friedrich Wilhelm Von. *Wahrheit — Freiheit — Geschichte*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2002. 242 p.

- HOMER. *Ilias*. Oxford: Oxford University Press, 1920. 380 p.
- HOMERO, *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. 603 p.
- HUNT, Nigel. The contribution of *All Quiet on the Western Front* to our understanding of psychological trauma. *European Psychiatry*, Nottingham, v. 19, p. 489–493, 2004.
- JAEGER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 1413 p.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.
- \_\_\_\_\_. *Ästhetische Erfahrung und literarische Hermeneutik*. Frankfurt: Suhrkamp, 1997. 876 p.
- \_\_\_\_\_. *Literaturgeschichte als Provokation*. 10. Aufl. Frankfurt: Suhrkamp, 1979. 251 p.
- \_\_\_\_\_. O texto poético na mudança de horizonte de leitura. Trad. Marion S. Hirschman. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da Literatura em suas fontes*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 2, p. 305-6.
- \_\_\_\_\_. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 63-82.
- KARCZMARCZYK, Pedro. *Gadamer, aplicación y comprensión*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2007. 240 p.
- KISIEL, Theodore. Political Interventions in the Lecture Courses of 1933-36. In: DENKER, Alfred. ZABOROWSKI, Holger (Orgs.). *Heidegger-Jahrbuch 5: Heidegger und der National sozialismus*. München: Karl Alber, 2009. p. 110- 129.
- MIRANDA, Mariana Lage. *Objeto ambíguo: arte e estética na experiência contemporânea, segundo H. R. Jauss*. Belo Horizonte, 2007. 136 p. Dissertação de mestrado em Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais.
- NUNES, Benedito. *Heidegger*. São Paulo: Edições Loyola, 2016. 164 p.
- \_\_\_\_\_. *Heidegger e ser e tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 59 p.
- \_\_\_\_\_. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2007. 181 p.
- PROUST, Marcel. *Contra Sainte-Beuve: notas sobre crítica e literatura*. Trad. Haroldo Ramanzini. São Paulo: Iluminuras, 1988. p. 51-2
- REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. Trad. Helen Rumjanek. Porto Alegre: L&PM, 2013. 244 p.
- REMARQUE, Erich Maria. *Im Westen nichts Neues*. Berlin: Kiepenheuer & Witsch, 1928. 214 p.
- ROSA, João Guimarães. *Ave, Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970, 274 p.
- \_\_\_\_\_. “O mau humor de Wotan”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 fev. 1948.
- \_\_\_\_\_. “A senhora dos segredos”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 dez. 1952.
- \_\_\_\_\_. “A velha”. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 9, 3 jun. 1961.
- ROHDEN, Luiz. Hermenêutica filosófica: entre Heidegger e Gadamer! *PEPSIC*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 14-35. 2012.
- SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. A crítica literária, base da ciência moral. In: FAYOLLE, Roger. *A crítica literária*. Paris: Armand Colin, 1964. p. 282-283.
- SANTIAGO SOBRINHO, João Batista. O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em “O mau humor de Wotan”, de João Guimarães Rosa. *Investigações*, Recife, v. 22, n. 1, p. 133-150, jan. 2009.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada — Ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdiggão. Petrópolis: Vozes, 2007. 782 p.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio. *O local da diferença*. São Paulo: Ed. 34, 2005. 360 p.

SÓFOCLES. *Édipo Rei de Sófocles*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2001. 185 p.

SOPHOCLES. *Sophocles*. Transl. F. Storr. London: Heinemann, 1916. 2 v.

SOUZA JÚNIOR, Nelson José de. *Da transcendentalidade do Da-sein à verdade da essência: caracterização dos momentos estruturantes da filosofia de Heidegger entre o final da década de 20 e início de 30*. Porto Alegre, 2006. 237 p. Tese de doutorado em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

TIGHE, Joseph. *All Quiet on the Western Front: A Phenomenological Investigation of War. Critical Survey*, New York, v. 16, n. 3, p. 48-61, 2004.

VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 209 p.

WESTPHALEN, Tilman. „Kultur von Jahrtausenden“ und „Ströme von Blut“ Erich Maria Remarque: *Im Westen nichts Neues*. In: BÖSLING, Carl-Heinrich; MEYER, Lioba; SCHLÖßER, Angelika; SCHNEIDER, Thomas F.(Orgs.). *Krieg beginnt in der Köpfen. Literatur und politisches Bewusstsein*. Osnabrück: Universitätsverlag Osnabrück, 2011. p. 47-64.

#### SITES

Die Nürnberger Gesetze vom 15. September 1935  
<http://www.dhm.de/lemo/html/dokumente/nuernberggesetze/01/08/2013>